S.E. CASTAN

holocausto JUDEU ou ALEMÃO?

holocausto

JUDEU ou ALEMÃO?

S.E. Castan

nos bastidores da MENTIRA do SÉCULO

Neste Livro:

- Quem domina a Imprensa Internacional?
- Hitler e Jesse Owens, uma mentira de 50 anos.
- Quem provocou a 2.ª Guerra Mundial?
- Polônia, instrumento para o conflito.
- A verdade sobre Dunquerque.
- Fatos pouco conhecidos sobre a guerra.
- Ligação de Churchill com o Sionismo.
- Rudolf Hess.
- Pearl Harbor, o ''incidente'' provocado.
- ''Testemunhas oculares'' de câmaras de gás.
- 26 ''Fotos Originais'' do holocausto judeu.
- 34 Fotos do holocausto alemão.
- Histórias de Simon Wiesenthal...
- O ''Tribunal de Linchamento'' de Nürnberg.
- Os diários de Hitler (declarados falsos).
- Elie Wiesel, o Prêmio Nobel da Paz 1986...
- • • Dezenas de fatos inéditos, vistos por pessoas e historiadores de países que lutaram contra a Alemanha.

... Obrigado, muito obrigado. Você abriu meus olhos para o fato de que não devo ter vergonha de descender de uma raça que a maioria pinta como demônios. É muito bom sabermos que temos um amigo como você...

... Foi um prazer, uma satisfação ler o seu livro e já fiz propaganda positiva do mesmo a muitas pessoas. Por isso, parabenizo-o e faço votos para que o Senhor continue divulgando a verdade, a justiça, o Bem e combatendo a mentira...

... Realmente V.Sa. foi aos bastidores da mentira do século. Fere a todos nós o engodo, a promoção dirigida, a exploração comercial daqueles que efetivamente sofreram com a guerra... Nota-se que dia-a-dia cresce a repulsa ante a condução de toda uma parcela da humanidade, por meios de comunicação, que trabalham a serviço de uma chamada minoria...

... Foste militar, não sei em que postos, mas tenho certeza que em tuas veias circula aquela torrente de patriotismo, amor e abnegação por esta terra maravilhosa — o NOSSO BRASIL...

... Gostaria de parabenizá-lo pela linguagem franca e clara do mesmo, cujas verdades, acredito que ninguém antes teve coragem de publicar, pelo menos não sintetizado como no presente livro...

TRECHOS DE CARTAS RECEBIDAS PELO AUTOR
Durante a 1ª e 9ª Edição:

... São 02:40 h da madrugada, mas não consigo parar de ler o seu livro, que para mim é o livro mais importante que já tive oportunidade de ler. Gostaria de agradecer sua grande ajuda ao Povo Alemão...

... Estou muito impressionado com o seu livro. Disponho de uma biblioteca revisionista de fazer inveja. Gostaria de entrar em contato para trocarmos idéias...

... Concluí a leitura de seu livro. Há anos me interesso pelo tema, e como descendente de alemães sempre me senti bastante ferido em meus brios, por ler tantos livros... Desejo parabenizá-lo pelo trabalho, pelo seu amor à História e À VERDADE.

... Ler e reler seu livro foi a melhor coisa que me aconteceu este ano... (um palestino)

... Sou estudante, ainda sou, como está no livro, vítima da propaganda sionista, fiquei muito confuso com seu conteúdo... É difícil acreditar que não houve os crimes... Seu livro cobre furos e soluções de alguns quebra-cabeças sobre a I e II Guerra Mundial...

... Quero enviar-lhe meu abraço de agradecimentos, pelo seu trabalho de demonstrar as contradições e mentiras que foram atiradas contra a Honra do Povo Alemão, antes e depois da guerra...

S.E. Castan

holocausto JUDEU ou ALEMÃO?

nos bastidores da MENTIRA do SÉCULO

1987

SABEDORIA ÁRABE

Os árabes afirmam:

— "Quem não sabe e não sabe que não sabe,
é um imbecil: deve ser internado.

— Quem não sabe e sabe que não sabe,
é um ignorante: deve ser instruído.

— Quem sabe e não sabe que sabe,
é um sonhador: deve ser acordado.

— Quem sabe e sabe que sabe,
é um sábio: deve ser imitado."

(Correio do Povo, 01/09/86)

"Ninguém tem um monopólio de apresentar
o desenrolar de fatos históricos.
Nunca deverá ser silenciada uma discussão
a este respeito, por obrigação de
meios estatais."

(Douglas Christie)

ÍNDICE

PREFÁCIO DO AUTOR

O presente livro é o resultado de uma Pesquisa Histórica e que vai apresentar fatos, completamente desconhecidos da grande maioria, que se misturarão ou não com notícias de conhecimento da grande maioria, quando então o leitor terá a oportunidade de fazer seu julgamento.

Os motivos que me levaram a pesquisar a História foram inúmeros, citarei alguns: A história de que os alemães faziam sabão de judeus... Teve outra do Comandante de um campo de concentração na Alemanha, que tinha no seu quarto de dormir um abajur feito de... orelhas e pele de judeus... câmaras de gás nos campos de concentração... Pessoas que eram assassinadas nos fornos crematórios **(dando idéia de assados vivos)**... Soldados alemães cortando cabeças de crianças de colo a machado, conforme foi apresentado num programa de televisão, no Rio de Janeiro, em junho de 1985, contado por uma testemunha ocular do caso, uma senhora que chorava... A história contada por um apresentador do programa, também do Rio de Janeiro, citando que viu a fotografia da genitália de uma senhora que serviu de cobaia, para as experiências de cruza entre um ser humano e um jumento, feitas pelo Dr. Mengele... Além de toda uma série de filmes, permanentemente em exibição, que apresentam os soldados e o povo alemão de forma irreal. A última da televisão que lembro foi uma história chamada "Canção de Auschwitz", na TV Manchete onde é entrevistada uma famosa(?) cantora judaica francesa, que esteve naquele campo, que cantava para os soldados e oficiais alemães e se admirava que os soldados, recém-vindos dos seus serviços de execução nas câmaras de gás, conseguiam chorar ao ouvi-la cantar e termina contando a história de que uma vez foi convidada para dar uma audição especial para o Dr. Mengele. Chegando na sala lá estava o terrível carrasco, rodeado por 20 ou 30 anõezinhos, todos vestidos de SMOKING! A audição foi um sucesso e todos aplaudiram muito; quando terminou, Mengele conduziu seu rebanho de anõezinhos pessoalmente para as câmaras de gás...

O que mais espanta é a passividade total do Governo Alemão, que aceita toda uma difamação, comportando-se como um país ocupado e submisso. Ao invés de ele próprio promover uma revisão da História da última guerra, aceita as coisas e ainda per-

segue os alemães que se aventuram a mostrar o outro lado da medalha. Pode ser que após a vitória de Waldheim passem a pensar um pouco diferente.

Será que as autoridades alemãs temem que uma revisão histórica poderia trazer como resultado o ressurgimento do Nacional-Socialismo?

O que é preciso ser feito é esclarecer, totalmente, não apenas o povo alemão, mas o resto do mundo, e para que isso se torne possível, deveria, como primeiro ato, ser revogada a lei que evita a prescrição dos dominados "Crimes de guerra contra a humanidade", por parte dos alemães.

Com a prescrição total, aparecerão milhares de testemunhas, hoje quietos ou foragidos para não serem submetidos a julgamentos por Tribunais do tipo Nürnberg, que pulverizarão a infâmia atirada contra o laborioso povo alemão.

Se alguém imagina que é muito fácil anular esta Lei, pois já foi tentado anteriormente, se engana. Existe gente muito importante, contentíssima com a situação de submissão em que se encontra a Alemanha, e que tudo farão para que assim continue para sempre.

Os alemães que se apressem, pois dentro de mais alguns anos não existirão mais testemunhas vivas e então a Alemanha terá que carregar a monstruosa pecha por muito tempo.

A presente pesquisa é um trabalho em busca da VERDADE, e foi obtida quase que exclusivamente de historiadores e veículos de informações de países que combateram a Alemanha na Segunda Guerra Mundial.

Qualquer citação sobre Sionismo ou referências sobre Judeus Internacionais não deverá ser considerada contra as pessoas que professam a religião judaica, que residem e trabalham pacificamente conosco e que cada vez menos aprovam os atos dos primeiros, por deixá-los em constante preocupação.

O primeiro capítulo é dedicado à Olimpíadas de Berlim de 1936, exclusivamente pelo fato de ter sido o primeiro fato pesquisado.

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE: Em todo o livro, qualquer palavra ou comentário que estiver colocado entre parêntesis, é de minha autoria.

OLIMPÍADA DE BERLIM 1936
HITLER x JESSE OWENS, Uma mentira de 50 anos

A imprensa "Internacional" há vários anos vem noticiando que o excepcional atleta Jesse Owens, obtendo 4 medalhas de ouro nas Olimpíadas de 1936, em Berlim, que teriam sido organizadas para mostrar ao mundo a superioridade da raça Ariana, teria desmoralizado esta raça; que Hitler não o teria cumprimentado por ser negro e que teria ficado tão irritado com as vitórias do mesmo que abandonou o Estádio... Ultimamente estão sofisticando cada vez mais o assunto e já foi publicado que o "Führer" babava de raiva... Uma notícia deste tipo tem no mínimo 3 objetivos, já que nunca entraram em detalhes desta Olimpíada:

1.º) Racismo contra os negros;
2.º) Dá uma idéia de derrota e desmoralização alemã;
3.º) Quem baba de raiva é louco...

OS ÚNICOS CUMPRIMENTOS PÚBLICOS DE HITLER

O "Correio do Povo", de Porto Alegre, no dia 5/8/1936 escreveu o seguinte sobre acontecimentos verificados em Berlim, no dia 2/8/1936, primeiro dia de competições:

"Hitler assistiu parte das provas no Estádio, fez-se apresentar aos vencedores das provas que acabava de assistir da Tribuna do Governo. Felicitou pessoalmente a Srta. Fleischer, da Alemanha, pela primeira vitória no arremesso de dardo. O Diretor de Esportes, Von Tschaumer Osten, apresentou também as Srtas. Krüger da Alemanha 2.ª colocada e Knasniewska, da Polônia 3.ª colocada. Algum tempo depois os 3 finlandeses dos 10.000 metros, o alemão Woellke, 1.º colocado no lançamento de peso, o finlandês Baerlunde 2.º colocado e o alemão Stoeck 3.º colocado também foram apresentados ao "Führer".

Após esses cumprimentos e antes de retirar-se do Estádio, conforme informação dada pelo Sr. K.C. Duncan, Secretário Geral da Associação Olímpica Britânica, membros do C.O.I. Comitê Olímpico Internacional solicitaram a Hitler para que não mais cumprimentasse publicamente os vencedores de qualquer competição. Este fato aconteceu no momento em que Cornélius Johnson **(não Jesse Owens...)** atleta negro dos Estados unidos estava sendo laureado com a medalha de ouro com o salto em altura.

Naturalmente, após o pedido do C.O.I., não houve mais cumprimentos do "Führer" em público durante o resto da Olimpíada, nem para os "negros" e nem para os próprios "arianos".

A PRIMEIRA MEDALHA DE OURO DE JESSE OWENS

Na prova final dos 100 metros, venceu Jesse Owens, conforme já esperado pelo público, que já havia visto bater o record mundial nas eliminatórias. O tempo da prova final foi de 10,3 segundos, igualando o record olímpico. Sobre esta vitória o "Correio do Povo", de 4/8/36, escreveu o seguinte:

"Logo após o triunfo dos 100 metros, Jesse Owens declarou aos representantes da Imprensa: É difícil imaginar como me sinto feliz. Pareceu-me de um momento para o outro que, quando corria, possuia asas. Todo o Estádio apresentava um aspecto tão festivo que me contagiei e foi com mais alegria que corri, parecendo que havia perdido o peso do meu corpo. O entusiasmo esportivo dos espectadores alemães me causou profunda impressão, especialmente a atitude cavalheiresca da assistência. Podem dizer a todos que agradecemos a hospitalidade Germânica". Era a sua primeira medalha de ouro.

SALTO EM DISTÂNCIA

A segunda medalha de ouro foi conquistada no salto em distância, numa disputa com o atleta alemão Lutz Long, que na série havia igualado ao fantástico atleta negro com 7,87 metros. Aí Owens deu seu último salto, atingindo aos 8,06 metros, novo record olímpico e mundial durante 24 anos. Long também deu seu último salto, porém ansioso por superar a marca de Jesse, queimou a marca de partida do salto. Importante registrar o espírito esportivo entre os atletas que existiu nesta Olimpíada, pois após a vitória Jesse comentou que conseguiu este salto graças a um conselho recebido do seu principal competidor o "ariano" Long, do qual ficou íntimo amigo durante muitos anos.

TERCEIRA E QUARTA MEDALHAS - HOMENAGEM

Já um dos ídolos do POVO ALEMÃO!, desde as eliminatórias dos 100 metros, Jesse Owens prepara-se para sua terceira medalha de Ouro, nos 200 metros rasos. Apesar do mau tempo, o Estádio, para 110.000 pessoas, como sempre, estava totalmente lotado, ninguém queria perder o espetáculo. Nas eliminatórias ele já havia batido o record mundial em 21,3 segundos.

Desde a partida ele pegou a frente e cruzou a chegada em 20,7 segundos, baixando seu record olímpico e mundial.

Hitler também assistiu a esta prova, para a qual os alemães não haviam se classificado. Os alemães haviam preparado uma cerimônia de coroação muito especial para Jesse Owens, já prevendo sua vitória. Os 3 vencedores, 1.º, 2.º e 3.º colocados desta prova alinharam-se numa tribuna, especialmente construída, enfeitada de folhagens verdes e de ouro, diante do camarote do "Führer", onde também estavam os convidados de honra. Jesse ficou no centro, ligeiramente acima do vencedor da medalha de prata, à sua direita, e do 3.º colocado à sua esquerda. Quando os 3 atletas dirigiram seu olhar para a tribuna de honra, a banda dos organizadores da Olimpíada, dirigida pelo Conde Henri de Baillet Latour, e uma fanfarra de trombetas, na extremidade do estádio começaram a tocar e todo o povo presente se levantou. Três lindas jovens em uniformes brancos, encaminharam-se até os vitoriosos e os coroaram com louros. Jesse também recebeu um vaso com um pequeno carvalho. Os alto-falantes anunciaram os nomes dos 3 atletas e a banda executou o hino nacional norte-americano, enquanto os atletas permaneciam em posição de sentido e os "arianos", que lotavam o estádio, com os braços extendidos para frente, faziam sua habitual saudação nazista. Após o hino, a multidão sentou-se novamente para ver as moças, num alinhamento perfeito, saindo para os lados, enquanto os vencedores saudavam o camarote de Hitler e se retiravam.

A quarta e última medalha de ouro foi conquistada no revezamento de 4 × 100 metros, com o tempo de 39,8 segundos, para a equipe norte-americana, que Jesse Owens integrava, também estabelecendo novo record mundial.

AUTÓGRAFOS

O "negrão" era tão querido e popular junto ao povo alemão que não teve, após a primeira vitória, praticamente mais descanso, pois onde andava tinha que dar autógrafos. Após a vitória no revezamento, viu-se obrigado a mudar de residência para fugir da multidão de caçadores de autógrafos **(Racistas nunca fariam isto!)**. Milhares esperavam em fila do lado de fora na Casa Bautzen, na Vila Olímpica. De início agradava a Owens ser tão popular e, de bom grado, dava autógrafos a torto e a direito. Mas no fim das competições, os músculos do seu braço direito estavam ficando com cãibras. Larry Snyder, seu companheiro de equipe chegou a temer que as cãibras viessem a prejudicar-lhe as pernas. Chegou a contar com a ajuda de Herb Fleming, outro negro,

com o qual era constantemente confundido, que tinha recebido sua autorização para assinar seu nome.

EXIBIÇÃO EM COLÔNIA

Concluída a Olimpíada, o Governo Alemão proporcionou a exibição de Jesse Owens e mais alguns atletas americanos na cidade de Colônia. O "Correio do Povo", do dia 12/8/1936 publicou a seguinte notícia:

"Jesse Owens, durante uma entrevista telefônica que manteve com a United Press declarou hoje em Colônia que abandonará sua viagem através da Europa e que seguirá o mais cedo possível para os Estados Unidos, a fim de estudar diversas ofertas recebidas para ingressar no profissionalismo".

MISTÉRIO

Após a exibição em Colônia, a delegação norte-americana acertou uma exibição na Noruega e outra na Suécia, ele porém se recusou a partir para esses dois países. Não se conseguiu ainda dados concretos sobre o que aconteceu com Jesse neste período.

O certo é que ele foi suspenso pela Associação Atlética dos Estados Unidos, retornou à sua Pátria, onde não foi recebido por banda de música e nem fanfarras, nem honras, abandonou seu curso universitário e assinou um contrato de... Regente de conjunto musical! E nunca mais competiu!!!

Muito estranho tudo isso. Um dos maiores atletas de todos os tempos, foi herói e foi festejado pelos alemães e ignorado por sua pátria na volta. Ou terá sido justamente por isso que a imprensa internacional o ignorou? Teria caido em algum tipo de "arapuca"?

Por motivos de indisciplina, após o início da Olimpíada, os dirigentes norte-americanos afastaram de sua delegação os atletas Sam Stoller e Martin Glickman, os únicos judeus da equipe de pista e campo dos EUA, que foram substituídos pelos negros Jesse Owens e Ralph Metcalfe, no revezamento de 4 × 100 m. A partir desse momento a tendência de criticar o Comitê Americano predominou nas manchetes da imprensa "internacional", principalmente nos Estados Unidos. Stoller e Glickman diziam que poderiam também ter batido o record mundial... A imprensa dizia que o afastamento tinha sido inoportuno e desencadeando acusações de preconceito racial contra a equipe norte-americana, que durou alguns anos. Os apreciadores de esporte

nos EUA puderam ler muito mais notícias sobre as façanhas de Eleanor Holm Jarret, campeã de nado de costas feminino, que foi também afastada da equipe americana por não ter cumprido todos os treinos previstos no navio que levava a equipe à Alemanha. Cantora de clubes noturnos e atriz de cinema, Eleanor afirmou ter treinado com champanha e caviar. Pois a imprensa dava muito mais cobertura a essa moça do que à equipe de natação americana que ganhou várias medalhas. Também existiam muito mais notícias de mais 2 boxeadores que também foram afastados do que dos outros que lutavam.

Isso parece apenas evidenciar um fato! A imprensa "racista internacional" não aceitou o afastamento e substituição de atletas judeus por negros, nem o fato das espetaculares vitórias deles ser festejada pelo povo alemão.

Para completar deve-se citar ainda que entre os atletas alemães encontrava-se a Srta. Helene Mayer, uma judia, que ganhou a medalha de prata em florete feminino e que recebeu do Governo Alemão a plena Cidadania Alemã, fato que irritou os sionistas.

QUEM VENCEU A OLIMPÍADA?

Fora as 4 notáveis vitórias de Jesse Owens, que teriam derrubado o mito "ariano", nada se encontra na imprensa e mesmo bibliotecas, que mostre o quadro de honra, com o resultado final de todos os países participantes, medalha por medalha. Nem nos Consulados Alemães. Em agosto de 1985 finalmente consegui o que tanto procurava. Foi na Biblioteca Nacional de Viena, e o livro chama-se "So Kämpfte und Siegte die Jugend der Welt" **(Assim lutou e venceu a Juventude do mundo)**, dos autores Franz Miller, P.v. Le Fort e H. Harster, e do qual mandei tirar várias cópias das partes mais interessantes. Quase um ano após consegui comprar este livro no "mercado de pulgas" de Porto Alegre. Após examinarem o quadro de Honra, os leitores entenderão porque a imprensa nunca o publicou:

País	**Ouro**	**Prata**	**Bronze**
Alemanha	33	26	30
U.S.A.	24	20	12
Itália	8	9	5
Finlândia	7	6	6
França	7	6	6
Hungria	10	1	5
Suécia	6	5	9

Japão	6	4	8
Holanda	6	4	7
Grã-Bretanha	4	7	3
Áustria	4	6	3
Suíça	1	9	5
Tchecoslováquia	3	5	0
Canadá	1	3	5
Argentina	2	2	3
Estonia	2	2	3
Noruega	1	3	2
Egito	2	1	2
Polônia	0	3	3
Dinamarca	0	2	3
Turquia	1	0	1
Índia	1	0	0
Nova Zelândia	1	0	0
Letônia	0	1	1
México	0	0	3
Iugoslávia	0	1	0
Romênia	0	1	0
África do Sul	0	1	0
Bélgica	0	0	2
Austrália	0	0	1
Filipinas	0	0	1
Portugal	0	0	1

Agora vamos analisar os 3 pontos anteriormente citados, que seriam o objetivo desse falso noticiário, que aparece na imprensa mundial sempre por ocasião das Olimpíadas, pois a de Berlim foi a última antes da 2.ª Guerra Mundial.

Racismo contra negros? Com certeza houve, mas não foi do lado alemão, que festejou e glorificou as vitórias de Jesse Owens, tornando-o seu ídolo.

Que o "negrão" teria desmoralizado a raça ariana, que organizou a Olimpíada para demonstrar sua superioridade... Não posso acreditar que esta imprensa não saiba quem venceu, mas semeia falsidades durante décadas e décadas, sendo que esta é uma das veteranas pois tem 50 anos.

Quanto ao último ponto em análise, teria motivo para babar de raiva um Chefe de Estado, que venceu a Olimpíada da forma mais brilhante possível? Os atletas alemães ganharam um total de 89 medalhas, número idêntico ao conquistado em CONJUNTO pelos Estados Unidos da América, França e Grã-Bretanha, as 3 maiores potências mundiais na época.

2

KURT WALDHEIM

Durante a campanha presidencial da Áustria, Kurt Waldheim foi acusado de "nazista", de participante dos massacres a judeus, em deportações e outros crimes. Os números chegaram a ultrapassar os 100.000. No dia 25/4/86, a Zero Hora, de P. Alegre, publicou a seguinte notícia, que fazia parte da campanha de difamação: "WALDHEIM - O Setor de busca a nazistas do Departamento de Justiça dos Estados Unidos recomendou ao Ministro Edwin Meese que decrete a proibição de entrada no país de ninguém menos de que o ex-secretário geral das Nações Unidas, o austríaco Kurt Waldheim. Neal Sher, porta-voz do Departamento disse ontem em Washington que a recomendação indica que Waldheim deve ser colocado numa "lista de observações", até que se esclareçam as denúncias sobre sua participação em massacres de civis durante a Segunda Guerra Mundial na Grécia e Iugoslávia, onde o ex-secretário geral da ONU serviu como oficial de Exército alemão. A recomendação foi feita após uma análise do Departamento em torno dos arquivos da ONU recentemente requisitados pelos governos de Israel e Áustria. Waldheim é atualmente candidato à presidência da Áustria, nas eleições do início de maio e as acusações contra ele foram levantadas pelo Conselho Judaico Mundial".

Uma semana antes da eleição, no segundo turno, o Ministro da Justiça de Israel, Yitzhak Modai, disse em Nova Iorque, que um israelense testemunhou quando Waldheim agrediu pessoalmente seu irmão, até que morresse. **(Zero Hora dia 9/6/86)**. Nesta mesma semana foi insinuado de que, caso Waldheim fosse eleito, possivelmente o Mercado Comum Europeu não negociaria com a Áustria. Uma nítida interferência da Imprensa Internacional e do Sionismo em assunto que só interessava aos austríacos. Nas últimas semanas os austríacos se mostravam cansados e irritados pelas acusações, ressurgindo o anti-semitismo durante a campanha, com bandeiras suásticas pintadas nas ruas, enquanto a comunidade de 7.500 judeus recebia uma avalanche de cartas ofensivas. Por causa dessa imprensa, uma comunidade pacata de 7.500 judeus recebeu ofensas. Até parece que a provocação é feita com o propósito dos países, onde residem e trabalham, discriminá-los ou expulsá-los, para eventualmente irem para Israel, cada vez mais vazia. Não creio que isso vá acontecer.

Toda esta campanha, que durou vários meses, terminou com a eleição de Kurt Waldheim, que recebeu 53,9% dos votos.

Nos Estados Unidos vai continuar a investigação... Em Washington estão fazendo a carta diplomática habitual de felicitações ao Presidente eleito, que no entanto não será divulgada em Washington, apenas em Viena... **(com certeza para não ofender os sionistas)**. Israel vai segurar por mais alguns dias a congratulação oficial... Em Viena, o maior "caçador de nazistas", o polonês Simon Wiesenthal, conclamou os Estados Unidos, Grã-Bretanha e demais países envolvidos a formar uma comissão multinacional de especialistas para pesquisar documentos sobre o passado de Waldheim. **(Zero Hora de 10/6/86)**. Esta última é incrível, o homem não é austríaco, está na Áustria há muitos anos, e pede para países estrangeiros formarem uma comissão multinacional para examinar o Presidente eleito do país que o abriga... Sobre esta figura haverá um capítulo especial. "Em Moscou a agência Tass fez um incondicional elogio a Waldheim, ao noticiar sua eleição, qualificando-o de eminente político e dizendo que sua vitória é importante para a causa do povo palestino, que luta para recuperar seus direitos e se congratulou com o duro golpe dado pelos eleitores austríacos à propaganda israelense e à política de ingerência nos assuntos internos por parte dos meios sionistas. O comentarista político da agência Tass foi mais longe, dizendo que a eleição de Waldheim significa um claro repúdio às acusações israelenses sobre o passado deste homem. As acusações sionistas não tiveram nenhum efeito no eleitorado austríaco. É a vitória das forças da justiça e da paz sobre as da chantagem e do ódio".

Porém esta imprensa não se entrega facilmente e já no dia seguinte, vinha uma notícia, desta vez da Inglaterra, com uma acusação do deputado britânico chamado Greville JANNER, denunciando o envolvimento de Waldheim, na morte de 30 prisioneiros de guerra britânicos que foram interrogados por uma unidade integrada por Waldheim e depois fuzilados e jogados numa vala comum...

VIENA JUNHO 1986 E BERLIM 1940

A campanha contra Waldheim pela imprensa internacional e a animosidade que ela provocou contra a minoria de religião judaica em Viena me faz transmitir uma parte do livro "Um Repórter Brasileiro na Guerra Européia", escrita pelo repórter Alexandre Konder, do Rio de Janeiro, durante os meses de fevereiro-março-abril-maio de 1940, onde consta o seguinte, à pg. 133:

"A Alemanha, reunidas as terras da antiga Áustria, do Protetorado e da antiga Polônia, deve ter hoje, dentro dos seus limi-

tes, vários milhões de judeus. Uns trezentos mil emigraram nestes últimos anos. Vieram para a América, de preferência para Nova Iorque, Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo.

— Emigrou o pior, a gente que era, afinal de contas, a única responsável por tudo isso que aconteceu — diz-me, num Café da "Unter den Linden", o Sr. Joseph Mendel, judeu berlinense. Por causa dessa elite verdadeiramente nociva, que também nos explorava, pagamos nós todos. Berlim tinha mais de duzentos mil israelitas e Viena mais ainda. Várias vezes os nossos bons elementos chamaram a atenção dessa gente, que ora flana longe daqui, em outras terras, semeando talvez futuras reações anti-semíticas. Tudo foi em vão e veio o inevitável...

— E com uma voz cheia de mágua:

"Somos uma raça marcada. Vivemos sob perseguições porque, infelizmente, nos falta o senso de auto-crítica. Ao contrário não nos deixaríamos levar tão facilmente pelas miragens dos louros dos nossos sucessos. Veja o que ocorre na América do Norte: os que lá estão, pensam hoje da mesma maneira como pensaram, dentro da Alemanha, os judeus, ao tempo em que haviam conseguido um lugar verdadeiramente privilegiado. Julgam-se facilmente vitoriosos em definitivo e se esquecem que existem no país milhões de criaturas que sabem pensar, e que têm bem nítida a consciência da nacionalidade. Eis porque vários clubes e restaurantes nos Estados Unidos já começam a exibir letreiros anti-semitas. Somos conhecidos demais, para podermos alimentar certas pretensões. A reação é fatal". **(Isso há 46 anos atrás, imaginem o domínio que o sionismo exerce, hoje nos Estados Unidos).** Faço-lhe uma pergunta indiscreta para o ambiente de um café berlinense, que tem bem visível o retrato de Hitler. Pergunto-lhe como recebe a coletividade judaica da Alemanha o movimento que lá fora se faz em seu favor. Ele acende um cigarro responde: —"Não nascemos ontem, meu amigo. Conhecemos bem o significado desta campanha. Ela peca, inicialmente, pela sua nenhuma sinceridade. Não é o judeu alemão, polaco ou tcheco que ela visa defender. A nossa sorte não lhes interessa em nada, e a prova aí temos, que quase todos os portos do planeta estão fechados para nós. Os poucos que hoje conseguem emigrar, é a custa de muito dinheiro, dinheiro nosso, saído daqui, pelos "guichets" dos bancos nazistas. Não devemos o menor favor a quem quer que seja no exterior. Entendemo-nos com os alemães, só com os alemães e, somente eles é que nos fornecem divisas. Lá fora é apenas literatura. Literatura contra o 3.º Reich, literatura para efeitos políticos internos e externos. Nós apenas

interessamos a essa gente como cartaz. Veja o caso da Palestina: uma comédia! Era mil vezes preferível que essa gente tivesse ficado dentro da Alemanha. Não estaria hoje sendo caçada, nas ruas, pelas balas dos árabes..."

E, com mau humor, conclui o Sr. Mendel: — "É melhor que nos deixem em paz!" O repórter continua: "Os campos de concentração, onde "milhares de judeus sofrem o cativeiro nazista" segundo pude apurar em rodas israelitas e não israelitas é uma pura "blague" para efeitos de propaganda no Exterior contra o 3.º Reich. Existem judeus presos, é fato, mas não pelo fato de serem judeus, e sim por estarem ligados a penalidades do Código Penal. Entretanto, fora do Reich, é muito fácil transformar-se um criminoso comum em mártir do nazismo. Principalmente quando a maior parte das agências de informações jornalísticas está nas mãos dos sionistas". Isso na primavera de 1940 na Europa!

EÇA DE QUEIRÓS NA ÉPOCA DE BISMARK

O maior escritor português de todas as épocas, Eça de Queirós, foi também diplomata, tendo exercido as funções de Cônsul português em Cuba, Londres e Paris, assistiu a inauguração do canal de Suez, viajou pelo Oriente e toda Europa. Da época em que esteve na Embaixada Portuguesa em Londres, de 1874 a 1878, vem o livro "Cartas de Londres", de onde transcrevo as páginas 72 e 73. Tratando da questão judaica, na Alemanha, no tempo de Bismark, depois de salientar a ostentação de riqueza, que tanto irrita os naturais do país, descreve a situação dos semitas, no antigo império germânico:

"Mas o pior ainda, na Alemanha, é o hábil plano com que fortificam a sua prosperidade e garantem a sua influência — plano tão hábil que tem o sabor de uma conspiração: Na Alemanha, o judeu, lentamente, surdamente, tem-se apoderado das duas grandes forças sociais — a Bolsa e a Imprensa. Quase todas as grandes casas bancárias, quase todos os grandes jornais estão na posse do semita. Assim, torna-se inatacável. De modo que não só expulsa o alemão das profissões liberais, o humilha com a sua opulência rutilante, e o traz dependente do capital; mas, injúria suprema, pela voz dos seus jornais, ordena-lhe o que há de fazer, o que há de pensar, como se há de governar e com quem há de se bater!

Tudo isso seria suportável se o judeu se fundisse com a raça indígena. Mas não. O mundo judeu conserva-se isolado, compacto, inacessível e impenetrável. As muralhas formidáveis do templo de Salomão, que foram arrasadas, continuam a pôr em

torno dele um obstáculo de cidadelas. Dentro de Berlim há uma verdadeira Jerusalém, inexpugnável: aí se refugiam com o seu Deus, o seu livro, os seus costumes, o seu Sabbath, a sua língua, o seu orgulho, a sua secura, gozando o ouro e desprezando o cristão. Invadem a sociedade alemã, querem lá brilhar e dominar, mas não permitem que o alemão meta sequer o bico do sapato dentro da sociedade judaica. Só casam entre si; entre si ajudam-se regiamente, dando-se uns aos outros milhões, — mas não favoreceriam com um troco um alemão esfomeado; e põe orgulho, um coquetismo insolente em se diferenciar do resto da nação em tudo, desde a maneira de pensar até a maneira de vestir. Naturalmente um exclusivismo tão acentuado é interpretado como hostilidade e pago com ódio".

Esta citação de Eça de Queirós destina-se, primordialmente, para mostrar quem já, há 110 anos atrás, estava fazendo a cabeça das pessoas, pela imprensa. A Alemanha Ocidental de hoje, salvo raras exceções, continua igual!

HENRY FORD - EM 1920

A transcrição a seguir tem um valor também todo especial, tanto pela época a que se refere, fim da 1.ª Guerra Mundial na Alemanha, como por tratar-se do norte-americano Henry Ford, industrial, criador e fundador das indústrias automobilísticas Ford, autor do livro "O Judeu Internacional", escrito em 1920, editado pela Livraria do Globo, além de ter sido editado em vários idiomas pelo mundo. Importante também por ter sido escrito 13 anos antes do nazismo. Além do "Judeu Internacional", Ford escreveu também "Minha vida e minha obra" e outros.

"Após a publicação do livro, os judeus ficaram profundamente indignados, porque o adversário era sério. E encetaram contra ele uma violenta campanha que durou vários anos e só terminou em 1927. Angustiado por graves embaraços financeiros, processado pelos judeus perante os tribunais americanos, vítima de um grave acidente automobilístico que se diz muito misterioso, Ford escreveu às organizações judaicas uma carta em que desmentia tudo o que publicara contra os judeus. Estes, depois de o deixarem algum tempo na incerteza, aceitaram a retratação" **(da pg. 5 do livro)**. Vejamos o que consta às pgs. 25 a 30:

1. "A humanidade, em constante progresso, trata abertamente de combater enfermidades sobre as quais antes achava necessário estender o manto da vergonha e do silêncio. A higie-

ne política não progrediu ainda até este ponto. A causa fundamental da enfermidade do corpo nacional alemão tem suas raízes na excessiva influência judaica. Se tal era já há muitos anos a convicção de algumas inteligências preclaras, é tempo de que também as massas, menos inteligentes, comecem a vê-lo. O que é certo é que toda a vida política alemã gira ao redor desta idéia, e já não é possível ocultar este fato por mais tempo. Segundo a opinião de todas as classes sociais, tanto a derrota depois do armistício, como a revolução e suas conseqüências, sob as quais sucumbe o povo, são obra da astúcia e de um plano premeditado dos judeus. (Note-se que Ford não separa sionistas e judeus, preferindo chamá-los todos judeus). Isso é asseverado com toda a precisão, aduzindo-se inumeráveis provas verdadeiras; e supõe-se que a seu tempo a História se encarregará de completar a documentação''.

2. ''Na Alemanha o judeu é considerado apenas como um hóspede, que, abusando da tolerância, caiu num excesso com sua inclinação para o domínio''. **(Compare com o que o judeu Joseph Mendel declarou ao repórter Alexandre Konder, no capítulo Viena - Junho 1986 e Berlim 1940).**

3. ''Efetivamente, não há no mundo maior contraste do que o existente entre a raça puramente germânica e a hebréia. Por isso não há nem pode haver aliança entre ambas. O alemão vê no judeu apenas um hóspede. O judeu, em troca, indignado por não lhe concederem todas as prerrogativas do indígena, nutre injusto ódio contra o povo que o hospeda. Em outros países pode o judeu mesclar-se mais livremente com o povo indígena e aumentar seu predomínio com menos entraves, mas não assim na Alemanha. Por isso o judeu odeia o povo alemão, e precisamente por esta mesma razão os povos em que a influência judaica predominava em maior grau, demonstraram durante a deplorável 1.ª Guerra Mundial o ódio mais exacerbado contra a Alemanha. Judeus eram os que predominavam quase exclusivamente NO ENORME APARELHO INFORMATIVO MUNDIAL, com que se fabricou a ''opinião pública'' no que toca à Alemanha. Os únicos gananciosos da Grande Guerra foram de fato os judeus''.

4. ''Dizê-lo, naturalmente, não basta, é necessário comprová-lo. Examinemos pois os fatos. Que aconteceu assim que a Alemanha passou do antigo ao novo regime? No gabinete dos SEIS, que usurpou o posto do Governo Imperial, predominava em absoluto a influência dos hebreus Haase e Landsberg. Haase dirigia os negócios exteriores, auxiliado pelo judeu Kautsky um boêmio que em 1918 nem sequer possuía a cida-

dania alemã. O judeu Shiffer ocupou o Ministério da Fazenda, com o hebreu Bernstein como subsecretário. No Ministério do Interior mandava o judeu Preuss, auxiliado por seu amigo e compatriota Freund. O judeu Fritz Max Cohen ex-correspondente em Copenhagen do diário pan-judeu "Frankfurter Zeitung", ascendeu a chefe onipotente do Serviço Oficial de Informações".

5. "Esta constelação teve no Governo prussiano uma segunda parte. Os judeus Hirsch e Rosenfeld presidiram o gabinete, encarregando-se este do Ministério da Justiça, enquanto aquele ocupava a pasta do Interior. O hebreu Simon foi nomeado Secretário de Estado no Ministério da Fazenda. Foi nomeado diretor do Ensino o judeu russo Futran, em colaboração com o judeu Arndt. Ao posto de diretor do Departamento das Colônias ascendeu o hebreu Meyer-Gerhard ao passo que o judeu Kastenberg empregava sua atividade como diretor do departamento de Letras e Artes. O secretário da Alimentação foi posto nas mãos do judeu Wurm, que cooperava no Ministério do Fomento com os judeus Dr. Hirsch e Dr. Stadthagen. O hebreu Cohen foi o Presidente do Conselho de Operários e Soldados, nova instituição em que desempenhavam altos cargos os judeus Stern, Herz, Loewenberg, Frankel, Israelowitz, Laubenheim, Seligsohn, Katzenstein, Lauffenberg, Heiman, Schlesinger, Merz e Weyl".

6. "O judeu Ernst foi nomeado Chefe da Polícia de Berlim, e no mesmo posto em Frankfurt-sobre-o-Meno apareceu o hebreu Sinzheimer, e em Essen, o judeu Lewy. Em Munich, o judeu Eisner nomeou-se a si mesmo Presidente do Estado da Bavária, nomeando seu ministro da Fazenda o judeu Jaffe. Indústria, Comércio e Tráfico na Bavária ficaram sob as ordens do judeu Brentano. Os judeus Talheimer e Heiman ocuparam cargos elevados nos ministérios de Würtenberg, enquanto o judeu Fulda governava em Hessen".

7. "Judeus eram dois plenipotenciários alemães, ao mesmo tempo que um terceiro não passava de conhecido instrumento incondicional do judaismo, na conferência da paz (Versalhes). Além disso populavam na delegação alemã judeus peritos, tais como Max Warburg, Dr. Von Strauss, Merton, Oscar Openheimer, Dr. Jaffe, Deutsch, Brentano, Persteinm, Struck, Rathenau, Wassermann e Mendelssohn-Bartholdy".

8. "A proporção de judeus nas delegações de "outros" Governos nesta Conferência, pode ser facilmente verificada, pela leitura das crônicas dos jornalistas não judeus. Parece que este fato só chamou atenção destes, enquanto os correspondentes judeus preferiram calar-se, certamente por prudência".

9. "Nunca a influência judaica se manifestara na Alemanha

tão acentuadamente como durante a guerra. Surgiu esta com a certeza audaz de um canhonaço, como se tudo houvesse sido já preparado de antemão. Os judeus alemães não foram patriotas alemães durante a guerra. Se bem que este fato, na opinião das nações inimigas da Alemanha, não seja precisamente uma falta, permite, contudo, apreciar no seu justo valor os protestos clamorosos dos israelitas de lealdade absoluta para com os países em que vivem casualmente. Escudados em razões que veremos mais adiante, afirmam sérios pensadores alemães que é de todo ponto impossível que um judeu seja jamais patriota".

10. "Segundo geral opinião, nenhum dos hebreus acima citados teria jamais alcançado aqueles postos, sem a revolução. E, por outro lado, a revolução não teria estalado sem que eles mesmos a houvessem preparado. Certamente, também, na Alemanha não faltaram deficiências, mas o próprio povo teria podido retificá-las, e com certeza o faria. Neste caso precisamente, as causas destas deficiências que arruinavam a moral pública e impossibilitavam toda a reforma, achavam-se sob a influência judaica".

11. "Já durante o segundo ano da guerra, judeus alemães declaravam que a derrota alemã era indispensável para a libertação do proletariado. O socialista Stroebel disse: Declaro francamente que a plena vitória da Alemanha não seria favorável aos interesses da social-democracia. Afirmava-se por toda a parte que a elevação do proletariado seria quase impossível na Alemanha vencedora. Estes breves exemplos, escolhidos entre muitíssimos que poderíamos aduzir, não têm por objeto tornar a examinar toda a questão da guerra; destinam-se unicamente a demonstrar que muitos judeus dos chamados alemães esqueceram seus deveres para com o país cuja cidadania ostentavam, unindo-se a todos os demais judeus inimigos, com o objetivo de preparar a catástrofe da Alemanha. Esse objetivo, como mais adiante se verá, não foi nem de leve, livrar a Alemanha do militarismo, mas afundar todo o povo alemão em um estado caótico, que lhes permitisse se apoderarem do poder, como realmente fizeram".

12. "A imprensa alemã, timidamente a princípio, depois "em toda a luz" fazia suas essas tendências dos porta-vozes judeus. O "Berliner Tageblatt" e a "Münchener Neueste Nachrichten" foram durante a guerra órgãos oficiosos ou semi-oficiosos do Governo alemão. O primeiro destes jornais defende os interesses judaicos na Alemanha, e o segundo se mostra completamente sujeito à influência do judaismo organizado. Genuinamen-

te judaica é também a "Frankfurter Zeitung", da qual dependem inúmeras folhas, de maior ou menor importância. Todos estes jornais não são mais que edições alemãs da Imprensa Mundial judia anti-alemã, todos com a mesma tendência, absolutamente. Esta íntima cooperação da imprensa de todas as nações, que se chama IMPRENSA UNIVERSAL, devia ser examinada muito escrupulosamente deste ponto de vista, para demonstrar à humanidade inteira estes segredos — como e para que fim oculto se prepara diariamente a formação da opinião pública". (!!!)

13. "No momento em que estalou a guerra passaram todos os víveres e petrechos da guerra às mãos judaicas, e desde esse momento começou a aparecer tal falta de probidade que minou a confiança dos combatentes. Do mesmo modo que os demais povos patrióticos, soube também o alemão que toda a guerra significa sacrifício e sofrimentos, e mostrou-se desde o primeiro dia disposto a suportá-los. Agora, porém, compreenderam os alemães que foram explorados por uma horda de judeus, que haviam preparado tudo para tirar enormes proveitos da miséria geral do povo teutônico. Onde quer que se pudesse especular com as necessidades do povo, ou que se apresentasse ocasião de obter lucros intermediários, seja em bancos, sociedades de guerra, empréstimos públicos, ou em Ministérios que formulavam os gigantescos pedidos de petrechos bélicos, lá apareciam os judeus. Artigos de consumo geral, que havia em abundância, desapareceram de repente, para tornar a aparecer mais tarde, oferecidos com fabuloso aumento de preço. As sociedades de guerra, foram domínios judáicos. Quem tinha dinheiro pode comprar tudo, até os cartões de distribuição, com os quais o Governo se esforçou em trabalho sobre-humano para repartir os víveres equitativamente entre toda a população. Os judeus triplicavam os preços dos artigos que adquiriam à sombra da distribuição oficial, canalizando assim para seus bolsos abundante inundação de ouro. Por causa destes sortimentos ocultos, de que dispunham os judeus, falharam os cálculos e censos do Governo. Inquietou-se a moral pública diante deste fenômeno. Instauraram-se demandas, iniciaram-se processos, mas quando chega a hora de dar a sentença, tanto os juízes como os acusados sendo judeus, terminava tudo por uma desistência quase geral. Se, porém, o acusado era alemão, impunham-lhe multas, que deveriam ter sido também pagas pelos outros".

14. "Estudando o país deste ponto de vista, esquadrinhando a Alemanha por todos os cantos, escutando a voz e a opinião populares, ouviremos sempre e de todos os lados, que este abu-

so de poder durante a guerra ficou gravado na alma alemã como se fora impresso com ferro candente".

15. "É preciso, pois, tanto na América como na Rússia, diferenciar claramente entre os métodos dos judeus ricos e os dos pobres; ocupam-se uns de subjugar os Governos, e os outros de ganhar as massas populares, porém ambos tendem a um mesmo e idêntico fim". **(Refere-se a dominação mundial).**

16. "A interpretação geral dos alemães e russos pode ser resumida francamente nestes termos: É o judaismo a potência mais bem organizada do mundo, com métodos mais rígidos ainda que os do Império Britânico. Forma um Estado, cujos súditos lhe obedecem incondicionalmente, onde quer que vivam, sejam pobres ou ricos, e este Estado, existente dentro dos demais Estados, chama-se na Alemanha "Pan-Judéia - All-Juda". Os meios de dominação deste Estado pan-judaico são capitalismo e imprensa, isto é, *dinheiro e difusão ou propaganda*".

17. "Entre todos os Estados do mundo o único que exerce realmente um domínio universal é a Pan-Judéia; todos os demais podem e querem exercer somente um domínio nacional".

18. "O principal propulsor do pan-judaismo é seu domínio da Imprensa. As produções técnicas, científicas e literárias do judaismo moderno, são exclusivamente de índole jornalística, e têm por base a admirável faculdade do judeu de assimilar as idéias alheias. Capital e Jornalismo reunem-se no produto "IMPRENSA", que constitui o verdadeiro instrumento dominador do judeu".

Como os leitores terão notado, não existe mais o gigantesco Império Britânico, que desabou após a 2.ª Guerra Mundial, nem a Pan-Judéia na Alemanha, pois existe Israel, apesar dos problemas com os palestinos e árabes em geral, e o Conselho Mundial Judaico, em Nova York, cidade onde deve residir praticamente o dobro de habitantes judeus do que os existentes em Israel.

Este capítulo também tem um valor especial, por tratar-se da opinião de uma pessoa conhecida mundialmente, ser cidadão de um país que combateu a Alemanha e também demonstrar quem já manobrava a cabeça dos leitores até 1920, época do livro.

MONTEFIORE - 1840

Sir Moses Haim Montefiore, conhecido como Barão de Montefiore, filantropo judeu britânico e que dedicou grande parte da sua vida e sua fortuna à melhora de vida dos judeus, especialmente na Grã-Bretanha, escreveu em 1840:

"Perdeis o tempo a tagarelar. Enquanto não se achar em nossas mãos a imprensa do mundo inteiro, tudo o que fizerdes será infrutífero. É preciso que dominemos a imprensa universal, ou ao menos influamos nela, se quisermos iludir e escravizar os povos". **(pg. 78 do livro de H. Ford).**

CINEMA - JORNAIS - RÁDIO E TELEVISÃO

O livro "Derrota Mundial", importante obra sobre a Segunda Guerra Mundial, do escritor mexicano Salvador Borrego, confirma a predominância sionista no cinema, através da Metro Goldwin Mayer, de Marcos Loew e Samuel Goldwyn; da Fox Filmes, de William Fuchs; da Warner Bros, dos irmãos Warner; da Universal Filmes, de Julius Baruch e a United Artist. Nas cadeias de rádio-difusão as importantes Rádio Corporation of America (R.C.A.) e Columbia Broadcasting System (C.B.S.), controladas por David Sarnoff e William Paley. Três dos quatro grandes canais de televisão também são manejados por eles, NBC, CBS e ABC. Na imprensa escrita o New York Times, do New York Word; Washington Post, Revista Newsweek e os que controlam a informação internacional.

Este mesmo predomínio encontra-se em quase todos os países do mundo ocidental, excetuados, todos os países comunistas, mais Irã, Síria, Paraguai, Líbia e Nicarágua, países estes que, sob os mais variados motivos, estão permanentemente sendo atacados, ou pelo noticiário que vem dos E.U.A., ou pelas balas ou minas da Guarda Pretoriana Mundial dos Estados Unidos, nos casos recentes dos últimos 2 países citados.

É impressionante ver como, por exemplo, o povo norte-americano não tira nenhuma lição da 2.ª Guerra Mundial, da Coréia, do Vietnam, de intervenções geralmente desastrosas como a invasão de Cuba, a operação de resgate de reféns do Irã, quando essas forças se destruíram a si próprias... os milhares de soldados enviados ao Líbano, para aumentar a confusão reinante, mas que terminou de maneira trágica, quando voou pelos ares todo o quartel onde os soldados se encontravam; a colaboração total com a Inglaterra, durante a guerra das Malvinas, contra a Argentina, tirando qualquer chance da mesma para manter o domínio, que haviam reconquistado sem sacrificar nenhum soldado ou habitante inglês; a intervenção na Nicarágua, minando portos e financiando forças rebeldes ou mercenárias, operações condenadas inclusive pelo Tribunal Internacional de Haia; o bombardeio indiscriminado de instalações militares e civis na Líbia, em represália a atentados que teriam sido financiados por Kah-

dafi, na Europa e que teriam sido detectadas pelo serviço secreto de Israel, pois os atentados foram contra judeus residentes nos Estados Unidos, neste caso considerados cidadãos norte-americanos. Finalmente houve uma muito bem realizada operação militar, a 1.ª após Mi Lai, **(no Vietnam quando destruíram uma aldeia de... mulheres, crianças e velhos!)**, refiro-me à invasão e tomada de Granada, país situado numa ilha pequeníssima, que caiu no erro de querer uma forma de vida independente, para seu povo; após uma luta de quase uma semana contra duas ou três dezenas de patriotas, finalmente tomaram o país, onde estão até hoje, somente que os soldados não saem fardados nas ruas, como aliás acontece com as forças de ocupação americana na Alemanha!

Para pensar que realmente o povo norte-americano pouco apita ou sabe na sua terra, veio este primor de notícia, publicada em "Zero Hora", do dia 27/6/86:

"SENADO CONTRA WALDHEIM — O Senado norte-americano aprovou, na quarta-feira (25/6/86), uma moção conclamando o presidente Ronald Reagan a pedir às Nações Unidas que cancelem a pensão anual de 81.650 dólares que seu ex-Secretário Geral e atual Presidente da Áustria, Kurt Waldheim, acusado de participar de massacres nazistas na Segunda Guerra Mundial, recebe como aposentadoria. A emenda conclama Reagan a instruir o embaixador norte-americano na O.N.U., general Vernon Walters **(que já havia atuado muito no Brasil...)** a apresentar uma moção para a assembléia-geral da O.N.U. para que cancele a aposentadoria do seu ex-secretário". Existirão dúvidas sobre quem influencia ou domina o Senado? Enquanto o Senado aprova este moção contra Waldheim, a Câmara dos Deputados aprovava o empréstimo de US$ 300.000.000,00 para ajudar os chamados "contras", composta por somozistas saudosos de "bons tempos" e mercenários profissionais, pagos e treinados pelos E.U.A. Do "Correio do Povo" ainda tenho um recorte, sem data, do ex-Embaixador americano em El Salvador, e Honduras, Sr. Robert White a respeito do assunto:

"Infelizmente, a ignorância do governo dos Estados Unidos sobre a realidade centro-americana foi combinada com alguns interesses criados para manter a política exterior, que é basicamente anti-democrática". Claro que é o governo, mas legitimamente eleito e pelo que informam as Pesquisas... Continua apoiado pelo povo, que por sua vez é enganado pela imprensa. Não é por nada que os E.U.A. têm cada vez menos simpatizantes pelo mundo afora.

Quanto ao Paraguai o problema é mais antigo e remonta ao período de antes da 2.ª Guerra Mundial, quando a Alemanha queria transferir, se possível, para outros países os remanescentes 210.000 judeus indesejados existentes em seu território. 300.000 já haviam emigrado desde que começou a ascenção do nacional-socialismo. O Paraguai foi o único país que não limitou o número de emigrantes, que poderia receber, porém estipulou uma condição: teriam que ser agricultores. Parece que não havia nenhum! Na falta de melhores argumentos, o Paraguai foi sempre acusado de abrigar nazistas. Mais recentemente, uma senhora sionista, certa de que o Dr. Joseph Mengele estava no Paraguai, não teve dúvidas em fazer, mesmo sozinha, uma demonstração anti-Stroessner em Assunção e, naturalmente, foi imediatamente expulsa do país. De lá para cá, já foi inviabilizada uma viagem de Stroessner à Alemanha, há uma campanha constante contra ele, apesar de ser o Paraguai o país de menor inflação da América do Sul, desde há muitos anos; há muita notícia sobre líderes de oposição, anteriormente expulsos, querendo forçar a volta ao Paraguai; enfim está se formando na imprensa uma onda de tamanha amplitude contra o homem, sempre muito amigo do Brasil, que durante sua recente visita foi vaiado em Brasília, por ocasião de sua chegada, por uma turma de brasileiros... Recomendo acompanhar o caso de Waldheim, pois não creio que essa imprensa, especialista em difamação, o largará facilmente.

POSIÇÃO GEOGRÁFICA DE PAÍSES EUROPEUS

Em 1914, início da 1.ª Guerra Mundial, a Polônia não existia como Estado, pertencia à Rússia! Era território russo!

A Alemanha, juntamente com a Áustria-Hungria, Turquia e Bulgária, lutou contra a Rússia, França, Grã-Bretanha, Itália, Sérvia, Romênia, Japão e Estados Unidos e outros países de menor expressão. Seu avanço e vitórias na frente russa foram bem acentuados, resultando num cessar fogo e no Tratado de Brest-Litovsk, assinado, pelo lado russo, pelos dirigentes comunistas, que haviam terminado com o regime tzarista, e os alemães. Por este Tratado, coube à Alemanha, como vencedora, os territórios russos que depois foram transformados em: *Polônia, a Ucrânia, a Finlândia, a Estônia, a Letônia e a Lituânia.* Este Tratado foi assinado no dia 3/3/1918, e o que foi feito com estes territórios será tratado logo adiante.

Com a assinatura deste Tratado, a Alemanha ficou livre em toda esta frente, para deslocar o grosso das tropas para reforçar

suas tropas na frente francesa e acabar com a guerra. Reforçados com mais 700.000 soldados, retirados da frente russa, começam uma ofensiva na frente francesa, que se encontrava praticamente na mesma posição do 1.º mês da guerra em 1914. A ofensiva iniciou no dia 21 de março e foi até 15 de julho de 1918, que marca o ponto culminante do avanço alemão, que chegou num ponto a menos de 100 km de Paris.

Os inimigos internos da Alemanha, vendo que o deslocamento dessas tropas inevitavelmente deveria trazer a vitória alemã, aumentavam a pressão e os boatos contra a guerra. Houve até greve em fábricas de munição. O vencedor da Rússia não devia ganhar. A produção alemã, já no ano de 1917, conforme mostrou Henry Ford, estava na maior parte sob o controle de financistas judeus. As repartições públicas também estavam repletas de inimigos. O soldado tinha que lutar enquanto a Pátria era subvertida.

No momento em que as divisões no front deveriam receber as instruções para a ofensiva final, estourou na Alemanha em guerra uma GREVE GERAL!!! É de se notar que os reabastecimentos já vinham funcionando bem precariamente, fato apenas superado pelo valor do soldado. O fato caiu como uma bomba. O mundo inteiro ficou estupefato! A moral dos soldados alemães naturalmente só podia baixar. Porque morrer se nosso povo não quer a guerra?...

Os países inimigos aproveitaram a oportunidade com todas as forças imagináveis, para animar e motivar os seus soldados, antes bastante apavorados. Podiam agora fazerem funcionar, com outro ânimo, as suas armas e ao invés de uma fuga em pânico, estabelecerem uma resistência cheia de esperanças, que acabou se transformando em contra-ofensivas.

Além da Greve Geral de civis na Alemanha, no começo de novembro de 1918, marinheiros vindos em caminhões incitavam o povo à Revolução. Fora provocada a ruína interna do País.

Os promotores deste infame golpe contra a Alemanha eram os que esperavam obter os mais elevados postos numa Alemanha revolucionária. Ver a distribuição de cargos no capítulo de Henry Ford.

Apesar das forças alemãs ainda se encontrarem em território inimigo, na França e na Bélgica, foi pedido o armistício em 9 de novembro, sendo assinado em 11 do mesmo mês, *sem deposição de armas,* mas DEPENDERIA DA MAGNANIMIDADE DO INIMIGO.

No dia 13 de novembro de 1918, com a abdicação do Impe-

rador Carlos I, a Áustria é transformada em República e por decisão do novo Governo SE ANEXA À ALEMANHA. Este ato não é aceito pelas potências aliadas. Levaria mais 20 anos para concretizar-se (1938).

Vamos agora examinar o que a Alemanha fez com os territórios que havia conquistado da Rússia e recebido conforme o Tratado Brest-Litovsk, em 3 de março de 1918:

POLÔNIA: Com a ofensiva alemã contra a Rússia, naturalmente os primeiros combates se situaram em territórios que durante longo período e até 1831 era território polonês. No dia 5 de novembro de 1916, o Governo alemão assumiu com Pilsudski, futuro marechal da Polônia, o compromisso de, em caso de vitória, criar um reino na Polônia, hereditário, constitucional e independente. Em 12 de setembro de 1917, a Alemanha autoriza a formação de um Conselho de Regência, de um Gabinete Ministerial e de um Conselho de Estado, cumprindo a promessa. No mesmo ano a Rússia revolucionária reconhece a Independência polonesa. **(Obs.: na 2.ª Guerra Mundial, quando a Alemanha invadiu parte da Polônia, Hitler imediatamente mandou instalar uma guarda de honra militar alemã, para guardar os restos mortais do Marechal Pilsudski, na cidade de Cracóvia, que havia governado a Polônia de 1926 até sua morte em Varsóvia em 1935, tendo mantido bom relacionamento com o Governo nacional-socialista).**

UCRÂNIA: Em 1917, *sob proteção alemã,* havia proclamado sua *República Independente.* Na guerra de 1920 entre a Polônia e a Rússia, a Ucrânia voltou a integrar a União Soviética, como República Socialista Soviética da Ucrânia.

FINLÂNDIA: Sob proteção alemã, em 1917, conseguiu a Independência do país. Após o Tratado Brest-Litvsk, houve uma guerra civil de curta duração, porém muito forte, nas quais as forças nacionalistas finlandesas, comandadas pelo Gen. Mannerheim, ajudadas pelas forças alemãs, derrotaram forças pró Rússia, confirmando assim sua Independência. Lutou ao lado dos alemães na última guerra.

ESTÔNIA: Desde 1721 era uma possessão russa. Em 1917, constituiu-se em Estado Autônomo, mas após a revolução russa foi ocupada pelas forças bolchevistas. Em fevereiro de 1918 foi ocupada pelas forças alemãs, conquistando sua Independência. Em 1944 foi incorporada novamente à União Soviética, sob o nome de República Socialista Soviética da Estônia.

LETÔNIA: Que também coube à Alemanha, pelo Tratado, também conseguiu sua Independência em 1918. Na esfera de

influência soviética o país foi ocupado em 1940, sendo a República Socialista Soviética da Letônia proclamada logo depois.

LITUÂNIA: Desde 1807 também pertencia à Rússia. Foi ocupada em 1915 pelos alemães, que em 1918 promoveram sua Independência. No dia 21 de julho de 1940 foi unida à U.R.S.S., sob o nome de República Socialista Soviética da Lituânia.

Resumindo, vimos que quando começou a guerra de 1914, não existiam no mapa europeu os seguintes países: Polônia, Ucrânia, Finlândia, Estônia, Letônia e Lituânia. Graças às vitórias alemãs, na frente leste e graças ao Tratado Brest-Litovsk, qualquer mapa europeu saído depois de 3/3/18, já podia apresentar os novos países, tornados independentes pela Alemanha vencedora. A Alemanha não quis nada das enormes extensões de terras que havia dominado!

Vejamos a posição dos exércitos alemães na frente belga e francesa, no dia 11 de novembro de 1918.

As forças alemãs, no dia do armistício, dominavam toda a Holanda, 90% de toda Bélgica e vasta faixa do território francês. Nunca houve batalhas em território alemão. O exército alemão, com todo seu armamento, abandonou as terras que havia conquistado no campo de batalha, e voltou à sua Pátria, internamente revoltada.

COLÔNIAS: Enquanto os alemães dominavam todo o campo de batalha na Europa, os ingleses principalmente, se mostravam MUITO VALENTES, desde o começo, na conquista das diversas colônias alemãs na África, onde a Alemanha mantinha, praticamente, só um corpo de soldados para auxiliar sua administração. Conquistaram facilmente todas, menos a África Oriental Alemã, posteriormente chamada de Tanganica, a hoje Tanzânia, onde "quebraram a cara", pois um Tenente-Coronel chamado Paul von Lettow Vorbeck, comandando um "exército" de 155 (cento e cinqüenta e cinco) alemães, resolveu enfrentar os ingleses que invadiram esta colônia... Começou a dar treinamento militar a africanos fiéis, que chegaram ao número máximo de 4.168 homens, quase no fim da guerra. Sua tática era de atacar as forças inglesas em total surpresa e visando conquistar o maior número de armas e munição do inimigo, pois nem havia reabastecimento para este corpo de soldados, que nunca perdeu uma batalha durante toda a guerra, apesar de ser perseguido por todo o território pelos ingleses que contaram com uma força de mais de 33.000 homens, sendo 1.193 oficiais e 1.497 graduados. Esta tropa alemã infringiu as maiores perdas

aos ingleses e lutou até meados de novembro de 1918, quando chegou a notícia do armistício na Europa. Paul von Lettow Vorbeck, voltou com seus homens à Alemanha, levando seu armamento.

O TRATADO DE VERSALHES:

Vimos no item 7, do capítulo "Henry Ford 1920", a delegação que foi representar a Alemanha, na Conferência de Paz - Tratado de Versalhes, que aplicou, entre outras menores, as seguintes sentenças:

1.º) Pagar reparações de guerra, num total de 90.000.000.000,00 (Noventa bilhões de marcos ouro).

2.º) Destruição de todo armamento e equipamento de guerra, terrestre, naval ou aéreo, destruição esta a ser supervisionada pelos aliados.

3.º) Perda dos seguintes Territórios:

TOGO - Reública do: no golfo da Guiné, África, com 56.600 km² de superfície. O milho, o arroz, a mandioca e a batata doce são suas principais culturas. Criação de gado e pesca completam os produtos alimentícios. Produz também amendoim, cacau, algodão, palmeiras oleaginosas e café. O sub-solo contém jazidas de ferro, bauxita e principalmente fosfatos. FOI REPARTIDA EM DUAS ZONAS, A OCIDENTAL À GRÃ-BRETANHA E O LADO ORIENTAL PARA A FRANÇA!

CAMARÕES - República Unida dos: Ex-Kamerun, também no golfo da Guiné com 474.000 km² de superfície, produz mandioca, inhame, batata doce, cacau, café, bananas, seringueiras, palmeiras, oleíferas, amendoim, algodão e criação de bovinos. É rica em múltiplos recursos minerais como cassiterita, rutilo, gás natural e petróleo. FOI ENTREGUE À FRANÇA, COM EXCEÇÃO DE UMA NESGA AO LADO DA NEGRÍCIA, ENTREGUE À GRÃ-BRETANHA!

TANZÂNIA: Então denominada Ostafrica - África Oriental Alemã e posteriormente chamada de Tanganika, com superfície de 938.043 km², possui grandes plantações de milho e sorgo. É grande criadora de bovinos, ovinos e caprinos. Possui a maior produção mundial de cravo-da-Índia, é também o maior produtor mundial de sisal. Produz ainda café, algodão, chá, tabaco e amendoim. Possui jazidas de ouro, chumbo, estanho, carvão e diamantes. FOI ENTREGUE À GRÃ-BRETANHA!

RUANDA - BURUNDI - República de: Com 26.338 km², ao sul de Uganda, se dedica ao cultivo de café, mandioca, algodão e

à pesca nos lagos Kivu e Tanganica. Possui jazidas de estanho e ouro. FOI ENTREGUE À BÉLGICA!

NAMÍBIA: Ex-África Ocidental Alemã, Deutsch-Südwest-África, com 822.876 km², além de grandes criações de gado, tem grandes minas de cobre e diamantes. PASSOU À UNIÃO SUL-AFRICANA, NA ÉPOCA DE DEPENDÊNCIA BRITÂNICA!

MARIANAS - Ilhas de: Arquipélago da Micronésia, no Oceano Pacífico, com 401 km² de superfície. Possui culturas de arroz e côco. FORAM ENTREGUES AO JAPÃO, que também havia declarado guerra à Alemanha. Hoje são "administradas" pelos E.U.A.

CAROLINAS - Ilhas: Também do arquipélago da Micronésia, com 862 km², de superfície. Colheitas de copra. FORAM ENTREGUES AO JAPÃO, hoje são "administradas" pelos E.U.A., que expulsou os colonos japoneses no período de 1944/45.

KIAO-TCHEOU: Cidade portuária na Costa da China, às margens de uma baía ao sul da península de Chan-tong. Arrendado à Alemanha em 1898, foi ocupado pelo Japão em 1914 e posteriormente devolvido à China.

SAMÔA OCIDENTAL: Arquipélago do Pacífico, com 2.927 km² de superfície, produtor de cacau, côco, bananas, etc. FOI ENTREGUE À NOVA ZELÂNDIA, LIGADA À GRÃ-BRETANHA!

BISMARK - Arquipélago de: a NE da Nova Guiné, com 53.000 km², de superfície. FOI ENTREGUE À AUSTRÁLIA, LIGADA AO IMPÉRIO BRITÂNICO!

NAURA - Ilha de: No Pacífico, a 50 Km da linha do Equador, com apenas 21 km² de superfície. Possui ricos depósitos de fosfatos, cuja exploração gera uma renda per capita das mais elevadas do mundo. PASSOU À GRÃ-BRETANHA!

ALSÁCIA-LORENA: Com 14.552 km² de superfície, rica região produtora de trigo, beterraba, batata, fumo, lúpulo, plantas destinadas a forragem, fruticultura, vinhedos, além de indústrias químicas, mecânicas e de material elétrico. FOI ANEXADO À FRANÇA!

POSNÂNIA: Antiga província prussiana com 28.993 km². FOI ENTREGUE À POLÔNIA!

PRÚSSIA OCIDENTAL: Com superfície de 25.556 km². FOI ENTREGUE À POLÔNIA!

ALTA SILÉCIA: Com superfície de 13.230 km². FOI ENTREGUE À POLÔNIA!

Curiosidade: A Dinamarca que nem havia estado em guerra contra a Alemanha, nem contra ninguém, recebeu uma parte de

terras do Estado alemão de Schleswig - Holstein... Resumindo, temos o seguinte mapa, indicando quem recebeu o que:

Grã-Bretanha e seu domínio:	**França:**	**Bélgica:**	**Japão:**	**Polônia:**
50% de Togo	50% de Togo	Ruanda-Burundi	Marianas	Alta Silécia
10% de Camarões	Camarões 90%		Carolinas	Posnânia
Tanzânia	Alsácia-Lorena		Kiao-Tcheou	Prússia Ocidental
Namíbia				
Samôa Ocidental				
Bismark				
Naura				

A Alemanha, vencedora na frente russa-tzarista, que não pegou, em benefício próprio, nenhum palmo da vasta área conquistada, pelo contrário, ajudando para a criação, formação e independência de 6 novos países (Polônia, Ucrânia, Letônia, Estônia, Lituânia e Finlândia), esta Alemanha, cujas forças, por ocasião do armistício se encontravam em território holandês, belga, luxemburguês e francês, recebeu como "magnanimidade" dos inimigos internos e externos, a *redução do seu território de 2.915.068 km² para 540.000 km².*

O Tratado foi assinado em Versalhes no dia 28.6.1919. Importante assinalar que o Tratado foi tão cruel e expoliativo contra a Alemanha, que o Senado dos Estados Unidos rejeitou o Tratado, por indecência, em sessão realizada no dia 20/11/1919... **(!!!) (não confundir o Senado americano daquela época com o atual!)**

Deve-se observar também o fato da Polônia, que há poucos meses tinha sido recriada graças à própria Alemanha, também ter sido beneficiada com 3 importantes áreas de terras, todas densamente povoadas por alemães. Com a entrega da Prússia Ocidental à Polônia, a Prússia Oriental e a Cidade de Dantzig ficaram completamente separadas da Alemanha, com acesso apenas pelo mar... *Dois dias depois de assinado o Tratado de Versalhes, um deputado francês denunciou que haviam sido criados motivos para uma próxima Guerra...* Na realidade não era necessário ser nenhum sábio para prevê-la!

Havia-se concretizado a maior expoliação de todo Século. A Alemanha, agora 1919, com seus 67.000.000 de habitantes para alimentar, dispunha de apenas 1/6 do território anterior, e, além de outras cláusulas vexatórias sobre armamentos e forças armadas, tinha que pagar 90 bilhões de marcos ouro, a título de reparações de guerra. TINHA SIDO ARMADO O PALCO PARA O SURGIMENTO DE UM MOVIMENTO NACIONALISTA ALEMÃO!!!

O PARTIDO NACIONAL SOCIALISTA DO TRABALHADOR ALEMÃO

No mês de setembro de 1919, em Munich, Anton Drexler, um ajustador mecânico das oficinas de manutenção das ferrovias alemãs, com mais cinco amigos, fundaram o Partido do Trabalhador Alemão. Neste mesmo mês Adolf Hitler foi convidado para assistir a uma reunião deste "Partido", numa das salas de uma modesta cervejaria chamada "Sternecker Bräu". Haviam umas 20 pessoas na reunião, na qual usaram da palavra vários oradores, entre os quais Hitler, que no final da reunião recebeu um convite para filiar-se. Após 2 dias de meditação convenceu-se de que deveria dar o passo. No livro "Minha Luta" ele escreveu: "Foi essa a decisão de maiores conseqüências em toda a minha vida. Não havia e não podia haver um recuo. Aceitei a minha inclusão como sócio do Partido do Trabalhador Alemão e recebi um cartão provisório de sócio, com o número sete". Havia em Caixa no Partido o valor de 7,50 marcos...

Em pouco tempo Hitler assumiu o comando do Partido, alterou o nome do Partido para Partido Nacional-Socialista do Trabalhador Alemão, introduziu a bandeira suástica, com o símbolo de uma cruz gamada, que em sânscrito significa VIDA FELIZ, que oficialmente depois passou a ser uma das bandeiras da Alemanha.

Em 24 de fevereiro de 1920, dentro do salão de festas do Hofbräuhaus", uma grande cervejaria de Munich, teve lugar a primeira manifestação pública em massa, do novo movimento, reunindo quase 2000 pessoas, ocasião em que foram apresentadas e jubilosamente aprovadas, ponto por ponto, as 22 teses do programa do novo Partido, das quais podem se destacar as seguintes:

— Não existe mais que uma doutrina política, a de nacionalidade e Pátria;

— O Estado é um recipiente, o povo é o conteúdo. O Estado somente tem razão de existir quando cuida e protege o conteúdo.

— Povos de um mesmo sangue correspondem a uma pátria comum. O direito humano prima sobre o direito político. Quem não está disposto a lutar por sua existência ou não se sente capaz de fazê-lo, é porque já está predestinado a desaparecer, e isso pela eterna justiça da Providência. O mundo não foi feito para os povos covardes.

— Podem cortar-se as liberdades sempre que o cidadão reconheça nessas medidas uma finalidade para a grandeza nacional.

— O operário da Alemanha deve ser incorporado no seio do povo alemão. A missão do nosso movimento nesta ordem, consiste em arrancar o operário alemão da utopia do internacionalismo, libertá-lo de sua miséria social e tirá-lo do triste meio cultural no qual vive.

— A exaltação de um grupo social não se logra por baixar o nível dos superiores, mas pelo aumento dos inferiores. O operário atenta contra a pátria ao fazer exigências exageradas, do mesmo modo não atenta menos, contra a comunidade, o patrão, que por meios sub-humanos e de exploração egoísta, abusa das forças nacionais do trabalho, enchendo-se de milhões à custa do suor do operário.

— Estabelecer melhores condições para nosso desenvolvimento. Anulação dos depravados incorrigíveis. No teatro e no cinema, mediante literatura obscena e publicações imundas **(há 66 anos atrás...)** se introduz no povo, dia a dia, veneno aos borbotões. O problema da nacionalização de um povo consiste, em primeiro plano, em criar condições sociais sadias.

— Supressão da influência estrangeira na imprensa. Aquilo que denominamos de "opinião pública", é o resultado da idéia que o indivíduo se faz das coisas através de uma "informação pública" persistente e tenaz.

— Assim como a instrução é obrigatória, a conservação do bem-estar físico deve sê-lo também.

— Os homens não devem preocupar-se tanto na seleção de cães, gatos e cavalos, mas sim para levantar o nível racial do homem mesmo. Não deve dar-se a qualquer degenerado a possibilidade de multiplicar-se.

— O matrimônio deverá fazer-se possível com uma idade mais jovem e terão de criar-se os meios econômicos necessários para que uma numerosa prole não seja motivo de desventura para o casal.

— A mistura de sangue estranho é nociva à nacionalidade. O primeiro resultado desfavorável disso se manifesta com o super-individualismo de muitos.

— Quem ama sua Pátria prova este amor somente mediante o sacrifício que por ela está disposto a fazer. Um patriotismo que não aspira mais que o benefício próprio não é patriotismo. Os "vivas" nada provam. Somente se pode ter orgulho do seu povo, quando não se tenha que ter vergonha de nenhuma das suas

classes sociais. Mas quando uma metade desse povo vive em condições miseráveis e inclusive se depravou, o quadro é tão triste que não há a mínima razão para sentir orgulho. As forças que criam e sustentam um Estado são o espírito e a vontade de sacrifício do indivíduo em favor da coletividade.

— Lutar contra a orientação perniciosa na arte e na literatura.

Os comícios foram aumentando e aumentando os filiados ao Partido. Para assegurar a boa ordem nos comícios, pois os partidos adversários tentavam perturbar ou mesmo acabá-los, organizaram uma força de repressão, que conseguia se impôr. Atacava-se não apenas os problemas existentes dentro da Alemanha, mas também os judeus, atacados por terem traído a Alemanha. O Nacional-Socialismo atacava também o comunismo russo.

Acontece que, da mesma forma como tinha acontecido na Alemanha em 1918, os judeus tinham assumido os cargos chaves mais importantes por ocasião da derrubada do tzarismo em 1917, senão vejamos o que escreve Henry Ford, no seu "Judeu Internacional", pgs. 212/17: "O verdadeiro nome de Kerensky é Adler, sendo seu pai judeu e sua mãe judia. Morto o pai, a mãe tornou à casa com um russo chamado Kerensky, cujo nome o estadista e advogado adotou".

"Mas Lenine, dizem os porta-vozes judaicos, "Lenine o chefe principal e o cérebro de todo o movimento, Lenine não era judeu". "Será possível, mas porque educa seus filhos no argot judaico? Porque escreve seus manifestos em dialeto judaico? Porque suprimiu o domingo cristão, instituindo a festa do sábado mosaico? A explicação de tudo pode achar-se no fato de ter casado com uma hebréia".

"Ninguém até agora pôs em dúvida a nacionalidade de Trotzky, que é judeu, e cujo verdadeiro nome é Braunstein".

"O bolchevismo não é nada mais nem nada menos do que a realização do programa internacional contido nos "Protocolos Sionistas, tal como este há de realizar-se em todos os países por uma minoria radical. Os acontecimentos na Rússia representam o ensaio geral".

O leitor não deve esquecer que este livro de H. Ford foi escrito no começo de 1920, refletindo a situação da época, que nada tem a ver com o comunismo de após a 2.ª Guerra Mundial, e muito menos de épocas ainda mais recentes, bastando para isso apenas fazer o levantamento de quantas embaixadas de países comunistas existem em Jerusalém, em 1986...

Continuando com Henry Ford: "Prova estatística do predomínio judaico na Rússia Vermelha:

Cargos	Membros totais	Membros Judaicos	Porcentagem Judaica
Conselhos de Comissários populares	22	17	77%
Comissão de Guerra	43	33	77%
Comissariado Assuntos Exteriores	16	13	81%
Comissariado de Fazenda	30	24	80%
Comissariado de Graça e Justiça	21	20	95%
Comissariado Instrução Pública	53	42	79%
Comissariado Socorros Sociais	6	6	100%
Comissariado de Trabalho	8	7	88%
Delegados da Cruz Vermelha	8	8	100%
Comissários de Província	23	21	91%
Jornalistas	41	41	100%

Tenha-se presente o que os Protocolos dizem a respeito do domínio da Imprensa, recordam-se do que o Barão de Montefiore disse nesse sentido, e julgue-se depois o significado desses 100% de jornalistas oficiais do governo bolchevista. Somente penas judaicas fazem a propaganda da Rússia bolchevista".

"O Dr. Jorge A. Simons, sacerdote cristão de comunidade religiosa em Petrogrado (Leningrado hoje) declarou que centenas de agitadores saídos dos bairros baixos do oeste de Nova York, encontraram-se com o séquito de Trotzky... para muitos de nós foi surpresa o elemento marcadamente judeu dessa massa, e comprovou-se depois que mais da metade de todos esses agitadores do chamado movimento soviético eram judeus". "William Huntington, adido comercial da embaixada americana em Petrogrado, declarou que na Rússia todo o mundo sabe que três quartas partes dos chefes bolchevitas são judeus".

"Na revista "Aften", de fevereiro-março de 1920, publicaram um artigo que, entre outros importantes detalhes, contém a seguinte narração: "Em todas as instituições bolchevistas os chefes são judeus. O comissário do Ensino Elementar, chamado Grünberg, mal sabe falar o russo. Os judeus tudo conseguem e tudo alcançam. Sabem obter submissão absoluta e mantê-la, porém se mostram altivos e coléricos para com todo o mundo, o que subleva o povo contra eles..."

Era esse, pois, o motivo básico dos ataques do nacional-socialismo contra a União Soviética.

O partido progredia. O nacional-socialismo não foi imposto a ninguém, ele surgiu num momento em que a Alemanha era vendida como um saldo de mercadoria, como única salvação da nação, contra os exploradores, especuladores e o capital opressor. O povo já não acreditava mais nos ativistas de extrema direita,

nem nos comunistas, pelo seu envolvimento, no final da guerra. Seus comícios assustavam e escandalizavam os burgueses.

Para depreciar o movimento nacional-socialista e tentar deturpar seu cunho totalmente popularista, a imprensa, ainda hoje, cita que os capitalistas financiaram a ascensão de Hitler. É citado então o caso de Fritz Thiessen, do grupo siderúrgico Thiessen, como financiador. Deve porém ser lembrado que este senhor não se deu bem com quem financiou, pois já em 1938, fugiu para a França, onde foi preso anos mais tarde e transferido, em companhia de sua esposa, para o Campo de Concentração de Dachau, onde ficou até o fim da 2.ª Guerra Mundial, em companhia de outras celebridades, assunto que será tratado adiante.

Para confirmar o caráter totalmente popular do partido nacional-socialista, vale registrar as seguintes palavras de Hitler a respeito: "Quero proclamar daqui, de que se foi possível realizar finalmente nossa revolução, sem armas, e fazer, em poucos anos, de uma nação arruinada, a primeira da Europa, foi em primeiro lugar graças aos operários e aos camponeses alemães. Os burgueses, pequenos e grandes, se uniram em torno de nossa bandeira quando mais de 10 milhões de trabalhadores já haviam votado em nós".

"Sempre preferí cem vezes um comunista a um desses burgueses hipócritas, egoístas, unicamente preocupados por defender seu dinheiro. Um comunista combate; é possível convencê-lo. Um burguês é antes de tudo um ser firmemente convencido da onipotência do dinheiro. Não é outra sua doutrina. Por isso, todo movimento burguês ou aburguesado está destinado ao fracasso, qualquer que seja a linguagem empregada por seu chefe. Por isso os partidos burgueses são verdadeiros partidos da desordem. Não podemos fazer outra coisa que desprezar a covardia dos burgueses".

É conhecido que os grandes industriais e homens de negócios, em todo o mundo chamado livre, contribuem para vários partidos políticos, para sempre ficarem bem... também não faltariam no caso do nacional-socialismo!

Nas eleições de 1928 o partido obteve 810.000 votos, que correspondiam a 12 deputados eleitos para o Parlamento (Reichstag). Em 1929 aconteceu o estouro da Bolsa de Nova York, que também atingiu a Alemanha. Nem a moratória Hoover, que algum tempo depois suprimiu todas as dívidas e as reparações de guerra, não alcançaram maior êxito. Seguiram-se greves e manifestações de ruas.

O povo começou a compreender melhor o sentido do lema

do nacional-socialismo: Deutschland erwache! **(Alemanha, acorda!)** e nas eleições de 14 de setembro de 1930 o Partido já obteve 6.409.600 votos, elegendo 107 deputados, que entraram no Parlamento com a camisa parda do Partido. Em 10 de abril de 1932, Hitler apresentou-se para concorrer à Presidência da Alemanha, concorrendo contra o Marechal Hindenburg, o herói da batalha de Tannenberg contra os russos, e contra o líder comunista Thaelman. Venceu Hindenburg, com 19.359.633 votos, contra 13.418.051 de Hitler e 3.706.655 de Thaelman. Em 30 de janeiro de 1933 Hindenburg nomeou Hitler como Chanceler do Reich. Em 5 de março de 1933 nova eleição parlamentar deu aos nacional-socialistas 17.300.000 votos e 288 deputados no "Reichstag", isto é maioria absoluta! Os novos deputados aprovaram um projeto de plenos poderes para Hitler durante 4 anos, por 441 votos favoráveis contra 94 votos contrários, todos de social-democratas. O povo alemão deu 4 vezes de 1933 a 1938, uma adesão maciça à política preconizada por Hitler. Em 12 de novembro de 1933 a Nação votou contra Versalhes, ao decidir por 40.600.000 votos contra 2.100.000 a retirada do Reich da Sociedade das Nações.

Em 19 de agosto de 1934, se votou a unificação do Reich sob o mando do Führer **(Guia ou líder)**, simultaneamente para Presidente e Chanceler do Reich. Apesar da oposição dos monarquistas, que viam assim desaparecer as últimas oportunidades de uma restauração, a lei obteve 38.363.000 votos contra 4.294.000.

A denúncia do tratado de Locarno, se aprovou em março de 1936, por 44.412.000 votos contra 543.000.

Finalmente o plebiscito sobre a anexação da Áustria apresentou 48.751.000 votos a favor e 452.000 contra, em abril de 1938. Dos 4.300.177 eleitores inscritos na Áustria votaram 4.284.295 dos quais 4.273.884 votaram a favor da união à Alemanha, e apenas 9.852 contra e 559 votos anulados.

Durante os anos 30, Hitler fez uma revolução econômica e Política no Centro da Europa. Dentro da Alemanha ele acabou **com o desemprego e criou uma** nova espécie de prosperidade **em massa - tudo através** do novo clima de confiança nacional, conforme escreve John Lukacs, em "A última guerra européia". Fora da Alemanha, restaurou a tradicional preponderância alemã nos mercados dos países vizinhos a Leste e ao Sul. "A maior parte disto foi conseguido pelo método não ortodoxo, mas de senso comum, de nacionalizar o povo alemão, ao invés de nacionalizar as indústrias e de acentuar que a riqueza alemã dependia de sua

produção, não do ouro que a Alemanha possuísse". A produção alemã em série logo tornou-se superior à de qualquer outra grande nação européia, inclusive a Inglaterra - em quantidade de produção, distribuição e, quase sempre, até mesmo na qualidade. Exemplos: Em 1933 quando Hitler chegou ao poder, a Hungria exportava 11,1% e importava 19,6% da Alemanha; em 1938 se elevaram para 51% e 48% respectivamente. A Bulgária exportava e importava exatamente o mesmo percentual de 38% em 1933, que se elevou para 64% de exportação e 58% de importação em 1938. Na Iugoslávia estes percentuais são de 13% de importação da Alemanha em 1933 e de 50% em 1938. A Romênia importava 18% da Alemanha, passando a 49% em 1938. Esta preponderância alemã começou a estender-se até às nações que anteriormente pouco comércio mantinham com a Alemanha, como a Grécia, Noruega e Espanha. Em 1938 o volume de comércio e negócios que os gregos, tradicionalmente anglófilos, mantiveram com a Alemanha foi quase cinco vezes maior do que o mantido com a Inglaterra e quatorze vezes maior do que com a França. Isso acontecia em escala maior ou menor, com a maior parte dos países do mundo inteiro. As realizações de Hitler na década de 30 foram mais importantes que as de Bismark, principalmente considerando que conseguira isso para a Alemanha sem guerra. Em 1938, isso é 5 anos após os nacional-socialistas terem assumido o poder, a Alemanha estava unida e seu povo feliz. O povo trabalhava com alegria e disposição, produzindo materiais de excelentes qualidades, que eram exportados em troca de mercadorias para suprir seus 82.000.000 de habitantes. Considerando a inexistência de desempregados, o padrão de vida e bem-estar dos alemães, no período que vai de 1936 a 1939, foi tão alto, que nenhuma das grandes potências, hoje decorridos 50 anos, ainda conseguiu dar a seu povo. Se algum leitor tiver dúvidas a este respeito, deverá preparar-se para uma pesquisa bem difícil e complicada. Nos próprios Consulados alemães não se encontra um livro da época do nacional-nazismo, escritos de 1933 a 1945; existe o intuito de apagar tudo que foi escrito a favor do regime na época, só existindo livros da época anterior e posterior naturalmente. Claro que com isso querem nos proteger da coisa ruim... Isso me faz lembrar como agiram os governos tanto dos Estados Unidos da América, como o nosso próprio Brasil, que após o rompimento das relações diplomáticas com Cuba, proibiam os cidadãos de viajar a Cuba, também para protegê-los da coisa ruim... Quando deveriam agir justamente ao contrário, facilitar tudo para que

seus cidadãos todos tivessem a possibilidade de verificar pessoalmente o "inferno lá existente"...

A população judaica alemã em 1939, por haverem, de certa forma, se tornado indesejados desde o final da 1.ª Guerra Mundial, estava reduzida a 210.000 pessoas, ou sejam 0,25% de toda Alemanha; 290.000 haviam emigrado.

DECLARAÇÕES DE GUERRA

Vamos examinar agora como a imprensa sionista tratava a Alemanha. Em janeiro de 1934, (!) o líder sionista Wladimir Jabotinsky declarou ao jornal "Tatscha Retsch": "Nossos interesses judaicos exigem o definitivo extermínio da Alemanha, do povo alemão também, caso contrário é um perigo para nós, por isso é impossível permitir, que a Alemanha sob um governo contrário, se torne forte!!!"

Observem as expressões de extermínio e contra quem. Mas continuamos: Em 24.5.1934(!) o editor do "American Hebrew", de Nova York informou ao escritor norte-americano Mr. R.E. Edmondson, de Oregon: "Nós estamos agindo para levar uma guerra à Alemanha!!!"

No dia 16 de abril de 1936, (!) o jornal judaico "The Youngstown Jewish Times", de Ohio, U.S.A.: "Após a próxima guerra não existirá mais uma Alemanha. A um sinal a ser dado de Paris, a França e a Bélgica, assim como os povos da Tchecoslováquia, se movimentarão, para envolver o colosso alemão num mortal ataque. Eles separarão a Prússia e a Baviera e destruirão a vida nestes Estados".

No dia 30 de abril de 1937(!), o "American Hebrew": "Os povos devem chegar à necessária conclusão, de que a Alemanha nazista merece ser eliminada do seio da Família dos Povos!"

As ameaças e instigações contra a Alemanha, bem como a deformação, sobre o tratamento que os alemães dispensavam aos judeus, infestavam os jornais no mundo inteiro.

O Governo alemão, sentindo a pressão que se avolumava dia a dia, pela imprensa que inclusive sugeria o boicote à importação de mercadorias alemãs, mandou publicar em todo o mundo o seguinte Comunicado, publicado na "Revista do Globo", de Porto Alegre, no dia 22/8/1936:

"QUEM ROMPEU A PROMESSA DE DESARMAMENTO DE VERSALHES?

A Comissão de Desarmamento testemunhou a destruição da força guerreira alemã, composta de:

59.897	canhões e canos
6.007.000	espingardas
38.750.000	balas de metralhadoras
60.400.000	bota-fogos
358.515.000	de cartuchos
79.500	calibradores
1.072	lança-chamas
59	tanques
8.982	estações radiotelegráficas
2.199	pontões
8.230.350	sacos de equipamentos p/soldados
180	trenós para metralhadoras
11	carros de mato
174.000	máscaras contra gases
2.500	máquinas da Indústria de guerra
25.757	motores para aviões
26	grandes navios de guerra
19	cruzadores pequenos
83	navios torpedeiros
130.000	metralhadoras
243.937	canos de metralhadoras
16.550.000	granadas p/mão e espings.
491.000.000	munições p/espingardas
37.600.000	kg de pólvora
212.000	telefones
31	trens blindados
1.762	carros de observação
1.240	padarias de campanha
981,7	tons. equipamento p/soldados
7.300	revólveres
21	oficinas móveis
64.000	capacetes de aço
8.000	canos de espingardas
15.714	aviões de caça e bombard.
4	guarda costas couraçadas
4	cruzadores
21	navios escola e especiais
315	submarinos

combustíveis, veículos, refletores, aparelhos de pontaria, aparelhos de medidas acústicas e óticas, armas brancas, halls p/aviões, etc.''

Em continuação o Comunicado proclama que ''Em vista de

todos os países do mundo estarem se armando, contrário a Versalhes, também a Alemanha ia produzir seu armamento, não de ofensiva, mas para a defesa do seu povo e a paz internacional".

A Alemanha havia reagido às ameaças, avisando que voltaria a armar-se.

REPÚBLICA SOCIALISTA SOVIÉTICA JUDAICA DE BIROBIDJAN

Quantos leitores saberão de que se trata? Raríssimos! Em 1934 a União Soviética proclamou como Região Autônoma Judaica, uma rica região de terras, às margens do Rio Amur, fazendo limites com a Manchúria, e atendida pela ferrovia transiberiana. Era a primeira vez que o povo judeu podia realizar o seu maior sonho, ter sua Pátria, seu próprio Estado nacional. A nova República estava destinada aos judeus de qualquer parte do mundo. Bastava ser judeu para ter o direito de lá se estabelecer. Foi realizada uma campanha de âmbito mundial para que os judeus conhecessem e se instalassem no seu Lar, na sua Pátria. Havia todo o empenho do Governo soviético e de intelectuais judeus para habitar esta República, que poderia abrigar muitos milhões. Havia campanhas, em praticamente todos os países onde haviam comunidades judaicas, arrecadando dinheiro para este fim.

Em 1938 foi suspensa a imigração para Birobidjan, passando a estabelecerem-se grupos de outras nacionalidades, pois com todo esforço e empenho não vieram mais de 20.000 judeus, incluídos os judeus da União Soviética. Em 1959, de uma população total de 177.000 habitantes, somente haviam 14.000 judeus.

O sionismo havia recusado receber, sem guerra, uma terra fértil para abrigar todo seu povo, um Lar, uma Pátria, num local onde possivelmente nunca teria problemas, em troca do presente recebido da Grã-Bretanha, que lhes entregou o que de direito nem lhe pertencia: a Palestina. A grosso modo pode-se fazer a comparação dos Estados Unidos entregarem Porto Rico a alguma minoria, não desejada pelos porto-riquenhos. Se forem alegados motivos históricos, devemos temer, para o futuro, um ressurgimento, por exemplo da Macedônia, com seu povo querendo de volta as terras conquistadas por Alexandre. Ou os italianos quererem de volta as terras que possuiam no tempo de Júlio César.

Ter uma Sede Religiosa administrativa em Jerusalém, para controlar a religião judaica de todo mundo, assim como existe por exemplo, o catolicismo, com Sede em Roma, para orientar os

católicos de todo mundo, seria uma situação completamente normal, porém criar uma Nação à custa de outra, mesmo com toda cobertura do sionismo norte-americano, que ocupa postos chaves no Governo dos E.U.A. é querer confusão. Quem quisesse uma Pátria, poderia ter ido a Birobidjan. Acredito que escolheram mal. Quanto, aos não sionistas, no momento em que assumiram a nacionalidade dos países onde nasceram nunca mais terão problemas. Sempre houve problemas por não terem assumido "para valer".

NAZISMO E COMUNISMO

Desde os primeiros dias do Partido Nacional-Socialista, muitos dos seus membros tinham grande respeito ao comunismo, geralmente recíproco, pela sinceridade, o vigor e objetivos semelhantes aos seus. Os primeiros membros do Partido nazista vieram quase todos do Partido comunista. Anton Drexler, um dos fundadores do Partido achava que os ex-marxistas eram os melhores nazistas: Nicolai Tolstoy, no livro "A Guerra Secreta de Stalin", pgs. 98/99, escreve que "quanto mais dedicado à sua causa for o nazista, mais sólidos são seus elos espirituais com o marxismo soviético. Quisling, da Noruega, tinha sido originalmente muito favorável a experiência comunista na Rússia. O líder nacional-socialista cujas simpatias mais se aproximavam do bolchevismo era Goebbels. Sem dúvida tanto poderia ter sido marxista como nazista; desde a juventude demonstrava preferir o socialismo ao nacionalismo considerando o primeiro como a "rejeição final do mamonismo material e capitalista do Ocidente". Em 1925 registrou em seu diário o desejo de ir à Rússia, e sua crença de que era melhor "cair com o bolchevismo do que viver em eterna servidão capitalista", demonstrava grande admiração por Lênin. Lênin sacrificou Marx, mas em compensação deu liberdade à Rússia, explicava ele; "nenhum czar compreendeu o povo russo em sua profundidade, no seu sofrimento, nos seus instintos nacionais, como Lênin".

Continua Tolstoy: "A atitude de Hitler para com o bolchevismo era mais ambivalente, mas muito franca sobre o que o nacional-socialismo devia ao marxismo. Desde o começo da luta do partido, sempre demonstrou uma acentuada preferência por ex-marxistas para membros do seu partido. Com confiança compreensível, declarava em 1934: Não é a Alemanha que vai se tornar bolchevista, e sim o bolchevismo que se transformará em nacional-socialismo. (!) Além disso é maior o número de fatores que nos ligam ao bolchevismo do que os que nos separam. Há,

acima de tudo, um genuino sentimento revolucionário, vivo em toda a Rússia, EXCETO ENTRE OS JUDEUS MARXISTAS. Sempre levei em conta essa circunstância, e dei ordens para que os ex-comunistas fossem imediatamente admitidos no partido. O pequeno burguês social-democrata e o chefe do sindicato jamais poderão ser nacional-socialistas, mas os comunistas, sempre".

"Hitler tinha grande admiração e respeito por Stalin, em contraste com o desprezo que demonstrava por Roosevelt e Churchill. Stalin, afirmou ele, em 1942 quando já estava em guerra contra a União Soviética, merece nosso respeito incondicional. Ao seu modo é um homem e tanto... é metade animal, metade gigante. Essa simpatia dos nazistas por seus rivais ou equivalentes era recíproca, deliberadamente ou não. A não ser pelo anti-semitismo, o Partido Comunista Alemão pregava uma política muito parecida com a do nazismo. Seu programa era ditado pelo Kremlin, através do Komintern. Até o fim, o Partido Comunista fez soar os tambores do nacionalismo e lançou as massas contra Versalhes. Não esperavam suplantar os nazistas, mas serviram como valiosos orientadores e ajudaram a preparar os trabalhadores para a política anti-ocidentalista de Hitler. A força da Alemanha fascinava Stalin. Na Espanha, forças nacionalistas, apoiadas por alemães e italianos começavam a restaurar no poder os protegidos republicanos de Stalin".

"O filósofo marxista Ernst Nukisch pregava um programa, que consistia na combinação das idéias do marxismo com as idéias do nazismo. Um movimento "Nacional-bolchevista" que procuraria realizar essa união foi aprovado com simpatia por Geobbels e Karl Radek, o idiólogo soviético".

Em 1939 entre as semelhanças existentes nas duas ideologias, podem destacar-se, entre muitas outras:

— Tinham líderes populares;

— Eram anti-capitalistas;

— Davam todo apoio à juventude, à educação, saúde, cultura, esportes, às artes, à ciência e à tecnologia;

— Não permitiam a entrada de publicações pornográficas nos seus países;

— Não aceitavam ou reconheciam a instituição dos Prêmios Nobel;

— Seus Parlamentos tinham representantes das mais diversas classes;

— Seus Governos tinham o controle total e perfeito de tudo que era produzido, importado e exportado;

— Festejavam o 1.º de maio como data máxima do trabalhador com desfiles e manifestações populares;

— Estabilidade total dos preços.

É, pois, natural que fosse assinado em agosto de 1939, o tratado de não agressão e outro de intercâmbio comercial entre Alemanha e União Soviética.

Esta aliança frustrou em parte os planos capitalistas-sionistas, que visavam a Aliança Grã-Bretanha, França, União Soviética, que juntos aos Estados Unidos da América e à Polônia poderiam arrojar a Alemanha a seus pés!

"FASCISTAS" - "NAZISTAS" - "COMUNISTAS"

Temos aí 3 expressões, que graças à Imprensa Internacional, se transformaram em nomes destinados a designar uma espécie de Inimigo da Humanidade... Estas expressões são logicamente empregadas em larga escala no Mundo Ocidental. Estas 3 palavras foram tão difamadas pelos mais variados veículos de difusão, que se transformaram em palavras que se usa normalmente para ofender as pessoas, ou designar pessoas más... E veja-se, seguidamente pessoas de aparente boa instrução, contemplam outras com estes adjetivos, dificilmente acertados. Quem as aplica, em termo pejorativo, deve ter uma fobia contra regimes altamente populares, ou precisa consultar um pouco melhor a História, antes de aplicar qualquer uma das 3 expressões.

NOVEMBRO DE 1938 - ESCALADA CONTRA ALEMANHA

No dia 7 de novembro, às 9:00 horas da manhã, um jovem judeu polonês, chamado Herschell Grinszpan, que havia entrado clandestinamente na França e que acabava de receber uma ordem de expulsão, assassinou, em Paris, o Conselheiro da Embaixada Ernest von Rath, sobrinho do embaixador alemão Koerts. Houve em represália a depredação de vitrines e propriedades judaicas na Alemanha, conhecida como a "noite de cristal"; o Governo teve que intervir com toda energia para evitar maiores males. Hitler, no seu Diário **(declarado falso pelas autoridades alemãs... e sobre qual dedicarei um capítulo especial)**, condenou totalmente este ato, como desnecessário e altamente prejudicial à política que o Governo alemão vinha dedicando à questão judaica. No diário mostra preocupação pela má repercussão que isso deveria provocar no Exterior. Era uma espécie de repetição do drama de Sarajevo, de 28 de junho de 1914, quando assassi-

naram o arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do Império Austro-Húngaro, e que havia dado motivo para o início da primeira Guerra Mundial.

Vamos examinar o que foi publicado no "Correio do Povo", sobre acontecimentos importantes que se verificaram em seguida:

Dia 16/11/38: Na primeira página - "O Plano armamentista dos EE.UU. visa assegurar a defesa da América" - "Os Estados Unidos preparam-se afim de romper as relações diplomáticas com a Alemanha - Roosevelt fará esforços para conseguir que outras nações americanas sigam o exemplo - Os temores dos Estados Unidos: A visita do rei e da rainha da Inglaterra pôde trazer desafogo a muitos círculos oficiais que temem que a Inglaterra esteja pronta a entregar as colônias africanas à Alemanha, ou permitir que o Reich obtenha os territórios das costas africanas, fazendo face ao hemisfério ocidental de Portugal ou de outros países".

"Os planos do novo império colonial alemão - Serão apresentados a Hitler esta semana - Londres, 15 (Associated Press): O Daily Mail declara que o ministro da defesa sul-africano, Sr. Pirow, que partirá daqui amanhã para Berlim, levará um plano para Hitler, visando a criação de um novo império colonial alemão na África, em vez de restituir seus antigos territórios. As novas colônias consistiriam de porções do Camerun (República dos Camarões), francês, da Angola portuguesa e do Congo Belga. O jornal acima referido continua: As novas colônias ficariam juntas e, além de terem excelentes costas, teriam um hinterland rico e variado, escassamente habitado". O sr. Pirow argumentaria que as antigas colônias da Alemanha dariam mais trabalho do que valem (!), pois estão espalhadas, têm população mixta e estão financeiramente em bancarrota. O jornal afirma que se o preço de Hitler for razoável, a única tarefa que resta a Pirow seria persuadir a França, a Bélgica e Portugal".(...) Vamos analisar as notícias deste dia. A pretexto da "noite do cristal" na Alemanha, os Estados Unidos lançam um plano armamentista para toda América, baseados na doutrina Monroe, denominada "A América para os americanos" à qual os brasileiros muitos anos mais tarde, acrescentaram para os "americanos do Norte"... Se preparam para romper as relações diplomáticas com a Alemanha e que o resto da tropa siga seu exemplo, em resumo uma guerra comercial, para asfixiar a Alemanha. A Alemanha era naquela época o maior comprador e fornecedor do Brasil, com aproximadamente 60% do volume total.

A outra beleza de notícia é a preocupação da imprensa e do Governo Americano, quanto a uma possível devolução das colônias africanas aos seus donos, e pior ainda, que a Alemanha possa adquirir outras terras na África... Seria a glória então conseguir o boicote comercial total contra a Alemanha e deixar os 82.000.000 de alemães se virar dentro do pouco mais de 500.000 km², ou sejam o tamanho do Estado da Bahia...

A última pérola de notícia é a de Londres, da missão do Sr. Pirow junto à Hitler: A Grã-Bretanha e a África do Sul não querem restituir as antes ricas colônias que receberam pelo Tratado de Versalhes, por estarem em bancarrota... Querem oferecer à Alemanha algo que nem lhes pertence, são propriedades da França, Portugal e Bélgica... Mas dependendo da oferta de preços de Hitler, somente será necessário convencer esses países a efetuar a venda... Só como brincadeira!

Vamos ao "Correio do Povo" do dia 17/11/38:

Na primeira página o título: "A Argentina recusa-se a assumir qualquer compromisso sobre convênios militares entre os países do Continente". É a primeira e única Nação que se colocou contra o plano da quadrilha de Roosevelt.

Sobre o mesmo tema "A América para os americanos", também na primeira página: "O Brasil apóia o projeto do presidente Roosevelt" - em seguida no sub-título, vem aquilo que deixa a gente encabulada, quase meio século depois de ter acontecido: "O Presidente Yankee fez pela América o que Bismarck fez na Alemanha, declarou o embaixador brasileiro". E continua a notícia: "O embaixador brasileiro, Mario Pimentel Brandão, elogiou a declaração do Sr. Roosevelt sobre a necessidade da defesa do hemisfério ocidental, dizendo "julgo que hoje é um grande dia para o Brasil. Se o presidente Roosevelt necessitasse de qualquer outra qualidade para ser imortalizado, esta seria uma". O homem em poucas palavras deu uma de burro e outra de puxa-saco! Bismarck procurou unir o povo alemão, que falava alemão, de cultura alemã em torno de uma Alemanha unida; querer aplicar este fato às 3 Américas é uma brincadeira, pois isso somente serviu aos interesses do nortista vivo. Não deve ser esquecido, além de todas as interferências verificadas, nestes quase 50 anos, que nada de bom trouxeram para os irmãos do centro e do sul, a atitude dos Estados Unidos da América, no recente caso das Malvinas, quando seu auxílio à Inglaterra inviabilizou a permanência das forças argentinas, naquelas ilhas, que haviam reconquistado seu território.

Continua o "Correio do Povo" do dia 17/11/38: "A Ingla-

terra e a França recusaram-se oficialmente a restituir as colônias à Alemanha", é o título principal da primeira página. Segue: "Desferido o maior golpe nas aspirações coloniais da Alemanha - Os governos francês e inglês com a União Sul Africana recusaram-se, oficialmente, a devolver ao Reich os territórios sob seus mandatos". **(Apesar de estarem em bancarrota...)**

"O projetado auxílio aos judeus da Alemanha - prosseguem as negociações em Londres para colocar 20.000 famílias judaicas para a Guiana inglesa".

"Teve repercussão o plano de Roosevelt de defesa da América - Os EE.UU. projetam estabelecer uma base aérea na América Central - A Argentina fará oposição em Lima **(local da Conferência)** - Querem colocar o Reich no ostracismo (sic!)" E segue a notícia: "O Senador democrata M. M. Logan, de Kentucky, sugeriu que os EE.UU. e outras repúblicas americanas se aliem à Inglaterra, França e outras nações, para enviar a Alemanha ao ostracismo, a fim de forçar o fim das atividades anti-judaicas. Este parecer será o único meio de chamar um louco à razão".

"Um protesto formal dos Estados Unidos ao Reich": "Contra as violências sofridas pelas propriedades de norte-americanos (na "noite do cristal") - "A embaixada norte-americana enviou um protesto formal ao Ministério do Exterior contra as depredações de propriedades AMERICANAS durante as manifestações anti-semíticas. Foram fornecidos detalhes na nota enviada ao Ministério do Exterior, mas nada foi divulgado, em consideração aos interesses que possam ser prejudicados". Esta é uma notícia realmente nova, pois em nenhum livro que fala sobre a "noite do cristal", se fala em propriedades norte-americanas, devendo ser observado que a nota faz segredo sobre quais essas propriedades.

"O Imperialismo norte-americano - Como a imprensa italiana comenta o aumento da força aérea dos Estados Unidos - O plano de Roosevelt de aumentar a força aérea dos Estados Unidos é visto pela imprensa italiana como uma decisão de manter o imperialismo norte-americano com as armas. Um jornal que chamou Roosevelt de "o paladino do ghetto", noticia que a atitude PROVOCANTE para com a Alemanha foi agravada pela entrevista de ontem à imprensa. Há em Roma 3 casos pendentes de alguns judeus norte-americanos que foram obrigados a deixar a Itália dentro de 6 meses. Sabe-se que a embaixada está esperando a formação de uma comissão especial italiana, com o fim de considerar a possível expulsão dos judeus norte-americanos que estão na Itália".

Em página interna, deste mesmo jornal, sem nenhum destaque especial, tem a seguinte notícia: "Na maior competição econômica com a Alemanha - Será assinado hoje o acordo comercial anglo-norte-americano. Washington 16 (AP) Os Estados Unidos e Inglaterra aproximaram-se ainda mais, com a notícia da conclusão de um acordo de comércio recíproco, enquanto os Estados Unidos e Alemanha se afastam ainda mais. Os pactos comerciais serão assinados amanhã, na Casa Branca. O primeiro ministro Mackenzie King, do Canadá, virá aqui para assinar. O Sr. Cordell Hull, King e possivelmente o embaixador britânico Linday falarão após a cerimônia. Este é o 19.º acordo concluído pelo Sr. Hull e coloca sob os acordos comerciais cerca de 60% do comércio total dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo tem o efeito de EXCLUIR AINDA MAIS A ALEMANHA DO COMÉRCIO COM ESTE PAÍS. Calcula-se oficialmente que cerca de mil concessões tarifárias são feitas por ambas as partes. Como a Alemanha está na "lista negra" econômica dos Estados Unidos, pois discrimina contra o comércio estado-unidense, não tem direito às reduções tarifárias concedidas à Inglaterra e OUTRAS NAÇÕES. O novo pacto é considerado uma resposta ao desafio constituído pelas práticas comerciais da Alemanha, como as transações de troca. Não há confirmação dos rumores de que o embaixador alemão Hans Dieckhoff poderia receber ordens do seu governo para voltar a Berlim, como protesto contra a declaração de Roosevelt, de que o tratamento das minorias na Alemanha era uma coisa incrível na civilização do século XX". Estava decretado oficialmente o boicote às mercadorias alemãs.

O "Correio do Povo" do dia 19/11/38, deu a seguinte manchete na primeira página: "A Alemanha retirou o seu embaixador junto ao governo dos Estados Unidos" - continuando -"Agravou-se inesperadamente (?) a tensão entre a Alemanha e os Estados Unidos" - Tinha acontecido o que estava sendo comentado no dia anterior. A Alemanha estava sendo cada vez mais pressionada economicamente, por alegação de perseguições anti-semitas. Neste momento será interessante o leitor reler o capítulo "Viena 1986 e Berlim 1940", a entrevista de um judeu simples de Berlim, a um repórter brasileiro, portanto um contato direto, sobre as "perseguições" e sobre as "proteções" do exterior.

Uma coisa porém está bastante clara e faz a gente pensar o que o Brasil terá que enfrentar o dia que quiser se libertar política e economicamente do Capital opressor internacional.

"O Correio do Povo" do dia 11 de dezembro, tem como

manchete de primeira página: "Os pactos de defesa entre os países americanos encontram formal oposição da Argentina" - Continuando: "O chanceler Cantillo definiu a atitude da Argentina contra os pactos especiais. - O lema argentino: a América para a humanidade **(Não à América para os americanos...)** - A Argentina não se isolará do resto do mundo - O chanceler argentino Cantillo, declarou hoje à tarde perante a conferência, em Lima, que todas as nações americanas estão prontas a manter uma frente comum contra qualquer perigo, que de qualquer ponto possa ameaçar a independência e soberania de alguma delas, porém que não são necessários pactos especiais para este fim".

Vamos examinar uma vez quem era o governo do presidente Roosevelt, que tanto se ofendeu quando o governo alemão impôs uma multa de 1 bilhão de marcos à comunidade judaica, pelo assassinato do membro de sua embaixada, von Rath, em Paris. O historiador judeu Emil Ludwig admite **(no livro Vida de Roosevelt)**, que Franklin D. Roosevelt era descendente do israelita Claes Martensen, emigrado da Holanda para os EE.UU. em 1650, o que não significa ser ele próprio judeu.

Rodeavam-no, entre outros judeus, Bernard M. Baruch, inseparável conselheiro, Henry Morgenthau o secretário do Tesouro, o banqueiro James P. Warburg, Felix Frankfurter, Brandeis e Cardozo no Supremo Tribunal, Sol Bloom na comissão de Relações Estrangeiras da Câmara, Samuel Untermeyer da Federação Mundial Econômica Judia, Sam Rosenmann, o rabino Stefen Wise. Entre os chefes do movimento operário os líderes judeus Sidney Hilman, John L. Lewis, Ben Gold, Abraham Flexner, David Dubinski.

Vamos examinar o que o antes citado Samuel Untermeyer, presidente da Federação Mundial Econômica Judia declarou no dia 7 de agosto de 1933, 6 meses após o nacional-socialismo ter assumido o governo da Alemanha, conf. pgs. 102/103, do Livro "Derrota Mundial", de Salvador Borrego, mexicano: "Agradeço vossa entusiástica recepção, apesar de entender que ela não corresponde à minha pessoa, mas à "Guerra Santa" pela humanidade, que estamos levando a cabo. Se trata de uma guerra onde se deverá lutar SEM DESCANSO E SEM QUARTEL, até que se dispersem as nuvens da intolerância, ódio racial e fanatismo que cobrem o que foi uma vez a Alemanha e que agora é a Hitlerlândia. Nossa campanha consiste, em um de seus aspectos, no boicote contra todo seu comércio, navios e demais serviços alemães... O primeiro presidente Roosevelt, cuja visão e dotes de governo constituem a maravilha do mundo civilizado (...), o

está invocando para a realização de seu nobre conceito sobre o reajuste entre o capital e o trabalho". Este discurso foi feito em Nova York.

Somente após os boicotes iniciados pelos judeus em vários países, é que os nacional-socialistas fizeram uma campanha de um dia para que os alemães não comprassem nas casas comerciais de judeus na Alemanha, fato esse que foi muito noticiado e fotografado, para que o mundo visse como perseguem os judeus...

Trabalhava-se febrilmente para envolver e destruir a Alemanha em nova guerra!

OS PROBLEMAS COM A POLÔNIA

O nacional-socialismo, sem nenhum tiro, tinha reunido o povo alemão do Sarre, da Áustria, da Boêmia e Morávia, dos Sudetos e de Memel, antes desmembrados, agora dentro da Alemanha. Pelo tratado de Versalhes a Polônia recebeu, às custas da Alemanha, uma faixa de terras, para ter acesso ao mar Báltico, porém com isso a Prússia ficou isolada da Alemanha e a cidade de Dantzig, totalmente alemã, foi declarada cidade livre, sob administração polonesa.

A Alemanha achava certo a Polônia ter uma saída marítima, porém reivindicava um corredor rodo-ferroviário que a ligasse a Dantzig, e a província da Prússia.

Vamos ler o que escreve a respeito Salvador Borrego, no "Derrota Mundial", pgs. 141/142: "O movimento político judeu, decidiu firmemente converter este obstáculo em causa para desencadear a guerra contra a Alemanha, pois a Polônia tinha tratados militares de ajuda mútua com a Inglaterra e com a França!"

"Mediante propaganda, agitação e influências secretas, a opinião pública polonesa foi desorientada e se induziu à desordem, como a forma mais segura de evitar todas as possibilidades de um acordo pacífico entre Polônia e Alemanha. No dia 3/5/39 houve um desfile polaco, durante o qual a turba gritava: "À Dantzig e Berlim...!" Se espalhou a versão de que as tropas alemãs estavam mal alimentadas e que não resistiriam".

"A população alemã anexada à Polônia em 1919, sofreu SANGRENTA HOSTILIDADE em 1939. No dia 21 de agosto desse ano o número de fugitivos que cruzaram a fronteira germano-polonesa, chegava a 70.000. Segundo posteriormente se pôde estabelecer, 12.857 cadáveres de alemães foram identificados como vítimas da perseguição, enquanto havia mais

45.000 alemães desaparecidos. Representantes de agências informativas internacionais como Mr. Oechsner da UNITED PRESS, foram convidados pela Alemanha para que testemunhassem esses fatos!!! A provocação desses acontecimentos deu os nefastos frutos que dele se esperavam".

As negociações da Alemanha com a Polônia foram interrompidas em julho, quando a Polônia se mobilizou contra a Alemanha. No dia 28 de agosto a Inglaterra aconselhou que a Alemanha reiniciasse as negociações interrompidas em julho. Hitler explicou que estava com a melhor intenção de aceitar a mediação inglesa: "O governo do Reich queria dar com isso ao Governo de Sua Majestade Britânica e ao povo inglês uma prova de sua sinceridade do propósito alemão de chegar a uma amizade duradoura com a Grã-Bretanha. Nessas condições está de acordo em aceitar a proposta de mediação do Governo de S. Majestade para enviar a Berlim uma personalidade polaca que tenha plenos poderes. Espera que dita personalidade chegue até o dia 30 de agosto de 1939".

"Porém no dia 30 de agosto às 4:30 horas da tarde ao invés do negociador pacífico, chegou a notícia de que o Governo polonês havia decretado a mobilização geral. Neste meio tempo também a Inglaterra voltou atrás e informou que não podia recomendar o envio de um representante. Hitler entregou então ao embaixador britânico, Henderson, as preposições para a construção de uma rodovia e uma ferrovia que unisse a Prússia à Alemanha, através do território alemão que havia sido anexado à Polônia".

"Às 6:30 horas da tarde do dia 31 de agosto de 1939, o embaixador polonês se apresentou na chancelaria do Reich, porém sem poderes para negociar. Às 9:00 horas da noite a Alemanha comunicou a Inglaterra que a mediação britânica do dia 28, havia sido aceita, que a Alemanha havia esperado um plenipotenciário, mas que este não havia chegado. Em conseqüência, considerava que também nesta ocasião havia sido praticamente rechaçados os propósitos para um acerto pacífico".

"Às 23:00 horas deste mesmo dia 31 de agosto a rádio polaca anunciava: "A resposta foram as disposições militares tomadas pelo governo polaco"!

"O historiador britânico capitão Liddell Hart afirma que a promessa de ajuda militar à Polônia foi imoral, porque era impossível cumpri-la. Se os polacos - diz - se houvessem dado conta da impossibilidade militar da Inglaterra e da França para salvá-la da

derrota, é provável que não tivessem apresentado tanta resistência às originais e moderadas solicitações de Hitler, Dantzig e o corredor polonês".

As declarações do marechal polonês Rydz-Smigly, dos estadistas de Varsóvia, e Lukasiewicz, embaixador da Polônia em Paris, podem resumir-se no seguinte: "Que os franceses se ocupem dos italianos e nós nos encarregaremos dos alemães. Dentro de um mês o exército polaco desfilará em Berlim, passando por baixo da Porta de Brandenburgo".

Como já havia acontecido anteriormente, em outros pontos da divisa alemã-polaca, na madrugada do dia 1.º de setembro houve um ataque a uma estação telegráfica em Gleiwitz, na alta Silécia, mas que desta vez foi respondida. Vejamos o que aconteceu após este ataque.

Relato da sessão do Parlamento, em que Hitler anunciou a invasão da Polônia pelas tropas alemãs **(Segundo o Paris-Soir)**

Berlim, 1.º de setembro de 1939.

As ruas de ligação da Wilhelmstrasse à Opera-Kroll estão vedadas a toda a circulação. Desde as 9 horas da manhã que os agentes de polícia não deixam passar senão as pessoas munidas de cartões de entrada no Parlamento.

Sobre os passeios, formações das S.A. fazem barreira. Diante da Opera-Kroll, um destacamento de S.A. em uniforme cinzento, igual ao do exército, está postado para prestar as honras ao Führer à sua chegada ao Reichstag.

O desfile das viaturas dos membros do corpo diplomático e dos deputados do Reichstag começou cerca das 8:30 horas. Entre os diplomatas, nota-se o Sr. Attolico, embaixador da Itália e o ministro da Bulgária, que foram os primeiros a chegar.

O público assiste com curiosidade, mas sem se manifestar, à chegada do ministro Sr. Von Neurath, do General Keitel, Chefe do comando supremo do exército, do Sr. Goebbels, Ministro da Propaganda, que veste o uniforme do Partido, do Dr. Ley, chefe da frente do trabalho, que guia, em pessoa, a sua pequena viatura de tipo popular (Volkswagen).

Chegada do "Führer".

O Führer-Chanceler chegou ao Parlamento, acompanhado do Marechal Goering, Presidente do mesmo, às 10:07 horas no meio das aclamações da multidão.

Na sala das sessões, tomaram lugar os deputados. Estão ausentes numerosos deputados, POR TEREM SIDO MOBILIZADOS!

O Marechal anuncia a abertura da Sessão. O Führer dirige-se imediatamente para a tribuna e começa sua declaração.

O discurso:

Não me foi possível convocar-vos esta manhã, pelas 3:00 horas. Graças a uma organização modelar, os Srs. puderam responder à convocação em grande número. Há mais de 100 ausentes aqui. Estão onde é o seu lugar, junto ao exército. Cumprirão aí o seu dever.

Há meses que todos vimos sofrendo, sob o pesadelo de um problema criado por Versalhes e que se nos havia tornado insuportável. Dantzig e o corredor foram e são alemães. Dantzig foi separada de nós. O corredor, anexado pela Polônia, mas as minorias alemãs foram maltratadas da maneira mais dolorosa.

Como sempre, procurei criar aqui também uma mudança por meio de propostas visando uma revisão pacífica. É mentira a afirmação no estrangeiro de que nós tentamos fazer valer as nossas reivindicações revisionistas com o único fim de fazer pressão sobre o mundo.

O chanceler recorda as suas propostas anteriores para a limitação dos armamentos, para o restabelecimento da soberania do Reich. Tudo isto foi baldado. É impossível exigir de nós revisões pacíficas, quando no-las recusam com persistência.

Para nós, os alemães, o ditado de Versalhes não tem força de lei. Não se pode dizer que a nossa revisão desse ditado viole a lei. Não pode extorquir-se a nossa assinatura, com o revólver apontado, e afirmar-se depois que o documento assinado constitui uma lei solene.

Dantzig e o corredor exigiram uma solução.

Recusa das propostas feitas pelo Führer.

A tal respeito troquei os meus pontos de vista com os homens do Estado polaco. Nada há de mais leal, de mais modesto que as minhas propostas de então e sustento à face do mundo: sou o único homem que possa fazer tais propostas. Estas propostas foram declinadas. Responderam-lhes com a mobilização, com o terrorismo, etc. A Polônia encarniçou-se na sua luta contra a cidade livre de Dantzig. Não pensou em cumprir os seus compromissos para com as minorias étnicas que vivem em seu território.

A Alemanha, essa, cumpriu os seus compromissos. Que se levante um francês e venha dizer que os 100.000 franceses do Sarre são oprimidos por nós.

Há 3 semanas fiz saber ao embaixador da Polônia que, se

adotassem novas medidas contra os alemães ou se tentassem aniquilar Dantzig por medidas aduaneiras, não mais a Alemanha poderia assistir a isso sem atuar.

Não há potência, com sentimento da honra, que tolerasse situações semelhantes. Tentei uma última vez aceitar uma proposta de mediação do governo britânico para entrar em conversações diretas com a Polônia. Aceitei esta proposta. Durante dois dias, debalde esperei com o meu governo que o governo polaco enviasse um plenipotenciário.

Ontem, à noite, fez-nos saber que examinava neste momento a possibilidade de estudar as nossas propostas.

Senhores Deputados, se o Reich alemão e os seus chefes tolerassem isto, abandonaria a cena política.

O meu amor pela paz e a minha longanimidade não devem ser tidos à conta de covardia.

Fiz saber ao governo britânico que se tinham malogrado as suas propostas.

Não quero apelar para o auxílio estrangeiro.

Depois o Chanceler enumera vários incidentes de fronteira e diz: Decidi empregar para com a Polônia a mesma linguagem de que ela fez uso para conosco. O que é que querem mais? Não exigimos nada dos territórios a oeste, nada reclamamos nesse lado. Assegurei que é definitiva a fronteira entre nós e a França. Assegurei à Inglaterra que a Alemanha não tem interesses no Ocidente e os outros Estados compreenderam-no em parte. Antes de mais nada, devemos agradecer à Itália, que sempre nos secundou, mas não quero apelar para o auxílio estrangeiro. Quero resolver esta questão pelos nossos próprios meios. Respeitaremos os neutros.

Sabeis que a Rússia e a Alemanha são orientadas por duas doutrinas diferentes: a Alemanha não abriga o intuito de exportar a sua doutrina, e, como a Rússia não sonha em exportar a sua, não vejo porque é que uma vez mais, haveríamos de tomar posição contra a Rússia.

Estou resolvido a lutar até que a Polônia aceite as nossas condições.

O Chancheler cita o pacto de não agressão com a Polônia e declara: Malograr-se-á qualquer tentativa do Ocidente para modificar alguma coisa a tal respeito.

A Rússia e a Alemanha já não se combaterão pela segunda vez como o fizeram no decurso da guerra mundial.

Decidi resolver em primeiro lugar o problema de Dantzig, em segundo lugar o problema do corredor e em terceiro lugar, o pro-

blema da modificação das relações da Alemanha com a Polônia, de modo a torná-las pacíficas.

Estou resolvido a lutar até que a Polônia aceite as nossas condições.

Não quero atingir com a luta as mulheres e as crianças. Dei ao meu exército do ar ordem de só atacar objetivos militares. Se o adversário empregar, porém, outro método, responderemos de maneira a tirar-lhe toda a vontade de continuar.

Desde às 5:45 horas da manhã TAMBÉM NÓS ATIRAMOS **(Aclamações).**

Mostrar-me-ei o primeiro soldado do "Reich".

Para a organização do nosso exército gastamos mais de 90 bilhões. Se apelei para este exército, tenho também o direito de exigir sacrifícios ao povo alemão.

Não peço a nenhum alemão o que eu próprio não esteja disposto a fazer. Não haverá na Alemanha provações que eu próprio não venha a suportar.

Mostrar-me-ei o primeiro soldado do Reich. **(cada frase pronunciada pelo Chanceler é entrecortada por aclamações e Heils).**

Enverguei eu próprio o uniforme, que tenho por mais sagrado e querido. Só o largarei após a vitória. Se me acontecer qualquer coisa, o meu sucessor é Goering. Se acontecer qualquer coisa a Goering, será Hess quem lhe sucederá. Se acontecer qualquer a Hess, um Senado escolherá o mais bravo.

Como soldado, marcho para o combate com o coração valente. Toda a minha vida tem sido um combate pelo levantamento da Alemanha. Há uma palavra que nunca conhecerei: é a palavra capitulação. Desejo assegurar a todos quantos me ouvem: nunca mais na história alemã haverá um 9 de novembro de 1918. Não é esta a hora de fazer votos. Não é a hora de nos ocuparmos de estados psicológicos. É a hora do cumprimento do dever.

Espero que as mulheres alemãs se integrem na comunidade nacional com disciplina de ferro. Se forjarmos esta comunidade, se nos resolvermos a nunca capitular, nunca morreremos.

Deutschland, Sieg Heil! (Aclamações).

O marechal Goering, presidente do Parlamento, de pé, declara que os membros do Parlamento cumprirão o seu dever até o fim. O Parlamento, sem exceções, promete ser, em todas as ocasiões, o exemplo da Nação. De pé os deputados aclamam longamente o Chanceler.

Interessante citar o testemunho, deste momento histórico,

do Sr. José Pagés Llergo (embaixador mexicano?), conforme pg. 146 do livro "Derrota Mundial", de Salvador Borrego:

"Os civis pálidos, tomados pela emoção, se enxugavam as lágrimas; os diplomáticos contemplavam estáticos, eletrizados, a figura que lá na distância se erguia em êxtase; os militares gritavam. Fora do Parlamento, meio milhão de pessoas levantavam um murmúrio surdo, aterrador, quando Adolfo Hitler baixava os punhos sobre a mesa do Reichstag e vermelho, com o cabelo desalinhado sobre o rosto, gritava com os olhos banhados em lágrimas:

"Neste momento não quero ser mais que o primeiro soldado do Reich".

"Seus braços se elevavam lentos, teatrais, até o céu. Naquela atitude de pedir silêncio, o tigre que havia sido uns momentos antes, se transforma, genial, fantástico, no apóstolo do germanismo que vai predicando, com rara modulação de voz, sua verdade, a verdade do seu Povo".

"A meu lado uma mulher chorosa, comovida. Os homens apenas respiram, com os olhos cansados, o rosto banhado de suor, jazem extenuados nos seus acentos. Em uma fração de segundos Hitler faz vibrar o auditório até o esgotamento. Sua voz não é forte, mas a modula de tal forma, que sabe fazê-la gemer, sabe fazê-la doce, suplicante e fera".

"O grito de Heil se vai extendendo tênue, impreciso, desde a plataforma do Reichstag até o anfiteatro, para converter-se num grito ensurdecedor, selvagem, que enche o edifício e passa para a Rua".

Para que os leitores tenham a oportunidade de conhecer e analisar, as reivindicações da Alemanha relativas ao corredor polonês, eram as seguintes:

Dantzig e o corredor

1 - Atendendo ao seu caráter puramente alemão e ainda a vontade unânime da sua população, a Cidade livre de Dantzig volta imediatamente para o Reich alemão.

2 - O território do chamado corredor, que se estende desde o mar Báltico até a linha Mariennewerder - Graudenz - Kulm - Bromberg (incluindo estas cidades) e em seguida, até, aproximadamente, a oeste de Schoenlanke, decidirá por si próprio se ficará pertencendo à Alemanha, se à Polônia.

Plebiscito

3 - Com esta finalidade realizar-se-á um plebiscito neste território. Participarão neste plebiscito todos os alemães que resi-

diam neste território em 1 de janeiro de 1918 ou que aí houvessem nascido até essa data, bem como todos os polacos residentes nesse território no mesmo dia ou aí nascidos até então. O mesmo se aplicará aos Kachoubes.

Os alemães expulsos deste território entram nela para exercer o seu direito de voto, afim de garantir um plebiscito objetivo e assegurar os preparativos necessários.

O território supra-mencionado, tal como aconteceu com o território do Sarre, será colocado sob a autoridade de uma missão internacional que deve ser constituída desde já e compreenderá as quatro grandes potências: Itália, União Soviética, França e Grã-Bretanha. (!)

Esta comissão exerce sobre este território todos os direitos de soberania. Com este objetivo, este território será em prazo, o mais curto possível, a convencionar, evacuado pelo exército polaco, pela polícia polaca e pelas autoridades polacas.

Gdynia

4 - Fica excluído deste território o porto polaco de Gdynia, que, em princípio, é território polaco soberano, no que se refere à parte territorial habitada pela colônia polaca. As fronteiras exatas deste porto polaco, serão fixadas por acordo entre a Alemanha e a Polônia e, na falta deste, por um tribunal internacional.

5 - A fim de que haja tempo para a realização dos preparativos requeridos por um plebiscito imparcial, tal plebiscito não se efetuará antes de decorridos doze meses.

6 - Para garantir à Alemanha, durante este intervalo, a sua ligação, de maneira ilimitada, com a Prússia oriental e para garantir à Polônia o seu acesso ao mar, serão estabelecidas estradas e caminhos de ferro que tornem possível um livre tráfico de trânsito. Só deverão ser percebidas taxas que rendam o necessário para a conservação das vias de comunicação e para a realização dos transportes.

7 - A atribuição deste território será decidida pela simples maioria dos votos emitidos.

Auto-estradas e vias férreas extra-territoriais:

8 - Para garantir depois do plebiscito, qualquer que venha a ser o seu resultado - por um lado, a segurança de livres comunicações entre a Alemanha e sua província de Dantzig e a Prússia Oriental e, por outro lado, a segurança de comunicações entre a Polônia e o mar, far-se-á o seguinte:

Se o território plebiscitado retornar à Polônia, a Alemanha receberá uma zona de comunicação extra-territorial, pouco mais ou menos na direção de Buetow-Dantzig ou Dirschau, para aí es-

tabelecer uma auto-estrada e uma linha férrea com quatro vias. A construção da estrada e do caminho de ferro será feita de forma a não cortar as vias de comunicação polacas, isto é, os cruzamentos far-se-ão ou por viadutos ou por túneis. Fixa-se em 1.000 metros a largura desta zona, que ficará sendo território alemão. Se a decisão do plebiscito for em favor da Alemanha, a Polônia receberá para a comunicação livre e sem restrições para o seu porto de Gdynia os mesmos direitos a uma comunicação extra-territorial por estrada e linha férrea que a Alemanha teria recebido na hipótese contrária.

Trocas de minorias:

9 - No caso de regresso do corredor ao Reich alemão, este declara-se disposto a fazer com a Polônia uma troca de habitantes, na medida em que o corredor se prestar a isso.

10 - Os direitos especiais que venham a ser pedidos pela Polônia, no tocante ao porto de Dantzig, serão negociados partindo-se do princípio de que idênticos direitos serão concedidos à Alemanha no porto de Gdynia.

11 - Para suprimir nesta zona todo o sentimento de ameaça por parte de uns e de outros, as cidades de Dantzig e Gdynia receberiam o caráter de cidades comerciais propriamente ditas, isto é, não teriam instalações ou fortificações militares.

12 - A península de Hela, quer regressasse à Polônia, quer à Alemanha, consoante os resultados do plebiscito, seria em qualquer dos casos, desmilitarizada.

Comissão de Inquérito:

13 - Por isso que o governo do Reich entende fazer valer as mais vivas censuras no tocante ao tratamento da minoria alemã na Polônia e por isso que, a seu turno, o governo da Polônia se julga no direito de queixar-se da Alemanha sobre o mesmo assunto, as duas partes declaram-se de acordo para submeter estas acusações a uma comissão de inquérito, de composição internacional, tendo por missão examinar todas as queixas referentes a prejuízos econômicos e físicos, bem como a ações terroristas. A Alemanha e a Polônia comprometem-se a reparar todos os prejuízos econômicos e outros experimentados pelas minorias respectivas, desde 1918, assim como a anular as expropriações e a indenizar integralmente os prejuízos derivados destas e outras ingerências na vida econômica.

14 - Para suprimir entre os alemães fixados na Polônia e ente os polacos estabelecidos na Alemanha o sentimento de que estão privados de direitos internacionais e para lhes dar a segurança de que não poderão ser forçados ao cumprimento de atos

ou de funções incompatíveis com o seu sentimento nacional, a Alemanha e a Polônia concordam em garantir os direitos das minorias respectivas por acordos gerais e obrigatórios para a manutenção para tal efeito necessárias. As duas partes comprometem-se a não submeter ao serviço militar os membros das minorias respectivas.

15 - No caso de arranjo na base destas propostas, a Alemanha e a Polônia declaram-se dispostas a ordenar e a executar a desmobilização imediata das suas forças armadas.

16 - As outras medidas destinadas a acelerar os acordos supra serão tomados de comum acordo entre Alemanha e Polônia.

INGLATERRA & FRANÇA CONTRA A ALEMANHA

Nos vimos o porquê do conflito entre alemães e poloneses, vamos agora examinar porque a Inglaterra primeiro e a França depois declararam guerra à Alemanha, tornando um conflito de vizinhos em GUERRA MUNDIAL!

Trata-se de um fato que é citado por historiadores como John Lukacs, Salvador Borrego e Saint-Paulien, porém nunca na devida importância, já que envolve figuras internacionais conhecidíssimas e que põe por terra tudo que a imprensa internacional afirma, e nos colocou no cérebro desde 1939 e antes:

JAMES V. FORRESTAL, EX-SECRETÁRIO DE DEFESA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, NO SEU LIVRO "O DIÁRIO DE FORRESTAL", PG. 121 ESCREVE QUE DEPOIS DA GUERRA, EM 1945, O SR. JOSEPH KENNEDY LHE INFORMOU QUE, EM 1939, NEVILLE CHAMBERLAIN LHE DISSERA QUE "OS JUDEUS AMERICANOS E DO MUNDO FORÇARAM-NO A ENTRAR NA GUERRA CONTRA A ALEMANHA!!!"

Vamos aos personagens envolvidos: James V. Forrestal, ex-Secretário de Defesa de um país que lutou contra a Alemanha.

Joseph Kennedy, pai de John Kennedy, assassinado como Presidente dos EE.UU.; de Robert Kennedy, assassinado quando era o favorito para ser o Presidente dos EE.UU.; do Senador Edward Kennedy, e de outro filho morto durante a guerra contra a Alemanha. O ex-presidente John Kennedy também havia sofrido ferimentos nessa guerra. O Sr. Joseph Kennedy era na época (1939) nada mais nada menos que o EMBAIXADOR DOS EE.UU. EM LONDRES!

O último personagem envolvido é "apenas" o *Primeiro Ministro Britânico Neville Chamberlain,* o homem que acionou a chave que deu início à Segunda Guerra Mundial!!!

Se não podemos acreditar nestas personagens, vamos acreditar em quem?

RECEPÇÃO A HITLER E DISCURSO DESTE EM DANTZIG

Em 19 de setembro de 1939 (do jornal "Século" de 20.9.39). Tratava-se, também, de um discurso de grande valor histórico, já que descreve toda uma situação reinante e possivelmente nunca divulgado na íntegra, no Brasil.

A meio da tarde, Hitler chegou à fronteira polaco-dantzigota e foi recebido na aldeia de Remberg pelo gauleiter Forster, que o saudou em nome de Dantzig. As ruas e casas de Dantzig estavam vistosamente engalanadas. Aviões de caça sobrevoavam a cidade. Os sinos repicavam. Às 16 horas o cortejo atravessou lentamente a cidade, por entre estrepitosas manifestações. À sua chegada a banda tocou a marcha de Bandonvillers e o povo rompeu em grandes ovações. Hitler começou então o seu discurso:

Falo-vos hoje pela primeira vez nesta terra que já pertencia aos colonizadores alemães meio século antes de chegarem os primeiros brancos ao território que forma hoje o Estado de Nova York. Depois esta terra foi alemã, continuou a ser alemã e, podeis estar convencidos disso, será alemã para sempre. A sorte desta cidade e deste belo país está ligada à sorte de toda a Alemanha. A guerra mundial (1914/18), a luta mais insensata de todos os tempos, incluiu ambos entre suas vítimas. Ao findar esta guerra, em que só houve vencidos, o mundo convencera-se de que a paz ia surgir e perdurar. Infelizmente a Grande Guerra foi esquecida, especialmente por aqueles que, já NESSE MOMENTO, foram os excitadores e os principais especuladores de semelhante massacre dos povos.

Quando a batalha encarniçada, em que a Alemanha entrou sem fins de guerra, chegou ao seu termo, deveria ter sido dado ao mundo uma paz que levasse ao restabelecimento do direito e pusesse fim à miséria. Mas em Versalhes a paz não foi apresentada ao nosso povo em terreno de franca libertação. Foi-lhe ditada e imposta. Talvez muitos homens tenham vislumbrado assistir à liquidação de problemas graves. Iludiram-se. Os autores dessa paz apenas criaram novas e graves perturbações. Até nisso os fomentadores da guerra se enganaram: não resolveram nenhum problema. Só suscitaram a aparição de novos problemas que não existiam. E foi apenas questão de tempo o levantamento da nação alemã, para solucionar, por seu lado, as situações dessa maneira.

Na verdade, os especuladores da guerra e da paz tinham esquecido esta realidade essencial que é a existência dos povos. Mas, se recordá-la não convinha a um ou outro excitador britânico, a verdade é que 82.000.000 de alemães estão agora unidos neste espaço vital. São 82 milhões de seres que querem viver e viverão, apesar de também isso não convir aos fomentadores da guerra.

A paz de Versalhes foi a maior injustiça praticada contra a Alemanha. Se hoje aparece um homem de Estado de outro povo a manifestar falta de confiança na palavra dos dirigentes alemães e no povo germânico, então, temos nós, alemães, o direito de proclamar que não temos nenhuma confiança nas garantias que nos foram dadas da forma solene e quebradas de maneira inacreditável. Eu não quero considerar, como suprema, a injustiça de Versalhes. O pior para a vida dos povos não é talvez a injustiça, *mas a mentira,* a comédia, a insensatez com que se outorgou a paz ao mundo, sem considerações históricas e econômicas e sem respeito pelos fatos nacionais e políticos, passando, depois, à "Ordem do Dia". Fizeram-se regulamentos que nos levam a duvidar de que os homens que nos ditaram estivessem sãos dos cinco sentidos. Destituídos de todo o conhecimento da evolução histórica destes territórios, destituídos de toda a compreensão econômica, os homens de Versalhes passaram como uma tempestade pela Europa: desfizeram Estados, separaram e oprimiram povos e destruiram civilizações. O Estado polaco era também um produto dessa falta de senso.

Talvez o mundo não saiba o que a Alemanha teve de sacrificar para que surgisse o Estado polaco. Todas as regiões que, então, foram incorporadas na Polônia, devem a sua evolução à energia e ao espírito criador dos alemães, como devem a sua importância cultural ao povo alemão. A separação duma província do Reich e a anexação de outras regiões pela Polônia foram, nessa altura, baseadas em motivos étnicos. No entanto, mais tarde, os plebiscitos demonstraram que as populações não queriam ser incorporadas no Estado polaco, que se alargou à custa da colonização alemã, dilatando-se contra toda a razão prática, contrariando todas as possibilidades econômicas. Os polacos que não tinham fundado esta cultura, sem sequer serem capazes de mantê-la. Cinqüenta anos mais bastariam para que voltassem à barbárie os territórios que os alemães tinham civilizado. Em toda a Polônia a degenerescência cultural começava a aparecer. Era um Estado formado por nacionalidades diferentes. Tinham feito dele aquilo de que, antigamente acusavam a Áustria. Um grupo

de degenerados dominou as nacionalidades estrangeiras e os próprios compatriotas por meio de um regime policial e militar. E a vida dos alemães, dentro desse Estado, tornou-se terrível.

Existe grande diferença de situação entre um povo pouco culto que tem a desgraça de ser governado por um povo de cultura elevada e um povo de alta cultura que tem a sorte trágica de ser submetido a um povo inculto. No povo inferior nascerão complexos de inferioridade e o dominado será maltratado de modo bárbaro.

Os alemães que viviam sob o domínio polaco experimentaram isto durante quase vinte anos.

Apesar de tudo, tentei aqui, como em toda parte, encontrar um regulamento justo. Tentei fixar as fronteiras ao Reich a oeste e mais tarde, no Sul, arrancar estas regiões da insegurança e garantir a paz para o futuro. Fiz idênticos esforços junto da Polônia, em que havia, então, um homem enérgico e com sentido das realidades. Consegui entender-me com o Marechal Pilzudski e obter um acordo capaz de abrir caminho para o entendimento pacífico dos dois países, acordo que não aprovava as criações do Tratado de Versalhes e que devia, deixado de lado este problema, criar bases para uma vizinhança razoável e suportável.

Enquanto viveu o marechal, parecia que esta tentativa nos levaria a uma situação melhor, mas, logo após a sua morte, começou a luta contra a Alemanha. E esta luta aumentou e obscureceu, cada vez mais, as relações dos dois países. Era muito difícil observar pacientemente como num país vizinho - que cometera grandes injustiças para com a Alemanha - uma minoria alemã sofria perseguições bárbaras.

O mundo que derrama lágrimas quando um judeu polaco, instalado na Alemanha há algumas dezenas de anos, é posto na fronteira, ficou mudo e surdo perante a infelicidade de milhares de alemães, que tiveram de deixar a sua pátria por causa da imposição de Versalhes. É que o mundo revela especial incapacidade de ouvir ou falar quando se trata da sorte de alemães. Ora, sendo a Alemanha uma grande potência, devia ver como um povo menos cultivado e um Estado com uma civilização muito mais baixa maltratava os seus filhos. Havia, especialmente, duas situações intoleráveis: impediam que uma cidade cujo caráter alemão por ninguém é negado regressasse ao Reich e tentava-se colonizá-la, pouco a pouco, por milhares de métodos; uma província separada do Reich alemão não possuia nenhuma via direta

de ligação com ele, e as comunicações de tal província dependiam de toda a espécie de chicanas ou de caprichos do Estado polaco.

Nenhuma potência do mundo suportaria semelhante estado de coisas tanto tempo como a Alemanha. Eu não sei o que a Inglaterra teria feito em caso idêntico, nem como teriam agido a França ou os Estados Unidos. O que sei é que, sob a forma de propostas verbais, propús aos dirigentes polacos uma solução suportável deste problema. As propostas eram modestas: Dantzig regressaria ao Reich e uma auto-estrada extra-territorial seria construída, à nossa custa, entre o Reich e a Prússia Oriental. A Polônia, pelo seu lado, teria em Dantzig direitos de porto livre e servir-se-ia da mesma via extra-territorial para o mar. Estava pronto a garantir assim as fronteiras - quase insuportáveis - entre o Reich e a Polônia e a deixar que esta participasse na garantia da Eslováquia. Ignorava quais eram as intenções do governo polaco que recusou a minha oferta, mas sei que milhões de alemães julgaram, então, que ofereci demasiado. Em resposta, a Polônia deu a ordem de mobilização. Ao mesmo tempo, desencadeou uma formidável campanha de terror anti-alemão. O meu pedido ao Ministro dos negócios estrangeiros para conferenciarmos em Berlim, mais uma vez, sobre esta questão foi recusado. E, em lugar de vir a Berlim, este Ministro dirigiu-se a Londres...

Seguiram-se semanas e meses de ameaças que aumentavam de dia para dia e que se tornavam insuportáveis. Os polacos já falavam e discutiam sem peias como iam aniquilar o exército alemão em frente ou para além de Berlim... Um marechal polaco **(puf - puf grita a multidão com ironia)** acaba de abandonar lastimavelmente o seu exército, mas declarava então que ia esmagar as tropas alemãs... Tratava-se, nas revistas polacas, da conquista da Prússia Oriental, da Pomerânia, das fronteiras do Oder e mesmo do Elba. O mesmo marechal polaco **(o auditório grita de novo puf - puf)** falou em retalhar o povo alemão. Quem pode atirar assim poeira aos olhos do povo polaco? Para os alemães residentes na Polônia a situação transformou-se em martírio sem igual. Milhares deles foram presos, maltratados e mortos de maneira cruel. Mas o mundo inteiro nem tugia nem mugia. Talvez pensasse que o povo alemão deixaria proceder assim, eternamente, um Estado tão ridículo como a Polônia, apenas porque certos elementos estrangeiros assim o julgaram. Ora esses elementos são os que, desde há séculos, incitam à guerra. Foi semelhante gente quem afirmou à Polônia a sua assistência e inspirou aos polacos a decisão de desencadear a guerra. A verdade é que, para tais

homens, a Polônia era apenas o meio de atingirem os seus fins. De resto, eles próprios declaram hoje, friamente, que não se trata de salvar a Polônia, mas sim de atacar o regime alemão.

Sempre chamei a atenção para o perigo que reside no fato de haver num país homens que possam livremente fazer a guerra, apontando-a como uma necessidade. Refiro-me aos Srs. Churchill, Eden, Duff Cooper, etc. E chamo-lhe perigo por tratar-se de um país onde nunca se sabe, exatamente se esses senhores não farão parte do governo dentro de pouco tempo. Diziam-me que isso nunca aconteceria. Em meu critério eles representam hoje o governo britânico. Nunca deixei subsistir dúvidas de que a Alemanha jamais capitularia perante ameaças, nem perante a força desses senhores. Atacaram-se, então, violentamente. Vê-se que, nas democracias, foi adotado um sistema: pode-se incitar à guerra, podem ser atacados regimes e homens de Estado e Chefes de Estado estrangeiros porque nelas reina a LIBERDADE DA PALAVRA E DA IMPRENSA. Nos Estados autoritários não há o direito de se lhes responder porque, aqui, reina a disciplina. Apenas nos Estados indisciplinados existe, pois, o direito de incitar à guerra.

Resolvi-me, então, a levar ao conhecimento do povo do Reich as manobras dessa gente criminosa. E o povo tomou, assim, pouco a pouco, esta posição necessária de defesa para um dia não ser surpreendido. Creio que, nos fins de agosto, teria sido ainda possível encontrar uma solução pacífica se a Inglaterra não interviesse e não aumentassem as campanhas de ódio desses provocadores. Em certos momentos, a própria Grã-Bretanha tentou organizar uma conversação direta entre nós e os polacos. Tanto eu como o governo alemão esperamos por eles, em Berlim, durante dois dias. Entretanto, elaborei outra proposta. Li-a, palavra por palavra, ao embaixador britânico na manhã do primeiro dia. O ministro dos negócios estrangeiros deu-lhe ainda explicações adicionais. Nada se passou até o dia seguinte, excetuando-se a mobilização geral na Polônia, novos atos de terrorismo e um ataque contra o território do Reich **(posto de Gleiwitz).**

No domínio internacional, como em qualquer outro, não deve confundir-se paciência com fraqueza. Durante anos, assisti com paciência ilimitada a provocações contínuas. O que nestes longos anos sofri poucas pessoas, apenas, poderão calculá-lo. Não se passava um mês e muitas vezes uma semana, sem que se nos apresentasse uma delegação, vinda destes territórios, a dizer que a situação dos alemães era insuportável e a implorar uma intervenção. Renovei sempre a minha promessa de resolver

o assunto. E assim passaram anos. Mas, durante todo este tempo, também avisei que isso acabaria e, depois de muito esperar, depois de formular sucessivas propostas, resolvi falar aos polacos a linguagem que eles julgavam poder empregar contra nós. Mesmo nesse momento a paz poderia ainda ser salva. A Itália amiga, o Duce, fez propostas de mediação. A França declarou-se de acordo com elas. Eu dei também a minha aquiescência. Mas a Inglaterra recusou e entendeu poder enviar ao povo alemão um ultimatum de duas horas contendo exigências absurdas.

Ora os ingleses enganaram-se redondamente **(aclamações)**. Confundiram o regime de hoje com o regime de novembro de 1918. Julgaram que a nação alemã de hoje é a de outrora. À Alemanha de hoje não se enviam intimidações desse gênero. Se a Polônia escolheu a guerra foi porque os outros a incitaram, dizendo-lhe que era forçoso fazê-la. Os fomentadores pensavam realizar assim um grande negócio político e financeiro. Afirmo-lhes, porém, que a guerra não será para eles o sonhado negócio e que lhes dará a maior das decepções. A Polônia escolheu a luta porque certos homens de Estado do Oeste lhe tinham garantido que possuiam dados precisos sobre o mau estado do exército alemão, a inferioridade do nosso material e do moral das nossas tropas. Falavam-lhe da queda do moral no interior do Reich e da separação existente entre o povo alemão e os seus dirigentes. Fizeram crer aos polacos que seria coisa fácil repelir os nossos exércitos. Foi nesta contingência que a Polônia baseou o seu plano de campanha, seguindo o conselho dos estados maiores ocidentais. Afinal, passados 18 dias, já nós podemos dizer com verdade: O inimigo foi completamente batido.

As nossas tropas ocupam a linha Brest - Lemberg. Mais ao longe, no norte, nestes instantes, as nossas colunas estão fazendo prisioneiros aos polacos que marcham no espaço de Kutno. Esta manhã, fizemos setenta mil prisioneiros. O que resta do exército polaco, a oeste daquela linha, deve capitular dentro de alguns dias. Ou deporá as armas, ou será aniquilado. Desta forma, o exército alemão deu aos homens do Estado do oeste os esclarecimentos necessários... Sobre isto o marechal Smigly Ridz enganou-se também. Em lugar de chegar a Berlim, chegou a Czernowitz. E com ele foi todo o seu governo e todos os que seduziram o povo polaco e que o arrastaram para o abismo. Os soldados alemães dos exércitos de terra, mar e ar cumpriram o seu dever por forma extraordinária. A nossa infantaria de novo mos-

trou a sua superioridade incomparável. Muitas vezes tentaram atingí-la no que diz respeito à sua bravura e à sua coragem, mas nunca o conseguiram.

As novas armas e as nossas tropas motorizadas prestaram as suas provas. Os soldados da nossa marinha cumpriram o seu dever de modo admirável e a aviação germânica vela no espaço aéreo alemão. Aqueles que quiserem esmagar a Alemanha e pôr em ruínas as suas cidades podem estar certos de que o Reich responderá na proporção de dez bombas por cada uma que cair sobre uma cidade alemã. Eles mostram querer resignar-se a fazer a guerra com sentimentos humanitários. Não é o caso. Trata-se do medo de sofrer represálias.

O soldado polaco combateu muitas vezes com bravura. A direção inferior fez dos seus esforços uma inutilidade. A direção média foi pouco inteligente, mas a direção superior esteve abaixo de toda a crítica. A sua organização foi verdadeiramente polaca... Até agora fizemos prisioneiros 300.000 soldados, cerca de 2.000 oficiais e muitos generais. A par da bravura de grande parte das tropas polacas, registraram-se as bestialidades mais atrozes. Como soldado que só combateu no oeste, nunca tive ocasião de ver estes fatos terríveis. Milhares de alemães foram massacrados. Mulheres, crianças, raparigas, os soldados e oficiais alemães, que cairam nas mãos dos adversários, foram torturados da forma mais bestial e massacrados. A muitos deles até os olhos foram arrancados **(O livro "Atrocidades polonesas contra grupos étnicos alemães na Polônia", editado nas oficinas gráficas ALBA, do Rio de Janeiro, em poder do autor, tem 215 páginas, com fotografias e depoimentos deste horror)**. O governo polaco admitiu abertamente que os pára-quedistas alemães foram assassinados. Deveria perguntar-se se nessas circunstâncias, poderíamos ainda fazer uma ou outra restrição. Ora, até aqui, ainda não tive conhecimento de que qualquer homem de Estado democrático se desse ao trabalho de protestar contra semelhantes barbaridades. Dei ordem à aviação militar de só fazer a guerra contra tropas combatentes. O governo polaco e o comando do exército deram aos civis a ordem de fazer a guerra como franco-atiradores. Eu queria frisar, no futuro e agora, que não deve haver ilusões nos Estados democráticos de que isto continuará eternamente assim. Se quiserem ter a guerra de outra forma, tê-la-ão de outra forma. A minha paciência também tem limites.

Apesar desta guerra bárbara dos polacos, os nossos exércitos derrotaram o inimigo com rapidez fulminante. Um jornal in-

glês escreveu há dias, que eu teria demitido um general porque contava com uma ''Guerra relâmpago'' e estava desiludido com a lentidão destas operações. O artigo foi, sem dúvida, escrito por um dos estrategistas que deu conselhos de tática aos polacos... Procuramos criar na Polônia uma situação que permita negociar, talvez com calma e bom senso, com os representantes deste povo. Entretanto, a Rússia soube intervir para proteger os interesses dos grupos étnicos dos russos-brancos e ucranianos da Polônia. Agora a Inglaterra e a França vêem no entendimento germano-soviético um crime horrível.

Um inglês declarou que era uma perfídia! De perfídia os ingleses sabem mais do que ninguém. Penso que a Inglaterra considera perfídio o fato de o entendimento entre a Grã-Bretanha democrática e a Rússia bolchevista se ter tornado impossível, enquanto o entendimento entre a Alemanha nacional-socialista e a Rússia soviética se tornou uma realidade.

Devo dar-vos algumas explicações. A Rússia fica o que é; a Alemanha igualmente, se mantém tal qual é. Mas os governos alemão e russo proclamaram uma coisa: nem o Reich, nem a Rússia sacrificarão um só homem pelos interesses das democracias ocidentais. As experiências de 4 anos de guerra são suficientes para os dois Estados e para os dois povos. Ora temos o propósito de atendermos aos nossos próprios interesses e vimos que a melhor possibilidade para isso era o entendimento dos dois povos, das duas maiores nações. Isto é tanto mais fácil quanto é certo que a afirmação britânica dos fins ilimitados da política externa alemã é uma mentira. Regozijo-me por poder provar praticamente que esta afirmação é baseada numa mentira dos homens de Estado britânico. Aqueles que pensam que a Alemanha tem a intenção de dominar a Europa até os Urais ficarão felizes ao saber o fim limitado das intenções da política alemã. Penso que lhes eliminamos um motivo de guerra porque declaram que fazem a guerra precisamente contra as ''intenções e pretensões ilimitadas'' do regime alemão. Pois bem, senhores do império mundial da Grã-Bretanha: os fins da Alemanha são muito limitados! Falamos com os russos sobre esses fins e eles são os vizinhos interessados mais próximos. Os senhores imaginavam que poderíamos entrar em conflito com os russos por causa desses interesses. Tranquilizem-se: não faremos isso. O acordo germano-soviético assenta na eliminação deste pesadelo, que não deixava dormir os homens de Estado britânicos por causa dos desejos de ''dominação mundial'' do regime alemão. Podereis agora estar calmos porque sabeis que a Alemanha não ten-

ciona conquistar a Ucrânia. Temos interesses muito limitados! Todavia, estamos resolvidos a defender estes interesses contra toda a ameaça, venha ela donde vier. Os 18 dias passados devem ter sido suficientes para fazer compreender ao mundo inteiro que não permitiremos que nos ditem o que havemos de fazer. Qual será o regulamento definitivo neste vasto território? Isto depende, em primeiro lugar, dos dois países que aqui têm que defender os seus principais interesses vitais. A Alemanha faz valer aqui reivindicações limitadas, mas inalteráveis. Realizará tais reivindicações de uma maneira ou de outra. A Alemanha e a Rússia substituirão este foco de infecção por uma situação que possa considerar-se como significando apaziguamento. Se o Oeste pensa que isto seria irrealizável em qualquer caso e se, principalmente a Inglaterra diz estar resolvida a opôr-se com uma guerra de três anos, darei a seguinte resposta: A Alemanha aceitou a oeste e ao sul do seu império fronteiras definitivas, fazendo grandes renúncias. A Alemanha quer uma paz definitiva por meio destas renúncias. Teríamos conseguido essa finalidade se *certos fomentadores DA GUERRA* não perturbassem a paz européia.

Não tenho qualquer intenção guerreira contra a Inglaterra ou a França e a nação alemã também não a tem desde que eu subi ao poder e me foi possível restabelecer relações de confiança com os nossos antigos adversários. Esforcei-me por liquidar as tensões que existiam outrora entre a Itália e a Alemanha e posso verificar com satisfação que isto foi possível graças à minhas relações pessoais com Mussolini. Tentei a mesma coisa com relação à França. Logo após a liqüidação do problema do Sarre, renunciei solenemente a toda a revisão das fronteiras do Oeste. Coloquei toda a propaganda ao serviço desta idéia e fiz desaparecer tudo quanto pudesse inquietar a França.

As minhas propostas dirigidas à Inglaterra são conhecidas. Quis uma amizade sincera com o povo britânico, mas a Inglaterra rejeitou tudo e pensou dever fazer a guerra ao Reich. À Inglaterra respondo isso: A Polônia nunca ressuscitará sob a sua forma de Versalhes. Garantem-no tanto o Reich, como a Rússia. Se, apesar disto, a Inglaterra querer continuar a guerra, provará assim as suas intenções reais, isto é, o seu propósito de fazer a guerra contra o regime da Alemanha. Em princípio, eduquei o povo alemão de forma a que todo o regime que nos queiram impor os nossos adversários seja rejeitado por nós. Se o regime alemão encontrasse o aplauso dos senhores CHURCHILL, DUFF COOPER e EDEN, este regime tornar-se-ia insuportável para os alemães. Por mim, sinto-me lisonjeado por não merecer a aprovação destes

senhores. Posso afirmar-lhes que os seus aplausos me vexariam profundamente! Se estes senhores pensam que podem afastar de mim o povo alemão, é porque supõem que este povo tem as suas qualidades, isto é, que é constituído por IMBECIS ou TRAIDORES como eles próprios.

O nacional-socialismo educou homens, durante vinte anos, para alguma coisa. Fomos sempre atacados pelos nossos adversários e o que estes fizeram teve como conseqüência, um aumento considerável dos nossos partidários. Esta unidade é baseada numa fidelidade indissolúvel. E, tal como o nacional-socialismo, que se meteu na luta e saiu vitorioso, o Reich alemão igualmente se abalançou ao combate. Esses senhores podem ficar convencidos de que, pela propaganda ridícula, não poderão levar o povo alemão ao desalento. Quando chegar a haver povos em decomposição, não se encontrará entre eles o nosso, que LUTA PELO SEU DIREITO, QUE NÃO QUER A GUERRA E QUE FOI ATACADO. Os povos em decomposição compreenderão, lentamente, a pouca razão dos seus maus dirigentes para fazerem a guerra e que o único motivo que os arrastou para ela foram os INTERESSES MATERIAIS E POLÍTICOS DE UM PEQUENO GRUPO. Ao ouvir que esta guerra durará 3 anos, só posso manifestar a minha pena pelo nobre povo francês. Ele próprio não o sabe! Só sabe que deverá bater-se durante três anos!

Dependerá apenas de um pequeno número de pessoas que a guerra dure três anos. Mas a palavra capitulação não será usada por nós nem no terceiro, nem no quarto, nem no décimo! O povo alemão não será batido nesta luta. Tornar-se-á cada vez mais forte. Se algo se quebrar, isso sucederá nos países das chamadas plutocracias, nos impérios mundiais que só são construídos sobre o domínio dos povos. Nós não nos deixaremos impressionar por quaisquer propagandistas que declaram só querer bater-se contra o regime e não contra o povo alemão. **(Sobre esta última frase de Hitler devo contar o seguinte fato: Há aproximadamente 3 anos atrás, quando mantive os primeiros contatos com uma firma multinacional alemã, aqui radicada, conheci um simpático alemão, alto funcionário da mesma. Após vários encontros e vendo que o mesmo aparentava uma idade de ter possivelmente participado da última guerra, lhe perguntei, como sempre faço quando se oferece a oportunidade, para que me contasse "como foi o negócio"? A resposta veio meio constrangida no começo mas logo muito firme: "Sim, eu participei da guerra, mas não a favor da Alemanha (!). Pouco antes da guerra meu pai foi obrigado a vender seu negócio, por sermos judeus,**

então nos transferimos para a Inglaterra, onde eu mais tarde me alistei na R.A.F. - Royal Air Force - lutando então não contra a Alemanha, mas contra Hitler exclusivamente...". Me parece pois que tinha a esperança de que uma daquelas milhões de bombas acertasse a cabeça do homem, seu inimigo pessoal).

Segue Hitler: O que se diria de nós se declarássemos que o regime, na França e Inglaterra não agradava à Alemanha e que, por isso, fazíamos a guerra? Com este fim, milhões de homens serão lançados para a morte. Ver-se-á por quanto tempo esses senhores, que nunca na sua vida estiveram na frente, saberão continuar. Todavia uma coisa é certa: nós responderemos e aplicaremos os mesmos métodos que o adversário. A Inglaterra já encetou a luta contra as mulheres e as crianças. Os ingleses, com sua força marítima, pensam ter o direito de fazer a guerra às mulheres e crianças, dos seus inimigos e até dos neutrais. Se os ingleses se julgam invulneráveis no mar, é muito possível que chegue o momento em que apliquemos uma arma em que somos também invulneráveis. Espero que, então, ela não reclame, repentinamente, considerações de humanidade. **(Refere-se à frota alemã de submarinos).**

Nós alemães, queremos poupar as populações civis e dei ordem para não serem atacadas cidades abertas. No entanto, se uma coluna militar atravessar a praça principal de uma cidade e se for atacada pelos aviadores, é possível que uma ou outra pessoa civil seja vítima do ataque. Observaremos sempre o princípio de poupar cidades abertas, a não ser que elementos criminosos oponham resistência. Abstraindo da estação ferroviária e do aeroporto, nenhuma bomba caiu sobre uma cidade como Cracóvia. Mas, se, por outro lado, em Varsóvia os civis começaram a fazer a guerra em todas as ruas e em todas as casas, é muito natural que toda a cidade venha a sentir os efeitos da guerra. É aos ingleses que compete resolver se querem prosseguir o bloqueio sob formas que correspondam, ou não, ao direito das pessoas. Adaptaremos os nossos métodos à sua atitude. Contudo, hoje, não resta nenhuma dúvida sobre os intuitos dos ingleses. Não combatem contra o regime, mas sim contra as mulheres e as crianças alemãs. A reação não tardará e uma coisa é certa: A Alemanha, esta Alemanha, não capitulará!

Nós sabemos qual seria a sorte do Reich em caso de capitulação. King-Hall informou-nos em nome dos seus superiores: Um segundo tratado de Versalhes ainda pior que o primeiro! Este pretende extirpar vinte milhões de alemães, o segundo visaria o

mesmo fim e iria dividir o Reich em parcelas, como nos foi dito. O povo alemão toma boa nota destas intenções e saberá defender-se. **(Não deu outra coisa!)**

No decurso das últimas semanas provou não só a sua união, mas o seu moral, e a sua coragem. O povo alemão tem muito mais entusiasmo do que em 1914. Este entusiasmo não é um patriotismo superficial, mas uma resolução firme. É o entusiasmo de homens que conhecem a guerra, que não começaram esta guerra inconscientemente, mas que o farão porque lhes foi imposta, como o antigo exército a fez. Conhecemos os horrores da guerra, mas estamos resolvidos a levá-la a bom termo, suceda o que suceder!

TEMOS UM SÓ DESEJO: QUE DEUS, QUE ABENÇOOU AS NOSSAS ARMAS, ESCLAREÇA OS OUTROS POVOS E LHES FAÇA VER QUE ESTA LUTA NENHUMA VANTAGEM TRARÁ! QUE OS FAÇA REFLETIR SOBRE OS FRUTOS DUMA PAZ QUE SÓ ABANDONARAM PORQUE UM PEQUENO NÚMERO DE FOMENTADORES DA GUERRA QUIS ARRASTAR OS POVOS!

Sejam quais forem as dificuldades que cada alemão tenha que vencer durante os próximos meses ou nos anos seguintes, suportá-la-emos facilmente se tivermos a consciência da comunidade indissolúvel que une o nosso povo. Meus queridos dantzigotas, recebo-vos nesta comunidade, firmemente resolvido a nunca mais vos deixar. E esta decisão é, simultaneamente, uma ordem para todo o movimento nacional-socialista, para todo o povo alemão. Dantzig foi alemã, continua a ser alemã e, desde agora manter-se-á alemã enquanto houver um povo e um Reich alemães, pelos quais nos bateremos até a morte''.

UNIÃO SOVIÉTICA INVADE A POLÔNIA

No dia 17 de setembro a União Soviética entregou ao Embaixador polonês, em Moscou, a seguinte nota diplomática:

''A guerra germano-polaca pôs em evidência a incapacidade interna do Estado polaco. Durante dezoito dias de operações, a Polônia perdeu todas as suas zonas industriais e os seus centros culturais. Varsóvia deixou de existir como capital. O governo de Varsóvia desagregou-se e não dá sinal de vida. Isto significa que o Estado polaco e o seu governo cessaram efetivamente, de existir, e, por conseguinte, os tratados existentes entre a U.R.S.S. e a Polônia perderam a validade. Abandonada a si própria, sem chefes, a Polônia transformou-se em campo aberto para toda espécie de acasos e surpresas que podem criar uma ameaça para a U.R.S.S. Em conseqüência, o governo soviético

também não pode permanecer impassível perante o fato de os ucranianos e russos brancos, com quem tem parentesco de sangue, ficarem sem proteção. Em face desta situação, o governo soviético deu ordem ao alto comando do Exército Vermelho para mandar passar a fronteira às tropas, às 4:00h tomando sob a sua proteção as vidas e os haveres da população da Ucrânia ocidental e da Rússia branca. Ao mesmo tempo, a U.R.S.S. tenciona adotar todas as medidas para libertar o povo polaco de uma guerra infortunada, PARA ONDE FOI LANÇADA PELOS SEUS CHEFES, FALHOS DE SENSO, e para lhe dar possibilidade de retomar uma vida pacífica".

INGLATERRA DECLARA GUERRA À ALEMANHA

No dia 26/8/39 **(Seis dias (!) antes de iniciarem os combates Polônia e Alemanha)**, a Inglaterra havia assinado um Tratado com a Polônia, cujo Artigo 1.º dizia o seguinte:

"Se uma das partes contratantes se encontrar em guerra com uma potência européia por TER SIDO VÍTIMA DE UMA AGRESSÃO DESTA POTÊNCIA, a outra parte contratante dará imediatamente à primeira todo o seu apoio e assistência.

Sem considerar que a Alemanha partiu em massa contra a Polônia após ter, num novo incidente de fronteira, um posto de fronteira da cidade de Gleiwitz atacado por soldados poloneses, a Inglaterra deu à Alemanha um ultimatum para retirar suas forças da Polônia, até o dia 3/9/39, caso contrário se consideraria em estado de guerra contra a Alemanha.

Após a guerra, os "especialistas" espalharam a seguinte versão deste incidente de fronteira: "Que Hitler mandou organizar um "comando", composto de prisioneiros de campos de concentração, (!) mandou confeccionar uniformes do exército polonês e armou-os para atacarem o posto alemão. Após o ataque, mandou matá-los todos para que não pudessem denunciar o plano, que havia sido feito para dar um motivo do ataque à Polônia... Até filme a este respeito foi feito!...

Esta história, de eliminar testemunhas, se repetirá também sempre nos casos dos campos de concentração... quando os prisioneiros judeus eram encarregados de encaminhar e depois retirar os cadáveres dos outros judeus, das câmaras de gás... Após certo período deste trabalho, vinham outros judeus que matavam os primeiros colaboradores, para que não existisse uma testemunha siquer do que lá acontecia... Como os leitores verão adiante, parece que as "SS" conseguiram seu intento, conse-

guiram fazer um crime perfeito: a eliminação de 6 milhões de pessoas, nas câmaras de gás, sem deixar uma testemunha confiável!...

A FRANÇA TAMBÉM DECLARA GUERRA À ALEMANHA

Baseada no Artigo 3.º do Tratado franco-polaco, assinado em 19/11/1921, que tem o seguinte teor: "Se contra as previsões e as intenções pacíficas dos dois Estados contratantes, ambos ou um deles for atacado, sem provocação, por terceiro Estado, os governos dos dois Estados consertar-se-ão para a defesa dos seus territórios e para a salvaguarda dos seus interesses"; não atentando para o item "sem provocação" e toda a perseguição que vinha sofrendo a minoria alemã, seguiu a Inglaterra!

A TENTATIVA DE MEDIAÇÃO DE MUSSOLINI

Conforme informação da Agência Stefani, eis aqui os dados precisos e oficiais a respeito da tentativa de paz feita a 31/8/39.

"O Duce fez saber aos governos ingleses e franceses que poderia convocar uma conferência internacional para o dia 5 de setembro, como fim de rever as cláusulas do Tratado de Versalhes, que constituem motivo da atual perturbação da vida européia, mas isto sob condição de que o Duce tivesse de antemão a certeza da concordância franco-britânica, e de que a participação polaca fosse assegurada pela ação de Londres e Paris. Apesar das solicitações do governo italiano, Londres e Paris não conseguiram fazer chegar as suas respostas a Roma antes do dia 1.º de setembro.

Entretanto no decurso da noite de 31 de agosto para 1.º de setembro, produziram-se incidentes na fronteira germano-polaca, que levaram o "Führer a revidar as operações militares contra a Polônia".

A INGLATERRA E A FRANÇA NÃO DECLARAM GUERRA A U.R.S.S.

Interessante notar que os Artigos 1.º e 3.º dos Tratados da Inglaterra e da França, com a Polônia, foram cumpridos por esses dois países contra a Alemanha, porém não contra a União Soviética, cuja invasão do território polonês começou no dia 17. A este respeito é muito interessante ouvir o que o extremista anti-alemão, Sr. Winston Churchill, como Primeiro Lord do Almirantado Britânico, falou pelo rádio, em Londres, no dia 1.º de outubro de 1939: **(O ódio de Churchill contra Hitler tem origem**

quando o primeiro viajou à Munich, para conseguir uma entrevista com o segundo, alguns anos atrás, ficando inutilmente à espera durante vários dias).

Diz Churchill: "A Polônia foi invadida e dilacerada, mas ressurgirá um dia. Frisou que a intervenção da Rússia não foi mais do que um aviso dado a Hitler para que a Alemanha desistisse aos seus sonhos quanto à parte oriental da Europa".

"A Rússia preferiu uma fria e calma política de interesse próprio, e nós teríamos desejado que esse país, com todos seus exércitos, se houvesse levantado, tal como agora o fez, mas como amigo e aliado da Polônia e não como invasor". **(Foi sua crítica mais contundente...).**

Mas continua: "No entanto, a linha que ocupam os exércitos russos na Polônia estava claramente indicada para resguardo e garantia da Rússia contra a ameaça nazi. Assim se formou uma frente oriental que os alemães não ousam, certamente, destruir".

"Através duma confusão nublada e cheia ainda de incertezas se pode afirmar francamente que existem interesses comuns entre a Inglaterra, a França e a Rússia para impedir que os nazis lancem as chamas da guerra aos Balcãs e à Turquia. Assim, com o risco de me dizerem que as minhas deduções são erradas, creio poder afirmar que o segundo acontecimento de importância neste primeiro mês de guerra é Hitler, e só Hitler, foi avisado para se manter afastado do sudeste da Europa".

Ao invés de ter declarado guerra, em defesa da "inocente" Polônia, o homem justificou e aprovou a ação!... E a França naturalmente idem...

ACORDO DE PARTILHA DA POLÔNIA

Assinado no dia 29 de setembro de 1939, em Berlim, tem a seguinte redação: "Tendo os governos do Reich e da Rússia assinado um acordo para regulamentar as questões suscitadas pela dissolução do Estado polaco e tendo por esta forma criado uma base segura para a paz duradoura na Europa Ocidental, declaram estes governos que a sua opinião unânime seria, no interesse real de todas as nações, por termo ao estado de guerra que existe a Grã-Bretanha e a França contra o Reich. Os dois governos farão em conseqüência esforços conjuntos - em caso de acordo com outras potências amigas - para chegar a este objetivo o mais rapidamente possível. No caso em que os esforços destes dois governos não tiverem êxito, ficará provado o fato de que a Grã-Bretanha e a França são responsáveis pela continuação da guer-

ra. No caso da guerra prosseguir, efetuar-se-ão consultas em conjunto entre o governo alemão e o soviético acerca das medidas a adotar".

. "Em segundo lugar, os governos da Rússia e do Reich, depois da dissolução do antigo Estado polaco, julgam do seu dever RESTABELECER A PAZ E A ORDEM NAQUELES TERRITÓRIOS E ASSEGURAR A TODAS NACIONALIDADES, QUE NELES HABITAM, EXISTÊNCIA PACÍFICA CORRESPONDENTE ÀS SUAS RAÇAS PARTICULARES. Estes governos estão de acordo quanto aos seguintes pontos:

1.º - Os governos russo e alemão fixam, como fronteira dos seus interesses imperiais no antigo território polaco, a linha marcada sobre o mapa junto. Esta linha será novamente definida em protocolo complementar.

2.º - As duas partes reconhecem, como final, a fronteira dos seus interesses imperiais fixada no art. 1.º. Recusarão toda a ingerência de terceiras potências neste regime.

3.º - Novo regulamento político, necessário para os territórios a oeste da linha fixada no art. 1.º, será estabelecido pelo governo germânico e, nos territórios a leste desta linha, pelo governo soviético.

4.º - Os governos alemão e russo consideram o regulamento supra-mencionado como base segura para o desenvolvimento de relações amigáveis entre seus dois povos.

5.º - Este acordo será ratificado e os documentos de ratificação serão trocados em Berlim logo que seja possível. O acordo entrará em vigor no momento de sua assinatura".

Observe-se, pois, neste acordo, o primordial interesse em pôr fim ao estado de guerra declarado à Alemanha pela Inglaterra e a França.

O QUE A "IMPRENSA MUNDIAL" PUBLICA:

Vamos examinar como a imprensa mundial recebe a guerra polaco-alemã, e como prepara o espírito dos seus leitores, quando estão decorridos 7 dias de acirrada luta:

Paris 7/9/39: "Pela agência de notícias "Havas", os jornais franceses prevêem a possibilidade de a Alemanha desencadear, dentro de algum tempo, o que poderia chamar-se "uma grande ofensiva moral". Segundo os jornais, a idéia do governo alemão seria apresentar - por um intermédio benevolente - a questão da paz. A imprensa apressa-se, porém, a acrescentar QUE TAL INICIATIVA SERIA VOTADA A LAMENTÁVEL MALOGRO, PORQUE

OS ALIADOS, TENDO TOMADO A DEFESA DO MUNDO (!), NÃO FRAQUEJARÃO ATÉ A DERROTA COMPLETA DO REGIME NAZI...''

De Londres, as notícias não poderiam ser muito diferentes: Dia 7/9/39: Os jornais declaram que a Grã-Bretanha e seus aliados estão dispostos a continuar a guerra contra Hitler até a vitória final. Prestam homenagem à heroicidade do exército polaco e, de forma geral, são de parecer que Hitler pretende obter uma decisão rápida a leste, mantendo-se, por agora, na defensiva a Oeste. Não acham impossível que a Alemanha se proponha a fazer, posteriormente, à Grã-Bretanha e França ''ofertas de paz''. Mas declaram, tal plano malograr-se-á. *Os aliados só descansarão quando o regime hitleriano tiver sido derrotado.*

Aludindo a uma eventualidade de paz alemã, o ''Times'' escreveu: ''A respeito desta manobra, basta que digamos, como o primeiro ministro, que a existência do hitlerismo significaria apenas que o mundo continuaria a viver em regime de alarme constante (!). É preciso, pois, ACABAR COM ESTE REGIME DE UMA VEZ PARA SEMPRE''.

O ''Daily Express'' diz: ''É possível que os alemães queiram obter uma decisão na Polônia para, a seguir, fazerem propostas aos aliados. Se assim é, enganam-se redondamente. *Se Varsóvia capitulasse, este fato não salvaria Hitler da derrota,* como a queda de Moscou não salvou Napoleão''.

Já estava se orientando os povos a não aceitarem nenhuma possível oferta de paz, vindo da Alemanha, para terminar uma guerra que na prática ainda não tinha sido iniciada, entre os aliados contra a Alemanha. A ordem, conforme já vinham maquinando desde 1933, era acabar com a Alemanha. Dificilmente deixariam escapar o que tanto tempo levou para conseguirem! Ao invés da paz entre os povos, a imprensa incitava à morte. Claro que os donos desta imprensa ficariam em casa, bem bonitinhos!

PRESTAÇÃO DE CONTAS DE HITLER À CÂMARA DOS DEPUTADOS:

De Berlim, no dia 6/10/39, segundo a D.N.B.:

''Deputados do Reichstag'', informei-vos em 1.º de setembro das decisões que tive de tomar por causa da atitude provocadora do Estado polaco. Passaram já cinco semanas. Quero prestar-vos contas e, tanto quanto possível, lançar os olhos para o futuro. O povo alemão celebra uma vitória única no seu gênero. O inimigo foi repelido ou destruído. As decisões alemãs deram ao

nosso exército toda a iniciativa da ofensiva. O fato dos polacos se terem aguentado em Varsóvia e Modin deve-se não às suas capacidades, mas ao nosso exército, ao qual proibi sacrificar mais homens do que o necessário. A tentativa de convencer o comando de Varsóvia da louca inutilidade da resistência gorou-se. Após quinze dias de luta, a maior parte do exército polaco foi destruída. É uma façanha na história militar do mundo. O fato de as tropas polacas se aguentarem até 1.º do corrente, deve-se, como já disse, à nossa magnanimidade".

(Desejo aqui fazer uma observação para o leitor menos avisado, de que os Chefes de Estado, quando entram em crise com qualquer outro país, seja qual for o motivo, nos seus pronunciamentos, sabendo que serão divulgados pelo mundo afora, capricham nos pontos de *poderio* e *flexibilidade* para impressionar os adversários e daí procurar tirar alguma vantagem. Veja-se, no Brasil, as declarações do nosso presidente Sarney, informando, aos credores do mundo inteiro, de que a "nossa dívida não será paga à custa do suor do nosso povo", ou nossa inflexibilidade quanto à Lei de Informática. É a forma de, na pior das hipóteses, obter alguma vantagem a respeito dos assuntos. Assim, quando Hitler declarar que se a Inglaterra e a França insistirem na declaração de guerra "então batalharemos" ou "nem a força armanem o tempo vencerão a Alemanha", não significa que ele queira esta guerra, pelo contrário, se a quisesse era só ficar quieto e começar os canhonaços; suas palavras no caso terão a finalidade de tentar intimidar as duas potências adversárias, pois conforme foi constatado posteriormente, a máquina de guerra alemã naquele momento, 6/10/39, era ridícula, mas disciplinada, haviam combatido na Polônia muitas vezes com munição sem o acabamento final, as batalhas com os polacos também não foram tão fáceis como Hitler procura dar a entender, para impressionar os adversários. Está teoricamente provado, por exemplo, que se apenas a França, naquele momento invadisse a Alemanha, teria dado um verdadeiro "passeio". Os discursos públicos de Chefes de Estado, que estavam muito em moda naquela época, me fazem lembrar a briga de dois cariocas, que tive a oportunidade de assistir no Rio de Janeiro, há muitos anos atrás: Foi numa esquina da Av. N.S. de Copacabana; não vi o início, quando cheguei estavam começando as intimidações de um contra o outro, ambos usando a gíria carioca, um ameaçava aqui, o outro lá, e o ajuntamento cada vez maior; o tempo passava e ninguém batia em ninguém, mas as bocas dos contendores com ameaças, não paravam, naquele linguajar tão característico; os dois, que numa

altura deviam estar reciprocamente apavorados, foram "salvos" por dois guardas, que os conduziram para lados opostos. A diferença na Europa é que não havia guardas para apaziguar os ânimos, APENAS ATIÇADORES!).

Vejamos a continuação da prestação de contas do Führer:

"Teríamos podido esmagar a resistência de Varsóvia muito antes, em dois ou três dias, se o tivéssemos querido. Foi por piedade que propús a evacuação da população da capital polaca. Mas o comando polaco, demasiado orgulhoso, não se dignou responder. Dei então ordem para se bombardearem apenas os objetivos militares. O marechal que fugiu animou os civis à resistência.

Sabendo que as tropas regulares não podiam resistir aos ataques alemães, os chefes militares polacos transformaram a cidade numa fortaleza e levantaram barricadas, excitando toda a população civil à luta. Quis poupar, pelo menos, mulheres e crianças e propus a saída da população civil. Ordenei uma suspensão das hostilidades, mas todos ficamos, outra vez, em vão à espera de um parlamentário polaco, da mesma maneira que, antes de rebentar a guerra, tínhamos esperado um enviado plenipotenciário. Propús depois, concentrar toda a população civil num bairro da cidade, que ficara livre do nosso bombardeamento. Foram os subúrbios de Praga que destinei para esse fim. Mandei prorrogar os respectivos prazos e dei ordens à aviação de bombardeamento e à artilharia pesada para combaterem exclusivamente com fins militares. Os polacos responderam a estas propostas com desprezo. Mais de uma vez me esforcei para que fosse evacuada, pelo menos, a colônia internacional, o que finalmente, consegui. No dia 25 de setembro ordenei, então, o ataque que começou no mesmo dia e levou rapidamente à capitulação. 120.000 homens não ousaram fazer uma sortida e preferiram depor as armas. Por isso, o caso de Varsóvia não pode pôr-se em paralelo com o caso de Alcazar. No Alcazar, um número insignificante de heróis defendeu-se durante semanas. Aqui entregaram de uma maneira irresponsável, uma grande cidade à destruição para logo capitularem. O soldado polaco defendeu-se valentemente, mas a sua chefia suprema era falha de escrúpulos. O mesmo direi da península de Hela. Faço estas afirmações para evitar que se criem lendas e histórias. Se houver lugar para lendas na história desta guerra, só poderá tratar-se da lenda do heroismo do soldado alemão".

"Se em cinco semanas se destrói um Estado de 35.000.000 de habitantes, isto não significa que se trate duma

questão de sorte. Prova a capacidade do comando e a capacidade de sacrifício e de bravura das nossas tropas, a sua coragem exemplar. Sentimo-nos todos em segurança com a força do nosso exército".

"O sangue vertido em comum soldará ainda mais apertadamente os diversos elementos do povo alemão, que tiveram o seu quinhão nos combates. As nossas tropas não só foram capazes de atacar, mas ainda de aguentar. Descreve os muitos combates corpo-a-corpo das divisões alemãs do Vístula com as tropas polacas, que combatiam, desesperadamente, numa frente de mais de trinta quilômetros. Pede à assembléia que escute de pé a leitura que vai fazer das baixas alemãs até o dia 3 de outubro de 1939. Hitler lê:

"10.572 mortos, 30.322 feridos e 3.404 desaparecidos".
Nota que na campanha da Polônia participaram muitos ex-combatentes condecorados da guerra de 1914/18. "O resultado é a destruição completa do exército polaco. 644.000 prisioneiros tomaram o caminho da Alemanha". Fala do desabamento histórico de um Estado que nascera nos Salões. Afirma que Versalhes, sem fazer nenhum caso das evoluções milenárias, construiu um Estado que devia ser o princípio e fermento de novos conflitos. Declara que Lloyd George previu a inviabilidade de semelhante Estado.

Fala dos métodos empregados pelo governo polaco relativamente às minorias, depois de afirmar que à Polônia foram atribuídas regiões em que a minoria polaca era ínfima. "E nós, homens de Estado, demos a esse Estado o nome de Democracia!... O regime polaco nunca teve por detrás dele mais de quinze por cento da população do país. O Vístula, esse rio que a Polônia dizia capital para ela, estava abandonado. Os rios estão em riscos de açoreamento e encontram-se incapacitados para a navegação. Quem viajou na Polônia, uma, duas, ou três semanas, sabe o que significa a expressão "Poelnische Wirtschaft" (método de trabalho polaco)."

"Esforcei-me por chegar a um apaziguamento, tendo em consideração os tratados. Mas nada consegui. Já em 1922, quase um milhão de alemães teve que deixar os seus lares nas regiões submetidas ao domínio polaco, perderam as suas situações de trabalho, as suas casas e os seus haveres, levando apenas o que tinham sobre o corpo. Vimos esta miséria durante anos e anos, sempre com a intenção de melhorar a sorte dos nossos ir-

mãos. Mas tomaram a nossa moderação como indício de fraqueza. As propostas de 1939 foram objeto de conversações com o ministro Beck".

"Os polacos, porém, estavam muito longe de consentir num acordo. Alimentavam a intenção de atacar o território do Reich. Em discursos exigiam, além da Prússia Oriental, a Pomerânia e a Silésia, considerando o rio Elba, como fronteira natural entre a Alemanha e a Polônia, baseando nestas exigências a missão civilizadora dos polacos e confiando na força do exército polaco e na covardia do soldado alemão. A grande Alemanha foi alvo de ofensas que nenhum grande Estado poderia tolerar por mais tempo. Esta guerra demonstrou bem os intuitos selvagens dos polacos. Em muitas localidades das regiões de população alemã não havia um único homem. As mulheres e as crianças eram torturadas. Durante os quatro anos da Grande Guerra não vimos selvageria igual a esta que os polacos demonstraram nesta curta campanha!"

"Se os ingleses tivessem sofrido quanto mais não fosse um por cento destes maus tratos, desejaria vê-los exprimir o seu desprezo por estes horrores... Então, estou certo disso, não falariam do seu desprezo pela nossa aliança com a Rússia. Julgou-se que a nossa longanimidade era fraqueza. Injuriaram-nos com notas que tinham o caráter de ultimatum e os nossos avisos não fizeram mais do que redobrar as violências dos polacos!"

Mais uma vez cita que as últimas propostas alemãs se respondeu com a mobilização geral. "Mas, como os polacos julgaram que as nossas vistas largas eram fraqueza, tivemos que responder com as mesmas armas. Dar uma garantia a semelhante Estado e a tal governo não poderia deixar de levar à catástrofe. Protegida com a garantia, a Polônia recusou todas as nossas propostas e passou à ofensiva sobre o nosso território. Mas em algumas semanas, liquidou-se o destino desse Estado. O Estado polaco, com efeito, desapareceu, como uma das mais insensatas construções de Versalhes".

Abandonando o problema das relações germano-soviéticas: "Desde que os dois regimes se respeitem mutuamente, todo o motivo de inimizade desaparece **(Aplausos)**. A Grande Guerra, que pôs os dois países frente a frente, foi uma grande infelicidade. Serviu somente o interesse dos capitalistas que tratam agora de perfídia a aproximação germano-soviética. Quando os polacos tentaram subjugar Dantzig, procurei encontrar um meio termo. Quem diz que eu enviei um ultimatum à Polônia, relativamente à Dantzig, mente. As minhas propostas eram apenas a re-

petição das sugestões que eu examinara com o coronel Beck. A recusa dos polacos teve por motivo a vontade belicosa dos polacos que pensaram mesmo na anexação da Prússia Oriental. Os chauvins polacos não quiseram resolver a questão de Dantzig, pois servia-lhes de programa contra a Alemanha". Faz troça da "missão civilizadora da Polônia" e zanga-se bastante quando fala das campanhas anti-nazis dos polacos analfabetos.

"O homem que devia conduzir o exército a Berlim está agora tranqüilamente refugiado na Romênia.

Declarei já, que o pacto germano-soviético marcava uma fase decisiva na política estrangeira alemã. Os dois países no futuro marcham juntos pelo caminho da paz. A Rússia e a Alemanha contribuirão, cada uma na sua própria casa, para garantir a prosperidade das suas próprias populações".

O "Führer" discute a seguir a conhecida acusação feita à Alemanha de querer dominar o mundo... e diz:

"Aqueles que dominam em 40.000.000 de quilômetros quadrados pretendem que a Alemanha de 800.000 quilômetros quadrados quer exercer hegemonia... Os dois Estados, Rússia e Alemanha, estão agora decididos a pôr de parte tudo quanto possa pôr em causa as suas relações recíprocas".

O Chanceler indica que, presentemente, a tarefa essencial a liquidar com a Polônia consiste em fazer a colonização de nacionalidades, para que, subseqüentemente, nasçam melhores fronteiras.

O Führer define as finalidades alemãs quanto à Polônia da seguinte maneira:

1.º - Estabelecimento de uma fronteira do Reich conforme com os dados históricos;

2.º - Pacificação do conjunto do território;

3.º - Garantia absoluta de segurança, não só do território do Reich, mas do conjunto de zonas de interesse;

4.º - Arranjo do aspecto econômico, cultural, etc.;

5.º - Renovação das conjunturas etnográficas, isto é, restituição territorial de tal forma que a retrocessão compreenda linhas de fronteira melhores do que as atuais".

"O Reich e os Soviétis acordaram em se apoiar completamente e jamais permitirão que o Estado polaco se torne em pomo de discórdia entre os dois países. A nova ordem de coisas a estabelecer deve nascer da determinação das camadas étnicas. A sudeste, o princípio das nacionalidades, sobretudo, deve ser respeitado".

"Não se assimila um povo que tem um alto grau de civiliza-

ção. A maior parte dos estadistas de Versalhes não tinha a menor noção de história. A revisão está prevista no Tratado de Versalhes, mas gorou-se na prática, quando é certo que a Sociedade das Nações perdeu toda a justificação de sua existência. Com efeito, a Soc. das Nações converteu-se no centro dos que continuavam interessados na conservação da paz de Versalhes". Em tom irônico Hitler acrescenta:

"Se hoje se considera ainda como governo um grupo de três pessoas que possuem ainda bastante dinheiro para serem independentes nas democracias que as albergam, pode também considerar-se que a Soc. das Nações ainda existe, mesmo quando já não se componha senão de dois Estados. **(Risos)**. Dei ao povo alemão a minha palavra de que suprimiria Versalhes e voltaria a restituir-lhe o seu direito vital natural: é esta a razão por que, se um estadista me acusa de faltar à palavra, eu me insurjo".

Compara a modéstia das pretensões territoriais alemãs, com as proporções territoriais do império inglês e diz:

"40.000.000 de ingleses DOMINAM 40.000.000 DE QUILÔMETROS QUADRADOS. É JUSTO QUE 82.000.000 DE ALEMÃES TENHAM APENAS 800.000 QUILÔMETROS QUADRADOS? É INJUSTO QUE RECLAMEM AS SUAS COLÔNIAS? É verdade que eu me recusei a apresentar os direitos alemães em tom de prece perante o Consórcio Internacional **(Aplausos)**".

"Mas sempre procurei ser preciso nas negociações". Afirma que a revisão de Versalhes feita por ele é extremamente modesta. "Uma questão há que Versalhes não pôde resolver: os povos continuaram a subsistir mesmo depois do desaparecimento dos respectivos Estados em conseqüência do Tratado de 1919". Declara que não teve outra finalidade senão garantir condições de existência suportáveis ao povo alemão. "Em nenhum país do mundo, foi maior que na Alemanha a sede de paz. Talvez para alguns tenha sido dolorosa a destruição do Tratado de Versalhes, mas fez-se sem efusão de sangue e isso é uma felicidade para a humanidade. A revisão dos tratados poderia ter-se feito sempre pacificamente".

"A mais importante reivindicação alemã é a devolução das colônias. Esta reivindicação não é um ultimatum e não será imposta pela força".

A seguir, Hitler expõe os princípios da política externa alemã:

"1.º - A Alemanha concluiu pactos de não agressão com os países bálticos.

2.º - No passado nunca houve razões de conflito entre a Ale-

manha e os Estados nórdicos. Por isso a Alemanha propôs a conclusão de pactos de não agressão à Noruéga e à Suécia.

3.º - A Dinamarca concluiu um pacto de não agressão com a Alemanha.

4.º - Ligam-nos à Holanda laços de velha amizade.

5.º - Desde a minha subida ao poder, tentei entrar em relações amistosas com a Bélgica.

6.º - As nossas relações com a Suíça são regidas por um espírito de reciprocidade amigável.

7.º - Comuniquei à Iugoslávia que a Alemanha considera as fronteiras daquele Estado como definitivamente traçadas.

8.º - Ligam-nos à Hungria, desde há séculos, as mais cordiais relações. Também estas fronteiras são definitivas.

9.º - A Eslováquia colocou-se, POR SUA LIVRE VONTADE, sob a *proteção* do Reich".

Quanto às relações com as grandes potências:

"Reconhecemos, de comum acordo com o Duce, como definitivas, as fronteiras existentes. O adversário da Grande Guerra tornou-se amigo cordial. Não chegamos apenas ao estabelecimento de relações normais, mas encontramos as bases para uma colaboração extraordinariamente amistosa, por meio da conclusão de um pacto".

"No que diz respeito à França, as nossas relações com ela estão claramente definidas. Exigimos unicamente a restituição do território do Sarre que, depois do plebiscito ali efetuado, voltou a pertencer ao Reich. Com a solução desse caso não existem mais reclamações da nossa parte. Recusei-me a tocar mais no assunto da Alsácia e Lorena, porque não representa um problema que possa separar a Alemanha da França. Recusei-me a entrar numa guerra sangrenta cujo resultado não poderia corresponder às eventuais vantagens. Nenhum homem de Estado da França pode dizer que eu tinha apresentado uma única reivindicação que não esteja de acordo com a honra e os interesses do Estado francês. Melhor: animou-me sempre o desejo de estabelecer relações de justiça e amizade com a França. Esforcei-me para extirpar do povo alemão todo o sentimento de hostilidade para com a França e por desenvolver no meu povo o sentimento de respeito pelos franceses".

"O mesmo pode dizer-se sobre as nossas relações com a Inglaterra. Em parte alguma prejudicamos os interesses ingleses, mas infelizmente, a Inglaterra, pelo seu lado, tem achado sempre bem IMISCUIR-SE EM NOSSOS ASSUNTOS. Os homens de Estado britânicos nunca ocultaram o seu desejo de agredir e com-

bater a Alemanha na primeira ocasião. Os motivos alegados para as suas intenções agressivas não passam de afirmações ridículas. Eu estou convencido de que o entendimento mútuo entre a Inglaterra e a Alemanha só pode ser proveitoso para todos os povos do mundo. Se este caminho não conduzir ao resultado desejado, a culpa não pode ser nossa".

"Lendo a imprensa estrangeira, acho necessário falar em nome daqueles que representam as VÍTIMAS DA IMPRENSA. Em nome da democracia, anunciam-se grandes coisas com títulos espalhafatosos. A realidade é outra. A realização do conteúdo dos numerosos artigos jornalísticos não nos afeta. Um exemplo: escreveram que os destacamentos motorizados da Alemanha são de pouco valor; agora, depois da destruição da Polônia, dizem que foram exatamente as forças motorizadas da Alemanha que causaram a ruína da Polônia; afirmaram que a infantaria alemã não presta para nada e que isto representa um sintoma muito favorável para o êxito da guerra na frente ocidental. Dizem isto ao soldado francês, mas o soldado francês talvez tenha, um dia, muito prazer em puxar as orelhas a estes profetas. Infelizmente não lhes será possível isso, porque TAL GENTE NÃO COSTUMA ENCONTRAR-SE NOS CAMPOS DE BATALHA. Não sabem o que são 15 dias de fogo cerrado, não fazem idéia, alguma das coisas militares e, por isso, acho que é meu dever fazer ouvir a minha voz".

"PORQUE TEM DE CONTINUAR ESTA GUERRA? QUAL É A RAZÃO DE CONTINUAR ESTA GUERRA? A Polônia do Tratado de Versalhes nunca mais ressuscitará. Para isto existe a garantia germano-soviética".

Hitler desenvolve ainda as suas considerações. Pergunta se a guerra se destina a destruir o regime nacional-socialista, mas mesmo que isso acontecesse depois de três, seis ou oito anos de guerra, ter-se-ia afinal um novo Versalhes, fonte de novos conflitos.

"Se a opinião de Churchill vier a triunfar, então batalharemos. Nem a força armada, nem o tempo vencerão a Alemanha".

"A organização do espaço oriental é um problema que será resolvido pela Rússia e pela Alemanha. A competência das democracias ocidentais para o restabelecimento de uma situação normal foi desmentida pelos acontecimentos dos últimos tempos. Temos o exemplo bem evidente da Palestina, que nos mostra QUE AS DEMOCRACIAS FARIAM MELHOR EM NÃO SE IMISCUIR EM ASSUNTOS QUE ESTÃO NA ESFERA DE INTERESSES DE OUTROS POVOS."

"DEVERIA FAZER-SE UM ACORDO QUE SE BASEASSE NO DESARMAMENTO E NA ELIMINAÇÃO DAS ARMAS MAIORMENTE AGRESSIVAS, INCLUSIVE SUBMARINOS E BOMBARDEIROS, PARA ASSIM TORNAR IMPOSSÍVEL FAZER A GUERRA CONTRA AS CRIANÇAS, MULHERES E VELHOS. ESSE ACORDO DEVERIA PERMITIR DISCUSSÕES ECONÔMICAS E FINANCEIRAS, A DEVOLUÇÃO DAS COLÔNIAS ALEMÃS E UMA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL, QUE SERIA PRECISO PREPARAR MINUCIOSAMENTE!"

"A realização destes desejos dentro de uma colaboração geral de todas as nações seria necessária. Caso não se chegue a esta conferência da paz, a guerra na frente ocidental continuará sob a forma da destruição sistemática de muitas cidades. Entre outras os franceses destruirão Sarrebruck, a Alemanha responderá com a destruição de Mulhouse; do lado alemão seguir-se-ia Karlsruhe e do lado francês Estrassburgo".

"O fim seria um caos completo. O exemplo da Polônia devia ter mostrado que seria melhor pensar na possibilidade de uma paz. O duelo dos canhões não se limitará ao continente, porque alcançará também o mar. Hoje já não existem mais ilhas. Populações inteiras derramarão o seu sangue nos campos de Batalha, e, algum dia, haverá de novo uma fronteira entre a Alemanha e a França, só com a diferença de ser demarcada pelas enormes crateras das granadas e pelos campos de minas. Que ninguém tome as minhas palavras como indício de fraqueza. Seria engano. Uma Alemanha, como a de novembro de 1918, não voltará. Talvez o Sr. Churchill esteja convencido de que a Grã-Bretanha vencerá". **(Quero esclarecer que no dia do discurso de Hitler, ainda não era o 1.º Ministro, era porém o 1.º Lord do Almirantado Britânico, "copa e cozinha" de nada mais nada menos que o Sr, Chaim Weizmann, incansável Presidente da Organização Sionista Mundial, que funcionava em Londres, e que em 1948 foi eleito o 1.º presidente do recém proclamado Estado de Israel. Além do ódio que Churchill nutria a Hitler, cujo único motivo pode ser atribuído a que o Führer não o recebeu anos atrás, era um dos maiores incentivadores da guerra à Alemanha. Vamos ler apenas três passagens do livro - "Israel do Sonho à Realidade", uma autobiografia de Chaim Weizmann, que comprova a ligação total dos dois políticos. Assim temos, às pgs. 466/467: Antes da guerra ia ser debatido, na Câmara dos Comuns, e votado o caso do "Livro Branco" sobre a Palestina - Escreve Weizmann:**

"Sabíamos que a votação seria contra nós, dado o estado de espírito da Câmara, a mesma que possuía, atrás de si, o regis-

tro de Viena e Praga. Nossos apelos à opinião pública foram em vão. Brevemente, depois do meu regresso de rápida visita à Palestina, encontrei Winston Churchill, que me disse que participaria do debate, falando naturalmente contra o proposto "Livro Branco". SUGERIU-ME ALMOÇAR COM ELE NO DIA DO DEBATE. INFORMEI DO COMPROMISSO AOS MEUS COLEGAS. ESTAVAM ELES CHEIOS DE IDÉIAS SOBRE O QUE CHURCHILL *DEVERIA* DIZER E CADA UM RECOMENDOU-ME: "Não esqueça este pensamento" e "não esqueça aquele pensamento". Ouvi respeitosamente, mas me achava inteiramente certo de que um orador do gabarito do Sr. Churchill teria o seu discurso completamente planejado e não desejaria que alguém viesse com sugestões uma hora ou pouco mais, antes de pronunciá-lo. Ao almoço estiveram presentes, além do Sr. Churchill e de mim mesmo, Randolph Churchill e Lord Cherwell. *(Lord Cherwell é nada mais, nada menos que o judeu Prof. Frederick Alexander Lindeman, que viria a ser o orientador de Churchill, para o assassinado através do espaço com os insanos ataques aéreos terroristas contra a Alemanha).* Não me enganei em minha pressuposição. O Sr. Churchill se encontrava minuciosamente preparado. HAVIA ELABORADO UM MONTE DE FICHAS E LEU SEU DISCURSO PARA NÓS. DEPOIS, PERGUNTOU-ME SE TINHA ALTERAÇÕES A SUGERIR (!). Respondi que a arquitetura do discurso era tão perfeita que só havia um ou dois pequenos pontos os quais desejaria fossem alterados mas eram tão sem importância, que não iria aborrecê-lo com isso". - Quer dizer que se o Sr. Weizmann não estivesse de acordo ele alteraria o discurso...

A segunda passagem, entre muitas, é da pg. 474 já em dezembro de 1939 após a declaração de guerra à Alemanha:

"Quando informei ao Sr. Churchill, então de volta ao Almirantado - exatamente onde se encontrava, quando deflagrou a Primeira Guerra Mundial - que eu pensava em viajar para os Estados Unidos, ele manifestou o desejo de me ver e a 17 de dezembro, três dias antes da minha partida, procurei-o no Almirantado".

"Encontrei-o não só cordial, MAS CHEIO DE OTIMISMO ACERCA DA GUERRA. Quase suas primeiras palavras, depois de saudar-me, foram: BEM, Dr. WEIZMANN, VAMOS DAR-LHES UMA SURRA!"

— O próprio Dr. Weizmann não pensava inteiramente assim e não o disse - "Dirigi a conversação para nosso próprio problema e lhe AGRADECI SEU INCESSANTE INTERESSE PELOS ASSUNTOS SIONISTAS. Disse-lhe: O SR. ESTEVE JUNTO AO EM-

PREENDIMENTO, DESDE O BERÇO, CONFIO QUE O ACOMPANHARÁ ADIANTE. Acrescentei, então, que, depois da guerra desejaríamos construir um Estado de três ou quatro milhões de judeus na Palestina. Sua resposta foi a seguinte: Sim, em verdade concordo inteiramente com isto".

A terceira passagem acontece em 1941, quando Churchill já era 1.º Ministro há muito tempo. À pg. 481, o Dr. Weizmann escreve:

"Na primavera de 1941, interrompi minha atividade em Londres para uma visita de três meses aos Estados Unidos. VIAJEI A PEDIDO DO GOVERNO INGLÊS, PREOCUPADO COM A EXTENSÃO DA PROPAGANDA ANTI-BRITÂNICA ENTÃO GRASSANDO NOS ESTADOS UNIDOS, mas dei igualmente muita atenção aos problemas sionistas. Não foi fácil para mim explicar às audiências judaicas os *HUMILHANTES ATRASOS* PARA A FORMAÇÃO DE UMA FORÇA COMBATENTE JUDIA, ainda mais porque, de fato, os judeus norte-americanos, ingleses e da Palestina estavam sinceramente com a Inglaterra. TIVE A IMPRESSÃO DE QUE DOIS TERÇOS DAS SOMAS COLETADAS NAS CAMPANHAS PRÓ-INGLATERRA PROCEDERAM DOS JUDEUS (!!!)". - Como ele resolveu o problema da propaganda anti-britânica nos E.U.A., nestes três meses, o Dr. Weizmann não revela, porém como sempre foi um grande batalhador, também nessa missão deve ter saído muito bem! À primeira vista, o fato de enviar o Presidente da Organização Sionista Mundial, aos E.U.A. durante três meses, para tratar de assuntos do Governo Inglês, que possui todo um corpo diplomático nos E.U.A., além do Ministro do Exterior, parece totalmente estranho, porém se examinarmos o motivo principal - A PROPAGANDA ANTI-BRITÂNICA NOS E.U.A. - veremos que Churchill acertou na "mosca"...)

Voltemos ao discurso de Hitler, quando dizia que talvez Churchill esteja convencido de que a Grã-Bretanha vencerá...

"Eu, por minha parte, não tenho a menor dúvida de que a vitória será nossa. A sorte há de decidir quem é que tem razão. ATÉ AGORA, NUNCA HOUVE, AO MESMO TEMPO, DOIS VENCEDORES, MAS SIM DOIS VENCIDOS, COMO ACONTECEU NA ÚLTIMA GUERRA MUNDIAL!"

Hitler enumerou, a seguir, as metas da Alemanha:

1.º - Liquidação adequada das fronteiras alemãs, de acordo com as condições étnicas e sociais;

2.º - As várias raças sob a soberania da Alemanha e as do Sudeste europeu devem ser arrumadas;

3.º - Tentativas para a liquidação do problema judaico;

4.º - Restabelecimento das relações comerciais com todos os países;

5.º - Criação de um Estado polaco.

"Evidentemente a preparação de semelhante acordo não pode fazer-se ao som dos canhões e sob a pressão dos exércitos mobilizados. Não voltarei a fazer novas propostas. Será bom que se convoque a conferência antes de terem morrido milhões de homens. Não pode continuar a situação na frente ocidental. Não creio que haja estadista algum que não deseje a paz. Se se faz esta guerra para instaurar outro e novo regime na Alemanha, o resultado será, evidentemente, fazerem-se enormes sacrifícios de parte a parte, e o III Reich ressurgirá mais uma vez. Creio que pode haver ainda paz entre a Inglaterra e a Alemanha, se os dois povos chegarem a um acordo. A ser impossível o entendimento pacífico, então a força decidirá.

Como Führer **(Chefe)** do povo alemão e Chanceler do Reich, só posso agradecer neste momento a Deus, que na primeira parte desta guerra nos concedeu a vitória, e fazer votos para que, em breve, possamos gozar, outra vez, a felicidade da paz!"

AINDA POLÔNIA × ALEMANHA

Por ocasião do Tratado de Munich, firmado entre a Alemanha, Grã-Bretanha e França, em setembro de 1938, e que desmembrou a Tchecoslováquia, outra cria de Versalhes, a Alemanha cedeu à Polônia a Província de Teschen, por estar habitada por uma maioria polaca. Isto mostra que os interesses da Alemanha se prendiam mais às separações étnicas, do que as territoriais, pois se assim não fosse, teriam ficado com esta rica Província.

Mostra, outrossim, que se tivessem pré-concebido um futuro ataque à Polônia, também não teriam cedido este território, um ano antes!

A INVASÃO DA POLÔNIA PELA U.R.S.S.

A maioria dos historiadores afirma que a invasão da Polônia, pela Alemanha e pela União Soviética, foi resultado de acordos secretos que teriam sido feitos entre estes dois países.

Os acontecimentos, porém, examinados em maior profundidade não confirmam este fato, senão vejamos:

A Alemanha apesar de, a exemplo da Polônia, também ter se mobilizado, estava ainda tratando de acertar as negociações,

cada vez mais difíceis e explosivas, quando veio o novo incidente de fronteira que precipitou tudo, no dia 1.º de setembro de 1939.

A União Soviética somente mobilizou suas forças armadas no dia seguinte, fato que elimina pensar em prévia combinação, somente entrando em luta no dia 17 de setembro de 1939, quando os alemães estavam vencendo em quase todas as frentes.

Interessante ler o que o Sr. Ivan Maiski, judeu, e Embaixador da União Soviética em Londres, ANTES e DURANTE A GUERRA, escreveu no seu livro "Quem ajudou a Hitler", a pg. 178:

"Schulenberg (embaixador da Alemanha em Moscou, tocou na questão da Polônia. Disse que a Alemanha procurava resolver as suas divergências com a Polônia por via pacífica. Entretanto, se a obrigassem a proceder de outra forma, levaria em conta OS INTERESSES SOVIÉTICOS".

E a pg. 187, referindo-se à entrada da URSS na Polônia:

"A única coisa que se podia fazer ainda era SALVAR DA INVASÃO ALEMÃ A UCRÂNIA OCIDENTAL E A BIELO RÚSSIA OCIDENTAL. E foi o que fez a União Soviética". Ainda na mesma página, referindo-se ao acordo assinado entre a URSS e a Alemanha, firmado em agosto de 1939:

"Frustrou-se a possibilidade de formar uma frente única capitalista contra o povo soviético; mais ainda, foram FIRMADAS AS PREMISSAS PARA A CRIAÇÃO ULTERIOR DA COLIGAÇÃO ANTI-HITLERISTA, NA QUAL AS POTÊNCIAS OCIDENTAIS NEM SEQUER PENSAVAM ENTÃO!" **(Refere-se à coalisão capitalista formada pela Grã-Bretanha, França e Estados Unidos juntamente com a comunista União Soviética, coalisão que, caso não tivesse sido enterligada de uma forma muito especial, não teria sido possível concretizar, pelo antagonismo que existe; porém na época o comunismo ainda não estava tão depurado como hoje).**

O Avanço da U.R.S.S., levou suas forças a fazer divisa com os seguintes países, com os quais anteriormente não tinha fronteiras diretas: a Lituânia, à Alemanha na província da Prússia Oriental, à Hungria e à Eslováquia. Foi um avanço para não pôr defeito!...

A Alemanha, por seu lado, naturalmente assumiu imediatamente a Prússia Ocidental, ligando a Alemanha à Prússia Oriental e que havia perdido em Versalhes, e mais uma faixa de terras, onde ainda haviam alemães e que igualmente haviam perdido em Versalhes.

O restante do território polonês até a divisa com as forças soviéticas, em Brest-Litovsk, foi declarado Governo Geral da Polônia, sendo nomeado governador geral o Sr. Hans Frank e para vice-governador o Sr. Arthur Seyss-Inquart.

A VIDA NA POLÔNIA

Vamos examinar como era a vida na Polônia ocupada, bem como no Protetorado da Eslováquia, de acordo com o depoimento do repórter brasileiro Alexandre Konder, no livro "Um repórter brasileiro na Guerra Européia". É de suma importância, por ser o depoimento pessoal de gente nossa e não de agências de notícias ou jornais estrangeiros. O período é de fevereiro a maio de 1940. À pgs. 140/141:

"A Polônia era o país da Europa que maior percentagem de judeus possuía dentro de casa. Grande parte desta gente está até hoje sob o domínio alemão, junto a cujo Governador possui ela UM REPRESENTANTE, CONSULTIVO".

"Para melhor localizar o israelita, ele anda provisoriamente marcado com uma braçadeira branca, dentro da qual aparece uma estrela em linhas azuis. No mais, ele continuou como estava, entregue às suas atividades normais. Nenhuma restrição lhe foi feita. E a prova disso, eu a tive quando visitei Cracóvia, em companhia de dezenas de correspondentes de guerra estrangeiros. Um grande almoço foi-nos, então, oferecido pelas autoridades alemãs no Grande Hotel. Para esse almoço foram convidados os representantes dos jornais locais, INCLUSIVE OS ISRAELITAS".

"No Protetorado, onde é grande a população judáica, esta não usa braçadeira, nem sofreu, tão pouco, a menor restrição nas suas atividades. As casas de comércio israelitas funcionam como as demais. Nos quiosques de jornais e revistas vendem-se tanto as folhas judáicas, como as nazistas e tchecas". E segue às pgs. 163/175:

"Cracóvia, com o seu casario escuro e enfumaçado, com os seus carroções típicos, com a sua gente encapotada e friorenta, e também com a sua sujeira secular, está ante os meus olhos cansados da longa travessia ferroviária. Na ponta do Grand Hotel vejo grupos de populares que nos esperam. Somos dezenas de jornalistas estrangeiros. A nossa chegada consegue ser um acontecimento nessa manhã tranqüila da velha capital dos antigos reis da Polônia. Alguns batem palmas, outros pedem autógrafos. Vejo gente com uma braçadeira branca. São os judeus".

"O pessoal da imprensa - nomes de todos os climas - entra

no seu primeiro contato com a massa. Tiram-se as primeiras fotos. O grupo aumenta, interrompe o trânsito e ri satisfeito".

"Um cidadão aproxima-se de mim e olha fixo para a pequena bandeira brasileira que tenho à lapela. - Do Brasil? pergunta em português. Vivi muitos anos em Ponta Grossa, no Paraná. Tenho ainda lá o meu irmão. E o homem passa a me fazer uma verdadeira entrevista, no meio da rua, sobre o Brasil. Outros fazem círculo à minha volta. Ele vai traduzindo as minhas respostas, que são ouvidas com quase respeito".

Chega, afinal, a minha vez de perguntar.

— Aqui vai-se indo, responde-me. Os alemães no seu canto, e nós no nosso. Passados os primeiros momentos naturais da confusão e das surpresas da guerra, tudo voltou ao que era antes. Há muito trabalho agora em toda parte e a vida, DIA-A-DIA, SE TORNA MENOS DIFICIL".

"Choques com os alemães? indago em surdina. - Não! A princípio talvez, mas hoje não. Como verá, os alemães retiraram quase todos os seus soldados daqui. O policiamento é o normal de sempre. O Governador tem estreito contato com os diversos representantes da coletividade polonesa e com os dois demais povos que vivem no país. As deliberações são tomadas de acordo com todos, inclusive os judeus, que também possuem o seu "líder" junto ao governador".

"A princípio penso que a cena é preparada, que a coincidência desse encontro com um polaco que já viveu em Ponta Grossa, não passa de uma encenação. Durante o dia, porém, caminhando por todos os cantos da cidade e falando com gente de todos os matizes sociais, tenho oportunidade de ouvir as mesmas afirmações colhidas à porta do Grand Hotel".

A seguir descreve a entrevista com o vice-governador:

"O Sr. Seyss-Inquart recebe-nos sem protocolos na sua ampla sala de trabalhos. Manca ligeiramente de uma das pernas. Recordação da sua última queda de "sky"... O pioneiro do "Anschluss" da Áustria, é hoje a segunda autoridade alemã nos vastos domínios da antiga Polônia. É um homem reservado, quase lacônico. À primeira vista parece tão frio como os ventos do norte. Em se conversando com ele alguns minutos, porém, fica-se preso à sua simplicidade encantadora". **(Tanto Seyss-Inquart como o governador Hans Frank, foram enforcados em Nürnberg, como criminosos de guerra).**

"Seyss-Inquart pergunta pelas minhas impressões acerca da Polônia e diz-me que dispensa-se de falar sobre o assunto.

Prefiro que conte aos leitores do Brasil o que os seus olhos viram. A palavra oficial é sempre suspeita, mesmo quando ela não ultrapassa um milímetro da realidade''.

''Muito serviço? - indago. Oh! Muito, responde-me prontamente. Temos traçado um imenso programa para a reconstrução da Polônia. A sua brava gente bem que merece todos os nossos cuidados, todos os recursos da nossa técnica. Avaliamos exatamente a responsabilidade que pesa sobre os nossos ombros. Mas estamos seguros que poderemos levar avante a nossa tarefa construtora. Confiamos em nós e em nós confia o povo polonês, que, livre do pesadelo das manobras políticas dos seus antigos governantes, hoje pode seguir com confiança o seu destino, unindo os seus esforços aos nossos esforços, inaugurando assim uma nova era de cooperação teuto-polonesa''.

''Volto ao centro da cidade. As ruas regorgitam de gente. Dentro da soberba Catedral da Virgem, fiéis ajoelhados pelos lageados frios, fazem as suas preces. O templo gigantesco, que até o século XVI foi privativo da coletividade alemã (!), conserva ainda bem nitidamente os traços do gosto artístico germânico. Fora, em meio à tarde que se vai, grã-finas desfilam pelas calçadas cheias de mirones. Lembro-me das tardes de sábado na nossa Cinelândia, do Rio. O mundo está ficando muito igual''.

''Este telegrama foi publicado, com outros no mesmo sentido, na imprensa sul-americana, em fins de dezembro de 1939, quando eu estava aprontando as malas para a Europa e colei-o no meu caderno de notas, para fazer as minhas averiguações ''in loco'', o telegrama dizia:

''Paris, 24 (Agência Havas) - A agência polonesa ''Pat''(?) enviou à imprensa o seguinte comunicado:

''As perseguições contra o clero polonês e às ordens religiosas continuam. Numerosos monges foram presos e deportados. Por exemplo, todos os frades franciscanos de Nichokalanov, perto de Varsóvia, acabam de ser expulsos. Foram também presos, pela segunda vez, todos os padres jesuítas de Cracóvia. Os dominicanos e os bernardinos de laroslaw depois de presos e maltratados, foram expulsos durante a noite sem as suas bagagens''. Segue a Nota:

''Na igreja dos dominicanos de Lublin a porta do tabernáculo foi arrombada à baioneta e os monges, sob ameaças de morte, obrigados a indicar os lugares onde estavam os tesouros da igreja, assim como também preciosos documentos históricos. Todos os objetos foram destruídos''.

''A ordem dos palatinos foi igualmente deportada. Os jesuí-

tas de Poznam foram presos e os dominicanos internados. Foram expulsos os jesuítas de Ciesrzyn, com exceção de um alemão. As freiras e as irmãs de caridade enviadas para Kattowice foram substituídas por outras que acendem velas junto à fotografias do "Führer", diante dos quais se realizam verdadeiros atos religiosos. Com estas perseguições, os sentimentos religiosos e a afeição do povo polonês à igreja aumentam de dia para dia". **(Realmente um telegrama bem caprichado...)**

Agora segue o repórter Alexandre Konder:

"Agora eu releio o telegrama com atenção frente ao famoso santuário de Czestochowa, onde tudo parece tão tranqüilo como nos dias de antes da guerra. O templo está cheio e a imagem da Virgem resplandece em meio de um mar de velas, no alto do seu altar".

"Busco na sacristia um padre. Atendem-me gentilmente e, dentro em pouco, tenho à minha frente um religioso polaco. Ele fala corretamente o francês e eu lhe traduzo o telegrama. O padre mostra-se irritado e diz: "Não podemos compreender porque se insiste em fazer uma propaganda desse jaez lá fora. Isso só resultará em nosso prejuízo, pois a continuação de uma tal campanha acabará despertando, no seio dos alemães, a suspeita de que somos nós que divulgamos essas mentiras. É incrível que para fins políticos não se trepide em envolver a religião em toda sorte de intrigas".

"Outros padres se juntam à minha volta. Traduzimos novamente o telegrama que eu trouxe do Brasil. Trocam impressões entre si e abanam as cabeças, em sinal de reprovação. Afinal o padre vira-se para mim e continua:

"Veja o caso do nosso santuário. Espalhou-se, com escândalo, que tudo havia sido impiedosamente destruído, inclusive a imagem da Santa Virgem. Isso, entretanto, foi incontinente desmentido por nós mesmos. Como está vendo: tudo está como estava, inclusive a liberdade de praticar a religião. Nenhum fiel foi coagido pelos alemães no exercício das suas devoções".

"Digo-lhe então que em Kattowice, em Varsóvia e em Cracóvia vira, com os meus olhos, os templos abertos e repletos de crentes".

"O padre interrompe-me: Pois nada houve contra a religião, homem de Deus! Durante a campanha, sim, registraram-se alguns choques, mas por motivos exclusivamente políticos. Alguns padres foram envolvidos nos acontecimentos e sofreram as conseqüências dos azares das batalhas. Terminada a guerra, porém, nada mais ocorreu a nenhum religioso polonês, a não ser

aqueles que estavam intimamente ligados à política. Continuamos com as nossas igrejas, com as nossas escolas, com as nossas irmandades e instituições pias em pleno funcionamento. Pregamos os nossos sermões livremente e em nossa língua, e nada, absolutamente nada, até agora aconteceu, nos domínios da religião, que possa justificar essa campanha, "deveras irritante" (sic) que se faz lá fora, procurando atrair contra os alemães as antipatias do Mundo cristão. Repito: isso só poderá resultar prejudicial para nós e para os milhões de católicos".

"Stenografo palavra por palavra do que me vai dizendo o Reverendo. A cena passa-se no lugar mais sagrado da Polônia católica - no santuário de Czestochowa. E quem fala é um padre católico polaco."

"Momentos depois, na estrada, o meu auto cruza com vários caminhões. Vão cheios de meninas e de freiras. É um colégio feminino, que se dirige em romaria ao santuário da milagrosa Virgem Negra".

"Ainda não faz um mês que eu estive no Santuário; ainda não faz um mês que eu visitei dezenas de templos católicos em várias cidades da Polônia e que entrei em contato com as figuras mais destacadas do catolicismo local. Eis porque me surpreendeu bastante, em aqui chegando - no Rio - encontrar um novo despacho da Havas, repetindo as mesmas mentiras por ela espalhadas, em dezembro passado, sobre as PERSEGUIÇÕES RELIGIOSAS NAZISTAS, na velha pátria de Kosciusko..."

"No aeroporto de Munich, preparando-se para voltar ao Brasil, via Itália, Alexandre Konder, junto a vários correspondentes de guerra, gozam a cara de um colega norte-americano, que trouxera dos E.U.A., várias caixas de carne em conserva e outros pacotes de comestíveis, para enfrentar a fome na Alemanha, bloqueada pelos ingleses... Encabulado por ter-se deixado levar pela propaganda da Reuters, Havas, etc., ele deu sua preciosa carga às obras de Socorro do Inverno".

"No aeroporto ainda é lembrado outro fato que teria ocorrido, em fevereiro, com outro colega, mexicano, em Viena. Mal chegado na capital da valsa, procurou a direção dos ghettos, com sua máquina fotográfica, afim de apanhar flagrantes sensacionais de judeus morrendo de fome pelas calçadas. Depois de quase uma hora de pesquisas, ele teria indagado a um austríaco qualquer "onde agonizavam os israelitas". Este tomando-o por louco, o teria entregue a um policial próximo, que o conduziu a um comissário, onde o mexicano teve oportunidade de esclare-

cer que em Nova York, antes de embarcar para a Europa, lera tantas notícias a este respeito, que resolvera fotografar estas cenas para os seus leitores"...

No meio desta gozação o brasileiro toma o avião para Veneza, de onde partiria, de navio, de volta para o Rio de Janeiro.

O ódio dos poloneses aos judeus, por tê-los, pela imprensa, conduzido à guerra contra a Alemanha, levando agrupamentos poloneses a verdadeira caçada de judeus, será analisada no devido capítulo.

Antes de continuar, quero contar um fato, acontecido na residência de um amigo, pouco antes de iniciar a escrever o presente livro. Este meu amigo, da classe média, é daqueles que se julga bastante bem informado, pois lê um jornal diariamente, e como a maioria, começa o jornal pela parte esportiva do futebol, dá uma verificada rápida na crônica policial, depois examina a parte política e econômica, e aí, como já leu bastante tempo, tira mais alguns minutos para ler rapidamente as notícias estrangeiras, limitando-se neste caso, muitas vezes, apenas à leitura dos títulos, que seguidamente nada têm a ver com o texto. Tem, assim, um conhecimento geral bem razoável. Quando se toca em determinado assunto ele tem condições de entrar e acompanhar o mesmo. É um tipo muito alegre e brincalhão.

Estávamos na sala, aguardando o início do jogo de futebol, pelo Campeonato Mundial, quando me perguntou:

Continuas lendo muito?

Não, lhe respondi; estou pensando seriamente em escrever um livro.

Opa, legal, qual é o assunto?

É um assunto terrível... Estou convencido de que a Alemanha foi e continua sendo injustiçada e - continuei - pior ainda, que Hitler não é nada daquilo como é apresentado.

Meu amigo, que já estava na segunda cerveja, me encarou, e vendo que eu não estava brincando, me brindou com uma gargalhada, que só acabou no banheiro, pois como tinha um pequeno problema na bexiga, simplesmente começou a se urinar ainda na sala; este "acidente" logicamente também me fez dar boas gargalhadas.

Quando nos acalmamos eu só disse a ele: Ri Macaco..., uma referência a um programa humorístico da televisão, no qual aparece um personagem dando risada sobre um assunto, sobre o qual não está a par e só a interrompe quando o outro lhe diz: Ri macaco, quando então pára de rir e começa a pensar.

RELATÓRIO DO EMBAIXADOR POLONÊS NOS EE.UU.

O texto abaixo, é do relatório, de 12/1/39 **(Quase 8 meses antes do conflito Polônia × Alemanha)**, feito pelo Embaixador polonês, nos Estados Unidos da América, Conde Jerzy Potocki, ao Ministro das Relações Exteriores da Polônia, que confirma fatos já apresentados anteriormente, acrescidos de muitos novos e cujo valor é notável, por tratar-se de pessoa adversária à Alemanha.

"O ambiente atualmente reinante nos Estados Unidos caracteriza-se por um ÓDIO CRESCENTE CONTRA O NAZISMO, muito especialmente concentrado na pessoa do Chanceler Hitler, bem como em geral contra tudo que tenha algo que ver com o nacional-socialismo. A propaganda acha-se sobretudo em mãos dos judeus aos quais pertencem quase 100% do rádio, do filme, da Imprensa e das revistas. Não obstante fazer-se, esta propaganda, muito grosseiramente, pondo-se a Alemanha tão baixa quanto possível, aproveitam-se das perseguições religiosas e dos campos de concentração - ela tem efeitos muito profundos, já que o público daqui não possui os menores conhecimentos, nem a menor idéia sobre a situação na Europa. Atualmente, a maioria dos americanos considera o Chanceler Hitler e o nacional-socialismo como o *pior açoite e o maior perigo que ameaça o mundo.* A situação aqui constitui um fôro excelente para toda classe de oradores e para *os emigrados da Alemanha e da Tchecoslováquia,* que não economisam palavras para excitar esse público com as calúnias mais variadas. Exaltam a liberdade americana, opondo-a aos Estados totalitários".

"Além dessa propaganda, cria-se também uma PSICOSE ARTIFICIAL DE GUERRA: pretende-se convencer o povo americano de que a paz na Europa pende apenas de um fio, *sendo a guerra inevitável.* A este respeito faz-se ver ao povo americano e de um modo contundente que a América, em caso de uma guerra mundial, teria de entrar na luta para defender no mundo o conceito da liberdade e da democracia".

"O presidente Roosevelt foi o primeiro que deu expansão ao seu ódio anti-facista. Com isso visa ele um duplo objetivo: primeiro, desviar a atenção do povo norte-americano dos problemas difíceis e intrincados da política interna, muito especialmente do problema da luta do capital contra o trabalho; segundo, CRIAR UM AMBIENTE DE GUERRA e, com rumores de um perigo que ameaça a Europa, convencer o povo americano a aceitar o ENORME PROGRAMA ARMAMENTISTA, que excede em mui-

to às necessidades da defesa dos Estados Unidos. Quanto ao primeiro ponto, cabe dizer que a situação no mercado de trabalho é cada vez pior, chegando o número dos sem trabalho já hoje a 12.000.000 (!). Os dispêndios da administração no país e dos territórios tomam, cada dia, maior vulto, e, unicamente as enormes somas de bilhões de dólares que o Tesouro investe nas obras para dar ocupação a esses sem-trabalho, mantém uma certa tranqüilidade interna'' **(O programa armamentista norte-americano, pelo acima declarado, vai completar 50 anos, em breve...)** ''Até agora ocorreram apenas greves e distúrbios locais, que não saem do comum. Até quando será possível suportar essa classe de subsídios do Estado, é difícil vaticinar. A excitação e a indignação da opinião pública, bem como os graves conflitos entre empresas particulares e ''trusts'' poderosos, de um lado, e operários do outro, criaram muitas inimizades ao Sr. Roosevelt, tirando-lhe o sono numerosas noites''.

''Sobre o segundo ponto, só se pode ver que o presidente Roosevelt, em um hábil jogo político, como bom conhecedor da psicologia americana que é, pode desviar logo a atenção do público do seu país da situação interna, interessando-o pela política internacional. O método para atingir essa finalidade não era muito difícil. Bastava por em cena, por um lado, e de modo adequado, um perigo de guerra que ameaçava o mundo pela atuação do Chanceler Hitler, e, por outro lado, um fantasma falando de um ataque AOS ESTADOS UNIDOS por parte dos países totalitários (...). O pacto de Munich foi para o presidente Roosevelt uma ocasião muito oportuna. Ele o apresentou como uma capitulação da França e da Inglaterra diante do plano belicoso do militarismo alemão. Como se costuma dizer aqui, ''Hitler colocou a pistola no peito de Chamberlain''. A França e a Inglaterra, portanto, não tinham outra coisa a escolher, senão assinar essa paz desonrosa''.

''Também o PROPALADO TRATAMENTO BRUTAL AOS JUDEUS NA ALEMANHA e o problema dos emigrantes, deram novos alentos ao ódio contra tudo que se relaciona com o nacional-socialismo alemão. Desta ação participaram ALGUNS INTELECTUAIS JUDEUS, COMO BERNARD BARUCH; O GOVERNADOR DO ESTADO DE NOVA YORK, SR. LEHMANN, O RECÉM-NOMEADO JUIZ DA CORTE SUPREMA, SR. FELIX FRANKFURTER, O SECRETÁRIO DO DEPARTAMENTO DO TESOURO, SR. MORGENTHAU, e outras personalidades da amizade do presidente Roosevelt, intreressados em que este se converta em diri-

gente da luta pelos direitos dos homens e pela liberdade da religião e da palavra, e que se castigue futuramente os que criam intranquilidades ao mundo".

"Estas pessoas, investidas nos mais altos cargos do governo norte-americano, e que pretendem apresentar-se como "representantes do verdadeiro americanismo e como "defensores da democracia", no fundo, apenas estão ligadas *com laços indestrutíveis,* AO JUDAISMO INTERNACIONAL. Para esta internacional judaica, que defende antes de mais nada os interesses da sua raça, a colocação do presidente dos Estados Unidos nesse posto "mais ideal" de defensor dos direitos da humanidade, foi uma cartada verdadeiramente genial. Com isso criaram neste hemisfério um foco muito perigoso de ódio e de inimizade, além de terem dividido o mundo em dois campos opostos".

"Todo o problema está sendo tratado de modo misterioso: nas mãos de Roosevelt estão as bases da próxima política externa dos Estados Unidos e a criação simultânea de colossais estoques militares para a guerra futura, QUE OS JUDEUS PENSAM DESENCADEAR DELIBERADAMENTE. Do ponto de vista da política interna, é muito cômodo desviar a atenção do público dum anti-semitismo cada vez mais intenso na América do Norte, falando da necessidade de defender a religião e as liberdades contra os ataques do fascismo". **(Sem comentários!!!)**

A GUERRA - 1

A Inglaterra declarou que "não era por vingança que fazia a guerra contra a Alemanha, mas para defender a Liberdade (?). "Que não só a liberdade das pequenas nações estava em perigo (?). "Que a existência pacífica da Grã-Bretanha também estava ameaçada, a dos Domínios, a da Índia, a de todo o Império britânico, a da França, em resumo, a de todos os países que amavam a liberdade" (!!!). **(do discurso de Chamberlain, na Câmara dos Comuns, no dia 12/10/39).**

Sabendo-se agora que Chamberlain confidenciou a Joseph Kennedy, de que "os judeus americanos e do mundo o forçaram a declarar guerra à Alemanha, entende-se porque fez as declarações acima, que não passam de "blá-blá-blá", ou alguém realmente pensa que a Inglaterra entraria numa guerra, em defesa da liberdade de outros países? Isso me parece uma exclusividade de Ronald Reagan, o "libertador de Granada"...

Da França, vamos examinar parte do discurso de Daladier, em resposta às propostas de paz de Hitler, radiodifundido no dia 10 de outubro de 1939;

"Nós não lutamos apenas pelas nossas terras e pelos nossos lares, mas também PELA CIVILIZAÇÃO (!), que vai além das nossas fronteiras e que fez de nós o que somos: seres livres, dignos, respeitadores do próximo, capazes de cumprir a palavra dada, fiéis à tradição de cultura e de ideal".

"Nem a França, nem a Inglaterra entraram na guerra para sustentarem uma cruzada ideológica, ou uma espécie de cruzada ideológica. Nem a França, nem a Inglaterra entraram também na guerra por espírito de conquista. Foram obrigadas a combater porque a Alemanha queria impor-lhes o seu domínio na Europa (?). A quem se fará crer agora que se tratava de Dantzig ou do corredor, ou então do destino das minorias alemãs? A própria Alemanha se encarregou de demonstrar que queria ou escravizar a Polônia pela armadilha (?) ou abatê-la pelo ferro".

Assim como Chamberlain, também Daladier em nenhum momento do discurso se referiu às perseguições às minorias alemãs, às ameaças constantes de invasão à Alemanha, ao não diálogo sobre o corredor de Dantzig-Prússia, nem ao ataque ao posto fronteiriço de Gleiwitz, que precipitou a guerra, e nenhuma vez, nenhum dos dois citou a invasão de mais da metade do território polonês pela Rússia, nem o que a Alemanha estava fazendo na Polônia. O que a União Soviética fez não interessava... A França ia lutar pela civilização e a Inglaterra pela liberdade dos povos!!! Eu acho que, se havia alguma preocupação por parte dessas duas potências, essas podiam referir-se aquelas ricas colônias, já anteriormente descritas, que haviam recebido de graça pelo tratado de Versalhes; e, assim, era preferível acabar de uma vez por todas com a Alemanha, contando para isso com o apoio de muita gente...

A UNIÃO SOVIÉTICA ATACA A FINLÂNDIA

No dia 30 de novembro de 1939, a União Soviética bombardeou a Helsinski e, sem declaração de guerra, atacou a Finlândia, que se havia recusado a ceder-lhe duas bases. Assinaram a paz em março de 1940, após uma guerra terrível, já que foi disputada em pleno inverno.

Atenção leitores: As duas potências, que em conjunto possuíam terras em redor de 53.000.000 de quilômetros quadrados, a Grã-Bretanha e a França, que lutavam contra a Alemanha de 800.000 quilômetros quadrados de terras, por ter entrado em guerra contra a Polônia, e cujos chefes no início de outubro haviam se declarado os DEFENSORES DA LIBERDADE DA HUMANIDADE, não entortaram nenhum dedo contra a União So-

viética, que em setembro invadiu a Polônia e em novembro a Finlândia. Podem ter certeza de que aí tinham coisas!... É só pensar um pouquinho.

A ALEMANHA OCUPA A NORUEGA E A DINAMARCA

O primeiro choque entre a Alemanha com as Potências ocidentais começaram no mar, onde a Inglaterra e a França, em conjunto tinham a mais poderosa frota do mundo. A Grã-Bretanha orgulhava-se do título de "Rainha dos Mares".

Conforme escreve Salvador Borrego em "Derrota Mundial", a frota inglesa contava com 272 barcos de primeira linha e a França com 99, enquanto a Alemanha apenas possuía 54 navios de guerra. Quanto aos submarinos a Inglaterra e a França, em conjunto tinham 135, contra apenas 57 dos alemães. Por isso estas duas potências escolheram o mar como a primeira linha de batalha e estabeleceram um bloqueio total para impedir que recebesse mantimentos e matérias-primas. Esperavam vencê-la pela fome.

Em dezembro de 1939 a Inglaterra começou a fazer seus preparativos para invadir a Noruega e a Dinamarca, juntamente com os estrategistas franceses, com a finalidade específica de cortar as linhas de abastecimento alemãs que passavam pela Noruega, e com isso apertar ainda mais o bloqueio naval imposto à Alemanha.

No início de 1940, já a braços com o poderio combinado da Grã-Bretanha e da França, que dispunham, respectivamente, da Marinha e do Exército mais poderoso da Europa, a Alemanha tinha o maior interesse em respeitar a neutralidade da Noruega e da Dinamarca, pois a Noruega era ponto de passagem obrigatório para as importações de mais de 10.000.000 de toneladas de minério de férro e de níquel, que vinham da Suécia. Além disso, a neutralidade norueguesa permitia aos alemães romper, ainda que precariamente, o rigoroso bloqueio naval estabelecido contra sua navegação pela Marinha britânica, que estava sob o comando do primeiro Lord do Almirantado, Churchill. A Dinamarca neutra constituia uma excelente fonte de produção de gêneros e suas relações com Berlim eram boas. O projeto de invasão anglo-francês, possivelmente foi detectado pelos alemães.

A colocação de minas em águas territoriais norueguesas, por parte dos ingleses convenceu Hitler de que os aliados estavam afim de romper com a neutralidade norueguesa, e imediatamente tomou a iniciativa de planejar a invasão desses dois países neutros, antes que os aliados o fizessem.

Uma rápida pesquisa feita por Hitler revelou que somente um general, Nicolau von Falkenhorst, possuia alguma experiência na Escandinávia. Combatera na Finlândia na Primeira Guerra Mundial...

Hitler, que não o conhecia, mandou chamá-lo à Chancelaria e encarregou-o de preparar, EM QUARENTA E OITO HORAS, o plano geral estratégico de ocupação da Noruega e da Dinamarca... Estupefato, o general dirigiu-se à primeira livraria que encontrou para adquirir um Guia Baedeker da Noruega, PARA TURISTAS! Em casa, trabalhando com o guia, muito café e conhaque, Falkenhorst calculou distâncias, força disponível, suprimentos, poderio de fogo e mobilidade, elaborando, a partir do guia civil, um plano específico militar.

Os recursos solicitados por Falkenhorst para a empresa eram modestos. Hitler aprovou o plano dando porém mais forças que as solicitadas. Assim no dia 9 de abril de 1940 houve a invasão simultânea da Noruega e da Dinamarca, com muito poucos tiros no primeiro e sem nenhum tiro no segundo país, colhendo de surpresa não apenas esses dois países neutrais, mas principalmente os estrategistas aliados às voltas com complexos planos para a tomada desses mesmos países...

Churchill em seguida enviou poderosas forças para eliminar as forças alemãs da Noruega, sofrendo porém grande derrota. **(Da revista "Veja", de 14/4/1980).**

O importante desse caso é que nós só ficamos sabendo deste caso muitos anos após a guerra, pois no dia, para traumatizar o mundo, a imprensa publicava o seguinte: A ALEMANHA, NO SEU LOUCO E SUICIDA INTENTO DE DOMINAR O MUNDO, SE HAVIA LANÇADO DE FORMA CRUEL E TOTALMENTE DESNECESSÁRIA, CONTRA ESSES DÉBEIS E NEUTROS PAÍSES!...

A história não era bem esta, seria muito mais acertado dizer o MUNDO QUER DESTRUIR A ALEMANHA! Pois estavam em guerra contra a Alemanha, desde o começo, não apenas a Inglaterra e a França, mas também a Austrália, o Canadá e a Nova Zelândia! - Viriam muitos mais!...

A Alemanha, em 1939, não tomou nenhuma atitude, em terra, contra a Inglaterra, nem contra a França, apesar da mobilização total desta última e da chegada em território francês de um enorme Corpo Expedicionário inglês. Continuava, no mar, com seus submarinos, a combater os navios que bloqueavam seu comércio. Tentativas de países neutros, como a Suécia e outros, junto à Grã-Bretanha, para conseguir a paz, foram totalmente infrutíferas!

É de acreditar-se que não houve batalhas terrestres por longos meses, por 2 motivos:

1.º — Tentativas e tentativas para acabar com o absurdo desta guerra, e

2.º — O total despreparo em armamentos da Alemanha, em setembro de 1939, para enfrentar o grande exército e poderio francês, auxiliado pelas forças inglesas **(australianos, canadenses, e neozelandeses)**.

GUERRA - II

Conforme Salvador Borrego, em "Derrota Mundial", à pg. 190, referindo-se à França, descreve os problemas internos, que a incapacitavam para um confronto internacional, trocas de governos, etc. Cita que os governantes eram politicamente pressionados pela Aliança Israelita Universal, com Sede em Paris, que tinha na França um poder decisivo, pois além do seu braço maçônico, influía na Bolsa de Valores, em quase toda a imprensa e organizações operárias. "Judeus eram os dirigentes e políticos Leon Blum, Maurice Thorez, Jacques Duclos, Jules Moch, Edgar Faure, Pierre Mendes-France, René Mayer, Maurice Schuman e muitos outros".

Quase sete meses após ter declarada a guerra, Paul Reynaud, que substituira a Daladier, na qualidade de Presidente do Conselho e das Relações Exteriores, Chefe da Defesa Nacional e da Guerra, afirmou, em 26/3/40 que "um dos maiores deveres da França é fazer a guerra", e no dia seguinte, ao apresentar seu gabinete: "Como um governo de guerra puramente e que só tinha uma meta - vencer o inimigo".

Os aliados disponiam, prontos, de 2.325.000 combatentes. A Alemanha somente tinha naquele momento 1.950.000 homens, que não podia utilizar na frente ocidental, pois tinha que guarnecer a Polônia e também a enorme fronteira que tinha agora com a União Soviética.

A Inglaterra e a França confiavam na Holanda, pois a Casa Real da Holanda tinha parentesco com a Casa Real Britânica e também porque o Rei Leopoldo da Bélgica já havia inclusive concordado que os exércitos franco-britânicos atravessassem o território belga, para atacar a Alemanha, conforme admite Paul Reynaud no livro "Revelaciones".

A situação de Hitler, na Alemanha, não era nada invejável, era mesmo gravíssima. Dispunha de menos tropas e armamentos que os inimigos, que não queriam a paz; estava enrascado numa guerra que não provocou; tinha a União Soviética, em

quem na realidade não confiava 100%, por estar minada de sionistas, apesar de suas simpatias para com Stalin, e o pior: grande parte dos seus generais não o apoiavam como deviam. A origem aristocrática desses generais os distanciavam, de certo modo, de Hitler, que não tinha passado do posto de Cabo, apesar de ter recebido uma medalha de Cruz de Ferro, por ato de heroísmo na Primeira Grande Guerra.

O general Blumentritt, revelou posteriormente ao historiador inglês Lidell Hart, que "Hitler era o único que acreditava ser possível uma vitória decisiva". Entre os generais jovens apenas Mannstein e Guderian consideravam realizável uma campanha relâmpago. O general Stülpnagel apresentou um estudo, segundo o qual era necessário esperar 3 anos para poderem lançar uma ofensiva contra a França...

A situação de muitos desses aristocráticos generais alemães em relação a Hitler, era mais ou menos a mesma que a de um Diretor Comercial, de uma grande organização, de um momento para outro, passar a ter como chefe um balconista e, pior ainda, ser ensinado como negociar. E assim, foram necessários realizar muitos bons "negócios", para que a atitude dos Diretores Comerciais amenizasse. O General Jodl, **(enforcado em Nürnberg, como criminoso de guerra)**, Chefe do Estado Maior do Alto Comando, um dos leais integrantes de Hitler, escreveu em seu diário: "era muito triste que todo o povo apoiava o Führer, menos os generais destacados, que seguiam considerando-o um Cabo e não o maior estadista que a Alemanha já teve, desde a época de Bismark".

Hitler reuniu seus generais, para apresentar-lhes um plano de ataque sobre a França. Os generais optavam mais por reforçar suas defesas e outros planos sem fundamento. Nesta ocasião atirou na cara dos derrotistas a "sua falta de coragem - Como queriam ganhar uma guerra sem atacar?" - "como iam ganhar se o reduzido território alemão fosse transformado em campo de batalha?" - "Segundo os frios cálculos numéricos e sem tomar em conta os fatores psicológicos, a ofensiva à França apresentava uma limitada probabilidade de triunfo, o que não acontecia se ficassem de braços cruzados, aguardando o ataque iminente dos inimigos" - "As guerras sempre terminam com a destruição do inimigo. Todo aquele que crê o contrário é um irresponsável" - "O tempo trabalha a favor dos nossos adversários - Me manterei ou cairei na luta. Nunca sobreviverei à derrota do meu povo".

O general Siegfried Westphal, no livro "Ejercito en cadenas", cita que depois desta reunião Hitler exclamou: "Que

classe de generais são estes, aos quais têm que se empurrar à guerra, em lugar de serem eles os que tomem esta iniciativa".

A reação de alguns desses generais foi terrível, conforme estabelece o historiador inglês Lidell Hart, que após esta conferência entre Hitler e seus Generais, "o general von Brauchitsch, comandante do Exército, e o general Franz Halder, Chefe do Estado Maior Geral, falaram da NECESSIDADE DE ORDENAR ÀS TROPAS DO OCIDENTE QUE MARCHASSEM SOBRE BERLIM PARA DERROTAR A HITLER, mas o General Fromm, comandante das forças internas, chamou sua atenção ao fato das tropas terem fé no Führer e que qualquer golpe estaria destinado ao fracasso".

Esta observação do General Fromm **(em 1944 participou do atentado contra Hitler e foi executado)**, produziu o efeito de congelar a acadêmica conspiração. **(O General Halder, com toda sua família, estava preso no campo de concentração de Dachau, no fim da guerra).**

HOLANDA, BÉLGICA E... DUNQUERQUE

No dia 10 de maio de 1940, seguindo um plano traçado pelo "balconista", a exemplo da Dinamarca e da Noruega, quando se antecipou aos aliados, os alemães ocuparam a Holanda e a Bélgica, entrando então em combate com as forças francesas e inglesas pelo norte. Quando os franceses reforçaram as posições em torno de Lille, os alemães lançaram outra ofensiva pelo Sul de Sedan, destinada a cercar totalmente as tropas lá existentes, principalmente todo o Corpo Expedicionário Inglês, de aproximadamente 400.000 homens.

O general Jodl, no seu Diário, de 20/5/40 **(10 dias após o início do ataque)** anotou que, ao chegar a notícia de que as tropas anglo-francesas haviam sido envolvidas em Flandres, Hitler disse, fora de alegria, que em breve poderia fazer as pazes com a Inglaterra. Achava que após este descalabro aceitariam a amizade que há tempo lhe dedicava.

No dia 22/5 o ataque do Sul chegou ao porto francês de Boulogne e no dia 23/5 a Calais. AS DIVISÕES BLINDADAS DE GUDERIAN estavam no ponto de fechamento do cerco de Flandres.

Às tropas aliadas não restava outra saída escapatória que o mar, pelo porto de Dunquerque, e foi ali onde ocorreu um dos mais espetaculares acontecimentos de toda a guerra. Churchill proclamou como um "triunfo" que o exército inglês, mesmo perdendo todo o equipamento, houvesse salvo sua vida... o que

houve porém foi HITLER TER DEIXADO SER POSSIVEL ESTA SALVAÇÃO, NUM NOVO INTENTO PARA CHEGAR A UM ACORDO COM A INGLATERRA.

Vejamos o historiador britânico Lidell Hart:

"No dia 23 de maio as divisões blindadas alemãs chegaram até o Canal Aa, em Gravelines, a 16 km de Dunquerque; o Corpo do General Reinhardt avançou até o canal Aire St. Omer-Gravelines, onde só havia um batalhão dos aliados. As forças blindadas alemãs estabeleceram cabeças de pontes sobre o canal, no dia 23, não havendo após nenhum obstáculo mais. Em Gravines o Corpo de Divisões Blindadas recebeu a ordem terminante de "FAZER ALTO"! - ESTA ORDEM EXPEDIDA PELO ALTO COMANDO INIMIGO - escreve Hart - PRESERVOU TODO O EXÉRCITO BRITÂNICO QUANDO NÃO HAVIA MAIS NADA QUE O PUDESSE SALVAR!"

Atenção: Os alemães tinham aprisionado 330.000 franceses e belgas e deixaram, no intervalo de 23/5 a 4/6/40, saírem de Dunquerque, a 338.226 soldados britânicos. Nestes 12 dias de folga, foram usadas quaisquer coisas que flutuassem, botes canoas, barcos de pesca e outros maiores. Nas suas "Memórias"Churchill admite que se perdeu todo o equipamento do exército inglês, que ficou na praia: 7.000.000 de quilos de munição, 90.000 rifles. 120.000 veículos, 8.000 canhões e 400 armas anti-tanques.

Concluindo, diz o capitão inglês, historiador Liddell Hart:

"A escapada do exército britânico da França, tem sido freqüentemente chamado de "milagre de Dunquerque" ou "gloriosa retirada de Dunquerque"... Aqueles que conseguiram escapar, seguidamente se perguntam como é que puderam arranjar-se para tê-lo conseguido. A resposta é que a intervenção de Hitler foi o que os salvou, quando não havia nada que fosse possível para salvá-los. Uma ordem repentina deteve as forças blindadas exatamente quando estas se encontravam à vista de Dunquerque".

Escreve John Lukacs, no "A última Guerra Européia", pg. 108:

"Em maio de 1940, a produção militar alemã atingiu a menos de 15% da produção industrial do 3.º Reich. Produzia menos de 40 tanques por mês - em 1944 produziria mais de 200, mensalmente - A sua campanha e conquista, em seis semanas, de toda a Europa Ocidental custaram-lhe 27.000 mortos, menos do que, muitas vezes, a perda de um dia, na guerra de 1914/18".

Lukacs cita o intelectual francês André Gide, que a 7 de ju-

lho de 1940, referiu-se a Hitler, como "pérfido, cínico, se quizerem, mas aqui de novo, ele agiu como uma espécie de gênio. A sua grande força cínica consistia em não se dignar a levar em conta qualquer indício de valor, mas apenas a realidade. Nunca enganou ninguém com palavras finas. Pode-se odiá-lo, mas tem que ser decididamente levado em consideração".

Segue Lukacs: "O realismo de Hitler era impressionante. Ele não queria lutar com os ingleses. Tinha-lhes um ódio-amor ambíguo, ou melhor, um sentimento de desdém-respeito. No verão de 1940, o seu respeito foi maior que o desdém".

"Ele também não queria dominar o mundo. Ao contrário do Kaiser, Hitler não desejava uma guerra mundial. Queria que a Inglaterra abandonasse a guerra ou pela persuasão ou pela força. Desejava convencê-la de que ele não queria prejudicar ou mesmo diminuir o Império Britânico".

Churchill, humilhado, assistindo a volta do seu Corpo Expedicionário, que havia enviado, para juntamente com os franceses, acabar com a Alemanha, seus soldados sem as armas, molhados da cabeça aos pés, SABENDO **(apesar de ser um bêbado)** QUE ESTES SOLDADOS AINDA ESTAVAM VIVOS OU NÃO TINHAM FICADO PRISIONEIROS, POR UM ATO DE CLEMÊNCIA OU BOA VONTADE DE SEU ODIADO INIMIGO, deve ter pensado seriamente em morrer; mas não queria morrer sozinho. Muito possivelmente sob os efeitos do álcool, tomou a resolução de continuar a luta, oferecendo e pedindo do povo britânico "Sangue, Suor e Lágrimas", frase que a Imprensa transformou em grito heróico. Se as baixas, até aquele momento eram mínimas, a intransigência de Churchill, ainda demonstrada posteriormente, viria a causar um número de vítimas que NINGUÉM SABE NA REALIDADE!!!

Houve vozes que se levantaram contra Churchill, na Inglaterra, mas foram ofuscadas pela imprensa; vejamos Lord Halifax: "Perdi a esperança quando Churchill se deixou dominar pela emoção, quando deveria pensar e raciocinar" **("Halifax", pg. 458, de Birkenhead).**

Conforme Lukacs, pg. 116: "Lloyd George continuou falando ao povo que Churchill estava errado ao considerar Hitler como um leviano quando, pelo contrário, Hitler era uma das MAIORES FIGURAS DA HISTÓRIA DA EUROPA, MAIOR MESMO DO QUE NAPOLEÃO!

Após a queda da França, que aconteceria poucos dias depois de Dunquerque - segundo Lukacs, pg. 117: "Todos os jornais enviaram representantes ao Foreign Office (Ministério do

Exterior), afim de conhecer a reação oficial ao colapso da França. Entregaram aos repórteres uma declaração escrita, sem expressão; eles então perguntaram quando o Primeiro Ministro poderia falar. Até esta tarde não lhes haviam respondido. Eles insistiram, então, com muita energia, que era um imperativo que Churchill declarasse alguma coisa à Nação, naquela noite. O resultado foram umas frases hesitantes para mostrar que a situação era desastrosa, mas que tudo ia bem... Se ele estava EMBRIAGADO ou exausto pela profunda fadiga, não sei, MAS FOI O PIOR POSSÍVEL DOS SEUS ESFORÇOS..."

Poucos anos após este fato, são citados casos em que Churchill entrava em êxtase alcoólico, ao receber as notícias do sucesso dos ataques aéreos terroristas, praticados pela aviação aliada, contra as cidades alemãs, vazias de soldados...

Para finalizar o capítulo, referente à parte vital, que foi Dunquerque, vamos ver o que Hitler declarou, aos seus confidentes mais íntimos, em fevereiro de 1945, no fim da guerra, segundo Lukacs, pg. 110:

"Churchill foi absolutamente incapaz de apreciar o espírito esportivo de que dei prova, ao não querer criar uma brecha irreparável entre os ingleses e nós. Renunciamos, efetivamente, a aniquilá-los em Dunquerque".

FRANÇA

Muito importante é observar que a Alemanha se lançou contra os ingleses e franceses, no dia 10 de maio de 1940, por ter às 9:00 horas da noite, do dia 9, em Londres, sido nomeado 1.º Ministro da Grã-Bretanha, nada mais nada menos que o Sr. Winston Churchill, conhecido anti-germanófilo, que vinha atuando no Almirantado.

No dia 25 e no dia 29 de maio havia sinais da França que pretendia encerrar a guerra com a Alemanha, à qual haviam sido induzidos, porém com a confusão reinante ainda houve lutas, para, finalmente, no dia 14 de junho, os alemães desfilarem em Paris, com bandas de música e tudo, sendo bastante bem recebidos nos bairros habitados por trabalhadores, em contraste com os bairros burgueses, onde havia pouca assistência.

No dia 10 de junho, Roosevelt ainda exortou aos franceses a novo e valoroso esforço, prometendo aos "inimigos da violência", as fontes de ajuda material dos Estados Unidos. No dia 13/6, novamente Roosevelt cabografou a Reynaud que "en-

quanto os governos aliados continuarem resistindo, este governo redobrará seus esforços para mandar aeroplanos, artilharia e munições"

Reynaud foi deposto e substituído pelo Marechal Petain, herói da Primeira Guerra Mundial, que anunciou no dia 20, que havia solicitado armistício porque "a situação militar não correspondia às nossas esperanças depois do fracasso sofrido nas linhas sobre os rios Somme e Aisne... Tiremos a lição da batalha perdida. Desde o começo da guerra a tendência de divertir-se era maior que a disposição para o sacrifício. Se quis evitar todo e qualquer esforço. Hoje temos a desgraça. Estive convosco nos dias de glória e permanecerei convosco também nestes dias funestos para a França".

A cerimônia da rendição transcorreu da seguinte forma:

"Em todas as caras se reflete a seriedade e a grandeza desta hora. Os delegados franceses, com dificuldade conseguem dissimular sua intensa emoção. Vieram a Campiegne, como soldados, para receber as condições do armistício. Agora devem declarar se a França depõe ou não as armas. No salão, onde se fazem as negociações, não se ouve o menor ruído. Todos olham para Huntziger, que preside a delegação francesa, e que agora, frente ao General Keitel, declara: A delegação francesa, ao assinar o pacto de armistício, por ordem do governo francês, os plenipotenciários franceses consideram necessário fazer a seguinte declaração: debaixo do imperativo do destino, forçado pelas armas, que obrigam a França a abandonar a luta, na qual se encontrava envolvida ao lado de sua aliada, a França vê que lhe foram impostas rigorosas condições. A França tem o direito de esperar que nas futuras negociações a Alemanha se deixará guiar de um espírito que faça possível aos dois grandes povos vizinhos a viver e trabalhar em paz. O presidente da delegação alemã, como soldado, compreenderá muito bem a amarga hora e o doloroso destino que a França espera".

O General Wilhelm Keitel, o mesmo que assinou a rendição aos aliados em 1945, e que em 1946, com 43 anos de serviço militar FOI ENFORCADO EM NÜRNBERG - COMO CRIMINOSO DE GUERRA, respondeu naquela ocasião em Campiegne:

"Confirmo a declaração recebida aqui a respeito da disposição de firmarem o armistício, por ordem do governo francês. Às declarações que o Sr. General acrescentou, somente posso responder de que também é honroso para um vencedor poder honrar ao vencido na forma que lhe corresponde".

Em continuação Keitel pediu a todos os delegados que se pusessem em pé, em honra dos caídos, enquanto dizia:

"Todos os membros das delegações francesa e alemã, que se colocaram em pé, cumprem, neste momento com o dever que o valente soldado alemão e o francês têm merecido. A todos os que derramaram seu sangue e que sofreram por suas pátrias rendemos nossas honras".

Como podemos ver, as honras e considerações que os alemães davam aos vencidos, eram iguais aos que receberiam depois, como vencidos, dos chamados "aliados"...

O Dr. Paul Schmidt, Chefe dos intérpretes, que acompanhou este momento, escreve no livro "Informe secreto desde a trás de la cortina de Adolfo Hitler", que, quando apenas ficaram ele, Keitel e o General Huntziger no vagão, após a assinatura, Keitel se dirigiu ao general francês com estas palavras:

"Não quero deixar, como soldado, de expressar-lhe a minha simpatia pelo triste momento que como soldado francês, Vs. S. tem experimentado. Seus sentimentos podem aliviar-se ante o convencimento de que os soldados franceses lutaram valorosamente, segundo eu desejo manifestar-lhe expressamente". O alemão e o francês estavam em pé, silenciosos, ambos tinham os olhos cheios de lágrimas. Você general - completou Keitel- representou os interesses de sua pátria com grande dignidade, nestas difíceis negociações" e deu a Huntziger um aperto de mãos. Aquela era uma paz entre soldados...

Após a rendição, verificou-se que as baixas francesas se situaram em redor de 70.000 mortos e 318.000 feridos, o exército francês havia ocasionado ao exército alemão 156.465 baixas, das quais 27.047 mortos, 111.034 feridos e 18.384 desaparecidos.

De acordo com "Derrota Mundial", "100 divisões alemãs haviam derrotado a 155 divisões aliadas. A propaganda realizou um supremo esforço para obscurecer e diminuir este triunfo, afim de não assustar ou desmoralizar a outros povos, que por seu turno deveriam futuramente também serem lançados à contenda. Nesta tarefa, para deformar a verdade, a propaganda não teve dúvidas de atirar, sobre a França, toda a responsabilidade do desastre. No dia 18/6/40, Churchill culpou os franceses da derrota. No dia 25/6, Jean Prevost do Dep. de Propaganda francês pediu aos amigos dos EE.UU. que tratem de compreender bem toda a tristeza da França... pedindo que "nossos amigos" ingleses respeitassem sua dor e fizessem seu próprio exame de consciência..."

Após a rendição, a Alemanha permitiu à França de conservar toda sua frota mercantil e de guerra, que incluia enormes e modernos navios, todas suas instituições governamentais (Parlamento etc.) Seus arquivos, sua história, seus métodos escolares, suas relações diplomáticas **(continuou tendo relações diplomáticas com todos os países que estavam em guerra contra a Alemanha, como Grã-Bretanha, Canadá, Austrália e Nova Zelândia).**

Digno de registro, entre muitíssimo outros, é que a Imprensa Internacional noticiou, logo após o início do ataque alemão no dia 10/5, que os nazistas atiravam paraquedistas DISFARÇADOS DE SACERDOTES E MONGES e que seus êxitos iniciais se deviam ao incrível número de traidores e quinta-colunistas...

Esta história me fez lembrar o acontecimento em Cuba, após o fracasso total da invasão da Baía dos Porcos, planejada e financiada pelos EE.UU., quando entre os mais de 1.000 prisioneiros, a maioria total era de sacerdotes, conselheiros espirituais ou cozinheiros!...

Petain e uma multidão de políticos lançaram a sua diretiva de uma FRANÇA NOVA E NACIONAL, sob o lema de Trabalho, Família e Pátria.

Petain (Condenado à prisão perpétua no fim da guerra, como TRAIDOR DA PÁTRIA) dizia: A história se alterna entre períodos de excessiva autoridade, que degenera em tirania, e períodos de excessiva liberdade, que degenera em anarquia. Chegou para a França a hora de pôr um fim a este tipo de alternações e encontrar a harmonia entre autoridade e liberdade. Um jovem historiador americano, examinando esta época, escreveu, conforme Lukacs, à pg. 321:

"O fervor e a generalização do culto a Pétain não tiverem paralelo na França, no século XX".

Violentos conflitos se verificaram, em julho de 1940, entre marinheiros inglêses e franceses, quando os primeiros abordaram os navios franceses, que estavam ancorados em portos ingleses, por ocasião da rendição francesa.

No dia 13 de julho de 1940, aconteceu um trágico acontecimento: parte da esquadra naval britânica do Mediterrâneo, dirigiu-se para Oran (Mers-el-Kebir), onde estavam estacionados numerosos navios de guerra franceses, e diante da recusa de dirigirem-se à Inglaterra ou para os Estados Unidos (!), a frota inglesa os atacou e destruiu, causando a morte de 1.300 marinheiros franceses e mais outro tanto de feridos.

Este fato causou a maior indignação e ódio dos franceses

contra seus ex-aliados. Este acontecimento poderia ter sido aproveitado, por Hitler, pois fazendo-lhes qualquer concessão naquele momento, teria conseguido os franceses como aliados; mas não o fazendo, apenas confirma mais uma vez suas esperanças de fazer a paz com os ingleses, que somente seria possível com a queda e substituição de Churchill, fato que só aconteceu no fim da guerra, em 1945, por ocasião das eleições, QUANDO ELE FOI TOTALMENTE REPUDIADO PELO POVO INGLÊS!

Em 1940 Churchill incentivou uma grande operação anfíbia, para desembarcar em Dacar, na costa africana ocidental, para dar aos aliados uma base naval, de onde poderiam controlar importante faixa da costa atlântica. Nesta expedição participou, ao lado dos ingleses, pela primeira vez, o destacamento formado na Inglaterra, chamado "Forças Francesas Livres", cuja maioria dos integrantes, para desgosto do Gen. De Gaulle, era de judeus. As forças francesas em Dacar, rechaçaram completamente a força invasora, danificando vários navios. Churchill assumiu a responsabilidade pessoal do ataque, porém decidiu não dar nenhuma explicação ao Parlamento, o que lhe permitiu escapar imune.

Em 1936, aconteceu um fato que ainda está para ser devidamente pesquisado.

Com a morte do Rei Jorge V, em Londres, em 1936, assume o trono da Grã-Bretanha o Rei Eduardo VIII, que era amigo da Alemanha e francamente a **favor de um amplo entendimento britânico-alemão.** Claro que isso era completamente contrário ao pensamento de GENTE MUITO IMPORTANTE, que teve oportunidade de se manifestar pela imprensa, no momento em que o monarca demonstrou desejos de casar-se com Mrs. Simpson, uma distinta dama, de origem norte-americana e com o grande defeito de ser... divorciada. Foi a conta, a Imprensa caiu em cima, primeiro discretamente e mais tarde com força, em "defesa da família real", como se na mesma só tivessem reinado "anjinhos"...

Para alegria dos "moralistas", o Rei Eduardo VIII, renunciou, ficando com o título de Duque de Windsor, abandonou a Inglaterra, casou com a Sra. Simpson, e nem ele e nem ela pisaram novamente, vivos, a Inglaterra. Ela faleceu este ano, em Paris, sendo trasladado o cadáver para a Inglaterra, onde foi sepultada ao lado do marido, na presença dos Regentes da Grã-Bretanha.

Na época da renúncia, os jornais do mundo levaram o caso a

crédito do Amor: "Ele preferiu perder um reino, em troca do amor"! ... E todos ficaram muito sentimentais...

AQUELA GENTE MUITO IMPORTANTE da Grã-Bretanha ficou muito alarmada um ano mais tarde, quando o ilustre casal esteve na Alemanha, e aproveitou a oportunidade de fazer uma visita pessoal a Hitler.

Já durante a guerra, quando num determinado momento, se encontrava em Lisboa, o Duque de Windsor elogiou o desejo de paz de Hitler, e confirmou de que, se ele fosse o Rei, não teria guerra!

Os soldados alemães se portavam, na França, como verdadeiros cavalheiros, cedendo seus lugares, em veículos coletivos como o metrô, ônibus e trens, às senhoras e gente mais idosa, gesto que foi recebido com muita simpatia, já que não era usual dos próprios franceses. Freqüentavam também os restaurantes, teatros e casas de espetáculos, sempre dentro da maior simplicidade, mas mantendo uma linha impecável.

Um capitão das forças alemãs na França, que encontrei há vários anos atrás trabalhando numa firma suíça, aqui no Brasil, recordando coisas do passado, estava carregando consigo, como a pior de todas as lembranças um fato acontecido em Paris, quando foi obrigado a comandar um pelotão de fuzilamento para execução de um soldado de sua Companhia, sob a acusação de ter forçado uma moça francesa.

Esta moça, talvez para provocar atrito entre a Polícia francesa e o exército alemão, foi queixar-se deste ato à Polícia, que incontinenti ajuizou uma ação contra os alemães, que identificaram imediatamente o soldado, aparecendo na ocasião até uma testemunha... Não houve perdão! O rapaz foi executado! O drama do capitão: ele conhecia bem seu soldado; tinha tido relações normais com a moça, ERA INOCENTE!

O respeito ao povo vencido tinha que ser mantido a qualquer preço!...

Por outro lado, os atos de sabotagem e atentados eram reprimidos de acordo com o caso. Lukacs, em "A última guerra Européia", à pg. 314, descreve o caso de um resistente:

"O tenente Estienne d'Orves, um jovem oficial da Marinha francesa, de convicções conservadoras, foi um dos primeiros homens da resistência francesa. A 24 de maio de 1941, ele foi condenado à morte por uma corte militar alemã, que o tratou com respeito. O General Kayser, que presidiu o Tribunal, disse que "teve uma missão difícil, o acusado é pessoa de grande mérito, de grande força de caráter, que agiu por amor ao seu país".

Estienne d'Orves foi executado na madrugada do dia 29 de agosto, noMont Valérien.Ele disse ao Gen. Keyser: "Senhor, vós sois um oficial alemão. Eu sou um oficial francês. Ambos cumprimos o nosso dever". E se abraçaram. Em seguida Estienne gritou "Vive la France", e tombou morto pelo pelotão de execução".

O que o Ten. Estienne havia cometido não foi citado, mas deve te sido algo muito grave.

Antes de começarem os ataques aéreos de EXTERMÍNIO, contra a população alemã, todos os pilotos inglêses, que morriam em combate com as quedas dos seus aviões, recebiam, por parte dos alemães as honras militares durante o enterro, quando formavam um pelotão de honra, que dava uma salva de tiros, por ocasião do caixão, que era coberto com a bandeira britânica, ser baixado à sepultura.

O COMPORTAMENTO DOS FRANCESES FRENTE A INVASÃO ALIADA, APÓS O DIA "D"

No livro "A guerra entre os generais", de David Irving, existem diversas citações importantes sobre a atitude dos franceses, frente às tropas aliadas que, não tinham nenhuma consideração especial para com a população civil francesa, cujas vilas e cidades eram arrazadas por bombardeios aéreos, da mesma forma que as cidades alemãs, ocasionando chacinas indiscriminadas.

"A atitude dos franceses" escreveu John Eisenhower — filho do general, num relatório feito após um giro pelo setor britânico, "foi realmente sóbrio. Em vez de explodir de entusiasmo, eles pareceram não só indiferentes mas também sombrios. Houve bastante motivo para se duvidar de que essa gente queria mesmo ser libertada".

"Cidades e localidades da área da cabeça-de-praia estavam sujeitas a tremendos bombardeios pelos navios de guerra aliados e pelas incursões aéreas de milhares de bombardeiros também aliados.

A incursão aérea em Caen, na tarde do dia "D", matara 2.500 pessoas, inclusive famílias que traziam crianças para a primeira comunhão na famosa catedral de torres gêmeas e pontudas da cidade. Camponeses e habitantes das aldeias foram metralhados e bombardeados".

"Cidades como Carentan, Montebourg e Valognes foram arrazadas".

"O povo parecia bem alimentado e as crianças se mostravam saudáveis e vestidas decentemente. Muitas personalidades aliadas, com receio, revelavam que os franceses — pelo menos na Normandia, não se sentiam inteiramente satisfeitos com a invasão. Parece que as coisas não eram tão más antes da chegada dos aliados." Sir Alan Brooke escreveu: "Fiquei admirado ao ver como o país foi pouco afetado pela ocupação alemã e por cinco anos de guerra. Todas as colheitas foram boas, o interior completamente livre de pragas, abundante em gado, cavalos, galinhas etc."

Brooke observou com desprazer em seu diário: "A população francesa não pareceu, de modo algum, satisfeita com a nossa chegada como exércitos vitoriosos para libertar a França. ESTAVAM INTEIRAMENTE FELIZES COMO ERAM E NÓS TRAZÍAMOS A GUERRA E A DESOLAÇÃO AO SEU PAÍS."

Sobre estes acontecimentos é interessante transmitir o pensamento do General Eisenhower a este respeito, conf. "A Guerra dos Generais", pg. 198:

"Eisenhower não tinha nenhum problema que lhe pesasse na consciência. Ele culpou inteiramente o inimigo pela miséria e destruição. Odiava os alemães com uma intensidade só igualada pela de Bedell Smith — outro general, cujos antepassados alemães tinham ido para a América uma geração após a do próprio Eisenhower, também alemã. Um dia, voltando da frente e passando por Saint-Lô, cidade que agora não era mais do que um monte de destroços, Eisenhower escreveu a Mamie — sua esposa: Algumas das maiores cidades ao longo do nosso avanço foram pulverizadas, especialmente Saint-Lô e Caen. Sempre fico triste quando deparo com a necessidade de destruir os lares dos meus amigos. O alemão é um animal." **(Sem comentário...)**

"Num reflexo de autopreservação, muitos franceses pegaram em armas para ajudar os exércitos alemães contra os recém-chegados agentes da morte. Alguns talvez estivessem reagindo a um ressentimento histórico hereditário contra os estrangeiros do outro lado do Canal, os quais, há séculos, haviam alí chegado com o propósito de saquear aquela região da França."

O Marechal Montgomery, num telegrama informou: "Estradas não estão 100% livres devido a franco atiradores especiais, inclusive mulheres".

"Numerosos soldados combatentes da Normândia levaram suas psicoses de guerra para as zonas à retaguarda. Estrangeiro para eles era sempre uma coisa só, fosse ele francês ou italiano. Uma fatalidade recaiu sobre os franceses que permaneceram na

Normândia. Passaram a ser perseguidos, roubados, violados, mortos. Na verdade o procedimento dos soldados americanos em toda a Europa "libertada" estava causando apreensão em Washington. Os chefes de estado-maior americano examinaram um relatório de Roma, pelo qual se soube que lá a situação era também pior do que no tempo dos alemães. Lidell Hart, historiador e militar inglês, ao visitar mais tarde a cidade de Caen, anotaria: "A maioria dos franceses comenta o correto procedimento do exército alemão".

"Em Cherburgo, primeira grande cidade invadida por tropas combatentes, explodiam rebeliões quando displicentes soldados americanos usaram suas armas indiscriminadamente contra os franceses. Em 5 de novembro de 1944, Kay Summersby escreveu: "O general Betts relata que as condições disciplinares no exército estão se tornando más. Muitos casos de violação, morte e pilhagem, causaram queixas de franceses, holandeses, etc."

O General de Divisão LeRay Lutes, anotou no seu diário: "Os franceses agora reclamam que os americanos são um bando de beberrões e desordeiros, muito mais do que os alemães e esperam pelo dia em que serão libertados dos americanos", acrescentando: "A propaganda aliada sobre os alemães ERA EVIDENTEMENTE MENTIROSA". "Estou informado de que os alemães não saquearam residências, lojas, museus. De fato o povo alega que foi cuidadosamente tratado pelo Exército alemão de ocupação". A certa altura houve mais de 500 processos mensais por estupros, dos libertadores...

Houve muitos mortos e feridos entre as forças americanas que desembarcaram na Normândia no dia "D", e nos combates posteriores. Para enterrar os mortos eram empregados os esquadrões especiais, formados exclusivamente por negros, numa bela demonstração de descriminação racial.

Após uma dessas batalhas, os alemães aprisionaram toda uma unidade de serviço sanitário norte-americano. O comandante nazista os libertou quase imediatamente, para poderem voltar às linhas americanas, com um memorando ao Comando americano, no qual o alemão informava que os libertara por achar que os seus serviços deviam estar fazendo mais falta junto aos seus conterrâneos... Tudo indica que o Comando americano teria preferido que os alemães tivessem fuzilado esta Unidade Sanitária do que passar por esta humilhação.

POLÖNIA, INGLATERRA E FRANÇA

As batalhas para conseguir derrotar os ingleses e deixá-los fugir de volta à ilha, bem como derrotar o exército francês, que em homens e armamentos formavam uma força muito maior, se deve únicamente ao fator da organização, disciplina e surpresa. Para derrotar estas forças, a Alemanha levou 35 dias, contando com as ocupações da Holanda e da Bélgica, onde também houve lutas.

É claro que não se pode fazer uma comparação direta, nos fatos, pois em maio de 1940, a Alemanha já tinha aumentado sua produção de armamento, mas o fato IMPORTANTE que deve ser observado, pelos leitores, é que a Alemanha levou 31 dias para conseguir a rendição da METADE DA POLÔNIA, pois a outra metade foi ocupada pela União Soviética. Fica, pois, evidenciado realmente o valor e preparo das tropas polonesas para esta guerra, somente não acontecendo o desfile de suas tropas, debaixo do portão de Brandenburgo, em Berlim, conforme eram incentivados pela Imprensa e os incentivadores desta guerra, pela reação da Alemanha.

NOVOS OFERECIMENTOS DE PAZ

Conforme "Derrota Mundial" pg. 217, Hitler no dia 19 de julho de 1940, fez um chamado de paz mais amplo, formal e solene, da tribuna do Parlamento:

"Ainda hoje lamento, que apesar de todos os meus esforços não se chegou a aquela amizade com a Inglaterra, que, como creio, teria sido uma bênção para os povos. Não tive bom êxito, apesar de todos os meus honrados esforços".

"Nesta hora considero meu dever, ante a minha própria consciência, apelar uma vez mais para a razão e ao sentido comum, o mesmo que na Grã-Bretanha também em outros lugares **(se refere aos EE.UU.)**. Me considero em situação de dirigir este chamamento, já que não sou vencido, mas um vencedor, que fala em nome da razão. Não vejo motivo para que esta guerra tenha que continuar".

Em continuação, segundo o historiador inglês F. H. Hinsley, em "Hitler no se equivocó", "seguiram gestões diplomáticas de paz, conduzidas pela Suécia e pelo Vaticano. Este **quarto** chamado à paz, desde que a Grã-Bretanha havia declarado a guerra à Alemanha, foi complemento da ordem que Hitler deu às suas Divisões blindadas para fazer alto frente a Dunquerque e permitir,

assim, a escapada dos soldados ingleses''. **(observem os leitores que se trata de um historiador INGLÊS!)**. Continua Hinsley: ''Pensava que dessa forma acalmaria os ânimos na Inglaterra. Mas, ao seu chamado à concórdia, ocorreu o mesmo que das vezes anteriores, a propaganda **(leia-se Imprensa)** desfigurou-o, ridicularizou-o e criminosamente (!) o apresentou, ao povo inglês, como uma exigência à RENDIÇÃO. O jornal Times se apresentou com a seguinte manchete: — O povo (?) britânico declarou a guerra à Alemanha e a continuará -''.

Se naquele momento fosse assinada a Paz, apesar dos horrores que já tinha causado, com a morte de milhares e milhares de soldados jovens e outros que já haviam lutado na primeira Guerra mundial, seu preço teria sido uma ''pechincha'', perto do que viria depois! Até agora, contando todos os lados em luta, tinha menos mortos e feridos, em soldados, do que as mulheres, velhos e crianças que foram exterminadas, nos bombardeios TERRORISTAS realizados contra apenas UMA cidade alemã, Dresden, nos dias 13/15 de fevereiro de 1945, e que será examinado em maior profundidade em outro capítulo.

Creio que os leitores entenderam bem os acontecimentos, desde a ascenção de Hitler, o sionismo, conforme já mostrado anteriormente, através da imprensa, movia uma campanha que visava envolver e exterminar a Alemanha em nova guerra, por apenas um motivo:

A Alemanha havia denunciado e apontado os atos subversivos e de traição praticados pela cúpula judaica, durante a primeira guerra mundial, e que levaram a mesma ao armistício, conforme já foi citado anteriormente, e que por este ato foram considerados personas não gratas, com exceção dos que tinham contraido matrimônio com alemães.

É conhecido que Hitler, a seu próprio pedido como Chefe de Estado, nunca recebeu um centavo de honorários ou salários do Governo; ele tinha a mordomia paga pelo Estado, mas qualquer dinheiro de que necessitasse, que não devia ser muito, pois não era dado a festas e farras privadas, provinha dos direitos autorais do seu livro ''Minha Luta'', cuja tiragem, possivelmente, só perde para a Bíblia.

Até hoje é um livro muito polêmico e tem gente que gosta de se agarrar a expressões citadas por Hitler neste livro... Esta gente, porém não deve esquecer, que os pensamentos nele publicados se referem a uma época apenas, a de 1924, e que seus pensamentos em 1940, sua visão dos acontecimentos agora eram, com toda certeza, diferente em muitos aspectos, o que motivou

que o próprio Hitler PROIBISSE A EXIBIÇÃO PÚBLICA DO MANUSCRITO ainda em 1940. Não é de estranhar que este livro se encontra em qualquer Livraria, quando o próprio autor há 46 anos atrás o mandou retirar das vitrines??? Acredito que tenha sido uma espécie de sinal de paz, tanto em relação aos judeus como em relação ao judeu-bolchevismo, dois dos itens bastante atacados neste livro.

Havia-se tentado algo contra a Alemanha, via Polônia, que segundo as estatísticas judaicas tinha em 1939, em redor de 3.000.000 de judeus, que, em grande parte passaram para o lado polonês oriental, ocupado pela União Soviética.

Posteriormente forçaram a Inglaterra, conforme Chamberlain, e por tabela a França, para liquidar a Alemanha. Nada dava certo!

Mas sobrava o seu elemento chave, um jogador em cavalos de corrida, chegado a um baralho, fumante de charutos, inveterado tomador de trago, neto do multi-milionário norte-americano proprietário do New York Times, intimamente ligado aos Chefes do Movimento Sionista Mundial em Londres, inimigo pessoal de Hitler (por este não te-lo recebido em audiência, antes de ser inclusive Chanceler da Alemanha), o mais teimoso que uma mula: CHURCHILL!

Claro que ele estava muito bem acessorado, tanto por Roosevelt como a "OPINIÃO PÚBLICA MUNDIAL"...

Se existe algum culpado, tanto pelo início como a continuidade da guerra, como estava após a rendição da França, esta pessoa não se chama Hitler.

A Inglaterra não estava vencida, tinha ainda o Canadá, a Austrália, a Nova Zelândia, a India e o resto de suas colônias, tudo num total de ainda 40.000.000 de quilômetros quadrados, tinha o apoio total de Roosevelt e quem sabe um "acerto" com a União Soviética.

Existiam duas escolhas diante de Churchill: — Ou negociaria a paz com a Alemanha conservando o Império, ou continuar a guerra e eventualmente vencer, ao preço de TORNAR-SE DEPENDENTE DOS EE.UU. E À CUSTA DO IMPÉRIO. Para desgosto da Coroa Britânica, nas mãos de Jorge VI, o 1.º Ministro, que um dia deverá passar no banco de réus da História, preferiu a luta, que viria a provocar a morte de MILHÕES DE SERES HUMANOS, E A PERDA DO IMPÉRIO BRITÂNICO! Após a guerra, vendo o que sobrara dos antes 40.000.000 de quilômetros quadrados, declarou pensativo: "Poor England" (Pobre Inglaterra)...

RUDOLF HESS

Rudolf Hess, era o imediato de Hitler, nacional-socialista de primeira hora e homem da mais absoluta confiança do Führer. Filho de mãe inglesa, nutria pela Inglaterra, da mesma forma que Hitler, uma grande simpatia. Durante as Olimpíadas de Berlim, em 1936, Hess manteve grande contato com o Duque de Hamilton, de quem se tornou amigo.

Atendendo às insistências de Rudolf Hess, que acreditava que seria capaz de conseguir a paz com a Inglaterra, se tivesse a oportunidade de fazer uma exposição séria e amiga, tanto ao Duque de Hamilton como ao próprio Rei Jorge VI, além das demais autoridades britânicas, acertaram um plano de grande audácia e impacto mundial para conseguir a paz. Hess aprendeu a manejar perfeitamente o novo avião de caça alemão, Messerschmidt ME 110, identificaram nos mapas a localidade de Dungavel na Escócia, onde ficava a residência do Duque. Estudados todos os detalhes, inclusive como desviar das baterias anti-aéreas britânicas, ficou faltando "apenas" o ensaio de como saltar de pára-quedas; seria seu primeiro salto... uma missão comparável a de kamikaze. Antes de partir, Hess deixou uma carta para Hitler, que dizia: "Caso meu projeto fracasse, e reconheço que existem muito poucas possibilidades de êxito, e o destino se mostrar adverso, declare que estou louco".

A data escolhida não poderia ser melhor: Dia 10 de maio de 1941, data do 1.º aniversário do governo de Churchill e data do 1.º aniversário do início do ataque alemão, que lançou as forças inglesas ao mar...

O plano de vôo solitário funcionou com perfeição, inclusive o salto de pára-quedas, porém na chegada ao solo torceu o pé. Como era noite, desfez-se do pára-quedas e capengueou até a casa de um pacato britânico, que o atendeu e encaminhou ao Duque de Hamilton, que residia nas proximidades.

O assunto foi manchete mundial. Falou com o Duque, não conseguiu falar com o Rei Jorge VI, o duque o pôs em contato com Churchill.

O que foi tratado, entre Hess e as autoridades britânicas é assunto do Segredo de Estado, e de acordo com Decreto do Parlamento, o teor dessas conversações somente pode ser revelado no ano de 2.016, isto é 75 anos após o acontecido, quando o fato não terá mais valor. Esta missão, totalmente detalhada encontra-se nos DIÁRIOS DE ADOLF HITLER, dos quais tratarei em capítulo especial, que foram "declarados falsos" pelas au-

toridades alemãs. Nesse diário, nas páginas que envolvem esta missão, o próprio Rudolf Hess autentica, com sua rubrica, os fatos que antecederam o vôo.

O que conhecemos oficialmente é que o homem que foi propor pessoalmente a paz à Grã-Bretanha, foi e ficou preso na Inglaterra, até o fim da guerra, sendo transferido para a Alemanha por ocasião do "Julgamento" de Nürnberg, quando foi condenado À PRISÃO PERPÉTUA, COMO CRIMINOSO DE GUERRA!... É o único prisioneiro na prisão de Spandau, em Berlim, até hoje, está com mais de 90 anos de idade, dá sua caminhada diária canta sozinho alguma canção de sua época, não tem rádio nem televisão, ganha os jornais recortados de quaisquer assuntos políticos, não pode nem abraçar seu filho que o visita uma vez por mês, pois ficam separados, cada um numa ponta da mesa, e "assistidos" por 4 oficiais das forças que o guarnecem 2 em cada lado da mesa. Rudolf Hess é guarnecido pelas forças das quatro potências: Estados Unidos da América, Grã-Bretanha, França e União Soviética, cada uma encarregada da guarda durante um mês inteiro, há 40 anos, fora os 5 que "curtiu" na Inglaterra. Houve alguns pedidos de clemência, feitas por movimentos isolados, mas as 4 Potências nem se coçam para soltar o "terrível" "Criminoso de Guerra", com mais de 90 anos que caiu na "besteira" de achar que conseguiria convencer os ingleses a fazerem a paz.!... Acho que é um belíssimo caso a ser estudado pelas Comissões de Direitos Humanos, espalhadas pelo mundo.

UNIÃO SOVIÉTICA

Em 1940 a União Soviética havia recuperado, ocupando sem guerra, as seguintes áreas que havia perdido para a Alemanha, em 1917, pelo Tratado Brest-Litowsk, Estônia, Letônia, Lituânia e a Bessarábia, que havia sido incorporada à Rumânia; mediante guerra a União Soviética havia recuperado duas importantes bases em território finlandês e mediante guerra, também, ocuparam aproximadamente a metade do território polonês. Conforme já explicado anteriormente, tanto a Finlândia como toda a Polônia, não existiam como países autônomos, eram integrantes do Império Russo, passando, em 1917, graças à vitória alemã, no front oriental, da Primeira Guerra Mundial, pelo Tratado Brest-Litowsk, para a Alemanha, que auxiliou, também estes dois países a se tornarem Independentes.

Com a ocupação desses países, pelas forças soviéticas, todas as minorias alemãs existentes nas mesmas, foram transferidas para a Alemanha.

Às 03:15 horas da manhã do dia 22 de junho de 1941, numa frente de 3.000 quilômetros, os alemães, tendo a seu lado romenos, italianos, húngaros e finlandeses, que também declararam guerra à U.R.S.S., e ao lado de tropas voluntárias espanholas, servias, norueguesas, dinamarquesas, albanesas, búlgaras, croatas, holandesas, belgas, suecas e francesas se lançaram contra a União Soviética.

Estava definitivamente rompido o tratado comercial e o pacto de amizade, feito em agosto de 1939.

Sobre os motivos desta guerra muito se tem escrito; as opiniões são as mais divergentes de lado a lado e de historiador para historiador. Com tantas opiniões contraditórias existentes, eu não encontrei algo que me desse condições de poder indicar, com precisão, o motivo desta guerra entre a Alemanha, e seus pequenos aliados, contra a União Soviética.

A seguir indicarei algumas opiniões existentes sobre o motivo desta guerra.

O General Reinhard Gehlen intimamente ligado a um monte de generais e militares que traíram Hitler, e que também foi condenado pelos alemães, bem no fim da guerra, conseguindo porém fugir levando consigo um completo arquivo de informações confidenciais envolvendo assuntos entre a URSS e a Alemanha, é o autor do livro "O Serviço Secreto", onde à pg. 55: "Devo dizer que não tenho dúvidas de que a decisão de Hitler em invadir a União Soviética era correta porque inevitável. Se Moscou não tinha planos decididos para nos atacar antes da campanha da Polônia em 1939, o quadro era diferente em junho de 1941, quando atacamos a Rússia. Tornara-se claro que Stalin decidira esperar para atacar seu antigo aliado apenas o tempo necessário para nos ver sangrando e exaustos depois de um conflito com os aliados ocidentais. Ele poderia ter esperado até 1943 ou 1944, MAS TANTO EU COMO OS MEUS COLEGAS DO GRUPO LESTE, do Departamento de Guerra, estávamos convencidos de que mais cedo ou mais tarde Stalin iria nos atacar. O estado avançado dos preparativos da União Soviética para uma guerra ofensiva, confirmava nossa convicção: a disposição escalonada e em profundidade, por exemplo, das divisões russas por ocasião de nosso ataque **indicava que estavam reunindo uma poderosa força terrestre para nos atacar.**" Havia muita gente informando Hitler neste sentido.

Vamos ver o que declarou o Coronel Otto Skorzeny, herói alemão, que libertou Mussolini, em janeiro de 1968:

"Quando começou a guerra contra a U.R.S.S., muitos che-

fes militares alemães esperavam secretamente que os russos triunfassem, pois odiavam apaixonadamente o "Führer", a quem haviam prestado juramento". John Lukacs, em "A última guerra européia", pg. 158, cita que "Hitler somente declarou a Ribbentrop a sua decisão definitiva de atacar a URSS no dia 6 de abril. Devendo-se notar, entretanto, que alguns dos seus generais estavam, desta vez, cheios de confiança."...

Outros fazem conjecturas de que Hitler atacaria e destruiria a URSS, para acabar com o bolchevismo e com isso impressionar os Estados Unidos a não entrar em guerra contra a Alemanha... o mesmo aconteceria à Inglaterra, que vendo o serviço que teria prestado ao capitalismo, ficaria sua amiga...

Segundo Lukacs, "em meados de junho, quando os seus conselheiros militares proclamavam que a Rússia seria vencida rapidamente, e quando alguém falava da Rússia como uma "grande ilusão", Hitler tornava-se subitamente pensativo e dizia que a Rússia era, antes, como o navio da ópera "Navio Fantasma", de Wagner. "O começo de cada guerra é como abrir a porta de um quarto escuro. Nunca se sabe o que está escondido nesta escuridão".

Às vésperas da derrota, Hitler disse ao seu círculo:

"Nenhuma decisão que tomei durante o curso desta guerra foi mais grave do que a do ataque à Rússia. Sempre mantive que devíamos evitar, a todo custo, a guerra em dois fronts e os senhores podem estar certos de que ponderei longa e exaustivamente sobre Napoleão e as suas experiências na Rússia."

Deve ser observado que desde princípios de 1941, a URSS recebia ajuda militar dos Estados Unidos. Por qual motivo???

Salvador Borrego, em "Derrota Mundial", pg. 267:

"Com o objetivo de reforçar a falsidade que vinham propalando de que os Estados Unidos e a Inglaterra se encontravam em perigo mortal (?), e aumentar a psicose de guerra, Roosevelt proclamou, no dia 27 de maio de 1941, uma Emergência Nacional ilimitada, e enganou o seu povo fazendo-o crer que de um momento para outro os nazistas poderiam trazer a mais espantosa desolação... Com a Emergência ilimitada, declarada por Roosevelt, praticamente todos os recursos dos Estados Unidos se alinharam na guerra contra a Alemanha e antecipadamente se colocaram a serviço da URSS."

Segue Borrego: "Assim logrou o movimento político judeu que os povos ocidentais — democráticos e religiosos — se aliassem incondicionalmente à da tirania que mais furiosamente proscrevia a liberdade e a religião. Os israelitas do Ocidente e os is-

raelitas que haviam introduzido, em Moscou, o sistema político do judeu Marx, formavam uma frente sólida. EM TODA A HISTÓRIA DA HUMANIDADE ERA ESSA A MAIOR COALIZÃO LEVANTADA PELO JUDAÍSMO POLÍTICO MEDIANTE A PERFÍDIA DO ENGANO!"

O escritor Isaias Golgher, judeu, no livro "A tragédia do comunismo judeu", cita a pg. 116, que "Nos Estados Unidos havia 3 agrupamentos pro-Hitleristas: a América First, chefiada por Charles Lindberg, o Volksbund, organização teuto-americana, e os comunistas. Dentro estes últimos, os COMUNISTAS JUDEUS foram os mais ativos (?). Talvez seja correto dizer, os mais atrevidos".

Continua Golgher, referindo-se aos comunistas judeus:

"Além do material ideológico e publicitário que vinham do Comintern, FORJARAM ELES SUAS PRÓPRIAS MENTIRAS, aguçavam a dialética que mais penetrasse na mente judaica, a fim de neutralizar, paralizar as massas judaicas".

Continuando, Golgher cita que no dia 24/1/39, o jornal comunista judeu "Freiheit", publicou na primeira página o seguinte título: "Documentos revelam que os planos de guerra de Wilson de 1915, são idênticos às manobras atuais de Roosevelt "Isso antes do pacto alemão soviético. No dia 11/9/39, o mesmo "Freiheit" publicava: "A América não pode ajudar os incendiários de guerra", referindo-se aos imperialistas ingleses e franceses". Já durante o conflito Alemanha - Polônia.

Continua o "Freiheit", que era editado em idisch, nos EE.UU., no dia 19/4/40: "Quem é o responsável pela guerra? perguntava o jornal e respondia: As classes dominantes da Inglaterra e da França têm sobre os seus ombros esta grande responsabilidade."

O "Freiheit" do dia 24/5/40: "A SEGURANÇA DA AMÉRICA EXIGE QUE OS PROVOCADORES SEJAM DERROTADOS — Sob o pretexto de "Programa de Defesa" está sendo começado um gigantesco complô contra o povo que realmente ama seu país. Os Estados Unidos encontram-se num grande perigo, O INIMIGO PRINCIPAL ESTÁ ENTRE NÓS." Os provocadores a que se refere o jornal são a Inglaterra e a França.

Muito interessante também o editorial do "Freiheit", do dia 2/6/40: "ROOSEVELT ESTÁ SE PREPARANDO PARA A GUERRA MUNDIAL" — Somente os cegos ou pessoas ingênuas, podem ainda acreditar que a administração de Roosevelt não está levando o país à guerra. É tempo que as massas americanas despertem. É tempo que em cada escritório, em cada fazenda, em

todos os lares soasse o terrível sinal, advertindo que WALL STREET e Washington estão conspirando para arrastar o país à guerra imperialista. Que querem enviar a juventude americana para morrer nos campos de batalha estrangeiros."

Segue Golgher: "O Conselho Nacional de Comunistas Judeus, agregado ao Partido Comunista Americano, chegou a convocar uma conferência para tratar do momento histórico do país e dos operários judeus."

Nessa conferência, relata o "Freiheit": "Steinberg no seu relatório diante dos delegados reportou-se ao momento histórico DO PAÍS E DOS OPERÁRIOS JUDEUS, sublinhando o grande perigo de serem arrastados à guerra imperialista. DENUNCIOU O PAPEL DE DIVERSAS TENDÊNCIAS POLÍTICAS JUDAICAS QUE ESTÃO AJUDANDO AOS PROVOCADORES DE GUERRA, PRINCIPALMENTE A SOCIAL DEMOCRACIA E A SIONISTA." Isso em 20/6/40.

O mesmo Conselho publicou um manifesto, dirigido às massas judaicas, nos EE.UU. contra os provocadores imperialistas, isto é contra a Inglaterra e os Estados Unidos, que estavam dando assistência à primeira. Nesse documento se revela até que ponto os comunistas judeus estavam empenhados em convencer as massas do PERIGO DA DERROTA DE HITLER(!!!), o que se podia dar somente com a intervenção norte-americana, citando: "Os ossos dos mortos caídos na Primeira Guerra Mundial estão se misturando com os corpos da juventude francesa, inglesa, belga e alemã, despedaçados, que perderam a vida antes de começar a vivê-las. Os mortos reclamam — Fomos enganados, dizem os mortos."

O manifesto continua: "Para evitar um pânico na Bolsa e para defender os bilhões dos Morgan e de outros barões de Wall Street, que fizeram investimentos na guerra, é que o Presidente Wilson declarou a guerra à Alemanha e enviou a juventude americana para o matadouro dos campos de batalha da Bélgica e da França."

"Se os Estados Unidos entrarem na guerra, vão desaparecer todas as vantagens que a classe operária americana conseguiu à custa de sangue e vidas de seus melhores filhos e filhas, tanto no campo de direito sindical como no nível de vida." N. York, junho de 1940.

Esta campanha em favor da paz, pela Imprensa terminou no dia 22 de junho de 1941, quando as forças alemãs e seus aliados atacaram a União Soviética: Os papéis simplesmente foram invertidos: O responsável pela guerra de 1914/18, já ficou sen-

do a Alemanha; Roosevelt, obedecendo as tradições democráticas do povo americano, a exemplo de Wilson, deveria mobilizar todas as forças do país para derrotar o maior inimigo da humanidade, o MONSTRO ADOLF HITLER(!).

O "Freiheit" do dia 10.8.41, conclama as mães judias para que mandassem seus filhos para os campos de batalha, para destruir o maior inimigo dos judeus e da humanidade, o nazismo." E continuava:

"Agentes de Hitler, que se encontram no movimento America First estão sabotando a defesa da América, estorvando a ajuda à Inglaterra e à União Soviética, traindo os Estados Unidos. Atrás de suas frases açucaradas sobre a paz com Hitler, estão vislumbrando as suásticas, as tropas de assalto, a incitação, o progrom e as maquinações para destruir por dentro a democracia americana. O mundo marginal "fascista" na América está afiando suas unhas para verter sangue judeu e destruir o proletáriado organizado."

Dois dias após a invasão alemã à URSS, no dia 24/6/41, os provocadores da guerra, não eram mais a Inglaterra, a França, Roosevelt, os financistas de Wall Street, e muito menos seus adversários também de antes: os sionistas; vejam o que escreveu o"Freiheit":

A besta mais selvagem que o mundo já viu, o inimigo da humanidade, Hitler, QUE ATÉ AGORA MATOU MILHÕES DE PESSOAS NOS CAMPOS DE BATALHA DA EUROPA, o arqui-inimigo dos judeus, que ameaça a massacrar a 17 milhões de judeus do mundo inteiro, a besta disfarçada em figura humana, que escravizou os povos da Europa, matou MILHARES DE JUDEUS NA ALEMANHA, Austria, Tchecoslováquia, França, Polônia, Bélgica, Romênia, Lituânia, Latvia(?) e agora está empenhado em destruir a grande União Soviética, amante da paz, etc."

Vejam os leitores, que não é tão simples como parece analisar e dar uma opinião sobre determinado assunto, examinem o caso do jornal judaico-comunista "Freiheit", onde não houve troca de diretores ou administradores, apenas houve inversões de fatos: o que antes era VERDADE se transformou em MENTIRA, o herói virou monstro e os monstros viraram heróis da humanidade...

De 1932 a 1943, foi embaixador da União Soviética, em Londres, o Sr. Ivan Maiski, judeu, que após a guerra escreveu o livro "Quem ajudou a Hitler". À pg. 124, ele descreve um encontro com o Embaixador dos EE.UU Joseph Kennedy: "Lembro-me de que, daí a uns meses, em junho de 1940, depois de a

França ter capitulado, quando a Inglaterra se achava ante o dilema de concluir a paz com a Alemanha ou continuar a guerra,

"Kennedy veio a Embaixada visitar-me e perguntou minha opinião a respeito desse assunto. Para ele, a Inglaterra era impotente diante da Alemanha; perdera, definitivamente a guerra e quanto antes assinasse a paz com Hitler, melhor. **(É claro que Kennedy era um homem sensato, pois a continuidade da guerra somente poderia provocar o envolvimento de sua Pátria e a conseqüente ampliação de todo o campo de batalha).** Continua o Embaixador soviético: "O Embaixador norte-americano ficou muito surpreendido quando lhe refutei as afirmações e procurei demonstrar-lhe que nada havia de perdido para a Inglaterra até aquele momento; que ela tinha grandes possibilidades de resistir e repelir a ameaça alemã, se, claro estava, conservasse a coragem e a disposição para a luta. Destaquei que, a julgar pelas minhas observações, o espírito das grandes massas populares era firme e que até na cúpula governamental havia homens que não se renderiam À INSOLÊNCIA DOS AGRESSORES FASCISTAS. Daí concluia ser errôneo pintar a perspectiva com os tons mais negros. Quando terminei, Kennedy, abrindo os braços, exclamou:

Sabe o que lhe digo?... Que o Senhor é um otimista... Nada tenho ouvido de parecido nem sequer dos ingleses!"

Depois de ter lido muitas inverdades em livros de autores judeus, levo certo receio em analisar mais profundamente o que o Sr. Maiski escreveu, devendo ser notado porém, no mínimo, a expressão de "Insolência dos agressores fascistas", quando se referiu à Alemanha, com quem a URSS mantinha, naquele momento, 1940, um aparente perfeito relacionamento.

Peço a atenção do leitor para o que escreveu, o Sr. Maiski, à pg. 45 do mesmo livro, com referência a Churchill:

"Eu também tinha presente que Churchill havia sido o principal lider da intervenção de 1918/20 contra a Rússia Soviética. Ideologicamente nos separava um abismo. Porém no terreno da política exterior, é forçoso, às vezes, marchar com os inimigos de ontem, contra os inimigos de hoje, se assim o exigem os interesses do povo. Precisamente por isso, MANTIVE CONSTANTES RELAÇÕES COM CHURCHILL, COM PLENO BENEPLÁCITO DE MOSCOU, A FIM DE PREPARAR A LUTA CONJUNTA, COM A INGLATERRA, CONTRA A AMEAÇA HITLERISTA(!!!)".

Se for verdade o que o Embaixador soviético escreveu, en-

tão ESTARIA JUSTIFICADO O ROMPIMENTO DO TRATADO COM A URSS E CONSEQÜENTE ATAQUE À MESMA por parte da Alemanha!

John Lukacs, cita à pg. 357, de "A última guerra Européia", que Stalin, à maneira que a guerra prosseguia, tornava-se CADA VEZ MAIS NACIONALISTA E ANTI-SEMITA (!), sem dar nenhuma explicação do porque do seu anti-semitismo".

O escritor judeu Isaias Golgher, em "A Tragédia do comunismo Judeu", pg. 197, escreve referindo-se a Stalin, o vencedor da guerra contra a Alemanha:

"O estado paranóico sempre latente de Stalin, adquiriu um caráter virulento depois da guerra. A vitória sobre o nazismo não o levou, como seria de esperar, ao repúdio das teorias e tendências anti-semíticas. Pelo contrário, sob a capa de um anti-nazismo retórico, o sistema soviético tornou-se mais opressivo do que nunca, mais cruel que antes. O nazismo vencido impôs seus critérios ao vencedor. Stalin submeteu o povo a condições que não eram melhores que as de Hitler. De modo que as perseguições anti-semitas comunistas eram apenas um aspecto do sistema." Segue: "Dentro dessas condições, o anti-semitismo assumiu um lugar de relevo, Stalin teve em mente complementar a obra que seu antigo aliado, Hitler, não poude concluir: fazer a Europa "expurgada de judeus". Arquitetou, a exemplo dos nazistas, seu próprio plano de Solução Final."

De herói, conseguiram transformar Stalin em monstro, por haver perdido a confiança nos judeus, haver executado diversos intelectuais judeus, deportado outros, etc. Um assunto sobre o qual não existem informações dignas de confiança, para serem citadas. Sabe-se, porém, que apareceu morto, apesar de gozar de boa saúde, por ocasião em que era investigada uma conspiração de médicos judeus, contra autoridades soviéticas. O nome de Stalin somente foi reabilitado há poucos anos.

A guerra entre a Alemanha e a União Soviética foi da mais extrema violência, pois a URSS não quis saber de guerrear dentro das convenções de Genebra. Era um salve-se quem puder, os prisioneiros alemães geralmente eram barbaramente mutilados. Era uma lei de terra calcinada. As tropas poderiam recuar, porém não podiam deixar nem cidades nem plantações intactas, tudo devia ser destruído.

Vejam o que escreveu o escritor judeu, russo, Ilia Ehrenburg, num livro muito divulgado na URSS, chamado "Voiná" (Guerra), de como o povo soviético devia tratar os alemães:

''Nós não dizemos mais Bom Dia ou Boa Noite! Nos dizemos pela manhã: Matem os alemães, e à noite: Matem os alemães! Agora não se tratam de livros, amor, estrelas, agora trata-se apenas de um pensamento: matar os alemães. Mata-los todos. Enterrá-los... Não existe nada mais lindo para nós, que cadáveres alemães. Batam nos alemães até morrerem — te solicita a velha mãe e te implora a criança. Alemães não são gente, alemães são animais de duas pernas, detestáveis criaturas, verdadeiras Bestas. Eles não têm alma, são células vivas, micróbios sem alma, que estão equipados com máquinas, armas e lança-minas. Se já abateste um alemão, abate mais um até a morte, pois para nós não existe nada mais alegre que ver cadáveres alemães''.

Esta passagem, conforme ''A guerra Secreta de Stalin'', de Nicolai Tolstoy, pg. 269, e muitas outras foram impressas em folhetos e espalhadas entre as tropas soviéticas que entraram na Prússia Oriental. O que se seguiu foi a realização das mais escabrosas fantasias de Ehrenburg. Rara foi a mulher prussiana, desde avós a crianças de quatro anos, que não foi violentada a leste do Rio Elba. Um oficial russo conheceu uma moça que fora violentada pelos menos por duzentos e cinquenta homens, numa semana. Em Nemmersdorf, na Prússia Oriental, uma das primeiras cidadezinhas alemãs capturadas, o Exército Vermelho encenou o seu Katyn. Quarenta e oito horas mais tarde, a Wehrmacht recapturou Nemmersdorf, e descobriu o que os libertadores do leste traziam para eles. Testemunhas oculares nos dão uma idéia do que aconteceu, embora seja difícil imaginar. Os camponeses tinham sido pregados com pregos às portas dos celeiros, torturados ou fuzilados. Cinquenta prisioneiros de guerra franceses(!) foram massacrados imediatamente. Um médico militar viu o lugar onde uma longa coluna de refugiados tinham sido amassada pelos tanques russos; não só os carros e os animais, mas também um grande número de civis, a maioria mulheres e crianças, tinham sido completamente esmagados pelos tanques... Uma velha estava sentada na beira da calçada, morta com uma bala na nuca. Centenas de milhares de pessoas indefesas foram mortas, outro tanto deportado para campos de trabalho escravo, e milhões foram afastados para sempre de seus lares.''

Ilia Ehrenburg, autor deste odioso livro contra os alemães, foi um dos poucos intelectuais judeus poupados por Stalin, possivelmente por ter feito, após a guerra, uma declaração anti-sionista.

Svetlana Alilueva, a filha de Stálin, teve problemas com seu pai, por ter casado, com um judeu. Stálin dizia que o marido ha-

via sido escolhido pelos sionistas, para casando com ela, ter melhores possibilidades de espioná-los ou saber de perto o que se passava no governo.

OS ESTADOS UNIDOS OFICIALMENTE NA GUERRA

Hitler sabia quanto Churchill dependia de Roosevelt e dos Estados Unidos para manter a guerra. Por isso Hitler não tomava conhecimento de todas as provocações que eram feitas pelo governo dos EE.UU. Quando Roosevelt cedeu uma frota de vasos de guerra à Inglaterra, a Alemanha estabeleceu uma aliança com o Japão, obrigando os Estados Unidos por êste ato a manter importante frota no Pacífico.

John Luckacs, à pg. 170, cita o seguinte fato da mais alta importância: Churchill e Roosevelt, se encontraram em meados de agosto de 1941, secretamente, ao largo da Ilha de Terra Nova. Neste encontro:

"Churchill declarou a Roosevelt que a Rússia podia ser derrotada **(A Alemanha estava em plena e vitoriosa ofensiva)**. Com a Rússia fora da guerra e os Estados Unidos ainda não tomando parte nela, o que aconteceria? Era URGENTE QUE OS ESTADOS UNIDOS, DE QUALQUER FORMA, ENTRASSEM NA GUERRA. Roosevelt concordou. ELE TENTARIA "FORÇAR UM INCIDENTE" (!!!).

O ataque japonês a Pearl Harbor, no dia 7 de dezembro de 1941, pegou os chefes políticos e militares alemães de surpresa. Haviam recomendado aos japoneses para não atacar os Estados Unidos, mas sim a URSS, se necessário.

Salvador Borrego, escreve à pg. 348: "O investigador norte-americano Emmanuel M. Josephson, revela que esta inesperada troca de front, foi induzida e alentada pelo Conselho de Relações Exteriores, poderosa organização israelita que funciona nos EE.UU., debaixo do patrocínio dos Rockfeller. Como a Alemanha não atacava os EE.UU., não reagia às suas provocações, não prejudicava nenhum dos seus interesses, Roosevelt seguia tropeçando para intervir integralmente na guerra a favor da URSS."

"48 horas após a invasão alemã na URSS, Roosevelt havia pedido ao Japão que "a bem da paz" desse garantias de não atacar a URSS. O Japão seguiu o conselho, e um mês depois, SEM NENHUM MOTIVO, Roosevelt lançava contra os japoneses a grave provocação de congelar todos os seus valores depositados nos Estados Unidos. Automaticamente ficaram suspensos os abastecimentos de combustíveis, o que provocou grave crise

no Japão. Além disso, em novembro de 1941, Roosevelt expediu um ultimatum, pondo fim às negociações diplomáticas americano-japonesas."

"Por um lado Roosevelt **(quando é citado que Roosevelt fez isso, fez aquilo, é lógico que se referem ao que assinava ou falava, induzido pelo terrível Círculo que o rodeava, pois tratava-se, ao que dizem, de uma legítima toupeira, somente superado, até hoje, por esse mocinho de cinema, admirador de Rambos, Rockys, chamado Ronald Reagan, cuja passagem pelo governo norte-americano é aguardado impacientemente, pois enquanto lá estiver, continuarão os incêndios pelo mundo).**

Renovando, "por um lado Roosevelt cercava economicamente aos japoneses, os deixava sem petróleo e os humilhava, E POR OUTRO LADO LHES APRESENTAVA COMO TENTAÇÃO UMA FROTA INERTE ANCORADA EM PEARL HARBOR. A ambição e o amor próprio ferido, acabaram por cegar os chefes nipônicos e caíram na armadilha ao atacar Pearl Harbor no domingo, do dia 7 de dezembro de 1941. Automaticamente esse ataque levantou o povo americano e CRIOU A SITUAÇÃO QUE ROOSEVELT NECESSITAVA, para anunciar, finalmente: — Apesar da Alemanha e da Itália não terem feito uma declaração de guerra, são considerados tão em guerra com os Estados Unidos como podem estar com a Inglaterra e a Rússia — E assim o povo norte-americano se viu forçosamente na guerra que jamais havia querido. Os instigadores hebreus do confronto europeu se ocultavam atrás do sangue dos 3.303 norte-americanos mortos em Pearl Harbor."

Josephson disse textualmente: "As provas que aparecem nos debates do Congresso demonstram que o Conselho de Relações Exteriores apoiou economicamente, por intermédio de seu subsidiário, o Instituto de Relações no Pacífico, a rede comunista de espiões de Richard Sorge, que operou no Japão e que induziu os nipônicos a atacar a base americana de Pearl Harbor, em lugar de seguir seu plano original de atacar a URSS. Desta forma precipitaram outra cruzada de Rockfeller: a guerra de Roosevelt. Mas tão grande é o poder do Conselho de Relações Exteriores, que o Congresso nunca se atreveu a denunciar nem a persegui-los por sua alta traição." Essas citações constam do livro "Rockfeller Internacionalista, do norte-americano Josephson.

Segue Borrego, no seu "Derrota Mundial", à pg. 349:

"A revelação acima coincide com o testemunho do major-general Charles A. Willoughby, Chefe do Serviço Aliado de Inteligência, em Tóquio, que declarou que o Instituto de Relações no

Pacífico (de Rockfeller) empregou a Rede de espionagem de Richard Sorge para fazer que o Japão desistisse do seu ataque à URSS e se lançassem contra Pearl Harbor, cuja guarnição se achava SURPREENDENTEMENTE DESPREVENIDA. O general americano afirma que os agentes secretos conheciam até o dia e a hora em que seria efetuado o ataque. A obra dos agentes de Rockfeller foi uma fantástica cartada que o poder israelita dos Estados Unidos fez ao "touro" japonês, em benefício do MARXISMO ISRAELITA DA URSS. Se nesse dia 7 de dezembro de 1941 os japoneses atacassem a URSS ao invés de Pearl Harbor, o Kremlin não teria podido lançar sua Contra-ofensiva de inverno, nas portas de Moscou. Isso teria sido simplesmente mortal para o Exército vermelho."

"O almirante norte-americano Robert A. Theobald afirma que a frota do Pacífico foi **intencionalmente debilitada e ancorada em Pearl Harbor,** em ostensiva passividade e despreparo, para servir de anzol e atrair um ataque de surpresa por parte do Japão. Diz que Roosevelt sacrificou aos 4.575 norte-americanos mortos e feridos em Pearl Harbor, além das 18 unidades navais afundadas ou postas fora de combate, além de 177 aviões destruídos."

Continua o Almirante norte-americano Theobald que "Washington sabia que a aviação atacaria Pearl Harbor às 08:00 da manhã. Soube com suficiente certeza ao menos quatro horas antes... Foi uma hora antes quando se enviou uma mensagem de alarme ao Havaí... mas por via ordinária de radio-telegrafia, tendo À MÃO O TELEFONE TRANSPACÍFICO. Dita mensagem chegou ao General Short SEIS HORAS MAIS TARDE e ao Almirante Kimmel OITO HORAS DEPOIS DO ATAQUE. Theobald considera, no seu livro "O último segredo de Pearl Harbor", que Roosevelt buscou o ataque DELIBERADAMENTE, por achar que somente deste modo o povo americano apoiaria de todo coração a guerra contra a Alemanha."

"O Almirante de cinco estrelas William F. Halsey e o Contra-Almirante William H. Standley confirmaram tudo. O Almirante William H. Standley reafirmou que Roosevelt podia ter dado o sinal de alerta em Pearl Harbor, antes do dia 7 de Dezembro."

"O escritor americano John T. Flynn refere-se que 10 dias antes do ataque japonês, Roosevelt disse ao Secretário de Guerra, Stimpson, que a melhor tática ERA OBRIGAR aos japoneses para que atacassem primeiro. Isto conduziria automaticamente à guerra e o problema ficaria resolvido... Roosevelt conseguiu o

que desejava. Naturalmente, o traidor ataque uniu a Nação." (do livro "El mito de Roosevelt).

Lukacs, na pg. 495, faz a seguinte citação sobre Pearl Harbor:

"As notícias de Pearl Harbor LEVANTARAM OS ÂNIMOS DE MILHÕES DE JUDEUS EM TODO O MUNDO". Animados porque morreram muitos americanos nesse ataque? Porque iam morrer mais centenas de milhares americanos e japoneses na guerra do Pacífico? Porque sabiam que este ataque japonês provocava a guerra dos Estados Unidos contra a Alemanha, já que esta última tinha uma aliança militar com o Japão? Esta última me parece a mais correta, pois mesmo que a conflagração se arrastasse por todo mundo, que morressem milhões e milhões de seres humanos, da origem que fossem, desde que a meta suprema fosse cumprida: ELIMINAR A ALEMANHA, pelo crime de não mais considerarem os judeus como alemães, mas como traidores da Nação.

Resumo: O "Incidente" de Roosevelt foi um sucesso total, não tanto pela valentia do soldado norte-americano, que até hoje, como os outros, realmente não sabem porque lutaram, mas pela produção de armamentos de todos os tipos que eram produzidos pelos "magnatas" e espalhados por todo o mundo, aliada ao apego, resistência e sacrifício da URSS, que acabou, de verdade, com o conflito, pois ainda pouco antes da rendição, por muito pouco, com o ataque dos alemães na ofensiva das Ardennas, quase se repetia uma Segunda Dunquerque, quando os alemães chegaram a espalhar o terror entre as forças de invasão aliadas, só não concretizado porque os alemães foram obrigados a desviar as forças blindadas para o setor oriental, em grande perigo!

AS GRANDES VÍTIMAS DA GUERRA

Quando se fala sobre a última guerra e sobre as vítimas, sempre aparece o número de 6.000.000 de judeus, sacrificados nas câmaras de gás, dos terríveis Campos de Concentração alemães, por ordem de Adolf Hitler. Durante 40 anos estamos assistindo DIARIAMENTE, ou nos cinemas, ou nos canais de televisão, pelos milhares e milhares de livros já escritos, aquelas figuras grotescas e sanguinárias, que são os soldados alemães, que sem dó nem piedade acabaram com a vida desses milhões de seres inocentes e inofensivos.

Já passou pela cabeça do leitor, em algum momento, que

possamos estar sendo vítimas do LOGRO OU DA MENTIRA DO SÉCULO? Se assim não fosse, porque se insiste tanto e sempre nos 6 milhões de vítimas e nos filmes e reportagens diárias, depois de mais de 40 anos?

Conforme procurarei demonstrar, adiante, com estudos feitos por cidadãos de países que lutaram contra a Alemanha, tanto o número de 6 milhões de judeus mortos, como as respectivas histórias de câmaras de gás, não passam de uma GROSSEIRA MENTIRA, cuja maior vítima é justamente a Alemanha, que já pagou indenizações beirando a casa dos CEM BILHÕES DE MARCOS, algo parecido a 45 BILHÕES DE DÓLARES, e o corrente ano ainda recebeu uma conta de mais de 1.000 judeus que trabalharam durante a guerra, na Mercedes Benz, aos quais não haviam sido pagas as HORAS EXTRAS!...

Considerando que antes da guerra o sionismo já dominava na imprensa mundial, imaginem só como este domínio foi ampliado após o final da Segunda Guerra Mundial até os nossos dias.

Se alguém esperasse que essa imprensa fosse publicar algo favorável à Alemanha nacional-socialista, morreria de cansaço. Não, esta Imprensa que já fez a nossa cabeça antes da guerra, após a mesma somente poderia piorar as difamações. A única pessoa que era apresentada com respeito era o Marechal von Rommel, a Raposa do Deserto, e sabem porque?... Porque era um traidor, tinha participado numa conspiração contra Hitler, que resultou num atentado fracassado contra o Führer em julho de 1944, e que acabou por suicidar-se.

CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO

Todos sabem das histórias dos campos de concentração, das câmaras de gás e dos fornos crematórios de Dachau, Bergen-Belsen, Buchenwald, Mauthausen, Oranienburg, Sachsenhausen e tantos outros da Alemanha, onde apareciam pilhas de cadáveres que já tinham passado pelas câmaras e gás... e estavam aguardando o momento de serem cremados. Estas histórias e fotografias ganharam as páginas em todo o mundo, para nosso horror e horror de toda a civilização. Os soldados americanos, que ocuparam o campo de Dachau, após verem alguns vagões cheios de mortos nos escombros por **bombardeios aliados** e que eram normalmente cremados nos campos de concentração, ficaram apavorados, pois lhes disseram que eram judeus

transferidos de outros campos de concentrações. A reação dos americanos, no momento, foi esta: "Agora sabemos porque estamos lutando!..."

No "American Mercury" N.º 429, de outubro de 1959, o advogado norte-americano Stefan F. Pinter afirma:

Eu estive após a guerra, durante 17 meses em Dachau, como delegado do Departamento de Guerra dos EE.UU., e atesto que não existiu em Dachau nenhuma câmara de gás. O que era mostrado aos visitantes e interessados como sendo uma câmara de gás, era um crematório... Também em nenhum outro campo de concentração da Alemanha existiram câmaras de gás. Nos contaram que existe **uma** câmara de gás em Auschwitz, mas como se encontrava na zona de ocupação soviética, não conseguimos efetuar nenhum exame desse fato, pois os russos não o permitiram."

Uma escritora norte-americana, Freda Utley, no seu livro "The high cost of vengeance" editado em Chicago em 1948, descreve o horror que as autoridades americanas quando, ao penetrar na Alemanha, comprovaram os terríveis e bárbaros resultados DOS BOMBARDEIOS TERRORISTAS. Por isso, escreveu: "O general Eisenhower organizou imediatamente uma CAMPANHA MONSTRUOSA sobre os crimes de guerra alemães, campos de concentração etc. COM O FIM DE ESCONDER TODO O RESTO."

"É certo, continua Freda Utley, que se conseguiu este intento. **Nem um só jornal** americano descreveu os horrores dos nossos bombardeios, nem as condições em que estavam obrigados a viver os sobreviventes, entre suas ruínas repletas de cadáveres e no caso geralmente sem comida, que era destruída pelos mesmos bombardeios. Por outro lado os norte-americanos **(e o mundo todo)** foram saciados pelas únicas atrocidades cometidas pelos alemães. Inclusive, em ocasiões, aquelas atrocidades HAVIAM SIDO INVENTADAS PARA ESCONDER TODO O RESTO."

Paul Rassinier, era um resistente francês e foi preso e enviado para trabalhar nos campos de concentração alemães, passando pelos Campos de Buchenwald e Dora. Rassinier era deputado socialista, da cidade de Belfort. Após a guerra, libertado, acompanhou o que se publicava sobre atrocidades e câmaras de gás em todos os campos, quando viu as mesmas referências sobre os campos onde ele próprio havia estado.

Sabendo que era mentira, FEZ O QUE OS ALEMÃES DEVIAM TER FEITO: Percorreu os campos, desmascarando as

mentiras. Graças à sua tenacidade, conseguindo provas e depoimentos totalmente insuspeitos, conseguiu algo que por sí só já mereceria uma estátua na Alemanha:

No dia 19 de agosto de 1960 o Instituto de História Contemporânea, em Munich, graças às pressões do Sr. PAUL RASSINIER, foi **obrigado** a reconhecer OFICIALMENTE que nunca havia existido alguma câmara de gás, em nenhum dos campos de concentração situados em todo o território do Grande Reich. Claro que isso incluía aqueles caminhõezinhos, tão mostrados no cinema e na TV, onde os passageiros eram mortos pelo gás carbônico expelido pelo próprio veículo **(imaginação é coisa que não falta...)**. Quando digo que foi obrigado a reconhecer é que isso foi feito com uma má vontade terrível, pois este Instituto recebia ou ainda recebe financiamento dos Rockfeller. Para ver como a coisa funcionava **(não mais?)** na Alemanha, basta dizer que, por ocasião do processo de Auschwitz, quando foram analisados os crimes de guerra lá efetuados... o Sr. Rassinier foi impedido de assistí-lo: Foi retirado do trem, na fronteira com a Alemanha, por ser considerado INDESEJÁVEL!!! O homem que estava ajudando a tirar a culpa que era imputada aos próprios alemães, ao invés da estátua que merece, ERA UM INDESEJÁVEL. Isto na verdade chama-se: SUBSERVIÊNCIA PARA CACHORRO SAFADO NENHUM BOTAR DEFEITO!!!

Vamos dar algum desconto, porém, aos alemães, pois se houve um HOLOCAUSTO, este foi com seu povo, foram bombardeados, massacrados, perseguidos, assassinados, intimados e apavorados pelo chamado Tribunal de Nürnberg e a NOVA IMPRENSA FEZ A SUA CABEÇA... Estão adormecidos ou entorpecidos.

Somente como curiosidade, para o leitor, cito algumas das personalidades que estavam presas, em Dachau, no fim da guerra: Marquês Georg von Pallavicini, da Hungria; Condessa Dampierre; Condessa Andrassy; 1.º Ministro Nicholas von Kallay da Hungria; Kurt von Schuschnigg ex-Chanceler da Áustria e sua esposa a Condessa Vera von Schuschnigg, que se internou voluntariamente — casaram, moraram juntos e tiveram uma filha em Dachau; Príncipe Leopold von Hohenzollern, da Coroa austríaca; o Tenente Basili Kokorin Nedotowsk — nada mais que o sobrinho do poderoso Ministro do Exterior da União Soviética Molotov, da URSS; General Sante Garibaldi, da Itália; Van Dyk — Ministro da Holanda; o Marechal Halder ex-Comandante em Chefe de Estado Maior Alemão e sua esposa Gertrud Halder; Hjalmar Schacht, ex-Ministro das Finanças de Hitler; Ex-General

von Falkenhauser; Leon Blum, judeu, ex-1.º Ministro da França; Vários Condes e Condessas von Stauffenberg, todos parentes de Claus von Stauffenberg, que havia colocado uma bomba para matar Hitler em Julho de 1944, mas que só atingiu outros militares; Conde e Condessa Walter von Plettenberg; Dr. Erich Heberlein e esposa; Franz e Maria von Hammerstein; Fritz Thyssen, magnata do aço da Alemanha, e sua esposa; Siegmund Payne Best e o Major H. R. Stevens, chefes do Serviço Secreto Britânico na Europa Ocidental; Peter Churchill, sobrinho do 1.º Ministro da Grã-Bretanha; Principe Xavier de Bourbon, cujo filho casou posteriormente com a Princesa Irene da Holanda; General Papagos, Chefe das forças armadas da Grécia; Nicholas von Horty Jr., filho do príncipe Regente da Hungria; Dr. Schmitz, ex-Prefeito de Viena; Príncipe von Hessen, genro do Rei da Itália; Monsenhor Johannes Neuhäusler, vigário geral de Munich; Príncipe Leopoldo da Prússia, sobrinho do Imperador, juntamente com seu Secretário, e camareiro; Havia também 1.240 sacerdotes, ministros religiosos e pastores, dos quais 90% católicos.

Dá uma nítida impressão que a nobreza não era muito chegada ao Nacional-socialismo...

A imprensa publicou no dia 30 de abril de 1945 que o Gen. Dwight Eisenhower, Comandante Supremo dos Exércitos Aliados assinou e entregou o seguinte comunicado:

"As tropas norte-americanas libertaram e destruíram o famigerado campo de concentração de Dachau. Cerca de 32.000 prisioneiros que ali se achavam estão livres. Trezentos guardas da SS foram imediatamente liquidados."

Vamos ver o que aconteceu na realidade:

Quando as tropas americanas se aproximaram do campo, as forças alemãs hastearam a bandeira branca de rendição, formou a tropa que guarnecia o campo de trabalhos, sem armas. O Comandante apresentou-se ao Comandante americano apresentando o relatório dos prisioneiros presentes, os que estavam trabalhando fora do campo, número de doentes, número de soldados — médicos e enfermeiros. (Entre soldados, médicos e enfermeiros eram 560 os alemães fardados). Os americanos deram uma rápida volta no campo, viram vagões lotados de cadáveres, a maioria em estado de decomposição, pois era gente retirada dos escombros dos bombardeios aliados, que tinham sido enviados para esse campo afim de serem cremados. Apareceu gente dizendo que os cadáveres eram de judeus mortos pelos alemães... Resultado, na volta o comandante americano mandou os alemães se encostarem contra as imensas paredes do

campo, com os braços levantados e as mãos na nuca, mandou liquidar na hora, a tiros de metralhadoras portáteis, os 560 soldados.

Esta cena de extrema bravura, como vimos, seria repetida alguns anos mais tarde na aldeia de Mi-Lai, no Vietnã, por uma patrulha americana, só que desta vez, ao invés de soldados indefesos, tratavam-se de mulheres e crianças. Mais recentemente tivemos outro ato de grande bravura, quando a "milícia cristã", que é financiada por Israel, destruiu o importante reduto de velhinhos, mulheres e crianças de Sabra e Chatilla...

No meio da euforia com a chegada dos americanos a confusão com o metralhamento sumário dos alemães, os bem organizados arquivos de Dachau foram destruídos, possivelmente por prisioneiros interessados em suprimir suas fichas criminais, fato que causou um verdadeiro desespero nos novos ocupantes do campo, pois cedo descobriram que havia gente importantíssima, presos políticos em número acentuado, mas um número agora impossível de identificar de criminosos comuns, ladrões, desertores, prisioneiros de guerra e assassinos, todos agora, com certeza, querendo dar uma de bonzinho e inocente. Resultado: as portas de Dachau continuaram fechadas, os arames eletrificados, enfim, apenas tinha havido uma troca de guardas alemães por norte-americanos.

Começaram os problemas no 1.º dia: os norte-americanos tinham comida para seus soldados, mas tinham que abastecer agora imediatamente mais 30.000, dos quais 2.500 doentes nas enfermarias. Não havia nem comida para os prisioneiros e nem sabiam o que dar para os doentes, se nem sabiam suas doenças, pois haviam fuzilados também os médicos e enfermeiros, e as fichas dos doentes também tinham sido queimadas.

Após 24 horas de "libertação", além dos 560 alemães metralhados, jaziam 300 mortos no campo, entre doentes e mortos em brigas e vinganças pessoais entre os prisioneiros.

É conhecido que morriam mais prisioneiros sob a guarda e cuidados médicos dos americanos, que sob a administração alemã, em Dachau.

Saques, pilhagens, roubos, violentações, agressões, delações e assassinatos deram motivos a fuzilamentos em massa dos prisioneiros por parte dos americanos.

Os prisioneiros que achavam que seriam libertados imediatamente, caíram do cavalo. Em alguns casos levou mais de **10 anos** para serem libertados pelos norte-americanos. Eisenhower, portanto, também tinha mentido.

Se o prezado leitor tiver na sua biblioteca qualquer livro falando sobre execuções de judeus em câmaras de gás que teriam existido no território do Reich, não o jogue fora, guarde-o como lembrança, passando um "X" vermelho na capa, pois o próprio Instituto de História Contemporânea foi obrigado a CONFIRMAR: NUNCA EXISTIU CÂMARA DE GÁS NENHUMA!

Depois de 1960, data da confirmação da inexistência de câmaras de gás na Alemanha, a maioria das histórias, então, aconteceram em Auschwitz, na Polônia...

Até ficar provado que nunca existiram câmaras de gás ou similares, muita gente havia sido EXECUTADA por estes crimes. Para que os leitores tenham uma idéia como funcionavam as torturas e ameaças contra os responsáveis dos Campos de Concentração, vejam o seguinte fato: O Comandante ZIEREIS, do Campo de Mauthausen, Comandante KRÄMER, do Campo de Bergen-Belsen e o Comandante SUHREN, do Campo de Ravensbrück, CONFIRMARAM A EXISTÊNCIA DE CÂMARAS DE GÁS NOS SEUS RESPECTIVOS CAMPOS, SOB CONFISSÃO ASSINADA... **(Claro que antes do reconhecimento do contrário, pelo Instituto de Munich).**

O Professor da Universidade de Lion, Dr. Robert Faurisson, na Revista mensal "Defense de l'Occident", de junho de 1978, pg. 35, refere-se a estes casos, chamando a atenção para o fato incrível de que a confissão, do SS-Standartenführer FRANZ ZIEREIS, de Mauthausen ter sido publicada, na época, em forma de brochura.

O que apareceu, durante o julgamento de Nürenberg, de documentos falsificados, aos milhares, muitos dos quais o próprio faccioso Tribunal rejeitava, bem como "confissões", como as anteriormente citadas, de gente que, desta forma, pensava em salvar sua pele, é simplesmente espantoso! Há vários anos existem historiadores tentando, **inutilmente,** chegar aos DOCUMENTOS E PROVAS ORIGINAIS utilizadas pelo Tribunal, durante todos os processos. Pelas cópias mimiografadas, quando encontradas, torna-se difícil ou impossível identificar as falsificações.

AUSCHWITZ

Ainda deve haver milhares e milhares de fatos ocultos sobre esta Última Guerra Mundial, pois somente a, relativamente, muito pouco tempo os historiadores estão descobrindo e juntando fatos, que são, na maioria, completamente desconhecidos do público, mas que alteram tudo que nos foi apresentado durante mais de meio século.

Em ''La Terre Retrouvée'', de Paris, do dia 15 de dezembro de 1960, o Dr. KUBOVY, Diretor do CENTRO MUNDIAL DE DOCUMENTAÇÃO JUDIA CONTEMPORÂNEA, de Tel-Aviv, admitiu que NÃO EXISTIA NENHUMA ORDEM PARA O EXTERMÍNIO DE JUDEUS, de Hitler, Himmler, Heydrich, Goering, etc. (pg. 37 do ''El drama de los judios Europeos'', de Paul Rassinier, já antes referido).

Se alguém imaginar em contra-partida, que a ''coisa'' possa ter sido por ordens verbais, peço apenas raciocinar um pouco: — Como, por exemplo, alguém seria capaz de exterminar uma população equivalente ao dobro de toda a população da República Oriental do Uruguai, sem UMA, repito APENAS UMA ORDEM POR ESCRITO? Só na ''moita'', na base do ''cochicho''?... Pior ainda: Se assassinaram 6 milhões de judeus, deve ter havido outro tanto de mortos das mais variadas nacionalidades, só as cifras dos ciganos chega, às vezes a 2.500.000... Passar nas câmaras de gás este número de pessoas e, de acordo com oque será apresentado adiante, não ter sido apresentada UMA, repito, UMA TESTEMUNHA OCULAR destes fatos, nos depoimentos da época, que resista a um exame um pouco mais acurado, é simplesmente INACREDITÁVEL.

O Sr. Paul Rassinier, por exemplo, viajou milhares e milhares de quilômetros pela Europa, cada vez que lhe indicavam o endereço de ''testemunhas oculares''. Após uma série de perguntas bem colocadas, essas testemunhas mudavam seu depoimento informando que eles pessoalmente não tinham assistido, mas um parente, ou um íntimo amigo sim, ao perguntar o endereço ou dos parentes ou dos amigos, vinham as respostas que infelizmente já haviam falecido... Referindo-se a Auschwitz e suas câmaras de gás, o Sr. Rassinier não tem dúvida em afirmar que se trata da MAIS MACABRA IMPOSTURA DE TODOS OS TEMPOS!!!

O jornal ''Zero Hora'', de Porto Alegre, do dia 18/6/86, publicou a seguinte notícia, que muito pouca gente deve ter entendido:

''FRANCESES REJEITAM TESE SOBRE NAZISTAS'' — As mais altas instâncias universitárias francesas condenaram a tese do engenheiro Henri Roques, 66 anos, que tende a negar a existência de câmaras de gás nos campos de concentração nazistas, durante a II Guerra Mundial.''

A seção ''História e Civilização'' do Conselho Superior de Universidade (CSU), instância encarregada de examinar o valor dos trabalhos científicos dos catedráticos franceses, emitiu mo-

ção afirmando que "compartilha da indignação geral" suscitada pela tese de Roques. A moção destaca também a inquietação do CSU perante a possibilidade de que essa obra "possa vir a ser citada como referência científica" e provoque novos trabalhos no sentido de negar a existência de câmaras de gás, destinadas ao extermínio maciço nos campos de concentração da Alemanha nazista.

Defendida discretamente, a 15 de junho de 1985, perante um painel reunindo na Universidade de Nantes (Oeste da França), a tese — inocentemente intitulada "As confissões de Kurt Gerstein — Estudo comparativo das diferentes versões. Edição Crítica" — valeu a Roques um doutorado universitário com a menção "Bom". Nela, Roques expõe em particular as contradições e "inverossimilhanças" reparadas nos diversos relatos de Gerstein, oficial nazista testemunha do funcionamento das câmaras de gás e que se rendeu ao exército francês em abril de 1945.

COMOÇÃO — A existência da tese, divulgada no mês de maio último, provocou comoção na opinião pública francesa, especialmente nos meios jurídicos. Além de formular uma condenação ao fundamento da obra, muitos não conseguem entender como foi que Roques conseguiu encontrar um painel de professores capaz de avalizar seu trabalho.

No final de maio, porém o reitor da Universidade de Nantes, "horrorizado" ele próprio pelo conteúdo da obra, informou que nada havia a ser feito, pois uma investigação por ele ordenada chegou à conclusão de que a apresentação da tese foi normal(!)

Num recente programa de rádio, Roque foi violentamente criticado por intelectuais de origem judaica. (AFP)."

Vamos analisar esta notícia do jornal. Em primeiro lugar o título já não está bem de acordo com o texto, salvo referir-se à rejeição da tese pelos intelectuais de origem judaica; não os franceses em geral. Como é que as mais altas instâncias universitárias francesas podem condenar uma tese, aprovada por uma Universidade do porte de Nantes? Interessante a moção do CSU... Surpresa? Indignação? Comoção? Nada disso, os franceses já conheciam a TRAPAÇA DA CONFISSÃO DE KURT GERSTEIN, através de descrição de Paul Rassinier, no "Le drame des Juifs Européens", editado na França em 1964, portanto há 12 anos atrás. O agora Dr. Henri Roques, com certeza acrescentou novos detalhes àquela farsa, negando, assim, a existência de câmaras de gás.

É muito lógico que os intelectuais de origem judaica não ti-

vessem gostado dessa diplomação, pois o DEPOIMENTO K. GERSTEIN, juntamente com mais outros, que serão analisados a seguir, são consideradas AS MAIORES PROVAS DO ASSASSINATO EM MASSA DOS JUDEUS, depoimentos esses que levaram à morte e prisão de dezenas de milhares de alemães, condenados e perseguidos a partir do Tribunal de Nürnberg, e até hoje.

Para os leitores terem uma idéia sobre este depoimento de Kurt Gerstein, que era um Tenente do serviço sanitário das forças SS, basta citar que o Ministério Público de Israel usou este depoimento, como prova para condenar e enforcar o"tornado célebre" Coronel EICHMANN, durante o "julgamento" em Israel, após ter sido sequestrado na Argentina, onde trabalhava como mecânico. (Conforme "Le Figaro" de 7/6/1961).

Vamos aguardar a publicação completa da tese de Henri Roques, pois o "Depoimento" de Kurt Gerstein nunca foi publicado na íntegra, e parece que no final do mesmo constaria o número de 25.000.000 de judeus mortos nos campos de concentração nazistas... Assim, antes de termos os dados completos a respeito, vamos examinar o que foi publicado, a respeito, até o momento.

O DEPOIMENTO DE KURT GERSTEIN

O chamado caso Kurt Gerstein, segundo Paul Rassinier, em "El Drama de los judios Europeos", pg. 71 em diante, "que já havia sido "estrela" no processo de Nürnberg, em janeiro de 1946, posteriormente no processo contra Eichmann, em Jerusalém, voltou a se-lo recentemente na Europa, graças a uma obra teatral, Der "Stellvertreter", "El Vicario", editada por Rowohlt, em Hamburgo, em 1963, de autoria de um tal de Rolf Hochhuth. É uma história tão macabramente fantasmagórica, como a do Dr. Miklos Nyisli (Outro "famoso" depoimento, que também será analisado)."

Em torno do dia 5 de maio de 1945, as tropas aliadas — francesas — ao entrar em Rottweil, na província de Würtenberg, haviam encontrado e aprisionado, em um hotel a um tal de Kurt GERSTEIN. Estava num uniforme das tropas SS (tropas especiais de defesa) com caveira, e pelas ombreiras identificado com Tenente. Foi transferido a Paris, onde foi internado, em uma prisão militar, dizem uns, em Cherche-Midi, dizem outros, em Fresnes, afirmam outros, ONDE SE SUICIDOU (!). Em resumo, não se sabe exatamente onde. Uma manhã de julho, no dia 25, dizem quase todos os comentaristas, mas nada

é menos seguro: com data de 10 de março de 1949, a viúva de Gerstein havia comunicado que ela só havia recebido da Comissão Ecumênica para a ajuda espiritual aos Prisioneiros de Guerra, com sede em Genebra, o seguinte comunicado sobre a sorte do seu marido:

"Lamentavelmente não foi possível, apesar de vários esforços, conseguir informações detalhadas sobre a morte do seu marido, e também não foi possível conseguir o local do seu sepultamento."

"Ao que se saiba, nem a data correta da detenção e nem da sua morte foram noticiadas. De todos os modos, até o dia 30 de janeiro de 1946, ou seja aproximadamente 9 meses após a detenção, não determinaram um caráter sensacional, pela atenção que despertaram subitamente em determinadas pessoas."

"A primeira e mais notória daquelas pessoas foi, sem dúvida o Sr. Dubost, Fiscal Francês junto ao Tribunal de Nürnberg — no processo dos grandes criminosos de guerra —: Nos arquivos da delegação norte-americana, ele havia descoberto certo número de faturas de Zyklon B, fornecido aos campos de concentração de Auschwitz e Oranienburg, pela firma Degesch-Gesellschaft, de Frankfurt, com data de 30 de abril de 1944, UNIDAS A UM RELATO EM FRANCÊS ASSINADO POR KURT GERSTEIN, Tenente das tropas SS, referente ao extermínio de judeus nas câmaras de gás de BELZEC, CHELMNO, SOBIBOR, MAIDANEK e TREBLINKA."

"O Sr. Dubost registrou o documento junto ao Tribunal de Nürnberg no dia 30 de janeiro de 1946, onde recebeu a referência P. S. 1553 — R. F. 350".

Por motivos que o leitor não tardará em compreender, o Tribunal não quis falar nem de Kurt Gerstein, nem do seu relato: dos documentos apresentados pelo Sr. Dubost, o Tribunal apenas reteve duas faturas com data de 30 de abril de 1944, cada uma delas de 555 quilos de Zyklon B, uma para Auschwitz e outra para Oranienburg." (Porque somente retiraram duas se havia mais 10 outras faturas?).

"No dia seguinte, 31 de janeiro de 1946, de uma forma tal que ninguém podia duvidar de sua autenticidade e de admissão como prova pelo Tribunal (já que tinha recebido um número...), os jornais do mundo inteiro reproduziam sem parar, e cada um à sua maneira, o documento, cuja leitura HAVIA SIDO DENEGADA PELO TRIBUNAL NA AUDIÊNCIA DA VÉSPERA."

''A partir daquela ofensiva da imprensa procede a exploração que se vem fazendo deste documento — cada um ganha a sua vida como pode — eminentes historiadores como o Sr. Poliakow, em ''El Breviário del Ódio''; os alemães H. Krausnik, em ''Documentación sobre el extermínio por medio de los gases''; J. J. Heydecker y J. Leeb, em ''El processo de Nürnberg; Gerhardt Schoenberner,em ''A Estrela Amarela'' — (Nesta altura Paul Rassinier pede desculpas por haver citado apenas estes autores; não se pode ler tudo, particularmente nesta classe de literatura!...)

O escritor Poliakow foi o primeiro que fez referências e comentários a respeito do depoimento, em francês de Kurt Gerstein, no livro ''El Breviario del Odio'', editado em 1951; O MESMO POLIAKOV, no seu outro livro ''El Processo de Jerusalén'', editado em 1962, ONZE ANOS APÓS, APRESENTA O MESMO DEPOENTE, KURT GERSTEIN, CONFESSANDO COISAS BEM DIFERENTES, OMITINDO FATOS ANTERIORES OU ENCAIXANDO NOVOS(!). Esqueceu-se do que havia publicado no seu primeiro livro, ou tinha descoberto uma Segunda Confissão em francês?

Sabe-se que o depoimento em francês, em péssimo francês continha 6 páginas datilografadas e com uma nota manuscrita no final, certificando a autenticidade do conteúdo, e com a assinatura do depoente, porém sem data. Anexo ainda se encontravam mais duas páginas manuscritas, EM INGLÊS e devidamente assinadas, nas quais afirma que não mais de 4 ou 5 pessoas, todas nazistas, puderam ver o que ele viu. Também estavam anexos mais 24 páginas datilografadas, porém em alemão, com data de 4 de maio de 1945, porém SEM ASSINATURA...

É no mínimo TOTALMENTE ESTRANHO, que o depoente assine um depoimento datilografado em francês, sem data, do qual já existem 2 versões completamente diferentes, conforme já indicado, apesar de tratar-se de livros do mesmo autor, e deixe de assinar o documento em alemão, o único com data, justamente o idioma que ele sabia...

Dizem que o depoimento em alemão corresponde à versão francesa original, só que a primeira tem apenas 6 páginas e a segunda 24 páginas datilografadas... O Tribunal de Jerusalém, que condenou Eichmann, no seu Considerando N.º 124, cita Gerstein como um oficial, cuja consciência não o deixava em paz e que já desde 1942 (!) tratou de revelar ao mundo o que ocorria nos campos de extermínio...

Um homem que anda com 12 faturas de Cyclon B, no bolso, que deseja revelar o que viu nos campos de concentração, não se deixa prender, ele toma a iniciativa de se apresentar e seria recebido como herói, pois pela declaração do Tribunal de Jerusalém, o Tenente Gerstein já vinha denunciando o extermínio desde 1942... Suas fotos estariam na primeira página de todos os jornais do mundo!!!

Mas não, ele, SE REALMENTE EXISTIU, foi posto em "cana", transferido para uma prisão da França, que ninguém sabe qual, e lá o suicidaram, antes de ter tempo de assinar o depoimento, no seu idioma, o alemão...

Até que possamos ler um dia a tese do Sr. Michel Roques, sobre este caso, pois para receber o título de Dr. na França, não me parece uma coisa muito fácil, devendo portanto constar da mesma uma ampla explanação e detalhamento; vamos examinar um resumo do depoimento de Kurt Gerstein, visto através dos olhos de vários historiadores:

"KURT GERSTEIN era um engenheiro químico. Em 1938 teria tido dificuldades com a Gestapo e foi internado no campo de concentração de Welzheim". **(Na Alemanha, após a ascenção do nacional-socialismo, as prisões comuns, como temos aqui no Brasil, onde ficam 6 a 8 presos numa cela, enjaulados por grades, de forma bastante desumana, dentro de toda uma promiscuidade imaginável, foram substituídas pelos chamados campos de concentração, com enormes pavilhões-dormitórios, idênticos aos quartéis, com cantina para compras, imensos pátios ajardinados, e até casa de mulheres prostitutas. Sua finalidade era a recuperação para a sociedade dos condenados, que trabalham em algum setor, geralmente fora do campo, recebendo pagamento pelos serviços prestados. O lema de todos os campos era "Arbeit macht Frei" — O trabalho liberta — Devo citar que os pavilhões do campo de concentração de Auschwitz, onde estive em 1985 durante dois dias, são, transcorridos mais de 40 anos de sua construção, mais resistentes, melhor construidos e em melhor estado que os pavilhões do Corpo de Fuzileiros Navais, da Ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, onde servi no período de 1946/48. Não quero dizer com isto que os pavilhões dos Fuzileiros Navais fossem maus; quero dizer apenas que os pavilhões de Auschwitz ainda são excelentes!)**

"Não se sabe como Gerstein saiu de Welzheim. Em 1941 **encontra-se o mesmo nas** forças SS, onde dizem que se alistou para sabotar, de dentro a obra de extermínio(!), e em 1942, como Tenente, do Departamento de Higiene do Serviço Sanitário

Central. Estava encarregado de receber os pedidos de Zyklon B, utilizado como **desinfetante**, por todas as forças alemãs DESDE 1924. Ele transmitia os pedidos com as respectivas ordens de entrega à Degesch Gesellschaft de Frankfurt ou à sua Filial, a Testa, de Hamburgo. E naturalmente recebia as faturas..."

"Os fatos que conta — que se encontram no relato que é atribuído a Gerstein — situam-se em 1942."

"No dia 8 de julho de 1942 recebeu em seu escritório o SS Sturmführer Günther, o qual lhe disse que necessitava urgentemente 100 quilos de Zyklon B, para transporta-los a um lugar que somente o motorista conhecia."

"Umas semanas após, o motorista em questão se apresenta, acompanhado de Günther, carregam os 100 kg, embarcam Gerstein, pondo-se em marcha até Praga primeiro e logo após até Lublin, onde chegam no dia 17 de agosto. No mesmo dia Gerstein se entrevista com o General Globocnick, encarregado do extermínio dos judeus no Warthegau e QUE NÃO HAVIA ENCONTRADO OUTRO MEIO PARA REALIZAR SUA TAREFA QUE... O ESCAPE DE GÁS DOS MOTORES DIESEL(!!!), que faz chegar a umas câmaras especialmente preparadas para este fim."

"Aí o General começa a contar tudo para o Tenente... Na sua região existem 3 instalações para exterminar os judeus por meio de gás Diesel. Em Belzec, com capacidade de 15.000 pessoas por dia; em Sobibor, que o General não sabe exatamente onde fica..., com capacidade de 20.000 pessoas por dia; em Treblinka, sem indicação da capacidade diária de assassinatos — conforme Poliakov, mas os historiadores Heydecker e Leeb não deixam por menos: 20.000 pessoas por dia (O singular depoimento não fala a mesma linguagem para uns e outros). Há uma quarta instalação em preparação, em Maidanek, mas ninguém dá nenhum detalhe sobre a previsão da capacidade."

"Finalmente Globocnick põe Kurt Gerstein a par de sua missão: melhorar o serviço das câmaras de gás, principalmente por meio de um gás mais tóxico e mais fácil de manejar. Logo após se separaram, após terem combinado uma visita à instalação de Belzec, no dia seguinte."

"Ao chegar a Belzec, no dia 18 de agosto, Kurt Gerstein começou a visitar o campo acompanhado por uma pessoa que Globocnick pôs a sua disposição. O Sr. Poliakov, no seu livro diz que não conseguiu ler no depoimento — o nome dessa pessoa, mas esforçando-se um pouco, conseguiu decifrar o nome "Wirth". Mais sorte que Poliakov, o Sr. Schoenberner conseguiu ler clara-

mente o que estava escrito no depoimento: SS Hauptsturmführer Obermeyer de Pirmasens..." **(Como pode?... Não era um documento datilografado? Como pode confundir o nome Wirth com o nome acima?).**

Seja como for, "Gerstein viu as câmaras de gás, que funcionam com gases de escapamento de motores Diesel, e como engenheiro as mediu: 5 x 5 = 25 metros quadrados de superfície, por 1,90 m de altura = 45 metros cúbicos, calcula... **(são 47,5 m3) — (Na primeira edição do "Breviário del Ódio", Poliakov cita os 25m quadrados; na segunda edição "corrige" o depoimento e passa a citar 93 m2... No "Processo de Jerusalém voltaram a ser os iniciais 25 metros quadrados...).**"

"No dia 19 de agosto, Gerstein VIU AS CÂMARAS DE GÁS EM AÇÃO: Ao amanhecer um trem com 6.700 judeus, homens, mulheres e crianças, espalhados em 45 vagões, entre 148 e 150 pessoas por vagão, chega de Lemberg na estação de Belzec, situada no mesmo campo."

"200 Ucranianos, de chicotes nas mãos, se precipitam sobre as portas, as arrancam(!) e fazem baixar todo mundo, debaixo da proteção de mais ucranianos, armados de fuzis... O "Hauptmann das SS" Wirth **(não existe este posto nas forças SS e Gerstein, sendo membro das SS não cometeria tal erro!)** dirige a manobra, ajudado por alguns dos seus SS."

"Desnudar-se completamente, submeter-se a um corte de cabelo, após a entrega dos objetos de valor e em marcha para as câmaras de gás." **(Parece até que há uma inversão da ordem das coisas a serem feitas pelos prisioneiros, além naturalmente a forma como é apresentada, mas não me parece nem um pouco rápida a entrega de bagagens e valores, que por outros depoimentos eram todos registrados e fichados, um por um, e aqui temos nada mais nada menos que 6.700 pessoas; tem ainda o corte do cabelo, ou ficavam nús pelo campo, apreciando de camarote o que o Ten. Gerstein descreve a seguir?).**

"As 4 câmaras se enchem. Apertar-se bem, ordena o "Hauptmann" Wirth. As pessoas tem que colocar-se na ponta dos pés: DE 700 A 800 SOBRE 25 METROS QUADRADOS E 45 METROS CÚBICOS." **(Neste ponto, peço ao leitor para fazer um intervalo, pegar uma escala métrica, determinar 1 metros quadrado, num canto do quarto ou da sala, chamar todas as pessoas de casa e, caso necessário os vizinhos, para verem pessoalmente quantas pessoas cabem num metro quadrado. Dependendo do número de crianças, bem apertadas, poderá se reunir 7**

pessoas, sem ádmitir gente acima de 70 kg.. 700 a 800 pessoas em 25 m2, correspondem a 28 a 32 pessoas por m2, numa média de 30...).

"Os SS empurram com todas as suas forças. As portas são fechadas..." **(O depoimento não faz nenhum referência, a reações, gritos, choros, reclamações etc. do pessoal que foi empurrado para dentro da câmara, nem das restantes 3.700 pessoas que estavam do lado de fora, completamente nús, certamente em longas filas, assistindo estas cenas, enquanto esperavam a sua vez... Estranho também este serviço ser executado por soldados SS, que era uma força de elite...).**

Aí vem a cronometragem feita por Gerstein: As em média 750 pessoas, espalhadas em 4 câmaras, tiveram que **esperar 2 horas e 49 minutos** até que o motor Diesel consentiu em ser posto em funcionamento, sendo precisos depois ainda 32 minutos até que todos estivessem mortos." **(Um estudante de medicina me informou que para matar apenas 250 pessoas, isto é a terça parte do número indicado, num espaço de 47,5 m3, não seria preciso esperar 2 horas e 49 minutos para por em funcionamento o motor Diesel e mais os outros 32 minutos, pois muito antes já deveriam estar sufocados...) Segue Paul Rassinier: "Esta é a** história macabramente rocambolesca que o Sr. Dubost — não um qualquer — um fiscal e sem dúvida de renome, pois foi eleito entre todos os seus colegas para representar a França em Nürnberg, pretendeu que fosse admitido pelo Tribunal Internacional (por mais faccioso que pudesse ser) no dia 30 de janeiro de 1946."

"O Tribunal não admitiu este depoimento, mas admitiu outros do mesmo estilo e fantasias, sem grandes discussões."

"Isto porém não impediu, no dia seguinte, a imprensa mundial apresentasse este documento como autêntico e indiscutível."

"Passados 15 anos deste fato, uns homens, que aspiram o título de historiadores, se atrevem a apresenta-la como autêntica e indiscutível em seus livros, sem que com isso percam o favor e a estima da imprensa mundial."

"No caso do processo Eichmann, o relato de Kurt Gerstein é **apresentado pelo Ministério Público de Israel, numa série de declarações** feitas por Gerstein ante as autoridades aliadas. A sentença de Jerusalém não faz referência a esta série de declarações, QUE NUNCA FORAM TORNADAS PÚBLICAS. Uma observação: não conhecemos a totalidade do documento Gerstein. E uma pergunta: Porque? Temo que a resposta a esta pergunta se-

ja demasiado evidente: no artigo de H. Rothfels, em "Vierterjahreshefte für Zeitgeschichte" consta à pg. 180, que Gerstein, neste depoimento, ESTIMA EM 25.000.000 de mortos em câmaras de gás — não apenas judeus, mas também e principalmente poloneses e tchecos..."

Continua Paul Rassinier: "Das declarações de Gerstein, somente se publica ou se apresenta ante os tribunais o que foi considerado como objetivas e em conseqüência verdadeiras. É outro testemunho manipulado. Minha opinião é que as pessoas que foram encarregadas de manipular essas declarações precisam de um tratamento psiquiátrico, e em alguns casos quando se tratarem de professores, torna-se muito grave que os governos, que os empregam, não pensem em proteger a saúde moral da juventude estudantil do mundo, contra o evidente desequilíbrio mental dos que os ensinam(!)."

"Oferecemos, em continuação, a versão francesa do documento Gerstein, tal como foi escrito por L. Poliakov em 1951, no "El Breviário del Ódio", pgs. 220-224, com esta precisão: — Este relato foi redactado diretamente, em um francês titubeante, temos respeitado, no essencial, o estilo —."

O Sr. Paul Rassinier em seguida faz referência aos livros "El processo de Jerusalem", e de outro "El Tercer Reich y los judios", todos do mesmo autor, onde as histórias são completamente **diferentes, mas em todos os livros consta que "foram reproduzidos** ao pé da letra"... Não cabe dúvida de que neste passo o Sr. Poliakov não tardará em converter-se em EMPRESÁRIO DE UMA MULTIDÃO DE DOCUMENTOS GERSTEIN, TODOS DIFERENTES E TODOS CONTRADITÓRIOS... MAS TODOS AUTÊNTICOS! Nenhum desses livros porém cita a avaliação, que figuraria no original, segundo o qual o número de vítimas judias européias sobe a 25 milhões..."

A. Introdução de Poliakov (El Breviário-1951)

"As vítimas já não estão aqui para testemunhar ante o mundo; também os verdugos desapareceram, ou se ocultam debaixo **da terra. Entre as ESCASSAS testemunhas que nos tem chega**do sobre o funcionamento dos campos, está aqui um que procede de um TRÁGICO HERÓI DA RESISTÊNCIA ALEMÃ, O ENGENHEIRO QUÍMICO KURT GERSTEIN. Seu relato foi redactado diretamente em um francês titubeante; temos respeitado, no essencial o seu estilo."

B. Texto do documento

"Em janeiro de 1942 foi nomeado chefe dos serviços técnicos de desinfecção das armas SS, incluindo também uma secção de gases altamente tóxicos. Na qualidade esta, no dia 8 de junho de 1942 recebí a visita do SS **Sturmführer Gunther, vestido** de paisano. Me ordenou que o procurasse imediatamente, pa**ra uma missão ultra-secreta, 100 quilos de ácido prússico e que** os levasse a um lugar que somente era conhecido pelo motorista do caminhão."

"Uma semana mais tarde, partimos para **Praga. Eu imagina**va mais ou menos para que serviria o ácido prúsico e o que havia por detrás daquela ordem, mas aceitei, já que a casualidade me brindava esta ocasião esperada desde há muito tempo, de penetrar até o fundo de todas aquelas coisas. Por outra parte, na mi**nha qualidade de expert em ácido prússico, possuía tal autorida**de que me seria fácil declarar, sob qualquer pretexto, que o ácido prúsico não estava em condições de ser utilizado, que se havia estragado ou algo parecido, evitando assim que fosse empregado para ser empregado no extermínio. Levamos conosco, por casualidade, ao professor e Dr. em medicina Pfannenstiel, SS-**Obersturmbannführer, titular da cátedra de higiene da Universi**dade de Marburg."

"Partimos com o caminhão até Lublin — Polônia. Alí nos esperava o SS-Gruppenführer Globocnik. Na fábrica de Collin dei a entender a propósito que o ácido estava destinado a matar seres humanos. Na parte da tarde um homem mostrou muito interesse por nosso caminhão. Ao sentir-se observado desapareceu rapidamente. Globocnik nos disse: Este assunto é um dos mais se**cretos, para não dizer o mais secreto de todos. Quem falar a res**peito será fuzilado imediatamente. Ontem mesmo dois charlatões foram fuzilados."

"Na atualidade — era o dia 17 de agosto de 1942 — existem 3 instalações:

1.º — Belzec, na rodovia Lublin-Lwow. Máximo por dia 15.000 pessoas.

2.º — Sobibor (não sei exatamente onde) 20.000 pessoas por dia.

3.º — Treblinka, a 120 km ao Noroeste de Varsóvia.

4.º — Maidanek, próximo de Lublin, em preparação."

"Globocnik disse: Terão que desinfetar grandes quantidades de roupas procedentes de judeus, polacos, tchecos, etc. Ademais terão que melhorar o serviço de nossas câmaras de gás

que funcionam com o escape de um motor Diesel. É necessário um gás mais tóxico e que atue com mais rapidez, tal como o ácido prússico. O Führer e Himmler estiveram **aqui, anteontem, dia** 15 de agosto, me ordenaram que acompanhasse pessoalmente **a todos os que tinham a ver com a instalação (Hitler e Himmler não podiam ficar fora da farsa).**"

"O professor Pfannenstiel lhe perguntou: — Mas que disse o Führer? Globocnik respondeu: O Führer ordenou que se acelere toda a ação. O Sr. Herbert Linden, que estava conosco ontem, me perguntou: Não seria mais prudente queimar os cadáveres, em lugar de enterrá-los? Outra geração pode julgar estas coisas de outra maneira."

"Eu repliquei **(Diz eu, mas refere-se ao que Globocnik respondeu a Hitler):** Cavalheiros, se algum dia chegar a existir uma geração tão covarde e tão débil que não compreendesse nossa obra tão boa e necessária, o nacional-socialismo não teria servido para nada. Pelo contrário, devia-se enterrar uma placa de bronze mencionando que fomos nós os que tiveram o valor de levar a cabo esta obra gigantesca. Então o Führer disse: — Sim meu querido Globocnik, você tem toda a razão (...)."

"No dia seguinte partimos para Belzec. Globocnik me apresentou ao SS Wirth (nome identificado com dificuldade?) o qual me ensinou as instalações. Aquele dia não vimos nenhum morto, mas um fedor de peste enchia toda aquela zona. Ao lado da estação havia um grande barracão-vestuário, com uma tabuleta "Valores". Mais adiante uma sala com uma centena de cadeiras, "barbearia". Em continuação havia uma passagem de 150 metros ao ar livre, com arame farpado em ambos os lados e letreiros "Aos Banhos e às Inhalações". Diante de nós uma casa tipo estabelecimento de banhos, à direita e esquerda grandes vasos de concreto contendo gerânios e outras flores. No telhado a estrela de David(!). Na fachada a inscrição: Fundação Heckenholt."

"No dia seguinte, pouco antes das 7 horas da manhã, me anunciaram: Dentro de 10 minutos chegará o primeiro trem. Efetivamente alguns minutos após chegou um trem procedente de Lemberg — 45 vagões contendo mais de 6.000 pessoas."

"Duzentos ucranianos destinados para aquele serviço arrancaram as portas(!) e com uns chicotes de couro, sacaram os judeus de dentro dos vagões. Um alto-falante deu as instruções: **(não indicou em que idioma):** Desfazer-se de todas as roupas, inclusive as próteses. Entregar todos os objetos e valor e todo o dinheiro, na seção de "Valores". As mulheres e as jovens passarão para o pavilhão de barbeiros, para o corte de cabelos. **(Os ho-**

mens não?). Um Unterführer SS de serviço me disse: São para fazer algo especial para as tripulações dos submarinos."

"Em continuação, se inicia a marcha. À direita e esquerda os barracões, atrás duas dúzias de ucranianos, com o fuzil na mão. Se aproximam. Wirth e eu nos encontramos diante das câmaras da morte. Completamente nús, os homens, as mulheres, as crianças, os mutilados passam **(não explica como se portam os mutilados durante o desfile).** Numa esquina, um SS alto, com uma voz de predicador, fala aos coitados **(não diz o idioma que fala o SS e nem a origem dos judeus):** — Não vos passará nada mal. Terão que respirar a fundo. Isto fortalece os pulmões, é um meio excelente para prevenir enfermidades infecciosas, uma boa desinfecção." "Perguntam qual seria sua sorte. O SS diz: Os homens terão que trabalhar, construir casas e ruas. As mulheres não serão obrigadas a fazê-lo; se ocuparão da limpeza e da cozinha."

"Era para alguns daqueles coitados, um último sopro de esperanças, o suficiente para fazê-los marchar, sem resistência, para as câmaras da morte. Mas a maioria deles sabia de tudo, o fedor era revelador. Sobem por uma pequena escada de madeira e entram nas câmaras da morte, a maioria sem dizer nada, empurrados pelos que vinham atrás. Uma judia de uns 40 anos, com os olhos em brazas, amaldiçoa os assassinos, e depois de levar umas chicotadas do próprio capitão Wirth, desaparece na câmara de gás. Muitos rezam, outros perguntam: Quem nos dará a água para a morte? — ritual israelita —. Nas câmaras, uns SS empurram aos homens: Enchê-las bem, ordenou Wirth. De 700 a 800 em 93 metros quadrados (aqui Poliakov aumentou de 25 metros quadrados, que constam do Processo Eichmann de Jerusalém e constantes do seu próprio livro...). As portas são fechadas. Naquele momento compreendo o motivo da inscrição Heckenholt. Heckenholt é o encarregado do motor Diesel, cujos gases de escapamento estão destinados a matar os infelizes. O SS-Unterscharführer se esforça para pôr em marcha o motor. Mas não funciona. Chega o capitão Wirth. É evidente, tem medo, já que eu assisto o desastre. Sim eu vejo tudo e observo. Meu cronômetro marca o tempo, 50 minutos, 70 minutos e o Diesel não funciona... Os homens esperam na câmara de gás. Em vão. Estão chorando como na sinagoga, diz o professor Pfannenstiel, olhando para dentro da câmara, pelo visor. O capitão Wirth, furioso, aplica umas quantas chicotadas no ucraniano que atua como ajudante de Heckenholt. Ao cabo de 2 horas e 49 minutos — (o relógio registrou tudo) — o Diesel se põe em marcha. Trans-

correm 25 minutos. Muitos já estão mortos, como se pode ver pelo visor, já que uma lanterna ilumina por um momento o interior da câmara.''

''Ao final de 32 minutos, finalmente, estão todos mortos. Do outro lado, uns trabalhadores judeus(!) abrem as portas de madeira. Foi-lhes prometido — por seu terrível serviço — salvar sua vida e uma pequena porcentagem(!) dos objetos de valor e do dinheiro encontrados. Como colunas de basalto, os homens continuam em pé, não tendo o menor espaço para cair ou para inclinar-se. Inclusive na morte se reconhecem as famílias ESTREITANDO-SE AS MÃOS''. **(Recomenda-se ao leitor consultar algum médico conhecido, se a reação de uma pessoa que esteja sendo sufocada é de dar as mãos ao parente mais próximo... e peço perdoar-me por ter que entrar em detalhes tão terríveis, mas necessários para o entendimento).**

''Custa separá-los, para esvaziar a câmara e preparar para o próximo carregamento. Tiram os cadáveres azulados, húmidos de suor e de urina, as pernas cheias de merda e de sangue menstrual. Duas dúzias de trabalhadores se ocupam de controlar as bocas, que abrem por meio de uns garfos de ferro. Ouro do lado esquerdo, não há ouro do lado direito. Outros controlam os ânus e órgãos genitais, buscando moedas, diamantes, ouro, etc. Uns dentistas arrancam os dentes de ouro, pontes, coroas. No meio deles o capitão Wirth. Está no seu chão, e mostrando-me uma grande lata de conservas, cheias de dentes, me diz: Veja você próprio o peso do ouro. É unicamente de ontem e anteontem **(Este capitão Wirth, conforme linhas atrás do depoimento, mostrou todo o campo no dia anterior, inclusive o setor de banhos e instalações e não tinha nenhum morto...).**''

''Não podes imaginar o que encontramos cada dia, dólares, diamantes, ouro. Verás por ti próprio, completa Wirth. Me levou junto a um joalheiro, que tinha a responsabilidade de todos aqueles valores. Me fez conhecer também a um dos chefes de um dos grandes armazens berlinenses, ''Kaufhaus des Westens'', e a um homenzinho que faziam tocar violino, os chefes dos comandos de trabalhadores judeus. É um capitão do exército imperial austríaco, cavalheiro da cruz de ferro alemã, me disse Wirth.''

C. Conclusão de Poliakov

''Em continuação os cadáveres foram colocados em umas grandes fossas, de uns 100 x 20 x 12 metros, situados próximos às câmaras de gás **(estranho que Gerstein, no dia anterior,**

durante a visita não tivesse notado umas fossas com 100 metros de comprimento por 20 de largura e 12 metros de profundidade). Ao cabo de uns dias os cadáveres inchavam e o montão se elevava de 2 a 3 metros por causa dos gases que desprendiam. Ao cabo de uns dias, terminada a inchação, os cadáveres voltavam a assentar-se. Posteriormente, me disseram, os cadáveres eram queimados, sobre trilhos ferroviários, com a ajuda de óleo Diesel, para fazê-los desaparecer." **(Não parece ser muito inteligente primeiro enterrá-los e depois desenterrar os corpos em decomposição e só então queimá-los — Não é por nada que mesmo o Tribunal de Nürnberg não tenha aceito este documento no dia 30 de janeiro de 1946. Outro fato que chama a atenção é que as 4 câmaras ocupavam um espaço um pouco maior que 100 metros^2; como conseguiram espalhar os 3.000 cadáveres retirados para rigoroso exame individual atrás de uma área de 100 m^2, sem que os demais 3.700 judeus nús na fila, nada vissem ou fizessem...).**

"Conclui o Sr. Poliakov; "Não nos resta muito a acrescentar a esta descrição, tão válida para Treblinka como para Sobibor, como para o campo de Belzec. As instalações eram muito similares, e o óxido de carbono, produzido por um motor Diesel, era o método adotado para provocar a morte. Em Maidanek, que foi criado mais tarde e que funcionou até os últimos dias de ocupação alemã, o procedimento de asfixia, por meio do ácido prússico (Zyklon B) foi introduzido à imitação de Auschwitz. Maidanek não era um campo de extermínio imediato."

Interessante também o fato de não haver mais nenhuma referência sobre os 100 kg. de Zyklon B, que Gerstein levou para Belzek.

Vamos ver quanto tempo levará para ter-mos a oportunidade de ler a tese de Henri Roques, que recebeu o título de Dr. por provar a falsidade do depoimento de Kurt Gerstein e negar a existência de câmaras de gás!

Que os leitores não esperem melhores e maiores provas sobre o extermínio em câmaras de gás, ou mesmo sobre a existência dessas câmaras, do que as constantes do Depoimento de Gerstein, antes apresentado, pois trata-se de uma das maiores "estrelas" do holocausto judeu! Mas vamos analisar as outras "Estrelas".

O DEPOIMENTO DE RUDOLF HOESS

(Não confundir com Rudolf Hess, que tentou pessoalmente a paz com a Inglaterra, e que se encontra preso em Spandau, em Berlim).

Rudolf Hoess nasceu em 15 de novembro de 1900, na cidade de Baden-Baden. Foi combatente da Primeira Guerra Mundial. FOI O COMANDANTE DO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DE AUSCHWITZ, DURANTE O PERÍODO DE MAIO DE 1940 ATÉ O FINAL DE NOVEMBRO DE 1943. Em 1934 havia sido Chefe de Bloco, em Dachau, passando logo ao cargo de Administrador dos Bens dos Prisioneiros. Mais tarde foi Adjunto do Comandante do campo de Sachsenhausen.

Após a guerra foi detido, pela primeira vez, em Heide, na Província de Schleswig-Holstein, em maio de 1945, pelo ingleses, sendo porém libertado, quase em seguida foi novamente detido em Flensburg, na mesma Província, interrogado à BASE DE ÁLCOOL E CHICOTE, conforme consta a pg. 53 de Paul Rassinier "El drama de los Judios Europeos", transportado após vários dias para Minden, Centro dos Interrogatórios da Zona Inglesa, onde foi submetido a UM TRATAMENTO BRUTAL PELO FISCAL MILITAR INGLÊS. Seu depoimento datilografado assinado na base do álcool e chicote foi apresentado ao Tribunal de Nürnberg. Na prisão de Nürnberg sob a "assistência técnica" do psicólogo indicado para o Processo, o Prof. Gustave Gilbert, lhe "ensina" o que deve declarar na audiência do Tribunal, e para agradar aos ingleses e norte-americanos que ameaçavam entregá-lo aos russos, ele próprio (PARA ESPANTO GERAL DE TODAS AUTORIDADES ALEMÃS EM JULGAMENTO QUE NADA SABIAM A RESPEITO!) confirmou o extermínio de mais de dois milhões de judeus. No depoimento pessoal ele também confirmou como verdadeiro e autêntico o depoimento dado aos ingleses **(Sem fazer referência ao álcool e chicote...)**. Os depoimentos de Hoess, em Nürnberg são de 5 de abril a 22 de maio de 1946.

Como "recompensa" das suas declarações, o Tribunal não o entrega aos russos **(todos tinham medo dos russos...)**, mas aos POLONESES...

No dia 30 de julho de 1946 Hoess foi encarcerado na prisão de Cracóvia. Na prisão, para escrever suas Memórias, deram-lhe, ao invés de uma caneta e tinta, UM LÁPIS. Após concluir suas "Memórias", repito, feitas a lápis, foi iniciado seu processo, que durou de 11 a 29 de março de 1947. Foi CONDENADO À MORTE NO DIA 2 DE ABRIL, pelo Supremo Tribunal de Varsóvia, e 2 dias após, no dia 4, foi enforcado em Auschwitz.

CONSIDERADO COMO A MAIOR PROVA DO EXTERMÍNIO NAS CÂMARAS DE GÁS, AS MEMÓRIAS DE RUDOLF HOESS FORAM PUBLICADAS EM POLONÊS, INGLÊS, FRANCÊS E ALEMÃO, SOB O TÍTULO DE "O COMANDANTE DE AUSCHWITZ FALA", em 1959... 12 anos após a morte do "escritor." Apesar dos 12 anos que levaram para compor o livro, existem inúmeras falsidades e contradições no mesmo, que são reveladas, em alguns casos por Rassinier, mas em grande profundidade pelo Dr. Wilhelm Stäglich, em "Der Auschwitz-Mythos", editado em 1979 pela Grabert-Verlag de Tübingen, Alemanha. "El drama de los Judios Europeos" foi editado pela Ediciones Acervo, de Barcelona. Parece que o livro "Auschwitz-Mythos", do Dr. Stäglich, após 6 anos de circulação, foi proibido no final do ano passado, 1985, pelo governo alemão, MUITO PREOCUPADO EM PRESERVAR, PARA TODO SEU POVO — A VERSÃO DOS VENCEDORES!!!

O Comandante Ziereis, de Mauthausen também havia assinado confissão, que foi transformada em livro...

RICHARD BAER

Com a transferência de Rudolf Hoess, para Berlim, em Novembro de 1943, o mesmo foi substituído pelo Sturmbannführer Liebehenschel, que ficou até o princípio de 1944, quando foi substituído pelo Sturmbannführer RICHARD BAER.

Interessante é o destino deste último Comandante de Auschwitz. Em dezembro de 1960, exercendo a profissão de lenhador, nas proximidades de Hamburgo, Richard Baer foi preso. Em 1963, gozando da melhor saúde, conforme atestado pela sua esposa, no mês de junho, foi encontrado morto em sua cela, em condições muito misteriosas.

De acordo com versões francesas, cont. pg. 307, de "Auschwitz-Mythos", ele NEGAVA CATEGORICAMENTE A EXISTÊNCIA DE CÂMARAS DE GÁS EM AUSCHWITZ, contrariando, assim, seu antecessor Rudolf Hoess. Constando, em continuação, que POR ESTE MOTIVO RICHARD BAER TERIA SIDO AFASTADO POR ENVENENAMENTO. Na própria autópsia não foi afastada esta hipótese. Não houve novas tentativas de esclarecer mais a fundo o caso e Baer foi incinerado. O suicídio está completamente fora de cogitação, pois conforme sua esposa, o mesmo NÃO TINHA DÚVIDAS SOBRE SUA ABSOLVIÇÃO, POIS NEM CÂMARAS DE GÁS EXISTIAM! Nem teria solicitado um médico quando começou a se sentir mal. Os motivos para aca-

bar com Richard Baer são enormes. Estava se preparando o célebe "Processo de Auschwitz". Cheio de "testemunhas oculares". JÁ IMAGINARAM O PRÓPRIO COMANDANTE, QUE DEVIA CONHECER CADA CANTINHO DO CAMPO, DURANTE O ANO QUE LÁ ESTEVE, DESMENTINDO DETALHE POR DETALHE DE CADA "TESTEMUNHA"? — É claro: Com Baer não poderia haver o Processo de Auschwitz, e o mesmo tinha que ser afastado! É de notar-se que o tratamento nas prisões nesta época, 1960/63 já não era o mesmo de pós-guerra, pois do contrário teria aparecido outro livro de "Memórias" de Comandante de Auschwitz, com mais números. O Processo Auschwitz começaria pouco depois de sua "morte", ainda no ano de 1963. Somente para lembrar o leitor, foi para evitar que o Prof. Paul Rassinier participasse deste processo, que ele foi retirado do trem, como estrangeiro indesejável(!). Este fato apenas mostra que as autoridades alemãs não querem admitir outras verdades, depois de terem pago BILHÕES EM INDENIZAÇÕES! Muito pior que a perda do dinheiro é a MANCHA ATIRADA SOBRE A ALEMANHA.

Existe na Alemanha uma Lei, pela qual não prescrevem nunca os chamados "crimes de guerra". O dia que este país revogar esta Lei, haverá a possibilidade de aparecer a outra face da moeda. Mas enquanto portar-se como um país ocupado, como realmente é, isto vai ser difícil.

Após sua retirada do trem, o Prof. Rassinier dirigiu um protesto ao Ministro do Interior Höcherl, da Alemanha, e ao Embaixador em Paris, que nem foram respondidos... (NÃO BASTAVA QUE ESTE HOMEM JÁ TINHA ARRUMADO CONFUSÃO SUFICIENTE, NOS FAZENDO DECLARAR OFICIALMENTE QUE NUNCA EXISTIRA CÂMARAS DE GÁS NA GRANDE ALEMANHA... AGORA ESTE SAFADO QUERIA FAZER A MESMA COISA COM AUSCHWITZ... Nein! Nein! Nein!...)

Referindo-se a este fato, o Dr. Stäglich diz que "não é difícil imaginar-se, que detrás deste acontecimento contra um homem que trouxe para o povo alemão e para a Verdade Histórica inestimáveis serviços, estavam os interesses judaicos do Processo-Auschwitz. Sua má consciência não poderia se externar de prova mais contundente." (pg. 443)

PERY BROAD

Dificilmente algum leitor terá lido este nome. Trata-se, porém, de outra "Estrela", juntamente com o Comandante Hoess e Gerstein, que opinam sobre o extermínio. Para grande surpresa

nossa: TRATA-SE DE UM BRASILEIRO! Sim, um cidadão nascido no Brasil, que se apresentou como voluntário para combater ao lado das forças alemãs. Foi alistado nas forças SS. No posto de SS Rottenführer, trabalhou na Secção Política do Campo de Concentração de Auschwitz. Como prisioneiro de guerra dos ingleses, assinou um depoimento, que o ajudou a sair em pouco tempo... Este depoimento foi, posteriormente, enviado à Polônia por Auschwitz fazer parte do território polonês, onde possivelmente foi "trabalhado", aparecendo, por ocasião do Processo Auschwitz, em forma de brochura. A situação de Pery não era brilhante, pois além de desempenhar funções em campos de concentração, o que por sí só já era considerado um crime, o próprio Brasil tinha lutado contra o "eixo"... mas tudo saiu muito bem. Vamos examinar o que este jovem SS viu, como prova: "Primeiro informa que escutou, em 1942, informações sobre "gaseamentos em massa", em Auschwitz, e pessoalmente ter visto uma, quando se encontrava no alojamento da tropa, numa distância entre 40 e 45 metros. Teria sido em julho de 1942, quando algumas pessoas, com máscaras contra gás, estavam no teto do velho crematório, levantavam as aberturas e colocavam, possivelmente Zyklon B, nas 6 aberturas de 10 cm de diâmetro que tinham ligação com as câmaras abaixo..."

O brasileiro é dos bons: Numa distância de 40 a 45 metros consegue ver e medir 6 aberturas em cima do telhado de um crematório; também não tem certeza, mas acha que possivelmente era Ziklon B, e também não tem certeza, mas acha que os 6 furos de 10 centímetros de diâmetro, tinham ligação com as câmaras de gás...

Na verdade o crematório de que fala tem 3 saídas de ventilação para cima. Todas quadradas de 8 cm. O crematório era composto de 2 fornos, cada um com capacidade para encinerar 2 pessoas, como pode ser visto hoje, totalmente reconstruido.

"Broad afirma que haviam de 300 a 500 pessoas lá naquele momento, seriam soldados russos. Depois de 3 a 5 minutos havia parado a gritaria. "Não tenham dúvida de que o que o brasileiro escreveu e assinou foi o que ele achou necessário para salvar a pele.

"Ele tem a impressão de que estas ações se repetiam uma ou duas vezes por mês, apesar de ele só ter assistido esta uma de longe."

"No outono de 1944 ele tomou conhecimento, porém de uma distância muito maior, de um gaseamento em Birkenau (É um campo de Concentração muito grande, a poucos quilômetros

de Auschwitz). Lá existiam Quatro crematórios. Lá teriam sido mortos, entre março e abril de 1944, em torno de 20.000 pessoas diariamente, com Ziklon B acondicionado em latas. Tais latas ele teria visto um vez dentro do auto de uma pessoa que tinha dado uma carona a ele. Todavia ele não podia identificar, pela etiqueta, de onde vinham estas latas. Ele calculou que em Birkenau foram mortos entre 2,5 e 3 milhões de judeus da Bélgica, Holanda, França, Norte da Itália, da Tchecoslováquia e Polônia, assim como Ciganos, e alemães deportados. Que entre as vítimas se encontravam também crianças e velhos."

"Ele concorda em nunca ter visto por dentro uma instalação de câmara de gás & Crematório, mas isto não o impede de dar as dimensões dos mesmos. Assim, os Crematórios I e II de Birkenau, podiam receber no seu porão de 3.000 a 4.000 pessoas. Os crematórios II e IV podiam receber 2.000 pessoas nas suas câmaras subterrâneas, e o Crematório V, com uma capacidade de 800 a 1.200 pessoas nas suas câmaras."

Qualquer técnico em gases para desinfecção poderá esclarecer que qualquer instalação envolvendo gás deverá estar na parte superior e mais alta possível e não em subterrâneos. Exatamente o contrário que foi informado. Aliás esta informação saiu errada desde o início e está sendo mantida a ferro e fogo. Outrossim, ainda não foi encontrada uma informação igual a outra de testemunhas que afirmam terem visto a "coisa funcionando", mesmo se tratando do mesmo campo de concentração.

"Continua o brasileiro: Que lá só existiu um forno de gás. Que estas particularidades todas ele conseguiu com os guardas. Que ele somente participou da desinfecção dos pavilhões e julga, que para eliminar pessoas se aplicava o mesmo método. Que as mortes dos judeus foram feitas através do trabalho das mesmas pessoas que desinfectavam as roupas."

As vezes tenho a impressão que toda esta lenda tenha a origem em possíveis acidentes que tenham se verificado com a aplicação não muito correta do gás, para desinfecções em algum pavilhão ou setor. Somente para exemplo, quero lembrar o terrível acidente ocorrido no começo deste ano, num asilo em São Paulo, quando por má aplicação de desinfectantes, morreram 9 velhinhos ou velhinhas, fora os feridos. Tratando-se então de grandes aglomerados de gente, como nos próprios quartéis, os mais velhos sempre tem coisas importantes ou mentiras para contar ou impressionar os recrutas. Esta história de matar mulheres, crianças e velhinhos não pega bem!

Continuamos com Pery Broad: "Ele estava ao par que em

1942 e 1943 os cadáveres eram queimados empilhados. Também sabia que a roupa das vítimas era enviada à classe média alemã... Também sabia que os gaseamentos eram feitas com duas doses de 1 kg., apesar de ele pessoalmente nunca ter tido contato direto com isso. Também contou que em abril de 1944, filas de trens aguardavam em Birkenau, para descarregar sua carga humana para as câmaras de gás... Diz que levava aproximadamente 3 horas pra completar uma carga de vítimas das câmaras de gás e posterior cremação. **Uma máquina da morte é** descrita, na qual milhões de pessoas sem nome, completamente desconhecidos, em filas intermináveis, sem registrar nada, são enviados nas gigantescas câmaras de gás, saindo em forma de **cinzas pela parte de cima — Uma indústria da morte." Este de**poimento foi tomado por ocasião do processo Tesch & Stabenov, fornecedores do Zyklon B, para desinfetar. No mesmo processo, vamos escutar agora o depoimento de

Dr. CHARLES SIGISMUND BENDEL

"Ele se nomeia AUTORIDADE do caso Birkenau, dando a entender, que ele na qualidade de médico, teve seu conhecimento como PARTICIPANTE DO "SONDERKOMANDO" **(Comando Especial formado por condenados judeus)**, formado por 900 homens, cujo serviço e ocupação era nas instalações gás e crematórios. Ele afirmou que nos quase 12 meses em que ele esteve em Birkenau, os alemães mataram 1.000.000 de pessoas, com Zyklon B. Que ele examinou várias das vítimas. Nos meses de maio, junho e julho de 1944 tinham sido os meses em que se verificaram os maiores gaseamentos. Em junho tinha sido 25.000 pessoas diariamente. (Isto daria 750.000 num mês), em maio tinham sido 400.000 e outros 80.000 entre o dia 15 de julho e 1.º de setembro de 1944 **(O Sr. Charles pode ser bom médico, mas de números não, pois ele falou em 1 milhão de mortos durante 12 meses e na hora de especificar, só em 4 meses já encontrou 1.230.000...)**". Mas tem mais ainda, pois "grupos de 300 ou menos pessoas eram fuziladas, grupos maiores eram gaseados ainda nos "bunkers" (abrigos anti-aéreos)."

Em contra-posição ao nosso Pery Broad, o Dr. Charles dá as seguintes capacidades dos conjuntos gás e crematórios: "Os Conjuntos I e II são para 2.000 pessoas (Broad de 3 a 4.000), Os conjuntos III e IV para 1.000 pessoas (Broad 2.000), enquanto que no "Buncker" com a capacidade de 1.000 pessoas (Broad diz que era o Crematório V com 800 a 1.200)."

"O Dr. Charles confirma que os porões dos crematórios I e II foram utilizados para o gaseamento. Que o gás era colocado através do telhado, caindo diretamente no chão. Lá estavam, em cada câmara de 10 metros de comprimento por 4 metros de largura e 1,72 m de altura, 2.000 pessoas nuas. **(O Dr. Charles reduziu o depoimento do Kurt Gerstein a um anãozinho: O último viu colocarem em média 30 pessoas por metro quadrado em Belzec; o Dr. Charles-o "atochador" — não deixou por menos: 50 pessoas por metro quadrado).**" Enquanto as pessoas eram gaseadas, suas roupas eram enviadas para Auschwitz, para classificação e arrumação."

"Após o gaseamento, eram cortados os cabelos, e o ouro era retirado das dentaduras. Em torno de 17.000 kg, de ouro teriam sido retiradas das 4.000.000 de vítimas." **(O pessoal de Belzec cortava o cabelo antes de executá-los). (Quanto ao ouro convém lembrar que logo após a guerra, os Estados Unidos fizeram uma filmagem nos porões do Banco Central Alemão, em Frankfurt, mostrando sacos e sacos de ouro e jóias retiradas dos judeus. Que se trata de outra farsa é o fato do Congresso Mundial Judaico, nem o governo de Israel, que tanto reclamam e recebem, nunca se terem referido a este autêntico tesouro...).**

"O Dr. Charles continua, dizendo que durante os dois anos que esteve como prisioneiro alemão, somente uma vez assistiu a uma desinfecção de pavilhões com Zyklon B, dizendo que usavam sempre Lisoform. Que o Zyklon B era empregado unicamente para matar pessoas. **(Era empregado como desinfectante desde 1924! Sendo inclusive exportado para outros países para a mesma finalidade. Esta afirmação contradiz frontalmente nosso brasileiro).** Para matar 25.000 pessoas diariamente eles necessitavam de 50 doses de 1 kg. diz que os cadáveres eram atirados em FOSSAS(!) e dentro de 1 hora estavam transformados em cinzas. **(O Dr. Charles devia patentear este sistema, pois hoje os crematórios levam quase 2 horas para cremar apenas 1 cadáver).** Que o Zyklon B era enviado em vagão com a Cruz Vermelha, mas não controlado pelo pessoal da Cruz Vermelha."

Agora vamos ver a Ficha do Dr. Charles Sigismund Bendel: Era médico e judeu rumeno. Foi preso no dia 4 de novembro de 1943, em Paris e transferido para Drancy. Por não ter a cidadania francesa e ter entrado em suspeição, por suas atividades anti-alemãs, foi enviado para Auschwitz, depois Monowitz, depois Birkenau e finalmente para Mauthausen. De 1.º de janeiro de 1944 a 18 de janeiro de 1945 ele foi médico prisioneiro em Birkenau. Nesta função ele tinha uma posição invejável perante

os companheiros, pois tinha direitos especiais, melhor acomodação, melhor comida etc. etc. Assim ele entrou na suspeição de colaboração com os alemães. Esta colaboração conjunta era totalmente necessária, pela falta de médicos que existia, em face das muitas doenças dos campos. Apesar de todas as mentiras apresentadas, ele não foi desclassificado como testemunha, no Tribunal Britânico...

DRA. ADA BIMKO

A outra testemunha, a Dra. Ada Bimko, por motivo de ter sido atacada de aguda Angina Pectoris, não poude comparecer ao Tribunal. Porém foram apresentados dois esclarecimentos por escrito. Alí ela declara que um SS-Unterscharführer, cujo nome ela esqueceu(!) lhe tinha mostrado uma câmara de gás. Que o Zyklon B era introduzido através de um cilindro, e correndo pela instalação, acabava saindo pelo chuveiro. Como ela não notou no piso nenhuma saída para a água ela estava completamente certa de que deveria tratar-se de uma câmara de gás. Outrossim a Dra. esclarece, que os presos do campo mantinham, secretamente uma lista dos gaseamentos, pela qual poderiam provar 4.000.000 de vítimas... **(Nos planos originais dos Crematórios I e II, constam, em cada um, uma sala para colocar os cadáveres antes da cremação).**

A Dra. Bimko, era uma médica judia polonesa, de Sosnowitz, encarregada do Setor B-3, de Birkenau, denominado "México", no hospital de prisioneiros, antes de ser transferida para Bergen-Belsen. Pela sua alta responsabilidade, ela recebeu, da mesma forma que o Dr. Charles, a taxação de colaboracionista. Ambos tentaram, através de denúncias anti-nazistas, ou formas similares, livrar-se da acusação. As piores acusações geralmente partem de gente que foi acusada de terem se beneficiado de alguma forma com os alemães ou terem servido ou colaborado com os mesmos.

Fornos de crematório

Os fornos crematórios existentes em vários campos de concentração na Alemanha, foram fabricados pela firma Topf & Söhne. No livro "Auschwitz-Mythos", à pg. 74 o Dr. Wilhelm Stäglich, para se ter uma idéia da capacidade de um tipo de forno crematório, cita a carta da firma acima, enviado ao Campo de Mauthausen, onde o fabricante confirma que o forno duplo (para

encinerar 2 pessoas cada vez) tem a capacidade de em DEZ HORAS poder encinerar de 10 a 35 PESSOAS. Este número poderia ser alcançado sem sobrecarregar o forno, que era alimentado a carvão, mesmo que funcionasse 24 horas por dia. É de supor que os fornos de Birkenau e o único de Auschwitz também fossem do mesmo fabricante, já que se tratava de uma instalação Patenteada sob o n.º 861.731, na Alemanha. Chegaríamos assim a uma capacidade média de 4 fornos 4x35 = 140 pessoas por dia, que correspondem mais à realidade, pois conforme informação do Dr. Scheidl, existiam épocas em que aconteciam de 69 a 177 casos de morte, por causas naturais e por causa de doenças infecciosas, inclusive cólera e tifo. Deve ser considerado que no complexo Auschwitz e Birkenau tinha mais de 100.000 pessoas, que trabalhavam nas grandes indústrias que os alemães haviam montado ao lado, tais como Krupp e I. G. Farben, para aproveitamento da mão-de-obra.

O norte-americano, Dr. Arthur Butz, autor do livro "O lôgro do Século" (Com referência ao holocausto judeu) traz um interessante esclarecimento sobre o funcionamento dos fornos crematórios, tanto os movidos a óleo como a carvão, combustíveis estes que passam, para funcionar corretamente, por UMA PEÇA ANTES DOS QUEIMADORES, QUE SE CHAMA GASEIFICADOR, CÂMARA DE GASEIFICAÇÃO OU PEÇA DE GASEIFICAÇÃO.

Partindo deste ponto, para câmaras de gás, para eliminação de pessoas, foi um pulo!!!

Hitler e o Extermínio

Antes de continuar os depoimentos, quero esclarecer um ponto da mais alta importância, pois na ausência total de qualquer ordem de Hitler, ou outros dirigentes, para exterminar judeus, todos os contadores de histórias e a grande maioria dos historiadores, citam, COMO PROVA, facciosamente, **um trecho** do discurso pronunciado por Hitler no dia 30 de janeiro de 1939, portanto 7 meses antes da guerra com os poloneses, no qual diz o seguinte:

"Se o judaismo-financeiro internacional, de dentro e fora da Europa, conseguir colocar novamente os povos numa Guerra Mundial, o resultado não será a Bolchevização da terra e com isso a vitória do judaismo, mas a destruição da raça judaica na Europa".

Ao contrário do que é difundido pela maioria absoluta dos livros, que interpretam este texto como prova de querer acabar fi-

sicamente com a raça judaica, o discurso deverá ser encarado como uma resposta às permanentes instigações, por parte do sionismo, de guerra e extermínio contra a Alemanha. Também ser considerado como uma prova de que Hitler REALMENTE NÃO QUERIA ESSA GUERRA.

Vamos ver a continuação do discurso, que NUNCA é publicada:

"Pois a falta de reação propagandística dos povos não judaicos está no fim. A Alemanha nacional-socialista e a Itália fascista têm instalações que lhes permitem, caso necessário, de esclarecer o mundo sobre o caso de uma pergunta, que muitos povos instintamente sabem mas que na prática desconhecem."

"No momento o judaísmo está espalhando sua instigação, em determinados Países, sob a proteção de uma Imprensa, que se encontra em suas mãos, como os filmes, a propaganda de rádio, o teatro, a literatura etc. Porém se este povo conseguir novamente, que uma massa de milhões de povos entrem numa luta, totalmente sem sentido e que só atende aos interesses judaicos, aí aparecerá o efeito do esclarecimento, que já em poucos anos se conseguiu na Alemanha com referência ao judaísmo."

Sua ameaça é pois de desligamento político, como aparentemente tinha conseguido na Alemanha, do sionismo internacional, através de efetivo esclarecimento, MAS NUNCA DE EXTERMÍNIO FÍSICO. A simples omissão desta segunda parte do discurso de Hitler, vem provar a facciosidade dos interessados!

THOMAS MANN

Conforme Wilhelm Stäglich, pg. 150, "o Sr. Thomas Mann, a quem hoje ainda muitos consideram "um grande autor alemão", no dia 27/9/1942, numa de suas instigações contra a Alemanha, através da Rádio norte-americana, disse que 16.000 judeus franceses foram gaseados num trem hermeticamente fechado, andando em linha aberta, acrescentando que não se trata de um caso isolado, pois que existe um exato e autêntico informativo... sobre a execução de não menos que 11.000 judeus poloneses com gás tóxico, que aconteceu em Konin, no distrito de Varsóvia, também em vagões hermeticamente fechados, levando esta execução um quarto de hora."

"Os dados técnicos deste inédito trem da França, que devia ter aproximadamente 160 vagões, nem do trem polonês que de-

via ter aproximadamente 110 vagões, infelizmente não foram dados, nem as datas da viagem, nem seu destino, e nem o local do sepultamento."

Tudo indica que os próprios trens foram encinerados nos fornos crematórios, pois sumiram... E nunca ví alguém chamar T. Mann de mentiroso...

Dos vagões de trens, hermeticamente fechados, para câmaras de gás em campos de concentração era só mais um pulinho...

BENEDIKT KAUTSKY

Judeu austríaco, Dirigente Socialista, foi prisioneiro em campos de concentração durante 7 anos, ficando em Auschwitz e também em Monovitz, que ele chama de "Auschwitz-Buna"... Ele permaneceu lá até a evacuação em janeiro de 1945, sem nunca ter entrado em perigo de ser gaseado... Em 1946 apareceu seu livro de lembranças, em Zurich, sob o nome de "Teufel und Verdammte" (Diabo e Malditos). Apesar de nunca ter estado em Birkenau, descreve um gaseamento naquele local, baseado em depoimentos de dúzias de prisioneiros, que tiveram a oportunidade de assistir, eles próprios, os gaseamentos e as cremações posteriores, pois executavam uma ou outra função no campo de Birkenau. O nome das testemunhas, em sinal de respeito, não são citados. No livro o Sr. Kautsky fica devendo a informação do porque ele, como judeu total, não foi morto...

Segundo a sua versão, as vítimas, após se desfazerem de suas roupas, numa determinada sala, eram juntadas em outra, completamente azulejada e com duchas no teto. Destas duchas não saiam água, mas gás, geralmente Kohlenoxid (gás de monóxido de carvão), assim que as pessoas sufocavam em poucos minutos. As almas coitadas gritavam e gemiam, durante este tempo, e eram encontradas com os lábios azuis, sangue escorrendo pela boca, nariz, ouvidos e olhos. A Câmara de gás recebia até 2.000 pessoas. O máximo de capacidade de gaseamento por dia chegava entre 6.000 e 8.000 pessoas.

O monóxido de carvão é mais leve que o ar, e não leva à morte em poucos minutos. Perda de sangue pela boca, nariz, ouvido e olhos por intoxicação de monóxico de carvão NUNCA FORAM OBSERVADAS ATÉ HOJE. Com isto o depoimento de Kautsky, não passa também de um produto de fantasia. (Auschwitz-Mythos, pg. 155).

OS PATRIOTAS POLONESES

O curto caso a seguir, segundo o Dr. Stälich, consta do livro "Auschwitz — depoimentos e informações", de Adler, Langbein, Lingen e Reiner, sobre um "caderno desenterrado" em Auschwitz, escrito em ydisch, no qual consta que "ante a câmara de gás tinha uma fila de poloneses e outra de judeus holandeses. Num determinado momento adiantou-se uma moça polonesa, que fez inflamado discurso para todos (um comício), pedindo no final que os judeus vingassem os poloneses. Aí os poloneses todos se ajoelharam e cantaram o hino nacional polaco- Então em profunda concentração expressaram a esperança no futuro do seu povo. Em seguida, todos juntos começaram a cantar a "Internacional" socialista, e cantando, na êxtase dos sonhos por uma fraternidade universal, e por um amanhã melhor, caminharam para a morte..."

Sem dúvida nenhuma deve ter sido a execução mais festiva. O que preocupa é que a grande maioria dos leitores apenas lê o que está escrito, não se dando o menor tempo para refletir sobre o que está lendo, achando, por exemplo, este fato muito natural. O leitor comum geralmente lê depressa o livro, para poder chegar ao fim do mesmo e aí descobrir o nome do bandido.

Na história acima, que é uma legítima patriotada polonesa, o fato mais absurdo é terem os poloneses pedido aos judeus que os vingassem, quando é mais que sabido que durante toda a guerra, existiam na Polônia, grupos armados de poloneses, que faziam verdadeiras caçadas a judeus, assim como também a alemães isolados. Houve inúmeros casos de judeus se refugiarem junto aos alemães, para escaparem dos poloneses, que culpavam os judeus pela guerra.

Sobre este assunto, John Lukacs, em "A última guerra européia", pg. 490, escreve que "É mais difícil generalizar sobre os poloneses, entre os quais persistia o anti-semitismo, embora não fosse raro o auxílio eficiente aos judeus. Houve exemplos de anti-semitismo convicto entre os exilados poloneses na Inglaterra; e houve anti-semitismo GENERALIZADO entre os refugiados poloneses na União Soviética, onde, aproximadamente, **um de cada três** deles era judeu."(!)

Terminada a guerra, os poloneses teriam efetuado perseguições anti-judaicas, que teriam resultado no assassinato de 500.000 a 1.500.000 judeus.

STANISLAW SZMAJNER

Pelo nome acima poucos o identificarão. Mas trata-se do autor do livro "Inferno em Sobibor", editado pela Bloch Editores. O autor é um judeu polonês, que ofereceu seu livro "ao povo brasileiro, porque no Brasil encontrou a paz, a liberdade religiosa e a inexistência de preconceitos raciais. Além de tudo, esta agora ele considera a sua legítima Pátria."

Depois de tamanha declaração de amor à nossa Pátria, pela qual só podemos ficar gratos, nem dá muita vontade de tocar o "malho" no homem, mas depois de ler seu livro é difícil resistir. O próprio ex-Senador Pedro Ludovico Teixeira, que escreveu seu prefácio, considera os fatos descritos como surpreendentes e incríveis, não cansando de elogiar sua fantástica memória...

À pg. 25, escreve: "Já havia na Polônia, antes da guerra, a prática de anti-semitismo: meninos não judeus, que se diziam poloneses e não nos consideravam como tal, contantemente estavam a nos provocar, invocando o nosso sangue exótico, fato que gerava muitas desavenças entre nós. Tínhamos a Pátria-mãe, comum, mas éramos tratados como irmãos renegados. Em muitas cidades, grupos intitulados poloneses atacavam os judeus, argüindo uma série de pretextos com o fito de suscitar choques e conflitos, em que a violência sempre se fazia presente."

"Lembro-me perfeitamente do dia em que o governo polonês decretou a mobilização geral do país **(ele tinha apenas 12 anos)**. Em Pulawy, a população reuniu-se em frente à Prefeitura para receber informações e instruções. Soubemos, oficialmente, que começara a guerra; em seguida, ajoelhamo-nos e cantamos:

"Os alemães não vão nos cuspir na cara..."

À pg. 26: "Para oferecer minha modesta colaboração às autoridades ingressei no Corpo de Prevenção Contra Ataque Aéreos. À época a Polônia não dispunha de máscara contra gases em número suficiente para suas forças armadas. Para que esta carência fosse suprida, ou pelo menos remediada, criou-se um tipo de máscara, nada mais do que um artefato rudimentar, cheio de algodão e gaze, dentro do qual o líquido protetor se constituía de água e sabão. Estes primitivos aparelhos muito ajudaram aos civis desprotegidos, das cidades vitimadas pelos ataques da Luftwaffe.(?) Após o 1.º bombardeio da pacata cidadezinha de Pulawy, receberam instrução para abrir valas nos jardins e nos terrenos de toda cidade, pois não existiam abrigos anti-aéreos."

"Quando se verificou o segundo ataque, encontrava-me em

companhia de minha mãe e de meu irmão caçula. As bombas cairam nas proximidades de minha casa, e toda a cidade estremeceu como se um terremoto a estivesse assolando: vidros eram estilhaçados, fragmentando-se em milhares de perigosas farpas cortantes; telhados eram arrancados e projetados para o alto e para os lados, totalmente desfeitos; paredes ruíam como se feitas de papelão, entulhando as ruas, antes tão limpas, da laboriosa e pacata Pulawy; finalmente, uma gigantesca nuvem de pó elevou-se aos céus e o Sol ficou eclipsado, mergulhando a cidade em semi-obscuridade. Repentinamente, não se sabia de onde, partiu um grito: GÁS! Recordo-me de que agarrei logo minha máscara; porém, faltava-lhe o líquido protetor. Na confusão que se originou, alguém, um dos muitos que se encontravam refugiados momentaneamente em nossa residência, surgiu dizendo que urina também poderia servir nas máscaras rudimentares que possuímos, sem imaginar que, com o medo, o terror que subjugava a todos, ninguém se disporia à micção. Quando se dissipou a nuvem de poeira saímos para as ruas atravancadas de escombros, cheias de pó e fumaça e defrontei-me com o quadro de catástrofe resultante do bombardeio aéreo; gritos e correrias alucinantes alí,; morte e destruição, acolá; vindo de todos os quadrantes da cidade, um pranto convulsivo em que se sobressaíam as vozes das mulheres e das crianças, todos procurando os entes queridos por entre os restos das casas arrazadas. As crianças chorando e gritando por seus pais e estes buscando os filhos e chamando-os pelos seus nomes; muitas vezes, em vão.''

''Continuamos andando até um jardim próximo, dentre os muitos em que foram abertas valetas utilizadas como proteção contra as incursões inimigas previstas pelas autoridades. ENTRETANTO, JUSTAMENTE NESSES LUGARES É QUE A VIOLÊNCIA DO BOMBARDEIO ALEMÃO MAIS SE FEZ SENTIR, neles caindo grandes quantidades de explosivos, causando verdadeiras carnificinas: viam-se, por toda parte, pernas, braços, cabeças, corpos mutilados e irreconhecíveis, constituindo um quadro impossível de ser descrito.''

Para mim, o que deve ter acontecido foi o seguinte: A 5.ª Coluna, que devia estar infiltrada na pequena e pacata cidade de Pulawy, deve ter avisado a Gestapo, do carniceiro Himmler, das atividades de Stanislaw Szmajzner, um rapaz de apenas 12 anos, mas que havia se oferecido voluntariamente no Corpo de Prevenção contra Ataques Aéreos; se havia envolvido na fabricação de máscaras caseiras contra gases e na abertura de valas

nos jardins de toda cidade. Himmler deve ter feito o mais amplo relatório a Hitler, coisa típica de nazista...

Hitler, que adorava massacres de civís, não teve dúvidas, deve ter chamado imediatamente aquele que seria o mais condecorado soldado da Alemanha, para o qual tiveram que inventar condecorações, pois possuía todas, o piloto de Stukas HANS U. RUDEL, para escolher outros pilotos, de sua confiança, para acabar com aquele menino, antes que se tornasse... UM MENTIROSO! Com precisão matemática, coisa de alemão nazista, os pilotos acertaram quase todas as valas cavadas, naturalmente achando que Stanislaw também lá se encontrava. Que fracasso: Naquele dia, parece que adivinhou, o Stanislaw ficou com casa, em companhia de sua mãe e do irmão caçula. E está aí o homem, criando suas vaquinhas, como fazendeiro em Goiás... e escrevendo...

Depois de mil e uma aventuras, nas quais nunca se desfaz de sua maleta, contendo ferramentas para fabricar jóias, sua profissão, ele chegou em Sobibor.

Vale a pena descrever sua chegada em Sobibor, à pg. 115:

''Quando o trem parou, ouviram-se violentos brados e imprecações acompanhados de uma incisiva ordem: ''Fora, rápido!''

''Esta foi a recepção que os bandidos nos deram, fazendo com que os augúrios dos mais otimistas derivassem para um pessimismo que já era latente. Usando indiscriminadamente os látegos, os ucranianos e seus amos germânicos açulavam a imensa carga humana, para que saísse precipitada e violentamente dos vagões entulhados. Mal tivéramos tempos para respirar e já todos nos projetávamos desordenadamente para fora, como um rebanho alvoroçado. Pisávamo-nos e espremíamo-nos mutuamente, passando sobre os mortos que nos entravavam e resvalando sobre a pestilenta e escorradia pasta que cobria todo o piso do cargeiro.''

''No exato momento em que a turba saía dos vagões, e antes mesmo que pudéssemos estar todos já descarregados, tive a oportunidade de ver, PESSOALMENTE, um elemento elegantemente uniformizado. Trajava calça cinza, característica do Exército alemão, um impecável dolmã branco e um casquete muito bem posto à cabeça. ATIRAVA COM PISTOLA EM JUDEUS QUE ESTAVAM DESEMBARCANDO, E NISSO ERA ACOMPANHADO POR OUTRO OFICIAL, EXCESSIVAMENTE ALTO, sem contar outros mais QUE PRATICAVAM TIROS EM ALVOS INDEFESOS. Em virtude dessa inominável atitude, dezenas dos nos-

sos alí ficavam prostrados, no ato mesmo da descida, junto aos carros em que viajaram. A finalidade desta cena era impor, logo à chegada, terror e obediência aos judeus, incapacitando-os para qualquer tipo de reação.''

O homem de dolmã branco, a que se refere, e que praticava tiro ao alvo em judeus, era, segundo Stanislaw, o Comandante do Campo, de nome Franz Stangel, preso em 1966 em São Paulo, e que segundo Simon Wiesenthal, no seu livro de memórias ''Los asesinos entre Nosotros'', era o Comandante de Treblinka. Um dos dois está errado. O outro oficial, o excessivamente alto, que também praticava tiro ao alvo, na ocasião, é para ser o outro conhecido nosso, o Sr. Gustav Wagner, acusado no Brasil, acabou se suicidando. Stanislaw, no livro o descreve, como tendo olhos de um verde tão carregado, que chegavam a magnetizar quem os olhasse fixamente. A descrição da imprensa brasileira era que Wagner era loiro e tinha olhos azuis...

No seu livro Stanislaw indica que Wagner o salvou da morte, por tropelias cometidas no campo, pelo menos umas três vezes...

Em Sobibor, Stanislaw ficou sendo o fabricante de jóias para os oficiais, de ouro ''arrancado dos dentes dos seus irmãos de religião''. Havia tanto ouro, que os oficiais nem controlavam o peso, e em cada peça o Stanislaw ia enchendo o seu pé de meia...

Na pg. 128, ele escreve: Após o trabalho, quando o cansaço começou a vencer-nos, interrompemos **(ele e mais 2 parentes que empregou)** tudo e fomos comer, pois a noite chegava. Ficamos atônitos ante a abundância e a variedade de alimentos postos à nossa disposição. A mesa era farta como nunca poderíamos sonhar e conseguimos dar uma verdadeira demonstração de gastronomia, coisa que há muito tempo não podíamos fazer, depois fomos dormir.''

Um dia ele mandou seu sobrinho para o Campo 2, encontrar-se com um oficial, chamado Bolender, para tratar sobre uma jóia. Quando o sobrinho voltou, não conseguiu articular uma palavra. Estava trêmulo e tomado de pânico. Somente no dia seguinte, pela manhã, ele conseguiu descrever o que havia acontecido, conf. pg. 133:

''Contou-nos que, logo após estar despido dentro do que era chamado de Campo 2, encontrou-se frente a frente com o trágico cenário, nunca visto nem tampouco imaginado até o momento.''

''Ele divisou uma multidão de mulheres, muitas delas nuas e outras se desvestindo. Destas últimas, as mais relutantes tinham

as roupas arrancadas pelos truculentos guardas, enquanto as outras o faziam à custa de chibatadas, coronhadas, golpes de todas as espécies e por todo o corpo, sem se falar nos tiros que lhes davam **(o negócio era para valer...)**. Ao mesmo tempo, uma desenfreada algazarra fazia com que o ambiente se tornasse ainda mais estarrecedor. Eram gritos, prantos e lamentos mesclados com as súplicas para que os boches não fizessem aquela inominável crueldade. Os nazistas e seus asseclas ucranianos, respondiam com berros, pragas, ordens e pancadas."

"Continuando a petrificante descrição, afirmou que assistiu, alí mesmo, a um quadro apenas compatível com a época em que os bárbaros vagaram pela Europa. CRIANÇAS DE TODAS AS IDADES ERAM ARRANCADAS DOS BRAÇOS DAS MÃES E, UMA VEZ SEGURAS E RODOPIADAS PELAS PERNAS, ATIRADAS VIOLENTAMENTE COM A CABEÇA DE ENCONTRO ÀS PAREDES, ONDE CAÍAM JÁ SEM VIDA. Era um infanticídio em massa, impossível de ser concebido na Era Moderna."

"No meio de toda a selvagem cena que presenciou, pôde verificar nitidamente que um dos chefes era Bolender. Este, parecendo talhado para o serviço que executava com satisfação, mais parecia um chacal do que um homem. Sua atividade era febril, e mostrava-se resoluto, tanto emitindo ordens quanto tomando parte ativa na prática do vandalismo. De repente Bolender viu o sobrinho de Stanislaw, meteu a mão no bolso e tirou uma moeda de ouro de 20 dólares americanos, proibindo-o de revelar o que assistiu..."

Esta cena quem viu foi o sobrinho, que já está morto, não o Stanislaw... Pouco tempo depois de estarem no campo, Stanislaw recebeu um bilhete de Abrão, seu irmão, que havia chegado no mesmo trem:

"Caro irmão. Pedi-he que rezasse o Kadisch não só para os seus pais como também para todos. Saiba que, de toda aquela multidão de judeus que passa pelo Campo 1 e vai para o Campo 2, já quase ninguém vive. De todos os transportes chegados até agora, resta apenas um reduzido grupo para serviços gerais, do qual ainda faço parte, milagrosamente."

"Quando os milhares de judeus passam pelo portão a que se referiu, atravessam um longo corredor e ingressam no Campo 2. Aí são despojados dos seus últimos pertences, obrigados a ficar nús e, depois, encaminhados para um grande barracão, sob a alegação de que vão tomar banho. Nesse lugar penetram centenas de pessoas de uma única vez."

"Após ficar lotado, a porta é fechada e depois lacrada her-

méticamente. Em seguida, fazem funcionar um grande motor Diesel, cujo cano de escape é introduzido num orifício da parede, para que os gases de combustão sejam lançados no seu interior, até que todos fiquem asfixiados."

"Antes desta operação, são cavados gigantescas valas. Após o extermínio em massa, nós, os aproveitados do mesmo transporte em que você veio, passamos a recolher os cadáveres e os atiramos nas mencionadas valas. Não raras vezes, a A TERRA CHEGAVA A TREMER SOBRE AQUELA MASSA HUMANA A SER SOTERRADA ENTÃO VINHAM OS BANDIDOS E ACABAVAM DE LIQUIDÁ-LOS À BALA. Após outras considerações, termina com "Se você puder, fuja para vingar-se, Seu amigo Abrão."

Na pg. 167, escreve: "Enquanto os judeus polacos eram trazidos para Sobibor nas piores condições possíveis e em trens cargueiros, os procedentes de outros países viam-se transportados em luxuosas composições. Vinham da França e dos Países Baixos, da Alemanha, da Europa Central e dos Bálcãs; enfim, de todos os lugares onde drapejava a temida suástica." Esta informação contraria todas as demais, que sempre informam sobre as péssimas condições de acomodações.

Um dia Gustav Wagner, trouxe para Stanislaw e seus 2 parentes 3 mulheres. À pg. 170: "Vejam, diz Wagner, Agora vai melhorar para vocês. "Eram Eda, Ester e Bajle, que vieram para limpar sempre o barracão e para cozinhar para o pequeníssimo grupo.

Dois dias após a chegada das mulheres, Stanislaw perde a castidade, após uma cantada em Bajle, descrita à pg. 174.

"O bloco N.º 2 abrigava os privilegiados do campo de concentração: eu e meu grupo, as lavadeiras, os cozinheiros, pedreiros, faxineiros e padeiros. Fui designado Chefe deste bloco."

O gurí tinha feito realmente uma carreira rapidíssima: era o joalheiro oficial, guardava ouro aos montes, tinha apenas 15 anos, passando na frente de todos os mais idosos, tinha a melhor comida, mulheres e nomeado Chefe...

À pg. 268, Stanislaw dá o seu maior lance:

"AGORA, PENSÁVAMOS APENAS EM VINGAR OS QUASE 2.000.000 DE JUDEUS QUE VIMOS SUCUMBIR DURANTE ESSE TEMPO". quase 2 milhões só no tempo dele, Quanto teriam sido no total?... mas tem mais:

À pg. 204, escreve: "A seguir, foi criado o Comando Florestal, composto de 40 homens que deveriam ser mandados para as florestas com a finalidade de derrubar árvores e rachar lenha.

Esta seria empregada para alimentar a fornalha crematória. Como a fornalha estivesse sempre acesa, demandava formidáveis quantidades de combustível. Com isso, as matas iam sendo impiedosamente devastadas."

Nos crematórios modernos, atualmente uma cremação leva de 1.1/2 a 2 horas. Se alguém se der ao trabalho de calcular o tepo necessário para transformar em cinzas, a "apenas" 2.000.000 cadáveres, usando como combustível a lenha, e em apenas uma fornalha, conforme afirma nosso fazendeiro de Goiás, ele que foi homem de confiança dos alemães em Sobibor, num posto equiparado a Kapo, ou Chefe de Bloco, vai encontrar um número não inferior a 100 anos, o que significa que a fornalha devia queimar ininterruptamente, sem nenhuma manutenção, até o ano de 2.042, sem considerar que o campo foi extinto em outono de 1943...

A própria Comissão Polaca, suspeitíssima, indica um número de 250.000 Mortos em Sobibor, pois de alguma forma terá que se chegar ao MÁGICO NÚMERO DE 6.000.000, que teve origem em ... 1936!!! Seu autor é o Presidente da Organização Sionista Mundial e da Agência Judaica, Sr. CHAIM WEIZMANN, quando, referindo-se ao III Reich, declarou que: "Não é nenhum exagero dizer que, nesta parte do mundo se encontram condenados 6.000.000 de judeus, de serem presos onde não são desejados, e para os quais o mundo está repartido em países onde não podem viver, e países que não os aceitam."

Referia-se às dificuldades que os países ofereciam para receber os judeus alemães, remanescentes. Porque citou o número de 6 milhões? Difícil adivinhar, principalmente considerando que foi dita 3 anos antes do início de uma guerra, que ninguém sabia como começaria e muito menos como terminaria. Deve ser considerado também que naquele ano o número de judeus, na Alemanha, já nem alcançava mais o número de 500.000. Este mágico número de 6.000.000 porém ficou valendo como indicação das vítimas judaicas no conflito e também, logicamente, para as indenizações de guerra alemãs.

Continuando com o agora brasileiro de coração, Stanislaw, vamos citar mais algumas referências sobre o péssimo relacionamento entre os judeus e os poloneses. Assim, temos à pg. 213, escrevendo sobre a fuga que estava arquitetando: "Ainda que fugisse naquele momento, correria sério risco, porque, depois, os POLONESES poderiam denunciar-me e até matar-me. JÁ OS CONHECIA DE LONGA DATA E TINHA MAIS CONFIANÇA NO DEMÔNIO DO QUE NELES."

À pg. 214, referindo-se a um companheiro judeu: "Lajbu, filho de um rabino, sobreviveu a Sobibor. Contudo, foi covardemente assassinado, em 1945 (após a guerra), por poloneses reacionários, em sua própria casa na cidade de Lublin."

Importante também o que Stanislaw, à pg. 227 escreve com referência aos judeus que vinham da Alemanha: "No dia imediato, os carrascos (alemães), nomearam um novo "comandante" de todos os judeus do campo para substituir Moisés. Tratava-se de um judeu alemão, natural de Berlim, que logo passo a ser chamado por nós de Berliner. Para o posto ocupado por Krajcewicer, indicaram outro judeu, igualmente germânico. Tudo fazia crer que os nazistas pretendiam colocar judeus alemães nos principais cargos de sua confiança."

"Assim agiram premeditadamente, pois os judeus vindos da Alemanha eram não só mais disciplinados, como também mais subservientes. Mesmo sofrendo horrores com o nazismo(?), AINDA ACREDITAVAM NO FÜHRER E NA SUA GANG. Sua bôa-fé era tão grande que chegavam a pensar que seriam poupados. **Tanto eu como meus companheiros não confiávamos neles.** Eram já conhecidos como costumazes delatores. Qualquer movimento insurrecional jamais poderia contar com sua participação.(!) Por inúmeras vezes, viamo-los dizendo não acreditar que Hitler os liquidasse e que os alemães não eram assim tão maus como pensávamos."

2

Na fuga, do campo, que ele organizou (15/16 anos), também seu irmão menor, Moisze e sua namorada judia (parece que todos os meninos tinham mulher) também conseguiram salvar-se, mas todos ignoravam seus paradeiros. "Só posteriormente soube que, um mês após a fuga, FORA ASSASSINADO POR GUERRILHEIROS POLONESES REACIONÁRIOS DE EXTREMA DIREITA, QUE NÃO APRECIAVAM OS JUDEUS. O acontecimento infame se verificou na cidade de Lubartow, perto de Lublin, e veio MAIS UMA VEZ COMPROVAR O BANDITISMO DOS POLACOS."

Seu último capítulo, Stanislaw dedica a Josef Albiniak "o único bom polonês que encontrei em toda a minha vida."

À pg. 291, faz a seguinte descrição de um encontro com guerrilheiros poloneses: Adquirimos os gêneros e já estávamos regressando quando, próximo ao local já se achavam os demais **(todos fugitivos de Sobibor)**, ouvimos vozes estranhas. Estacamos imediatamente, para que não nos vissem. Olhando cuidadosamente, por entre os arbustos constatamos que o nosso grupo fora cercado por uns vinte homens uniformizados."

"Estavam todos armados, ainda que não pudéssemos reconhecer o seu fardamento. Minha primeira iniciativa foi esconder o fuzil nas ramagens, uma vez que o levara comigo quando fora fazer as compras. Quanto ao ouro que possuía **(o guri estava carregado do metal)**, tratei de escondê-lo dentro das pernas das calças, sobre o cano das botas **(encheu as bombachas)**. Mantendo uma boa distância, procurei ouvir o que falavam os estranhos e percebi que falavam em polonês. Fiquei supondo que se tratavam de guerrilheiros, mas meu coração dizia-me o contrário. Estava preocupado e poderia até fugir, abandonando meus companheiros. No entanto, preferi esperar os acontecimentos. Logo reconhecí a voz de alguns carpinteiros do nosso bando que dialogavam com o grupo armado. Diziam eles que também nós éramos guerrilheiros e o chefe tinham um fuzil (Não esqueçam que o Chefe é o Stanislaw)."

"Ao ouvir estas palavras, animei-me e saí do esconderijo juntamente com os dois que estavam comigo. Aproximamo-nos do grupo e um dos poloneses, que parecia ser o Comandante, ordenou que todos levantassem as mãos para sermos revistados. Então, o que se viu, foi um verdadeiro saque. Aqueles que ainda tinham algum ouro e outros valores consigo ficaram sem nada **(ele não explica de onde os outros companheiros também tinham conseguido ouro)**. Após o assalto à mão armada, fui interpelado a respeito da minha arma e respondi que se achava nas proximidades. Fui buscá-la e fiz a entrega. O bandido achou-a maravilhosa e até a experimentou dando alguns tiros para o ar. Nesse instante, percebí que caíramos nas mãos de guerrilheiros hostís e bandoleiros. Ao mesmo tempo pensei com os meus botões: estamos fritos!" "Logo em seguida ouvimos uma ordem para que corrêssemos prontamente. Mal terminara o chefão polonês de gritar, soou o primeiro disparo. Com a velocidade do ráio, atirei-me ao chão, enquanto a fuzilaria se intensificava. Fiquei prostrado e simulei estar morto, ao mesmo tempo em que os bandidos desapareciam, julgando encerrada sua nefanda tarefa."

"Nesta incômoda posição permanecí por cerca de 30 minutos. Quando verifiquei que um profundo silêncio invadia o local, erguí lentamente a cabeça e vi que não havia ninguém mais nas imediações. Para minha imensa surpresa, o mesmo fizeram Majer e Jankiel, o velho alfaiate. Os demais companheiros encontravam-se mortos. Devido aos tiros à queima-roupa, só mesmo por um milagre ainda estava vivo. Também os outros dois haviam escapado incólumes ao tiroteio. Assustadíssimos,

partimos rapidamente daquele sinistro local, reduzidos que estávamos a apenas 3 homens. Léon e os outros rapazes achavam-se já na Eternidade. Haviam sobrevivido à tirania germânica e nem mesmo Sobibor acabara com eles. Entretanto, encontraram a morte nas mãos dos seus compatriotas poloneses. Uma vez mais, estava ratificado o péssimo conceito que fazia deles."

Não posso afirmar, mas tenho a impressão de que a série da televisão "Holocausto", apresentada em quase todo o mundo, tem uma parte que se refere aos episódios de Sobibor, tiveram a participação ou orientação do agora criador de bois Stanislaw Szmajzner, o garoto prodígio de Sobibor...

Histórias rápidas

Às pgs. 157/159, o Dr. W. Stäglich, cita alguns casos selecionados por Aroneanus. "Trata-se de uma mulher, que frente à câmara de gás, avançou e retirou uma pistola de um SS-Führer, abatendo o mesmo no local. Neste caso se tratava de uma israelita, de admirável beleza, vinda da Bélgica, e cujo filho pouco antes, tinha sido dilacerado ao ser arremessado por este oficial, contra uma parede de cimento."

"Eugen Kogon, ex-prisioneiro, conta esta História, como sendo de uma dançarina italiana, que, por ordem do SS, teve que dançar nua, antes de ser gaseada, em frente ao crematório. Kogon sabe inclusive o nome do SS-Führer, que teve tão pouco cuidado com sua pistola, trata-se neste caso do "Rapportführer Schillinger".

"Também Karl Barthel repete esta legenda, no seu livro "Die Welt ohne Erbahmen", onde agora a personagem é uma artista francesa, por cuja coragem o autor encontra palavra elogiosas. Barthel pessoalmente só esteve em Buchenwald."

Da mesma seleção de histórias, aparece a seguinte, cuja origem seria o Serviço Informativo Russo:

"A 800 até 900 metros do local onde se encontram os fornos, os presos entram em vagonetas, que correm em cima de trilhos. Elas tem em Auschwitz diversas dimensões e capacidades, que variam de 10 a 15 pessoas. Assim que está carregada, a vagoneta é posta em movimento e desce um plano inclinado, a toda velocidade, por um caminho. No fim da linha encontra-se uma parede e atrás da parede fica a entrada do forno. Assim que a vagoneta bate na parede, ela se abre automaticamente, então a vagoneta se inclina, e atira a carga humana diretamente no forno. Em seguida vem a outra vagoneta e assim por diante."

Esta realmente é uma típica instalação para o extermínio em massa, e ainda proporciona às vítimas um passeio de tobogã...

"De Irene Gaucher, no livro "Todeslager" — Campo da morte — temos a informação de que em Auschwitz morreram entre 4 e 6 milhões de pessoas. Informa que o número de execuções em Birkenau são entre 10 e 12.000 pessoas por dia, todos através da câmara de gás **(no caso UMA?)**; que as crianças foram até atiradas vivas nos fornos crematórios **(ela nunca deve ter visto um forno crematório)**. Num total desencontro, Irene Gaucher, afirma que nos 5 crematórios de Auschwitz, só existiam 6 fornos..." **(Em Auschwitz nunca existiram mais de 1 crematório com 2 fornos, coisa que existe em qualquer cidade de médio porte para maior, na Europa).**

"Em 1957, surgiu, de Bernhard Klinger, também judeu, o livro "Der Weg, den wir gingen" — O caminho que nós andamos — que também não explica porque não foi morto. A respeito de Auschwitz cita coisas sensacionais, quando comparadas geralmente com os outros depoimentos. Assim fala das bem instaladas repartições, das exemplares instalações de lavagem e toilettes, ruas calçadas, barracas de banhos e câmaras de desinfecção, e ainda especificamente de um pavilhão com artigos de luxo. Faz referência, inclusive, ao fato de prisioneiros, que vinham transferidos de outros campos, mostrarem sua admiração pelos modernos e bem cuidados prédios." — Isto em parte, vem a confirmar minha citação sôbre as edificações de Auschwitz, que visitei no ano passado, e anteriormente citadas.

"De outro lado, Klinger, porém informa que a média de permanência de judeus neste campo não passava de 3 dias. Estavam no crematório ou nas fogueiras humanas... **(ele próprio é a prova contrária deste fato, pois escreveu um livro posteriormente).**"

"Continuando ele participa porém, que em princípios de 1944, sob o Comando daquele que os **antigos** prisioneiros consideravam como uma Bêsta Humana, o Obersturmführer **HOESSLER , o campo perdeu o seu Caráter de Campo de Concentração. Para nós virou um Campo de repouso, um Sanatório. Até** as surras pararam. Para nós, judeus, começou uma Era de Ouro, e o próprio Hoessler chegou a declarar num determinado dia, que ele não via diferenças entre judeus e alemães". Depois fala de execuções em Birkenau, mas por se tratarem de informações **prestadas a Klinger por outras pessoas, não são reprisadas.**

O Dr. Wilhelm Stäglich, à pg. 420 de "Auschwitz-Mythos", confirma também a excelente impressão que teve de Auschwitz,

nas várias visitas que efetuou àquele campo em 1944, e sobre a qual já tinha se pronunciado em declarações prestadas à "Nation Europa N.º 10/1973.

Outra história que merece destaque é do livro "I am alive! — Mas eu vivo —, de Kitty Hart, também citada pelo Dr. Stäglich. à pg. 198/199:

"Após comunicar ao leitor, que sua barraca continha uma autêntica janela com UMA VISTA SOBRE AS CÂMARAS DE GÁS E OS CREMATÓRIOS, Kitty continua: "Eu levantei a cabeça, e aí, a menos de 50 metros ví algo, que me atingiu como um **raio. Eu já tinha visto muita coisa, mas nunca, nunca algo parecido com isso. Como hipnotizada eu estava aí, sem poder me mexer."**

"Com meus próprios olhos eu fiquei testemunha (Ela esqueceu de informar o leitor que DEVE TER COLOCADO ANTES UM PAR DE ÓCULOS, DAQUELES ESPECIAIS PARA MENTIROSOS, **QUE SÃO UMA CONJUGAÇÃO DE RAIOX E LASER, ACOPLADO GERALMENTE COM UM MINI-RADAR EM CADA LEN-**TE...) de uma morte, mas não à morte de uma pessoa, mas centenas de pessoas, pessoas inocentes, que, sem desconfiarem de nada, tinham sido conduzidas a uma enorme sala. Era uma vista **que jamais se poderá esquecer." (Da sua estratégica janela).**

"Fora do prédio baixo, se encontrava uma escada, que alcançava até uma pequena abertura. Uma figura em uniforme das SS subiu rapidamente. Lá encima o homem colocou uma máscara de gás e luvas. Com uma mão ele segurou a abertura e com a outra retirou uma sacola do bolso e sacudiu seu conteúdo para dentro, um pó branco. Foi rápido e imediatamente fechou novamente a abertura. Como um raio ele estava embaixo, atirou a escada encima do gramado e CORREU, COMO PERSEGUIDO PELOS PIORES ESPÍRITOS."

"No mesmo momento se escutou o TERRÍVEL CHORO, OS DESESPERADOS GRITOS DE GENTE SUFOCANDO... APÓS CINCO A OITO MINUTOS ESTAVAM TODOS MORTOS." **(Que nenhum dos leitores ponha a mínima dúvida sobre isso, pois com aqueles óculos ela podia mesmo ver através de todas as paredes... O que a Kitty deve ter, propositadamente, omitido, para não comprometer terceiros, é que possivelmente tinha subornado aquela figura, em uniforme das SS, para colocar um mini-microfone, sem fio, na pequena abertura por onde ele sacudiu o pó branco para dentro. Note-se que é apenas uma suposição, pois caso contrário, isso é sem o microfone não teria sido possível escutar o choro e os gritos vindos de uma sala de con-**

creto, hermeticamente fechada, e numa distância de 50 metros... Ainda bem que só foi ela que viu e escutou este fato, mas tem mais).

"Depois, do mesmo local: sua janela panorâmica, com os "óculos do futuro", ela assiste e descreve aquela célebre operação dos "Sonderkommandos" — Comandos especiais de judeus —, que separam os corpos, arrancam o ouro dos dentes, examinam todo o corpo à procura de jóias e dólares, e fazem a operação "rapa-côcos", que antecede à cremação."

Sôbre a cremação ela escreve: "Fumaça rompeu das altas chaminés e logo saltaram chamas incandescentes de até dois metros, para o céu. A fumaça ficou cada vez mais espessa, mais escura e sufocante e tinha um cheiro esquisito, o cheiro de cadáveres queimados, possivelmente comparável com penas queimadas, mas o fedor de gordura queimada e cabelos(!) queimados, era insuportável." **(Note-se que aquele foi um dia muito especial para a Kitty, pois a fumaça, que saía das altas chaminés, a aproximadamente 50 metros de distância, recebeu uma corrente de vento, que soprava de cima para baixo, empurrando, desta forma a fumaça justamente na janela panorâmica da Kitty, que conseguiu desta forma, um pouco tempo, completar sua pavorosa história...).**

Ela conclui: "O que nós escutamos falar nos outros campos, então ERA REALMENTE VERDADE. As informações não eram nada exageradas. AQUÍ ESTAVAM AS FÁBRICAS DA MORTE. QUANDO ANOITECEU, TODO O CÉU ESTAVA VERMELHO, COMO SE ESTIVESSE EM BRAZAS."

Me contaram que uma chaminé de tijolos, igual à que existe em Auschwitz, se largasse fogo à algura de 2 metros e mesmo menos, não agüentaria Uma Semana!

O TESTEMUNHA MIKLOS NYISZLI
(Médico em Auschwitz)

Paul Rassinier, no "El drama de los Judio Europeos", pg. 63, descreve esta outra "estrela":

"Em março de 1951, em Les Temps Modernes, revista mensal dirigida por Jean-Paul Sartre (judeu), um tal Tibério Kremer apresentava sob o título "SS-Obersturmführer Dr. Mengele" e em sub-título "Journal d'un médicin deporté au crematorium d'Auschwitz", UM FALSO TESTEMUNHO SOBRE AQUELE CAMPO, QUE PERDURARÁ COMO UMA DAS MAIS ABOMINÁVEIS VILEZAS DE TODOS OS TEMPOS." Seu autor,

dizia Kremer, era um judeu húngaro chamado Miklos Nyiszli, médico de profissão. Seguiam 27 páginas de fragmentos selecionados. O número de abril da revista publicou outras 31 pgs. Aquele falso testemunho acabava de ser apresentado à opinião pública norte-americana, pelo Sr. Richard Seaver. A revista alemã Quick publicou, em 1961 e apresentou a história sob o nome de "Auschwitz", em cinco capítulos, de janeiro a fevereiro. Editado por Julliard, na França saiu o livro sob o nome de "Médico em Auschwitz — Recordações de um médico deportado", num volume de 256 páginas **(iniciou com 27 pgs.)**.

"Dizia muitas coisas o Dr. Miklos! E abordava o 1.º RELATO DETALHADO de quase todos os horrores que aconteceram no campo de "Auschwitz, especialmente sobre os extermínios nas câmaras e gás".

"Entre outras coisas assegurava que naquele campo existiam quatro câmaras de gás de 200 metros de comprimento, sem indicar a largura e altura, dobradas por outras quatro, com as mesmas dimensões, para a preparação das vítimas para o sacrifício. Asfixiavam 20.000 pessoas por dia e em quatro fornos crematórios, de 15 bocas cada um, eram encinerados à medida que saíam das câmaras. Juntava ainda a informação de outras 5.000 pessoas liquidadas diariamente por meios MENOS MODERNOS e queimados em duas imensas fogueiras, ao ar livre. Dizia que, durante 8 meses, havia assistido PESSOALMENTE aquelas matanças sistemáticas. Finalmente, conf. consta à pg. 50 do livro editado por Julliard em Paris, assegurava que no momento em que chegou a Auschwitz, em finais de maio de 1944, os extermínios por meio de gás antes descrito, já duravam desde há 4 anos **(portanto desde 1940!)**."

"Ele afirma que no centro das câmaras havia UMA FILEIRA DE COLUNAS, CHEIA DE FUROS, POR ONDE VINHA O GÁS; aquelas colunas sobresaíam do teto, de onde, uns enfermeiros, que levavam braceletes da Cruz Vermelha largavam as tabletes de Zyklon B."

Opina o Sr. Paul Rassinier: "Ou este Dr. Miklos não existiu, ou, se existiu, não pôs nunca os pés nos lugares que descreve. Se as câmaras de gás de Auschwitz e as fogueiras ao ar livre exterminaram 25.000 pessoas por dia durante 4 e meio anos, conforme Miklos, chegamos a 41.000.000 de pessoas, dos quais pouco mais de 32 milhões nas câmaras de gás e um pouco menos de 9.000.000 nas fogueiras. Se fosse possível que as câmaras de gás asfixiassem 20.000 pessoas por dia — 3 mil por fornada, diz o Dr. Miklos, teria sido absolutamente impossível

que os 4 crematórios pudessem encinerá-los à medida que saíam das câmaras mesmo considerando as 15 portas; e mesmo que a operação total só requeria 20 minutos, como pretende o Dr. Nyiszli, o que também é falso."

Continua Rassinier: "Tomando estas cifras por base, a capacidade de absorção de todos os fornos funcionando paralelamente, não daria mais de 540 por hora, isto são 12.960 pessoas por dia de 24 horas. E neste ritmo, só havia sido possível apagá-los alguns anos após a liberação. Isso na condição de não perder siquer 1 minuto durante quase 10 anos."

"Se alguém se informar do tempo que dura uma incineração de três cadáveres, no cemitério de Père-Lachaise, se DARÁ CONTA DE QUE OS FORNOS DE AUSCHWITZ AINDA ARDEM E QUE PASSARÁ MUITO TEMPO ANTES QUE SE APAGUEM..."

Não se sabe por que operações matemáticas, mas o certo é que o apresentador do livro, Tibério Kremer, fixa o número em... 6 milhões, novamente aquele mágico número, do qual já tratei antes.

Muito significativo são as diferenças entre a edição publicada pela revista alemã Quick e a edição do livro na França, que é anterior. Assim, na edição alemã, os crematórios só incineram 10.000 por dia, em vez de 20.000. Além de outras particularidades. Rassinier diz que suspeitou desde a primeira página do seu testemunho, quando descreveu o itinerário para ir a Auschwitz, partindo da fronteira húngara-romena, onde Miklos, "deixando atrás nosso Tatra, passamos diante as estações de Cracóvia e de Lublin", o que demonstra, conseqüentemente, que não conhecendo o campo de Auschwitz e não o tendo visto nunca, é claro que também não poderia conhecer o caminho para lá chegar...

O PROCESSO ZÜNDEL

Do dia 8/1 até 1/3/1985 desenrolou-se em Toronto — Canadá um histórico e inédito processo. Ele merece ser citado como histórico, pois após 40 anos, num país "livre", integrante da coligação vitoriosa, numa democracia ocidental, seriam examinados, se aconteceram ou não, determinados fatos apontados como verdadeiros, e acontecidos durante a última grande guerra. Normalmente por Democracia se entende uma forma de governo, no qual toda pessoa tem o direito de expressar e propagar sua opinião política, histórica e religiosa, da forma que melhor

achar, desde que, naturalmente, se mantenha nas normas gerais da decência e principalmente se mantenha nos conhecimentos de causa.

Incurso na Secção 177 do Código Criminal Canadense, estava ERNST ZÜNDEL, por "Espalhar falsas informações, que conduzem para a perturbação da paz social e étnica da sociedade", uma lei de quase 100 anos de existência e que na prática nunca tinha sido aplicada.

Os perturbados eram um grupo étnico minoritário...

Ernst Zündel, nasceu a Alemanha em 1939. Em 1958 emigrou para o Canadá, onde há anos, em Toronto, ganha o seu pão, como gráfico e editor do Samisdat-Verlages. Permanentemente confrontado por uma mentirosa e odienta propaganda anti-alemã, que se abate sobre a História alemã, pelas suas mentirosas apresentações Zündel há anos se esforçou pelas suas próprias publicações, cartas circulares, artigos em jornais, entrevistas e também através de um canal de TV privado canadense, com espantosa audiência, contrabalançar de certa forma a terrível propaganda de crueldades, que são apresentadas pelos acusadores.

Ele estudou e examinou durante anos e anos as afirmações e informações de testemunhas das crueldades, chegando à conclusão que o extermínio, em escala industrial, de 6 milhões de judeus, pelos alemães, durante a II Guerra Mundial, não resiste a uma análise, acompanhando, assim, também as opiniões do Prof. Arthur Butz (USA), Richard Harwood, da Inglaterra, de Paul Rassinier e do Prof. Dr. Robert Faurisson, ambos da França, Dr. Wilhelm Stäglich, da Alemanha, e de mais numerosos pesquisadores.

Para complemento da razão, Zündel trouxe para o tribunal depoimentos de mais de 150 livros, de conhecidos políticos e historiadores de todo mundo, além de documentos, fotografias e Testemunhas-Chaves.

O acontecimento se concentrava numa pergunta: Holocausto, sim ou não? O Tribunal era composto de Juiz — Hugh Locke e 12 jurados, que tinham a missão de, no fim, indicar o "Direito".

Este juiz, durante uma audiência, quando soube que o advogado de defesa Douglas Christie, um excepcional jovem e decidido canadense ia apresentar importantes documentos, principalmente as fotos tiradas pela U.S. Air Force de Auschwitz, no ano de 1944, para comparação com fotos atuais, que não combi-

nam, pediu aos jurados para que passassem a outra sala separada, de onde só voltaram após a apresentação das fotos...

Testemunhas da Acusação

Prof. RAUL HILBERG, da Universidade Vermont, autor do Livro "The Destruction of the European Jews". Esclareceu que a EVIDÊNCIA do assassinato de 6.000.000 de judeus ERAM ENORMES, e que não teria visto nenhum documento que comprovasse o contrário... **(o negócio era provar que não matou(!).** No interrogatório cruzado, o Prof. Hilberg, que é considerado UM DOS MAIORES ENTENDIDOS DO ASSUNTO, tanto que foi escolhido como testemunha de acusação, afirmou o seguinte, que o jornal Kitchener Waterloo-Record, de 18.1.1985 publicou:

"NÃO EXISTE NENHUMA CONHECIDA PROVA DO HOLOCAUSTO — admitiu a testemunha". Refere-se à resposta de Hilberg, no interrogatório, quando confirmou que NÃO EXISTE, ATÉ HOJE, A COMPROVAÇÃO POR AUTÓPSIA, DE NENHUMA MORTE POR GÁS EM AUSCHWITZ!!! e mais QUE NÃO EXISTE NENHUM TRABALHO CONHECIDO, ATÉ AGORA (1985), QUE COMPROVASSEM ALGUMA VEZ A EXISTÊNCIA DE CÂMARAS DE GÁS NAZISTAS!!!

Em contrário, porém, diz o Prof. Raul Hilberg, "EXISTEM FOTOS AÉREAS, RESTOS DE MUROS DE CÂMARAS DE GÁS E... ATÉ CÂMARAS DE GÁS RECONSTRUÍDAS, DOCUMENTOS ALEMÃES SOBRE GÁS TÓXICO (Para desinfecção) E FILTROS DE MÁSCARAS. — DE TODA FORMA EVIDÊNCIAS SUFICIENTES!!!"...

Pormenores sobre estas evidências, como se as fotos aéreas confirmavam o holocausto ou não, se os restos de muros são realmente de câmaras de gás ou somente de crematórios, e as reconstruções polonesas eram de confiança, se os documentos alemães sobre gás tóxico têm algo a ver com os assassinatos de judeus, ou não, ficou em branco.

Ainda no interrogatório cruzado, do defensor Christie, o Prof. Hilberg esclareceu que ele nunca encontrou a palavra matar, na correspondência nazista, mas entre outras a palavra "Sonderbehandlung" — tratamento especial. Ele também admitiu, que poderia ser correta a informação de que, durante os interrogatórios das forças americanas, em Dachau após a guerra, 137 militares alemães tiveram seus órgãos genitais destroçados, quando se tentava arrancar confissões sobre atrocidades nazistas.

Perguntado o que pensava de Philip Müller, um ex-prisioneiro tcheco em Auschwitz, que também era daquelas forças especiais, os ''Sonderkommandos'', autor do livro ''Testemunha-ocular-Auschwitz — 3 anos numa câmara de gás'', o Prof. Hilberg disse que considerava Müller como uma pessoa acurada, atenciosa e de confiança e que ele considera o seu livro como relativamente **isento de erros significativos.** Vale a pena o leitor conhecer este escritor mais de perto, para poder analisar a opinião do Professor Hilberg.

O Sr. Rudolf Vrba, um dos maiores contadores de histórias de campos de concentração de todas as épocas, ex-prisioneiro, que também aparecerá como testemunha no presente Processo Zündel, escreve no seu livro ''Ich kann nicht vergeben'' — Eu não posso perdoar —, que Müller, na sua função de foguista dos crematórios estava em condições de saber, pelo consumo de combustível, o número de cadáveres! No seu próprio livro, Müller cita que pertencia ao Sonderkommando, desde 1942, trabalhando para os crematórios. Sem explicar também porque sobreviveu, descreve as seguintes cenas de incineração de cadáveres ao ar livre: ''As valas de quarenta metros de comprimento, e mais ou menos seis a oito metros de largura e com uma profundidade de dois e meio metros, tinham rebaixos nas extremidades, PARA ONDE ESCORRIA A GORDURA HUMANA. OS PRISIONEIROS TINHAM QUE RECOLHER ESTA GORDURA E ESPALHÁ-LA NOS CADÁVERES, PARA QUE QUEIMASSEM MELHOR!''

Continuando, ele escreve ''que o Chefe do Crematório Oberscharführer Moll, pessoalmente atirava crianças vivas, na fervente gordura... **(não esclareceu de onde apareceram as crianças. Pode até ser que as inocentes vieram atraídas pela fogueira, achando que se tratava de São João...).** O Müller também sabia sobre experiências que se realizavam nos Crematórios, e informa que uma vez colocaram um corcunda numa barrica cheia de ácidos, para OBTER SEU ESQUELETO!... Numa outra vez viu homens da SS cortando a carne das coxas de pessoas que haviam sido fuziladas dentro do próprio Crematório! Ele não soube a quem se destinava a carne!

(O que Müller não ficou sabendo nunca, é que no dia seguinte, possivelmente, um grande chefe nazista chegaria para visitar o Campo, e os puxa-sacos dos SS queriam homenageá-lo oferecendo seu churrasco predileto...).

Apenas para completar, quero informar ao leitor que o de-

poimento acima FOI ACEITO COMO TESTEMUNHA NO PROCESSO AUSCHWITZ, naquele que barraram o Prof. Paul Rassinier...

Este é o Philip Müller, que o Prof. Hilberg considera como de confiança!

O defensor de Ernst Zündel, Douglas Christie, continua seu interrogatório da testemunha de acusação:

Christie faz referência ao fato histórico que não existe nenhuma ordem de Hitler, ou outros dirigentes nazistas, para o extermínio de judeus, o Prof. Hilberg responde esta jóia:

"Se eu, no meu livro, cheguei à conclusão de que existiu a ordem de Adolf Hitler para o extermínio de judeus, com isso não está de nenhuma forma dito, que alguém deva acreditar nisso, ou, o que eu escreví, valha como uma prova da existência desta ordem!"...

O Dr. Douglas Christie então ponderou: "Não poderia este seu pensamento, a respeito das coisas que escreve, ser aplicado para os artigos escritos por Ernst Zündel, que motivaram este processo?"

Não, não é a mesma coisa, concluiu o Prof. Raul Hilberg.

DENNIS URSTEIN — de 60 anos, declarou que com 19 anos de idade foi destinado a retirar entre 600 a 700 cadáveres, de uma câmara de gás. Ele soube, com inclusive detalhes de cores, das enxadas de retirar as pessoas, das mulheres e das crianças, do fedor e da urina, informar ao Tribunal; porém em lugar de respostas, a perguntas concretas durante o interrogatório cruzado pelo defensor, sobre pormenores do Campo, das câmaras de gás, da época do acontecimento, locais, etc. ele PEDIU AO TRIBUNAL, EM CONSIDERAÇÃO AO ESTADO DO SEU CORAÇÃO, PARA DISPENSÁ-LO DE RESPONDER A TAIS PERGUNTAS, DEPOIS DE TANTO TEMPO!... **(Deu amnésia).**

HENRY LEADER: Informou algo parecido sobre Majdanek, e viu também, em Auschwitz, diariamente a entrada de transportes, que após meia hora voltavam vazios. Informou que ninguém de sua família sobreviveu. Ele não se deixou dobrar a perguntas concretas do defensor, de forma teatral começou a chorar e parecia que ia chegar à beira de um colapso!...

RUDOLF VRBA: de 60 anos, aliás Walter Rosenberg, sobrevivente fugitivo judeu de Auschwitz, autor do War-Refugee-Report de 1944, que é relatório básico para as outras histórias que são contadas, e autor do livro antes citado "Eu não posso perdoar".

Para que os leitores tenham uma idéia do que consta desta

reportagem do War-Refugee-Report, de dois fugitivos de Auschwitz-Birkenau, um dos quais foi o Dr. Rudolf, e de sua repercussão mundial, já que foi publicado nos Estados Unidos, basta dizer que a Cruz Vermelha Internacional, com Sede em Genebra, resolveu enviar uma COMISSÃO PARA EXAMINAR OS CAMPOS, EM SETEMBRO DE 1944. ESTIVERAM DURANTE 15 DIAS NOS CAMPOS DE AUSCHWITZ E DE BIRKENAU, SEM TEREM ENCONTRADO O MENOR SINAL DE CÂMARAS DE GÁS, APESAR DE PERCORRÊ-LOS DE PONTA A PONTA E CONVERSAREM LIVREMENTE COM OS PRISIONEIROS!!! **(Livro "As atividades da Cruz Vermelha Internacional, nos campos de concentração alemães, referente a pessoas Civís" — 1939-1945, editado pela própria Cruz Vermelha, às páginas 91-92).** O WRR ficou desta forma bastante desmoralizado e raramente ainda é citado. O Sr. Rudolf Vrba, continua sendo uma das maiores "estrelas", como testemunha ocular de todas as atrocidades... A vida dele, no campo, porém não devia ser assim tão má, pois, no seu livro, ele conta que entrava em contato com mulheres de pavilhões vizinhos. Desses contatos, acabou fazendo amizade com uma belíssima menina. Desta amizade, aconteceu o seguinte idílio, quando recebeu NO SEU QUARTO **(O vivo morava em quarto separado, a sós — Coisa de Chefe!)** a linda menina. Escreve: "Rudi, ela disse em voz baixa, olhe para mim. **(Rudi, é ele o Rudolf).** Vagarosamente me virei e olhei. Ela estava deitada na cama, ansiosa. Eu acho que nunca vi algo mais lindo. Seu cabelo marrom escuro caia sobre os ombros. Seus olhos estavam perturbados, mas ela ainda sorria e sua boca era uma suave tentação. Ela se agachou, e as suaves formas dos seus seios se apresentaram levemente, debaixo de sua blusa azul-clara. As roupas, todas as roupas tinham sumido. Eu me agachei sobre ela, tão próximo, que seu aroma me envolveu. Desta vez todas as encabulações sumiram. Tu cheiras tão bem, balbuciei bem doido. Porque cheiras tão bem? Ela sorriu, era um sorriso quase sem fôlego, um sorriso suave. Sabonete, meu amorzinho, ela murmurou. Nada mais que sabonete, mas porque falas tanto..."

Tudo isso se desenrolou dentro do seu quarto, onde os dois amantes somente foram acordados no dia seguinte, bem tarde, por outra interna do Campo.

O Dr. Wilhelm Stäglich, em "Auschwitz-Mythos", referindo-se a esta passagem do livro, cita que muito soldado do front, e trabalhadores das cidades, que eram arrazadas, teriam trocado, com muito gosto, suas funções com as do Rudolf Vrba, como prisioneiro de Auschwitz. Entretanto nenhuma

passagem do seu livro, sob os drásticos olhares de um leitor, deixará de apontar Vrba como um notórico mentiroso, de quem não se pode acreditar nada, mas absolutamente nada. Neste livro de Vrba, à pg. 53, ele já havia feito outra citação erótica, acontecida dentro de um vagão para animais, no qual viajavam mais 79 pessoas com pacotes e bagagens...

Temos portanto a ficha parcial desta próxima testemunha, no caso do Processo Ernst Zündel.

Rudolf viu através **de uma janela**, no campo de Birkenau, como um Oficial das forças sanitárias da SS subiu no telhado de um abrigo anti-aéreo (Buncker), num altura entre de 2 a 2,30 metros, colocou uma máscara de gás, esvaziando em seguida as bolsas de Zyklon B, pelas aberturas, que ligavam às câmaras de gás (no plural). Também pôde ver perfeitamente o que se passava lá dentro, bem como nos crematórios. (Esta história não pode ser confundida com a apresentada pela Kitty, que descreve uma câmara de gás, e no presente caso são várias câmaras dentro de um abrigo, que tinha várias aberturas em cima. Mas que ele estava com aqueles famosos óculos, não tenham a menor dúvida, ou ele as emprestou à Kitty ou vice-versa, pois também conseguia ver através das paredes...).

Sobre os inválidos, que eram atirados em cima das pilhas de cadáveres, para serem transportados de Auschwitz para Birkenau, sobre a operação de arrancar os dentes de ouro, sobre as fogueiras humanas ao ar livre e sobre a visita de Heinrich Himmler, para quem foram apresentadas diversas demonstrações de gaseamentos, ele soube impressionar os jurados emocionalmente, de forma brilhante...

Também citou os não totalmente queimados restos de crianças, bem como cabecinhas e mãozinhas, por estarem numa profundidade de 6 metros por ocasião da incineração ao ar livre.

O defensor Douglas Christie, acertadamente, lembrou Vrba que é fato comprovado que na região entre Auschwitz e Birkenau existe água numa profundidade que varia entre 1 e 2 metros, tornando impossível uma vala comum com 6 metros de profundidade.

Esta citação nem o atingiu, fazendo ainda uma "gracinha" quando respondeu ao advogado que infelizmente não tinha levado, na ocasião, sua escala métrica...

No interrogatório cruzado, Christie confrontou Vrba, que também é Professor, com discrepâncias, pois no War-Refugee-Report, de 1944, o tempo indicado para incinerar um cadáver

era de 1,5 hora, enquanto que no seu livro ele indica apenas 20 minutos; no primeiro havia indicado 9 fornos por crematório, enquanto que no livro cita 15.

Rudolf Vrba afirmou, então, que os 20 minutos estavam corretos, que a 1,5 hora se referia a 3 cadáveres **(3x20 minutos = 1,5 hora...)**.

Interrogado sobre fatos concretos isolados, quando ele viu o gaseamento de UM ÚNICO JUDEU, ele respondeu na hora, que contou pessoalmente a entrada de 1.765.000 pessoas, que entraram no Campo, porém não viu a saída de nenhum, que o abandonou.

O jovem advogado canadense não resistiu e chamou-o de MENTIROSO, ao que Vrba contestou:

"Indicar alguém, que lutou contra os nazistas, como mentiroso, é um atentado a um Tribunal livre no Canadá, e significa igualmente que cada filho canadense, que morreu na luta contra os nazistas, também é um mentiroso."

O "Toronto-Sun", de 24.1.85 noticiou:

"Vrba nunca viu gaseamento de pessoas!"

Em outra audiência, com referência à contradição de que ele indica o total de judeus eliminados, em Auschwitz, em 2.500.000, enquanto "especialistas" como Hilberg e também Reitlinger indicavam, respectivamente os números de 1.000.000 e 850.000, Vrba respondeu:

"Hilberg e Reitlinger estavam presos à disciplina histórica, e não tinham a vivência como testemunha ocular."

Na continuação do interrogatório cruzado, finalmente desempacotou: SEU LIVRO ERA MAIS UMA APRESENTAÇÃO ARTÍSTICA DO QUE UMA DITA INFORMAÇÃO HISTÓRICA!...

ARNOLD FRIEDMAN (O perdigueiro de Auschwitz...); Apesar de não ter tido uma vista direta sobre os crematórios, viu as chamas, de 4,30 a 4,60 metros saindo pelas chaminés, dia e noite durante semanas. Ele conseguia, pelas CORES DAS CHAMAS E PELO CHEIRO identificar... se eram poloneses ou húngaros, e se os cadáveres dos judeus eram magros ou gordos (!!!). Na afirmação do advogado de defesa, de que a queima de cadáveres não ocasiona chamas, nem mesmo fumaça visível e nenhum cheiro digno de menção, Arnold Friedman diz que a situação de Toronto é diferente ao que existia em Auschwitz. **(Não é de admirar que o Tribunal não mandasse examinar esta questão por técnicos, pois está diante de uma testemunha ocular... E assim fica-se repetindo os mesmos absurdos durante mais de 40 anos).**

O advogado pergunta: As chamas e a fumaça não poderiam ter sido ocasionadas por outra coisa?

Sim, responde Friedman, poderia ser, e se eu tivesse escutado, naquela época, alguém me contar a coisa da forma que o Sr. agora me contou, eu podia lhe acreditar...

Testemunhas de defesa:

PROF. DR. ROBERT FAURISSON: O Catedrático da Universidade de Lion, de 56 anos, mais de 15 anos de profundos estudos sobre o dito "holocausto", afirma que DURANTE O GOVERNO DE HITLER NÃO EXISTIU NEM UMA ÚNICA CÂMARA DE GÁS. Com muitos detalhes, esta afirmação, foi publicada na revista "Defense de L'Ocident". Poderosas organizações, principalmente sionistas, se levantaram contra Faurisson, acusado de "Falsificação Histórica, Mentira, Instigação ao ódio racial, Prejudicar a imagem dos mortos, assim como dos remanescentes acusadores".

Faurisson recebeu, em primeira instância uma multa, em dinheiro, de 1, 2 milhões de marcos: NÃO POR FALSIFICAÇÃO HISTÓRICA, MAS POR PREJUDICAR OS REMANESCENTES ACUSADORES.

Em 26/4/1983 sofreu nova condenação, e novamente não por falsidade histórica ou mentiras, ou porque suas pesquisas não fossem lógicas, mas PORQUE A DIVULGAÇÃO DOS FATOS EXAMINADOS SE PRESTAREM A FERIR E OFENDER OS PRÓXIMOS ÀS VÍTIMAS.

O Resumo desta sentença é mais ou menos o seguinte:

— Uma minoria pode publicar o que quiser e contra quem quiser, a hora que quiser, na quantidade que quiser, ofender quem quiser, intimidar quem quiser, torturar quem quiser, pelos maiores veículos de divulgação que existem, cinema, televisão, rádio, imprensa escrita e milhões de livros; podem inclusive mentir à vontade; mas se aparecer alguém para contestar algo ou mesmo tudo, terá que fazê-lo "na moita", **sem ninguém ficar sabendo,** pois caso a contestação for divulgada, por mais correta que esteja, o autor, no caso o Prof. Faurisson, é condenado por ter ofendido ou ferido, desta forma, autores ou divulgadores, de notícias ou informações sem fundamento. Ficam ofendidos e feridos também os parentes próximos destes autores e mistificadores. O correto paga pelo falso???

Mas o Dr. Faurisson, apesar de tudo, continuou escrevendo livros e publicações. Ele também tem um estudo sobre a compro-

vação da falsidade do "Diário de Anne Frank", publicada na revista italiana "Storia Illustrata". Sua cátetra na Universidade de Lion é de Literatura do Século XX.

O Prof. Dr. Robert Faurisson, assistiu, como Especialista, o advogado Douglas Christie, no Processo Zündel, porém NÃO PERMITIRAM QUE EXPRESSASSE, NO TRIBUNAL SUAS EXPERIÊNCIAS E TÉCNICAS SOBRE SUPOSTAS CÂMARAS DE GÁS; nem os mini-modelos que fabricou, baseado em discrições, nem slides, nem nada, porque... NÃO POSSUÍA UM TÍTULO ACADÊMICO EM TOXICOLOGIA E NEM DE ARQUITETO... Seu amplo conhecimento de causa, as contradições, as informações pós-guerra tecnicamente impossíveis, ficaram fora; faltava o "canudo". Ao advogado ele informou que chaminés, com fogo saindo da forma descrita por Arnold Friedman, desabariam em poucos dias.

TIUDAR RUDOLF, alemão, intérprete durante a guerra, afirmou que em 1941 uma delegação da Cruz Vermelha visitou os campos de Auschwitz, Monowitz e as construções que estavam sendo realizadas em Birkenau, durante 2 semanas, sem anotar nada de anormal.

DIETLIEB FELDERER, sueco, como jovem, após a guerra, inspecionou todo o complexo do campo de Auschwitz e também as cidades de Majdanek e Stutthof, tirando tempo para ver locais, que para os turistas estavam proibidos. Trazendo para o Tribunal mais de 1.000 slides, como documentação no Processo, para comprovar que muitos detalhes, da Literatura de Holocausto, não podem estar certas e que muita coisa é propositadamente ocultada. O Juiz Hugh Locke não aceitou sua documentação(!).

FRANK WALUS: 62 anos, durante a guerra trabalhou como agricultor na Baviera. Em 1945/46 na guarda civil norte-americana. Voltou à Polônia onde ficou mais 10 anos. Desde 1959 mora em Chicago e desde 1970 cidadão norte-americano. Citou sua experiência referente a uma campanha de difamação movida contra ele, por Simon Wiesenthal. Uma conversa de um inquilino em falta com a testemunha, trouxe Simon Wiesenthal ao plano de denunciá-lo, ao Departamento de Justiça de Chicago, para quem Wiesenthal escreveu, informando que o depoente estaria vivendo sob falso nome, e na realidade seria antigo Oficial da Gestapo **(Polícia Secreta do Estado)** que teria inúmeras mortes de judeus na consciência.

Depois que o jornal "Chicago Daily News", abriu campanha difamatória contra ele, de que teria morto judeus e Polone-

ses, durante a guerra, e que seria, portanto, um criminoso de guerra, ele foi várias vezes atacado em plena rua, até ao ponto de ter que ser internado em hospital. Vários infartes se seguiram. O "Office of Special Investigation" expediu uma ordem de detenção.

Durante as audiências apareceram 12 (DOZE) testemunhas ferozes contra ele, que AFIRMAVAM reconhecer este criminoso de guerra. **Descreviam,** como TESTEMUNHAS OCULARES, como acompanharam seus assassinatos. Como resultado perdeu a Cidadania norte-americana. Israel e a Polônia, pediam sua extradição. Helmuth Schmidt, Chanceler alemão da época, interveio pessoalmente, mandando verificar as documentações sobre Frank Walus existentes na Alemanha, terminando assim toda a odisséia. Uma conta de US$ 120.000 de custas processuais, **e toda** a carga emocional provocada pela injusta perseguição, caiu unicamente nas suas próprias costas, e da sua família.

Doze depoimentos de testemunhas sobreviventes do chamado holocausto — E todos mentirosos!

DR. WILLIAM BRYAN LINDSEY: Um qualificado Especialista em Química, do Texas, que combateu no lado aliado na última guerra, pesquisando há 33 anos, inclusive para o governo dos EUA, indica, na sua análise sobre o Zyklon B, a impossibilidade de numerosas histórias de holocaustos.

Assim, é totalmente impossível, retirar 2.000 mortos por gás, após o assassinato por gás Zyklon B, através de um "Sonderkommando", COM OU SEM MÁSCARAS CONTRA GÁS, de uma câmara ou sala, operação para a qual ainda seria necessário cortar o cabelo e arrancar os dentes de ouro dos cadáveres.

O Dr. Lindsey explica que o gás Zyklon B, através da pele das vítimas, entraria no corpo dos "Comandos Especiais",que seriam levados imediatamente também para a morte!!!

Explicou também que câmaras subterrâneas, como são apresentadas em diversos casos, serem totalmente "sem sentido", por serem muito frescas ou úmidas. Para ter um rápido efeito, isto é espalhar-se rapidamente, o Zyklon B requer calor.

Indicou também a total impossibilidade de colocar fornos de crematório em nível superior a eventuais câmaras de gás, por baixo, como indicam os mais importantes depoimentos e mesmo desenhos, no museu de Auschwitz... pois o Zyklon B é altamente explosivo e o gaseamento levaria o pessoal do crematório à morte também.

O Dr. Lindsey, nas suas pesquisas, visitou Belzec, Chelmno,

Dachau, Treblinka, Majdanek, Auschwitz, assim como as câmaras de gás para os condenados norte-americanos.

Afirma, outrossim, que A HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO FOI ESCRITA NUMA ÉPOCA EM QUE ESTAVAM FECHADAS QUAISQUER TENTATIVAS DE EXAME E PESQUISA DAS MESMAS, O QUE NÃO ACONTECE NA MESMA ESCALA AGORA. Ele acha que está em tempo de tudo ser examinado e esclarecido. Informou também que está, há anos, em contato com o acusado Ernst Zündel, com quem troca informações. Lindsey tinha sido aceito como Expert em Química.

A SENTENÇA

ERNST ZÜNDEL foi condenado a prisão de 15 meses e levado algemado(!). Após alguns dias foi solto mediante uma caução de 10.000 dólares. Durante 3 anos também não pode falar nem espalhar nada referente à temática do Holocausto(!). Além das despesas processuais de 13.000 dólares, uma comissão especial estuda sua eventual saída do Canadá de volta à Alemanha...

DECLARAÇÃO DO ADVOGADO DOUGLAS CHRISTIE

"A verdade vai vencer. Nós estamos aqui, para levar a luta adiante para cada um, que não pode estar aqui, porque caiu na guerra, ou que após a guerra perdeu sua pátria, tiveram roubados os seus bens ou foram assassinados.

Nós temos que criar, também no Canadá, uma atmosfera para a fala e liberdade de pensamento, no qual, cada um pode, sem medo de ser abatido ou criminalizado, de poder escrever sobre a história dos povos e poder escrever à humanidade, informando-a, de acordo com seu próprio pensamento o que julgar como correto.

Ao lado de outras muitas verdades, conseguimos hoje esclarecer ao Tribunal, que os Tribunais de Criminosos de Guerra, de Nürnberg, FORAM UM LEGÍTIMO LINCHAMENTO, e nós não o chamamos diferente que o mais alto Juiz dos Estados Unidos da América. **(Christie refere-se à declaração do Juiz ROBERT H. JACKSON, aos seus colegas americanos, antes de seguir para a Alemanha, onde assumiria o Tribunal de Nürnberg, que massacrou o povo alemão, na figura dos seus Chefes, que foram realmente linchados — do livro Harlan Fiske Stone-Pilar of the law", de Thomas Mason, pg. 716, da edição de New York).**

Também os alemães têm um direito, pelo seu passado, de

ver os seus antecedentes com Orgulho e Respeito. Não menos direito eles têm na esperança do futuro.

Eu olho para todos, que lutaram pela Verdade e pela Justiça, como meus camaradas, e não irei descansar antes, que a sua Honra tenha sido novamente colocada no seu devido lugar. NINGUÉM TEM UM MONOPÓLIO DE APRESENTAR O DESENROLAR DE FATOS HISTÓRICOS. NUNCA DEVERÁ SER SILENCIADA UMA DISCUSSÃO A ESTE RESPEITO, POR OBRIGAÇÃO DE MEIOS ESTATAIS".

(a) Douglas Christie
810 Courtney Street
Vitória, B. C. V8W 1C4 — Canadá

PROVA CONTRA WALDHEIM

Até terminar o presente livro, toda vez que aparecer uma notícia sobre Kurt Waldheim, vou encaixá-la, para ver até onde vai o interesse em difamar o agora Presidente da Áustria.

O Jornal "Zero Hora", do dia 12/8/86, deu a seguinte notícia, sob o tópico acima:

"O Congresso Judeu Mundial anunciou ontem em Nova Iorque que descobriu, pela primeira vez, um documento com anotações manuscritas de Kurt Waldheim, provando que o atual presidente austríaco e ex-secretário geral da Organização das Nações Unidas era um oficial da Inteligência Alemã em 1944, durante a Segunda Guerra Mundial. O documento, datado de 18 de janeiro de 1944, foi encontrado nos Arquivos Nacionais dos Estados Unidos e comenta um informe secreto da inteligência, avaliando a força da resistência grega antinazista.

SIMON WIESENTHAL
(O Caçador de Nazistas)

É difícil que alguém já não tenha lido ou escutado algo a respeito de SIMON WIESENTHAL, que é citado e divulgado pela Imprensa, que o apresenta como o "Famoso caçador de Nazistas", dando-lhe uma imagem de benfeitor da humanidade. Seguidamente também aparece uma "Caçadora"..., que também procura atormentar a vida dos alemães; na sua última aparição na televisão, ela é vista sendo enxotada de um comício, em Viena, a favor de Kurt Waldheim, que ela tentava anarquizar, antes das eleições presidenciais lá realizadas.

A literatura cita o Barão de Münchhausen, como sendo o maior mentiroso de todos os tempos. Infelizmente ainda não tive a oportunidade de ler o livro, com as famosas histórias, do Barão; porém tive a sorte de adquirir, em Montevidéu, este ano, o LIVRO DE MEMÓRIAS DE SIMON WIESENTHAL — "Los Asesinos entre Nosotros", da Editorial Noguer, de Barcelona, Espanha.

Duvido que as Aventuras do Barão de Münchhausen, possam superar os Fatos apontados pelo Famoso Caçador de Nazistas.

No Epílogo do seu livro, ele próprio acha que muitos dos seus casos são realmente difíceis de serem acreditados...

Apesar de constar, na apresentação do seu livro, de que esteve em mais de uma dúzia de campos de concentração, e que só sobreviveu graças uma série de "milagres", no decorrer do livro vamos encontrar o Sr. Simon Wiesenthal em grande "promiscuidade" com Oficiais das forças SS, pois, como Engenheiro formado, exerceu funções bastante importantes junto aos alemães, durante um prazo em torno de 4 anos e 2 meses. Apenas nos últimos 6 meses e 20 dias, quando os prisioneiros dos campos de concentração, da Polônia, eram transferidos para a Alemanha, em vista do avanço soviético, as coisas pioraram, culminando, no último mês de guerra, inclusive com falta de comida.

Devo esclarecer que esta falta de comida nos Campos de Concentração, às vezes era menor que em muitas partes da Alemanha. Nesta época faleceu a mãe, de um amigo meu, Engenheiro metalúrgico aqui no Brasil, por desnutrição, isto é, de fome, apesar de residir em área agrícola!

Sua amizade com Chefes de campo de concentração, foi tão grande, que em dezembro de 1965, isto é 20 anos após o término da guerra, ele convidou o Ex-Oficial das forças SS Heinrich Guenthert para o casamento de sua única filha!

O ex-SS, comentando o convite recebido de Simon Wiesenthal teria respondido: "Quando um homem como Wiesenthal convida um alemão para se unir à sua família, me sinto honrado".

Pela amostra, o leitor já deve ter notado que o homem é dos bons...

Se a vida de Wiesenthal, como prisioneiro, for vasculhada a fundo, não será surpresa se aparecesse como bom colaborador dos alemães, e que toda sua atitude de ódio e perseguição aos

alemães no **dia seguinte** ao término da guerra, partisse, basicamente, do seu intuito de limpar sua "barra" perante a Chefia Sionista, então reinando.

Vamos examinar algumas partes constantes do seu livro, que recomendo aos estudiosos:

Wiesenthal nasceu no dia 31 de dezembro de 1908; seu avô materno, porém, o registrou no dia 1.º de janeiro de 1909, o que lhe motivou problemas com a polícia polonesa, acusado que foi de intentar escapar do serviço militar. Conseguiu, entretanto, esclarecer o engano.

Quando menino gostava de fazer casas e castelos, com torrões de açúcar, na casa de comércio de seu pai, próspero comerciante. Ele herdou uma grande tendência ao misticismo.

Wiesenthal queria ser arquiteto. Não passando nos exames na cidade de Lwów, ingressou na Universidade Técnica, em Praga, onde conforme pg. 29: "passou os dias mais felizes de sua vida. Era muito popular entre os seus companheiros, como estimulante polemista em reuniões estudantis, e como brilhante mestre de cerimônias em atividades sociais. Tinha excelente memória para divertidas histórias misturadas com mímicas. Tinha também talento para a sátira. Seu humor era particularmente do gosto dos seus amigos **não judeus**, aos quais encantava a profundeza e oculta ironia de suas histórias. Quando ia passar suas férias de Natal e Páscoa em sua casa, passava toda a noite, no trem, com seus amigos, contando histórias, que ao chegar em casa estava tão rouco que não podia falar." **(Estava praticando)**

A MISSA VESPERTINA

Em 1941, os ucranianos que ajudavam as tropas alemãs, entraram em Lwow, Ucranianos que haviam estudado nesta cidade, aproveitaram para festejar o acontecimento, com um pogrom, que durou 3 dias e 3 noites. Haviam assassinado "uns" seiscentos judeus. "Ele e mais 40 judeus, entre advogados, médicos, professores e engenheiros, também foram presos e levados para o pátio da prisão de Brigdki. No centro do pátio havia uma mesa cheia de garrafas de vodka, salsichas, zakusky, fuzís e munições. Aos judeus ordenaram ficar de cara contra a parede, com as mãos atrás da nuca. Um ucraniano começou a atirar, fazendo mira diretamente na nuca. Após cada dois disparos, ia para a mesa, tomar vodka e também zakusky, enquanto outro homem lhe dava outro fuzil. Dois ucranianos colocavam cada corpo dentro do seu caixão e os levavam daí."

Os disparos e os gritos se acercavam a Wiesenthal, e recorda que olhava a parede sem vê-la **(mas descreve o que se passa atrás e do lado dele).** De repente soaram os sinos da igreja e uma voz ucraniana gritou: "Basta! A missa vespertina!" **(Parece mentira, mas os ucranianos, mesmo com a cara cheia de trago, não iam perder a missa da tarde...).**

Cessaram os disparos, os sobreviventes olhavam uns aos outros, nos olhos incrédulos. Depois se recolheram à prisão. Deitaram-se e Wiesenthal dormiu. Depois só recorda que sentiu um foco de luz e uma voz polonesa que dizia: Mas o que faz aqui Senhor Wiesenthal? Ele reconheceu então um dos capatazes que havia trabalhado com ele numa obra, de nome Bodnar, em traje civil e com uma braçadeira que o identificava como polícia auxiliar ucraniano. Tenho que tirá-lo daqui esta noite ainda, disse Bodnar, pois já sabes o que vão fazer amanhã de manhã.

Wiesenthal pediu para ajudar também a seu amigo Gross, que sustentava uma mãe velhinha. Bodnar então expôs seu plano, daria em cada um uma paulada, e diria aos ucranianos que se tratavam de dois espiões russos, e que os levaria ao Comissário ucraniano, na rua da Academia. Cada um recebeu uma boa paulada, Wiesenthal perdeu 2 dentes dianteiros, porém depois de uma série de subterfúgios, na manhã seguinte estava em sua casa". **(Wiesenthal não explicou porque seu ex-capataz bateu com tanta força. Não podia assobiar por uns dias, mas estava em casa, salvo pela missa e pelo seu fiel ex-empregado).**

TÉCNICO E ORIENTADOR

"Em finais de 1941 foi enviado a um campo especial de trabalhos forçados. Nas obras de reparação da Ferrovia do Leste. Lhe destinaram a oficina de locomotivas, onde pintava o símbolo da suástica e a águia nas locomotivas russas capturadas. Logo foi promovido a pintor de sinais."

"Num dia de muito frio, estava Wiesenthal pintando ao ar livre quando chegou o seu Chefe, Heinrich Guenthert **(aquele que ele convidou 20 anos após a guerra para o casamento de sua filha)** se chegou junto a ele. Wiesenthal não tinha luvas e suas mãos estavam azuis de frio. Guenthert começou a falar e perguntou em que escola havia estudado. Sabendo que os membros da intelectualidade judaica eram os primeiros a serem exterminados, disse que tinha estudado numa escola de comércio. Um polaco que estava próximo o desmentiu, afirmando que Wiesenthal era um arquiteto. Guenthert perguntou porque havia

mentido. Se ele não sabia que os embusteiros eram liquidados pela Gestapo. Wiesenthal então confirmou e Guenthert, o designou para trabalhar como TÉCNICO E ORIENTADOR."

"Wiesenthal gozava de grande liberdade. Ele recorda as Obras de Reparação como uma ilha de salvação, num mar de loucura. Os 50 oficiais, abaixo do comando de Guenthert se comportavam corretamente com os polacos e com os judeus. O imediato superior de Wiesenthal o Superior Inspetor Adolf Kohlrautz era, como Guenthert, um homem excepcionalmente bom. Ambos, descubriria posteriormente Wiesenthal, tinham opiniões secretas anti-nazistas. KOHLRAUTZ CHEGOU ATÉ A PERMITIR A WIESENTHAL QUE ESCONDESSE, NA SUA ESCRIVANINHA, DUAS PISTOLAS QUE HAVIA OBTIDO CLANDESTINAMENTE." **(Muito bonzinho este alemão).**

Aniversário do Führer

"No dia 20 de abril de 1943, 54.º aniversário de Hitler, dia de sol e de primavera. Wiesenthal havia se levantado cedo, para dar os últimos retoques num enorme cartaz, com as inscrições: Wir Lieben unseren Führer - Nós amamos nosso Führer; anteriormente já vinham pintando cartazes menores e bandeiras suásticas, para as grandes celebrações das SS, nas Obras de Reparação."

Repentinamente chegou um Oficial, de nome Dyga, que pegou Wiesenthal e mais 2 outros judeus e os conduziu até um campo de concentração, distante 3 quilômetros das oficinas ferroviárias. Finalidade: Para comemorar o aniversário de Hitler, iam **executar cinqüenta e quatro judeus, 1 por cada ano de vida.** Lá chegando, Wiesenthal reconheceu a maioria dos que lá estavam aguardando a execução, eram catedráticos, advogados, médicos, o resto da intelectualidade do campo. Ninguém falava. Ninguém perguntava porque? Uma pesada chuva caía no local da execução, um arenal, que tinha dois metros de profundidade e talvez quatrocentos e cinqüenta metros de comprimento(!). Dentro da vala já existiam alguns corpos desnudos, que já haviam sido executados. Os prisioneiros foram colocados à beira da vala e Wiesenthal viu o SS-Kautzer **(apesar de recém-chegado, já sabe o nome do homem)** alçar seu fuzil. Maquinalmente Wiesenthal contou os disparos, um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete e oito, nove e os companheiros já caindo mortos dentro da vala. Wiesenthal não queria continuar contando. De repente, não sabe de onde, ele ouviu uma voz que vinha, através do tempo e do espaço, longe:

"Wiesenthal e logo, outra vez Wie-sen-thal!
Agora prestou bem atenção e escutou dizer: É este aquí. Vire-se! Meio cegado pela chuva, viu o rosto de outro SS, o Rottenführer Koller, que me disse para seguí-lo. Kautzer, que levava a efeito as execuções, ficou olhando assombrado. Havia sido indicado para executar 54 pessoas e não 53." (Não tinha tocado sino, para missa nenhuma, mas o Simon milagrosamente tinha escapado novamente de ser fuzilado).

Seu amigo Oberinspektor Kohlrautz disse, quando o SS. Koller o trouxe de volta, que a Wiesenthal nós necessitamos. Estes cartazes têm que ficar prontos, para a festa da tarde, principalmente aquele que dizia: "Wir danken unseren Führer — Nós agradecemos ao nosso Führer... Guenthert dizia que se fixou em Wiesenthal, entre os prisioneiros, porque sempre andava de cabeça erguida e olhava as pessoas diretamente nos olhos. Os demais SS diziam que Wiesenthal era um impertinente. Entre Kohlrautz e Wiesenthal havia um tácito laço de simpatia. Kohlrautz respeitava a dignidade de Wiesenthal e sua perícia técnica. Muitas vezes havia assinado com seu nome desenhos técnicos feitos por Wiesenthal e demonstrava sua gratidão fingindo ignorar as pistolas que Wiesenthal havia colocado na sua própria escrivaninha. Kohlrautz contava o que havia escutado nas proibidas ondas da BBC de Londres. E mandava levar comida para a mãe de Wiesenthal, que se encontrava no Ghetto."...

11.000.000

Simon Wiesenthal não deixa por menos: foram 11 milhões de inocentes, homens não beligerantes, mulheres e crianças. NO total 6 millhões de judeus, e cinco milhões de iugoslavos, russos, polacos, tchecoslovacos, holandeses, franceses e muitos outros!!! Só de criancinhas o número é de 1 milhão!!!

Wiesenthal participou ativamente no processo de Nürnberg, onde lincharam os Chefes alemães, e também em Dachau, onde os órgãos genitais de mais de uma centenas de soldados alemães foram inutilizados, no intuito de serem obtidas informações sobre câmaras de gás, que não existiam.

Tom Mix

"No campo de concentração de Lwów, um dos mais perversos guardas das SS, era conhecido por Tom Mix, tirado do famoso mocinho de filmes do Far-west, pois seu passatempo pre-

dileto era montar a cavalo e atirar nos prisioneiros. Wiesenthal tem vários testemunhos, porém ainda não descubriu o nome verdadeiro do artista...

Como encher crateras de bombas

''Wiesenthal começou a entender os mistérios que a mente nazista encerra, logo após a guerra, quando começou a ler a correspondência que SSs. em serviço, nos campos de concentração, escreviam às suas esposas. Recorda uma carta que um Führer das SS, que descrevia como normal que uma unidade sua havia sido designada a encher uma cratera. Uma bomba russa havia aberto uma grande cratera em Umán, próximo de Kiev, na Ucrânia. Os matemáticos das SS calcularam que os corpos de 1.500 pessoas encheriam um buraco daquele tamanho **(Bota bomba nisso!)**, motivo pelo qual procuraram metodicamente este material de construção, executando 1.500 judeus, que foram colocados no buraco, colocaram terra e uma tela metálica. A cratera tinha sumido. Tudo era descrito sem emoção. Na primeira página da carta o SS perguntava pelas flores do seu jardim e prometendo que se empenharia para conseguir uma empregada russa para ajudá-la em casa.'' **(Gente com imaginação é outra coisa).**

''Wiesenthal cita outra carta que viu, onde o SS descreve à sua esposa como acabavam com as crianças recém-nascidas, atirando-as contra as paredes, para em seguida perguntar sobre seu próprio filhinho, se já estava curado do sarampo...''

De joelhos

''Pouco depois da guerra, quando Wiesenthal trabalhava para várias AGÊNCIAS NORTE-AMERICANAS, acompanhava oficiais norte-americanos em diversas visitas, e em diversas ocasiões teve que prender pessoalmente a SS acusados de crimes. Via em seus olhos a mesma expressão que via nos olhos dos judeus presos pelos SS. Mas Wiesenthal percebeu uma notável diferença: alguns dos super-homens da Gestapo e das SS, se colocavam de joelhos e pediam clemência, coisa que os judeus nunca fizeram. Wiesenthal HAVIA VISTO IREM PARA A MORTE A MUITOS JUDEUS (?). Em sua maioria tinham medo, em alguns se expressava o terror e era necessára a ajuda dos demais para sustenta-los. Uns rezavam e outros choravam. Mas nunca suplicaram por suas vidas...

''A pg. 73, descreve uma execução de seis judeus, em fins de 1942, de acordo com carta de Isak Kulkin, da Califórnia:

"Os seis homens foram enforcados no pátio da prisão. Presenciei a cena de uma janela próxima, e vi que uma das vítimas caiu ao solo, porque a corda se tinha rompido. Se atirou aos pés do SS Murer, suplicando clemência, porém o SS deu ordem para enforcá-lo pela segunda vez."

Eichmann

"Passei uma semana em Nürnberg, lendo dia e noite. Eichmann apareceu como chefe executor da máquina aniquiladora, que pedia constantemente que se lhe entregassem grandes somas para construir MAIS CÂMARAS DE GÁS E CREMATÓRIOS E PARA FINANCIAR INSTITUTOS DE INVESTIGAÇÃO ESPECIAL PARA ESTUDAREM OS GASES LETAIS E SEUS MÉTODOS DE EXECUÇÃO....." **(Teria sido muito mais fácil manter um contato com a Cruz Vermelha Internacional, até por telefone...)**

Mengele

"O nome do Dr. Josef Mengele era familiar a quantos estiveram em Auschwitz, e mesmo se não passaram por este campo. Mengele tem milhares de crianças e adultos em sua consciência. Em 1944 foi ele quem determinou que milhares de húngaros de Auschwitz deviam viver ou morrer. Odiava especialmente os ciganos, talvez porque ele parecia ser um(?), e ordenou a morte de milhares deles. Tenho o testemunho de um homem que viu como Mengele atirava uma criatura viva às chamas e o de outro que presenciou como Mengele matou uma moça de 14 anos com uma baioneta."...

"Hermann Langbein, escritor judeu, me disse uma vez que VIU Mengele entrar num bloco infantil de Auschwitz, para medir as estaturas das crianças. Fez que as crianças se colocassem, uma atrás da outra contra um poste que havia na entrada e que possuía alguns pregos, que marcavam a altura apropriada para a sua idade. Se a altura não atingia aos pregos, Mengele fazia um sinal com o chicote e a criança era levada para a câmara de gás. Mais de 1.000 crianças foram assassinadas nesta ocasião..."

"Mengele, como Dr. em medicina sacrificou milhares de crianças gêmeas de toda a Europa, injetando-lhes dolorosas soluções, para obter a transformação da cor de seus olhos de castanho para azul..."

"Mengele era um SS perfeito. Sorria para as mocinhas bonitas, enquanto as enviava para a morte. Frente ao crematório de Auschwitz, lhe ouviram dizer uma vez: Aqui os judeus entram pela porta e saem pela chaminé..."

Interessante lembrar o que disse o dono da chácara de São Paulo, onde Mengele havia sido zelador, por ocasião do exame do seu cadáver por equipes técnicas vindas de várias partes do mundo, quando lhe perguntaram se achava que aquele seu ex-empregado poderia ser o tão procurado assassino de campos de concentração. Sua resposta foi fantástica: "Não, absolutamente não. Meu zelador era um homem boníssimo, amigo de todos, lia muito, gostava de crianças, música, flores e animais, incapaz de fazer mal a alguém! O corpo não é de Mengele!"

Porém era realmente Josef Mengele, mas não era aquilo que a grande Imprensa apresentava... Estava fugido, sim, como muitos outros, para não mofar nas prisões, como Rudolf Hess, e também para não ser morto como Eichmann e milhares de outros, que não tiveram uma pátria para defendê-los, pelo contrário, que ainda se presta para perseguir os que lutaram e se sacrificaram por ela. Uma pátria onde tudo é crime de guerra e portanto nada prescreve. O dia que a Alemanha recuperar a letra do seu Hino Nacional, deixar de ser um Protetorado ocupado, arrancar as placas com nomes de traidores e inimigos nas suas ruas, não deixar que seus filhos sejam levados para visitar campos de concentração, que ofendem a memória dos seus próprios antepassados, por falsearem totalmente a História da última guerra, neste dia a Alemanha estará novamente acordada, depois do pesadelo em que foi atirada pelos vencedores!

A família que abrigou Josef Mengele, que estão tentando processar por não tê-lo denunciado como criminoso, quando perguntada porque não o denunciou, deu outro exemplo ao responder que NÃO IRIA TRAIR UM AMIGO!

A AGULHA INFALÍVEL

O título acima, que dei, para a história que vem a seguir, não me parece mal colocada. À pg. 227/28, o contador de histórias, desde a Universidade de Praga, nos brinda com a seguinte:

"... Enquanto Ruth me contava toda a história, eu pensava em outra coisa, em certa cena gravada em minha memória, que nunca poderei esquecer, e que ocorre em uma pequena habitação de cor cinza escuro. A entrada está a esquerda, a saída no centro da parede de trás e essa saída dá diretamente ao crematório do Campo de Concentração de Grossrosen, próximo ao que então era Breslau e hoje é Wroclaw, Polônia."

"No cenário não há mais que uma mesinha com várias seringas, e umas poucas garrafas cheias de um líquido incolor e uma

cadeira, não mais que uma. Um ligeiro cheiro de carne queimada flutua no ar. Estamos no ano dè 1944 e a hora pode ser uma qualquer, do dia ou da noite. Nos achamos na ante-câmara do crematório de Grossrosen; Não há câmara de gás neste campo de concentração **(Milagre!)** e o crematório é manejado por um russo, chamado ''Ivan o Negro'', porque A FUMAÇA CONSTANTE DEIXOU PRETAS A SUA CARA E AS MÃOS. Ivan tem um aspecto realmente terrível, mas poucos internados o vêm enquanto vivos. Quando Ivan se ocupa deles, a gente já não lhe tem mais medo. Ele transporta suas cinzas até uma horta vizinha, onde são usadas como fertilizantes, nele os guardas plantam verduras para a cozinha do campo. Sei tudo isso porque eu sou um dos prisioneiros que trabalhavam naquela horta.''

''Agora aparece um homem jovem no centro da sala. Sobre o seu uniforme das SS, leva uma bata branca de médico. A maioria dos prisioneiros não conheciam até aquele momento, o jovem Dr., que era membro do ''Comitê de Seleção'' **(O Wiesenthal é que conhecia todo mundo)**.''

''Quando chegam os transportes de prisioneiros, se lhes ordena a baixar a rampa e ficar em posição de ''Sentido'' frente à mesa. O Dr., sentado atrás dela, move o seu indicador para a direita — vida, ou para a esquerda — morte. Um SS vai fazendo os sinais na lista. O Dr. faz uma segunda revista no despojo humano que tem na sua frente.

Abre a boca!... Mais!

Faz um sinal de concordância com a cabeça. O prisioneiro ainda vale algo: TRÊS DENTES DE OURO **(Nem morto o Dr. nazista deixaria escapar esta vítima, logo os nazistas tão apegados ao ouro e dólares...)**. O Dr. marca uma grande cruz negra, a testa do prisioneiro, com um grosso lápis molhado.''

''Abtreten! — sair da fila. Todos os marcados têm que registar-se nos escritórios do campo e os dentes de ouro que têm na boca são devidamente registrados. Já não lhes pertencem, mas os SS permitem usá-los enquanto estiverem vivos, pois quem é que disse que os SS eram desumanos? **(Ele ainda faz a sua gracinha...)** Não seriam capazes, nunca, de arrancar os dentes de ouro de um homem vivo.''

''Logo os prisioneiros que se dirigiram para a esquerda, voltavam a estar frente ao jovem de branco, em uniforme de médico, e que tem grande habilidade no seu trabalho. Enche a seringa, diz ao paciente, que está desnudo até o umbigo, para sentar-se na cadeira (aquela única cadeira). Dois SS o seguram. O jo-

vem Dr. se coloca rapidamente na frente do prisioneiro, crava a agulha no seu coração e lhe injeta o líquido. A agulha contém ácido fenólico: é mortal."

"A Herr Dokter Babor (este o nome do jovem) os seus superiores o querem muito bem, e chamam-no de Herr Dokter, apesar de saberem que ele era apenas um estudante de medicina, com o sexto semestre aprovado na Universidade de Viena."

"Sempre lhe dou uma dose letal maior, para estar bem seguro, ele diz aos superiores."

"O Dr. é muito humano. Às vezes os prisioneiros estão muito assustados quando eles lhe administra o golpe de graça, mas não tem muito tempo para pensar, pois há outros pacientes à espera. Os corpos dos mortos são arrastados rapidamente até a porta da saída e pouco depois, OS QUE ESTÃO DO LADO DE FORA, vêm sair fumaça da chaminé." **(É Ivan, o Crioulo, trabalhando...)**

Eu não sei o que os leitores acharam da história, se examinaram os detalhes das coisas que Wiesenthal conta; por isso vamos fazer um rápido exame da mesma:

1.º — Ele inicia falando de cena, que gravara na sua memória e que nunca mais esqueceria. É portanto testemunha ocular.

2.º — A descrição do ambiente, da sala, do crematório, do Ivan, não deixam dúvidas de que ele conhecia bem o ambiente.

3.º — Chega o Dr., ele está lá; quando chegam os transportes de prisioneiros, ele estava lá; quando entram na fila, ele estava lá: quando o Dr. move os dedos, decidindo a sorte dos prisioneiros, ele estava lá; quando o Dr. examina a boca do prisioneiro, ele estava lá, porque até contou que tinha 3 dentes de ouro; quando saem da fila e se dirigem aos escritórios, para fazer o cadastramento dos dentes de ouro, ele estava lá; quando os prisioneiros escolhidos para morrerem se apresentaram novamente ao Dr., ele estava lá; quando o médico prepara a seringa e finca a agulha no coração do infeliz — que está seguro na cadeira por dois SS, ele estava lá; Os que estão do lado de fora da sala vêm apenas sair fumaça da chaminé, ele descreve a cena do interior da mesma com a retirada dos corpos, ele estava lá;

4.º — O que estava fazendo o Sr. Wiesenthal dentro daquela sala? Era o assistente do Dr.? Bem provável, pois escutou posteriormente a conversa do Dr. Babor com seus Superiores, quando lhes informou que sempre aplicava uma dose maior nos prisioneiros, para estar seguro do efeito!...

5.º — Convém observar também a sutileza do autor da história, querendo mostrar que nos campos, onde não havia câma-

ras de gás, a máquina de extermínio funcionava igualmente, como no caso presente, na base da agulha...

PARA MANTER MENTIRAS DESTE QUILATE, O MUNDO É BOMBARDEADO E SATURADO DIARIAMENTE, HÁ QUASE MEIO SÉCULO, COM FILMES, LIVROS, DEPOIMENTOS E NOVAS HISTÓRIAS ANTI-NAZISTAS!

Dizem que "a mentira tem pernas curtas"; eu também acho, mas quando ela é repetida diariamente, durante meio século, como acontece com estas acusações contra os alemães, com citações mínimas, na Imprensa, das conclusões contrárias de alguns poucos estudiosos, a coisa complica, e já teve época em que a maioria dos alemães estava segura de que isso realmente tinha acontecido.

Aqui no Brasil, há pouco dias, um professor de História, quase teve um ataque de Histeria, ao tomar conhecimento, por intermédio de um amigo, do assunto do meu livro... Ele, da geração nascida após 1945, se considerava um verdadeiro especialista do assunto de campos de concentração e gás, e das crueldades nazistas, de tanto que leu a respeito. Este seu "amplo conhecimento" ele transmite aos inocentes alunos. Sua atitude, pré-histérica, não poderia ter sido outra, pois era a primeira vez que escutava "algo totalmente diferente"...

Entre as muitas outras histórias, todas constantes deste livro com as Memórias de Simon Wiesenthal, intitulado "Los Asesinos entre Nosotros", vou citar mais uma, à qual se pode dar o título de...

O PIQUENIQUE DO SIMON

Consta às pgs. 336/337:

"Era uma tarde de setembro de 1944. Nos achávamos nas proximidades de Grybow, Polônia, durante a retirada alemã da frente russa. O campo de concentração de Lwow havia sido liquidado, seus 200 guardas SS se haviam "desligado" com êxito do avanço do exército vermelho e EU era um dos 34 sobreviventes do campo, que os SS guardavam, como pretexto de sua retirada do Leste."

"Aquela tarde o Rottenführer Merz, (das SS) me havia convidado para acompanhá-lo para uma visita ao povoado vizinho. A comida escasseava, se tratava de conseguir algumas batatas e como eu falava polaco, Merz pensou que lhe poderia ser útil." **(Para convidar Wiesenthal da forma descrita, tinha que ser do "peito"...).**

"Era um dia de calor. Encontramos dois sacos pequenos de batatas na casa de um camponês; assim, na volta, cada um carregava um saco, coisa por si só já insólita, pois, de costume, eu teria tido que levar os dois." **(Até o Wiesenthal acha que foi uma atitude insólita, mas Amigo é prá estas coisas...)**

"Ao chegar a um arroio, junto a um bosque, Merz sugeriu que nos sentássemos um pouco para descansar. Merz foi um dos poucos SS que se havia mostrado sempre correto com os prisioneiros: não nos havia batido, nunca nos havia falado aos gritos: pelo contrário, se dirigia a nós com um "Senhor", como a seres humanos. **(Ele sabia escolher suas amizades...).** Todavia, eu não estava preparado para o que se seguiu. Merz me disse:

— Quando pequeno me contaram aquele conto de fadas do menino que deseja ir para algum lugar, expressa seu desejo e uma águia, com enormes asas, o leva para lá: Te recordas sr. Wiesenthal?

— Bom, recordo aquele do tapete mágico.

— Sim, a idéia é a mesma.

Merz havia se deitado de costas, boca para cima e contemplava o céu. Estávamos tomados pelo murmúrio das árvores e o suave rumor do arroio. Tudo era pacífico, irreal, o prisioneiro e o SS descansando no idílico campo, no meio da apocalipse.

— E se a águia lhe levasse para a América, sr. Wiesenthal? me perguntou Merz — Was würden Sie dort erzählen? — O que o Sr. contaria lá?

— Permanecí silencioso. Estaria ele esperando que eu cometesse uma indiscreção?

— Merz adivinhou meus pensamentos. Sorriu e me disse:

— Não tema, Pode falar com franqueza.

— Herr Rottenführer — respondi com tato — A verdade é que nunca pensei nisso. Como poderia eu ir para a América? É como se pretendesse ir *para a lua* **(Naquela época ninguém ainda tinha chegado lá).** Eu procurava ganhar tempo. Ainda admitindo que Merz era a exceção, um SS bom, como poderia confiar nele?

— Imagine-se, sr. Wiesenthal, que chega a Nova York e que a gente lhe pergunta: Como eram esses campos de concentração alemães? Diga-me o que responderia o Senhor?

— Pensei. Agora estava seguro de Merz e confiava nele. Mas mesmo assim me era difícil responder. Lhe disse, me recordo de forma vacilante:

— Acho... acho... acho que lhes diria a verdade, Senhor Rottenführer.

— Iria matarme? Eu havia visto os SS matar gente por muito menos do que isto.

Merz continuava contemplando o céu. Fez um sinal de concordância com a cabeça, como se já esperasse por aquela resposta.

Nada acrescentei. Era mais seguro deixá-lo falar.

— O Senhor contaria a verdade aos americanos. E sabe o que ocorreria, sr. Wiesenthal?

— Se levantou lentamente, me olhou e sorriu:

Não lhe acreditariam. Diriam que o Senhor ficou louco e talvez o encerrassem num manicômio!"

Esta é, pois, uma pequena amostra das Memórias daquele que é apresentado como milagroso sobrevivente dos campos de concentração nazistas. Eu acho que além de ser um Mentiroso, Simon Wiesenthel, como arquiteto, muito "vivo" e também muito bom de conversa, ficava, nos campos de concentrações, em funções totalmente invejáveis em relação a outros prisioneiros, fato que ele próprio não resiste de contar em várias histórias.

Não seria nada estranhável de que Wiesenthal se tivesse transformado em Caçador de Nazistas, para pagar dívidas contraídas nos Campos de Concentração...

OS SOVIÉTICOS OCUPAM AUSCHWITZ

Em janeiro de 1945, os alemães começaram a evacuar, por grupos, os prisioneiros de Auschwitz e Birkenau, tendo por destino a Alemanha, pois as forças soviéticas estavam se aproximando.

Quando os soviéticos chegaram a Auschwitz e Birkenau, encontraram 4.800 entre doentes e também pessoas que não estavam em condições de grandes caminhadas. Todos eles porém tinham ficado sob cuidados médicos.

895.392 MORTOS

Paul Rassinier no "El drama de los Judios Europeos", baseado nos números apresentados pelo Prof. judeu Raul Hilberg, encontra a quantidade acima de judeus que, no período de 1931 a 1945, morreram de alguma forma — doença, velhice, na guerra, na guerrilha, nos bombardeios, etc., o que significa um pouco mais de 9% da população judaica existente em 1939 nos países que estiveram envolvidos na guerra.

Este percentual é incrivelmente baixo, em relação às perdas alemãs e soviéticas, também em vista aos habitantes existentes em 1939.

O Dr. Listojewski, judeu, declarou à Revista "The Broom", de San Diego, Califórnia, no dia 11 de maio de 1952:

"Como estatístico tenho me esforçado durante dois e meio anos em averiguar o número de judeus que pereceram durante a época de Hitler. A cifra oscila entre 350.000 e 500.000. Se nós os judeus afirmamos que foram 6.000.000, isto é UMA INFAME MENTIRA." ("Derrota Mundial", pg. 598).

Paul Rassinier muito se refere ao fato do Movimento Sionista Mundial se opôr a que se façam recenseamentos nos Estados Unidos, pois "provocariam a cólera de Deus", segundo os sionistas. Muita gente acha que Deus ficaria até contente, em ver de um momento para outro, um crescimento anormal de judeus dentro dos Estados Unidos... Seriam os que emigraram, da Europa na época, ou seus descendentes. Houve regulares emigrações, para os Estados Unidos, também através da União Soviética e Ásia.

Grande parte das mortes nos campos de concentração era motivada por epidemias de doenças, principalmente o tifo, e cólera, de difícil controle na época, e que atingia também as guarnições dos campos. O próprio Dr. Mengele, tão acusado, contou que arriscava a sua própria vida, mas atendia os prisioneiros atacados destas doenças, em várias épocas distintas...

DECLARAÇÃO DE GUERRA OFICIAL JUDAICA CONTRA A ALEMANHA

Durante a celebração do XXV Congresso Sionista de Genebra, do dia 16 a 25 de agosto de 1939, o Dr. Chaim Weizmann (sem dúvida nenhuma o maior batalhador pela causa sionista) exortou A TODOS OS JUDEUS DO MUNDO, INDEPENDENTE DE ONDE SE ENCONTRAVAM, A QUE PARTICIPASSEM DA LUTA CONTRA A ALEMANHA. **(Isso aconteceu: — Uma semana antes de ser iniciada a guerra entre a Polônia e a Alemanha!!!).**

No dia 3 de setembro de 1939, exatamente no dia em que a Grã-Bretanha e a França declararam a guerra à Alemanha, o Presidente da Agência Judaica de Jerusalém, Palestina na época, publicou sua opinião, dizendo: "O Governo de Sua Majestade declarou, hoje, a guerra à Alemanha de Hitler. Nestes momentos, tão importantes para o destino, a comunidade judaica abriga em seu coração três desejos diferentes: a proteção da Pátria judaica, o bem-estar do povo judeu e a vitória do Império Britânico. A guerra que a Grã-Bretanha agora defronta, por culpa da Alemanha nazista, É TAMBÉM A NOSSA GUERRA. PROPORCIONA-

REMOS AO EXÉRCITO E AO POVO BRITÂNICO, SEM NENHUM TIPO DE RESERVAS, A AJUDA QUE PODEMOS E DEVEMOS DAR!!!

Apesar destas declarações de guerra, feitas em fins de agosto e começo de setembro de 1939, somente após o começo da ajuda norte-americana à União Soviética **(Ajuda provocada pelos interesses Sionistas)**, em 1941, os alemães começaram a concentrar um maior número, dos judeus alemães, nos diversos campos de trabalho, como Auschwitz e outros, em cujas imediações os alemães haviam montado ENORMES COMPLEXOS INDUSTRIAIS.

CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO NORTE-AMERICANOS

Ao contrário dos alemães, os norte-americanos, logo após a declaração de guerra ao Japão, prenderam e colocaram TODOS OS MILHARES DE JAPONESES — homens, mulheres e crianças — QUE MORAVAM E TRABALHAVAM, NOS ESTADOS UNIDOS, EM CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO, COMPLETAMENTE CONFINADOS, e de onde só saíram após a assinatura do armistício.

Como não podia deixar de ser, não existem detalhes ou pormenores deste fato. Apenas RARÍSSIMAS CITAÇÕES. Sobre indenizações, nem citações...

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ

Ao citar indenizações, me veio a lembrança um fato que poucos leitores sabem: a República Democrática Alemã, também chamada Alemanha Oriental, ou ainda de Alemanha comunista, não pagou nenhum Phennig (centavo) de indenização a judeus, por eventuais perdas ou mesmo por mortes.

Este fato me foi contado, no ano passado, no trem que faz o trajeto Berlim Oriental-Hamburgo, por um cidadão alemão, aparentando 70 anos, que antes havia se queixado do pouco dinheiro que recebiam, para viajar para o lado Ocidental.

Perguntado pelo motivo da não indenização, a exemplo da Alemanha Ocidental, pois naquela região não deviam ter existido, relativamente, menos judeus, ele não soube precisar; porém achava que, lá, os judeus não foram considerados estrangeiros, pois se tinham nascido na Alemanha, eram também alemães; eram, portanto, considerados judeus por professarem a fé judaica, como nós professamos a fé cristã.

Se foram presos é porque não se portaram como ALEMÃES. Isto foi dito num tom de voz, que não deixou dúvidas de que meu companheiro de cabine não morria de simpatias pelos mesmos.

Apesar de não ter mostrado, também grandes simpatias pelas autoridades da Alemanha Oriental, por lhe terem dado muito poucas divisas, para tirar duas semanas de férias, o alemão concluiu que lá **(referindo-se à Alemanha Oriental, pois já estávamos viajando em território Ocidental)** os alemães também gostam muito de contos de fadas, porém não acreditam nelas, ao contrário dos alemães daqui... **(Referia-se às indenizações).**

A esposa do alemão desempacotou dois belos sanduiches, com os quais se deliciaram, sem mostrar o mínimo interesse em continuar a conversa, para meu desgosto, olhando apenas as paisagens que se apresentavam através da enorme janela.

OS ÚLTIMOS MOMENTOS DE HITLER E SEUS TESTAMENTOS:

Do livro "Porque perdí a guerra", de Saint-Paulien, pgs. 374/377:

"No dia 28 de abril de 1945, alguns minutos antes da meia noite, Hitler contraiu matrimônio com Eva Braun. A boda se realizou na sala de mapas do "Bunker", da Chancelaria. Um funcionário municipal, Walter Wagner, perguntou se estavam decididos a permanecer unidos para o "melhor e para o pior", responderam: Sim. Depois de terem assinado a ata do matrimônio, os dois testemunhas, Goebbels e Bormann, os felicitaram, assim como Magda Goebbels e seus filhos, os generais Krebbs e Burgdorf, o coronel Bergdorf, o Coronel Von Below, Arthur Axmann, Chefe das Juventudes, o barão Von Loringhoven, suas duas secretárias Sras. Gerda Christian e Gertrud Junge e alguns outros oficiais.

Beberam uma taça de champanha. Muitos dos presentes mal podiam conter as lágrimas pois sabiam o que iria acontecer em breve.

Após se despedirem, Hitler ditou à Sra. Junge o seu testamento privado:

"Por não ter podido assumir as responsabilidades de um matrimônio, durante os anos de luta, hoje, antes de morrer, decidi tomar como esposa a mulher, que depois de numerosos anos de fiel afeto, veio por sua própria vontade, a esta cidade, quase cercada, com a finalidade de compartilhar comigo o destino. Segundo sua própria vontade entrará na morte comigo na qualidade de Esposa. Isto será para nós uma espécie de compensação,

se for considerado tudo que minha missão a serviço do meu povo, me impediu de oferecer à minha mulher.

Na medida que tenham um valor qualquer, meus bens pertencem ao Partido ou para o Estado, caso o partido não exista. Se o próprio Estado for destruído, resulta inútil qualquer outra instrução.

Os quadros que reuni não foram adquiridos com vistas a formar uma coleção pessoal, senão para criar um museu de pintura na minha cidade preferida, Linz. Desejo do fundo do coração que este desejo seja respeitado.

Minha esposa e eu decidimos morrer, para escapar à vergonha do cativeiro e da capitulação; É nosso desejo que nossos corpos sejam incinerados, neste lugar, onde efetuei a maior parte do meu trabalho cotidiano durante os doze anos que consagrei a meu povo.''

Em seguida, com mais lentidão, ditou seu testamento político:

''Transcorreram mais de 30 anos desde que dei minha modesta contribuição, como voluntário, na Primeira Guerra Mundial, que foi imposta ao Reich.

Durante 30 anos, somente o amor ao meu povo e minha fidelidade a ele tem guiado meus pensamentos, meus atos e minha vida. Me deram a força de tomar as decisões mais difíceis que jamais se apresentaram para a eleição de um homem... Não é verdade, que eu tenha desejado, nem a Alemanha, a guerra de 1939. A guerra foi desejada e provocada exclusivamente pelos políticos internacionais, de origem judaica, que serviam interesses judaicos.

Propuz, com demasiada freqüência o controle e a limitação de armamentos, para que a posteridade possa imputar-me a responsabilidade de haver desencadeado o conflito. **(É só o que fazem...)**. Nunca desejei que depois dos horrores da Primeira Guerra Mundial, estalasse outra contra a Inglaterra e a América. Passarão os séculos, mas as ruínas de nossas cidades e nossos monumentos serão testemunhas, e delas brotarão para sempre o ódio contra os responsáveis destes desastres: a juderia internacional e quem se pôs a seu serviço.

Três dias antes do ataque contra a Polônia, propus ao governo britânico uma solução razoável do problema germano-polaco. Minha proposta foi rechaçada, porque o bando que ocupava o poder na Inglaterra queria a guerra a qualquer preço, em parte por razões comerciais e também porque estava influenciada pela propaganda da juderia internacional. **(Lembrem-se da**

praticamente mesma expressão que teve o próprio Chamberlain, para Joseph Kennedy!). Leva assim a responsabilidade dos milhões de mortos nos campos de batalhas, nas cidades bombardeadas e das populações civis aniquiladas.

Após seis anos de uma guerra, que apesar de nossas derrotas, se inscreverá na História como a mais heróica e gloriosa manifestação do desejo de viver de uma Nação, não posso abandonar a cidade que é Capital do nosso país. Nossas forças são demasiado reduzidas para resistir por mais tempo aos ataques dos inimigos contra esta cidade. Um exército de cegos autômatos aplastará nossa resistência. Desejo compartilhar a sorte dos milhões de seres que resolveram ficar em Berlim, mas não quero cair em mãos do inimigo, que tratará de oferecer um novo espetáculo, apresentado pelos judeus, com o objetivo de divertir as massas histéricas. Decidi, portanto, permanecer em Berlim e dar-me, voluntariamente, a morte, no momento que julgue que a residência do Führer e Chanceler não possa mais ser defendida.

O valor do Estado Maior da Wehrmacht não pode compararse ao Estado Maior durante a Primeira Guerra Mundial. Tudo que foi empreendido pelo Estado Maior da Wehrmacht fica muito atrás do que se efetuou no transcorrer da Primeira.

É de esperar que os oficiais do exército alemão possam fazer um ponto de honra, no futuro, como é o caso dos oficiais da nossa marinha, que reafirmaram por todos os meios o espírito de resistência dos soldados e sua fé nacional-socialista. É de desejar que o exemplo do criador do Movimento demonstre que a morte é preferível à resignação e da capitulação, que toda rendição de territórios e cidades é uma traição. E é de desejar que os chefes possam dar o exemplo da fidelidade ao dever até a morte.

O povo e as forças armadas se tem entregue por inteiro a esta longa e terrível luta. Seus sacrifícios tem sido imensos. Mas muitos chefes tem abusado de minha confiança. A deslealdade e a mais vil traição tem minado a resistência do povo alemão em todo o decorrer da guerra. Por isso não me foi permitido levá-lo à vitória.

Olhando a morte, cara a cara, posso evocar com alegria e orgulho as magníficas realizações do nosso povo, nossos camponeses e nossos operários e a contribuição única trazida à nossa história, pela Juventude que leva o meu nome. Seu sacrifício, o de nossos soldados e sem dúvida o meu, semearão o grão que germinará um dia, num glorioso renascimento do nacionalsocialismo, em uma nação verdadeiramente unida."

No dia 30 de abril já se lutava em torno da Chancelaria. En-

tre os defensores que mais se destacavam estavam os remanescentes da Divisão "SS-Carlomagno", formado de franceses voluntários; Foram os franceses, que receberam as três últimas condecorações entregues pelos alemães; as três últimas "Cruzes de Cavalheiros" foram entregues pelo Gen. SS Mohnke, ao Comandante Fenet, e a dois sub-oficiais Vaulot e Appolat. Também tiveram grande destaque nesta batalha os voluntários espanhóis, da Divisão Azul, sob o comando do Tenente Roca. Na batalha de Berlim ainda lutaram soldados voluntários dinamarqueses, noruegueses, suecos e belgas, unidos na Divisão "Nordland".

Às 15 horas e 35 minutos do dia 30 de abril de 1945, Hitler e sua esposa se suicidaram. Ela com veneno e ele com um tiro de revólver. Sua cinzas sumiram.

Quando morre um Chefe de Estado, os governos estrangeiros ordenam colocar as bandeiras a meio pau, em sinal de luto. No presente caso apenas duas Nações respeitaram a tradição: a Irlanda — que sempre recebeu apoio alemão na sua luta de independência da Grã-Bretanha, e Portugal.

GOEBBELS E HIMMLER

Josef Goebbels, sua esposa e todos os seus filhos menores se suicidaram.

Heinrich Himmler, se apresentou voluntariamente aos ingleses e suicidou-se no mesmo dia. Este fato está sendo encarado hoje com grande suspeição, pois não é uma atitude normal de alguém que está afim de suicidar-se. Suspeita-se que foi suicidado, pois os seus depoimentos seriam de muito mais importância do que qualquer dos outros indiciados, pois ele, ao que tudo indica, entendia de campos de concentração, e pior, existiam contra ele inúmeras acusações, por também ter pertencido à Gestapo. Era um homem que poderia facilmente desmontar acusações infundadas, que estavam sendo preparadas, por isso seu afastamento. Da mesma forma que agiram com o Comandante Baer, de Auschwitz, que sempre negou a existência de câmaras de gás, e que também foi tirado de circulação...

O LINCHAMENTO DE NÜRNBERG

Em virtude do Tribunal ter funcionado sob total influência do ódio, da mentira e da mistificação, não entrarei em detalhes dos julgamentos lá efetuados. Enquanto não forem indicados os lo-

cais onde se encontram os processos originais, com todas as provas também originais, para que possam ser examinados devidamente por pesquisadores, historiadores e especialistas, provas estas que foram usadas para condenar de qualquer forma, o que lá se passou realmente só pode ser tachado de "Seção de Linchamento", como o próprio Juiz Robert H. Jackson declarou aos seus colegas, norte-americanos, antes de se dirigir à Alemanha, afim de assumir as funções de Juiz do Tribunal de Nürnberg.

Vamos ver o que aconteceu com alguns dos condenados:

MARECHAL GOERING: Numerosos judeus, que haviam emigrado da Alemanha para os Estados Unidos, regressaram como **MEMBROS DO TRIBUNAL, muitos ainda não sabiam pronunciar** bem o inglês. "Não era necessário fazer tantas coisas para matar-nos" declarou Goering. Dotado de grande espírito humorístico, tornou-se o "astro" durante todo o julgamento. Os juízes e fiscais passaram por maus momentos, com suas respostas certas e sarcásticas. Teve um dia que o Juiz Jackson (do linchamento) foi tomado de um acesso de cólera, ao sentir-se ridicularizado por Goering, atirando longe um maço de atas e protestando contra o "insubordinado réu".

A todos os réus se acusou de haverem propiciado o rearmamento da Alemanha..., de haverem invadido vários países e de haverem enchido a educação da juventude com ideais nacionalistas...

A acusação mais grave, na verdade a única que movia o Tribunal, foi a de que os nazistas haviam perseguido o movimento político judeu, ato ao qual foi dado o sugestivo nome de "Crimes de Guerra contra a Humanidade"...

Nürnberg foi simbolicamente a vingança do poder secreto israelita, contra o único movimento político e ideológico que o desafiou nos últimos Séculos. ("Derrota Mundial", de S. Borrego, pg. 664/665).

Os soviéticos apresentaram o Marechal Paulus, que havia se rendido em Stalingrado, e que classificou de infundada e criminosa a ofensiva alemã contra URSS. Os Marechais Keitel e Jodl retrucaram que se haviam concentrado 155 Divisões soviéticas, nas costas da Alemanha, enquanto ela lutava na frente Ocidental. Von Paulus disse que... não se lembrava; Goering lhe gritou: Traidor!

Goering foi condenado à morte, escapando da forca, por haver-se suicidado na cela. Churchill e Anthony Eden haviam sugerido executar Hitler, Goebbels e Goering, sem julgamento!

HJALMAR SCHACHT — Ainda segundo "A derrota Mundial", "é significativo que o único ex-Ministro de Hitler absolvido em Nürnberg foi Schacht. Antes de começar a guerra ele mantinha secretas conexões com a máquina econômica israelita e foi um eficaz traidor. Antes da guerra sabotou o rearmamento alemão, pôs diversos obstáculos no caminho de Hitler e já em plena guerra, enviava segredos ao exterior e incentivava a generais como Witzleben, Hoeppner, Lindemann e outros, para que atuassem contra Hitler. O Tribunal de Nürnberg reconheceu seus "méritos" e o deixou livre. Apesar de não possuir aparentemente um Pfennig, Schacht ficou em seguida dono de um Banco, o "Schacht & Cia.", de Düsseldorf, onde passou a viver..."

AS EXECUÇÕES

"O fiscal inglês Sir Hartley Shaweross especificou que a competência do Tribunal se estendia, também a "atos cometidos contra os judeus alemães domiciliados na Alemanha". Fixou assim um precedente extraordinário em todo o mundo, porque significa que o hebreu constitui sempre um Estado dentro de outro. Sua nacionalidade de nascimento, ou de naturalização não passa de ser um meio conveniente que lhe ajuda a penetrar nos círculos não judaicos."

"Foram tantas as irregularidades do Tribunal Internacional, que o Juiz norte-americano Carlos F. Wennerstrum, da Suprema Corte da Justiça de Iowa, comentando posteriormente a respeito, declarou que "advogados, burocratas, intérpretes e investigadores eram indivíduos que haviam adquirido a nacionalidade norte-americana há pouco tempo e que estavam embebidos dos ódios e pré-julgamentos europeus. Uma grande parte destes novos americanos (judeus) cruzaram o Atlântico durante a guerra, não por sentirem amor à América, mas porque temiam a Hitler... A defesa somente teve acesso aos documentos que os fiscais consideravam convenientes!" **(O que vem ajudar a tese de linchamento).**

"Na noite das execuções chovia em Nürnberg.

Como última concessão se aumentou a ceia dos condenados: salada de batatas, carnes frias, chá e pão de centeio. Ribbentrop, o Marechal Keitel, o General Jodl e outros trocaram seus trajes de presídio por seus velhos uniformes e se arrumaram. Os aliados, profundamente contrariados pelo suicídio de Goering, **fizeram levar seu cadáver para o local das execuções,** como simbolismo. No ginásio da prisão se haviam erguido 3 for-

cas, das quais duas seriam usadas alternativamente, ficando uma terceira de reserva. Dez refletores iluminavam profusamente o ginásio, como se fosse um dia de festa."

"O primeiro a chegar ao cadafalso foi Joachim von Ribbentrop, de 53 anos, ex-Ministro das Relações Exteriores. Na véspera havia dirigido a seguinte carta a seu filho Rudolf: "Empreenderei minha última viagem sem vacilar, com a segurança de haver feito, como bom patriota alemão, tudo que pude fazer... Um dia a verdade sairá à luz pública... Despedir-me de vocês é difícil, muito difícil. Mas tem que ser assim e não devemos queixar-nos. Permanecei unidos na sorte e na desgraça; creiam-me quando digo que eu e todo o meu carinho estarão sempre convosco. Te abraço, querido filho."

"Ribbentrop caminhou até a forca, custodiado por dois guardas. Neste momento já havia dominado seus nervos. Eram 1:11 horas da madrugada do dia 16 de outubro de 1946. Na presença dos funcionários norte-americanos, russos, ingleses e franceses, de repórteres e de uns quantos funcionários convidados de honra, se lhe permitiu fazer uma última declaração:

"Deus proteja a minha Alemanha, disse Ribbentrop. Meu último desejo é para que a Alemanha alcance o seu bem-estar e que o Oriente e o Ocidente cheguem a um entendimento. Desejo a Paz para o mundo."

"Não respondeu quando pediram, para ele dizer seu nome, na primeira vez. Da segunda vez respondeu com voz forte: Joachim von Ribbentrop!"

"Depois da declaração, ele ficou o olhar retamente e apertou os lábios. À 1:16 minutos caiu o fundo falso: à 1:30 h foi declarado morto. Ao funcionar a forca, cada réu cairia exatamente a altura do seu corpo mais 15 centímetros."

"A vítima seguinte foi o Marechal Wilhelm Keitel, de 64 anos, Chefe do Alto Comando Alemão. Sobrevivente de duas guerras, tinha 45 anos como soldado; era conhecido como o "homem silencioso"; trabalhador de enorme capacidade, muito cuidadoso nos detalhes."

"Havia pedido aos seus guardas, que o avisassem um pouco antes de o levarem à forca, afim de "arrumar e deixar limpa sua cela". Viveu uma vida espartana e se dizia que somente sua mulher o conhecia verdadeiramente. Quando seu filho menor, o Tenente Hans, morreu em julho de 1941 durante a batalha de Smolensk, o Marechal se manteve impassível, porque dizia que era pouco germânico mostrar luto por um filho que havia alcançado a honra suprema de morrer no campo de batalha. O marechal prus-

siano entrou na câmara de execução com a cabeça muito alta. Olhou em redor, enquanto suas mãos eram amarradas com tiras de couro. Caminhou com passo militar entre os dois guardas, até a escada do patíbulo, a qual subiu lenta mas firmemente... Possivelmente pensou nos seus filhos que haviam morrido na frente soviética e disse:

"Peço a Deus Todo Poderoso que tenha piedade do Povo alemão! Milhões de alemães morreram por sua pátria antes que eu. Sigo agora os passos dos meus filhos. Tudo pela Alemanha!"

"Ha mais de 2.000 anos os persas chamaram os generais gregos de Ciro — o Jovem — para parlamentar, e em seguida os assassinaram. Desde então nada semelhante tinha voltado a acontecer no mundo. Até Nürnberg. Keitel e Jodl, generais alemães, parlamentaram com os aliados e assinaram a rendição incondicional. 17 meses mais tarde estavam sendo enforcados!!!"

"Depois de Keitel, foi a vez do General Alfred Jodl, de 54 anos, Chefe do Estado Maior de Hitler e seu fiel servidor. Várias testemunhas se referiram ao fato de Jodl ter saído de sua cela normalmente e quase alegre, não deplorando sua sorte, mas apenas dos que deixava para trás. Ao subir o cadafalso gritou: Te saúdo, minha Alemanha!"

"Julius Streicher, de 61 anos, editor da revista "Der Stürmer", inimigo do movimento político judaico, havia sido capturado pelo major Henry Pitt, oficial judeu do exército norte-americano. Quando chegou ante a forca, gritou com toda a força dos seus pulmões: Heil Hitler!"

"O grito de Heil Hitler, diz o correspondente Kingsbury Smith, produziu um calafrio... Streicher foi virado para que os representantes aliados o pudessem ver. Com um ódio selvagem retratado em seus olhos, Streicher contemplou os testemunhos e gritou: Festa do PURIM de 1946! — O Purim, a que se refere Streicher, é um dia de Festa Judaica. 508 anos antes de Cristo o Ministro Aman conseguiu que o rei da Pérsia Asuero, decretasse a execução dos judeus que estavam minando o Império, que os havia abrigado. Porém o poder israelita se havia infiltrado até as mais altas esferas e a mulher do rei Asuero, era a judia Esther, sobrinha de Mardoqueo. Em conseqüência, Esther conseguiu que o Ministro Amán e seus dez filhos fossem assassinados e que o Rei expedisse outro decreto autorizando que os judeus "se defendessem", o que deu lugar a que estes matassem seus principais inimigos, mas como não conseguiram acabar com todos naquele dia, se lhes autorizou para seguir este serviço no dia seguinte.

Estes dois dias são, anualmente, recordados pelos judeus, como Festa do Purim. As crianças israelitas fazem estas declarações, em côro: Maldito Aman! Bendito Mardoqueo! Maldita Zares, esposa de Aman! Bendita Esther — a rainha judia! Malditos idólatras! Bendito Harbona, que enforcou a Aman!"

"Isso explica o grito de Streicher. Quando o eco de sua voz se apagou, um coronel aliado disse a um guarda: Pergunte o nome a este indivíduo!

"Você sabe muito bem o meu nome, replicou Streicher. O coronel insistiu e Streicher voltou a gritar: Julius Streicher! Em seguida subiu as escadas da forca; Já com o laço na nuca disse: "E agora tudo fica nas mãos de Deus". Enquanto era ajustado o capuz, se escutou Streicher sussurrar estas palavras: "Adela minha esposa amada..."

"E assim foram enforcados Ernst Kaltenbrunner, Fritz Sauckel, Hans Frank, Arthur Seyss-Inquart, Wilhelm Frick e por último Alfredo Rosenberg.

"Os onze cadáveres e as 10 cordas do patíbulo foram conduzidas secretamente a um local desconhecido, onde foram incinerados, e como um segredo de Estado, suas cinzas foram espalhadas em algum lugar."

AS EXECUÇÕES DE PRISIONEIROS PROSSEGUIRAM DURANTE SEIS ANOS. Muitos oficiais ainda se acham presos.

Quem afirmar, como afirmam, que houve um extermínio planejado nos Campo de Concentração, contra os judeus, não passa num detector de mentiras!

Não existe a menor dúvida de que houve muitos e muitos casos de maus tratos e injustiças praticados contra os prisioneiros nos Campos de Concentração!

Acontece que o número total de judeus, em relação ao total dos prisioneiros, das mais diversas nacionalidades, existentes em todos os campos de concentração que existiam, nos territórios da Polônia e da Alemanha, era baixíssimo.

Apesar disso, praticamente todas as condenações de alemães se referem a prisioneiros judeus. É COMO SE OS MILHÕES DE PRISIONEIROS — RUSSOS, POLONESES, FRANCESES, ITALIANOS, TCHECOS, CROATAS etc. etc. NÃO TIVESSEM EXISTIDO — A GUERRA FOI SÓ CONTRA OS JUDEUS!...

Eu sei que qualquer excesso praticado contra prisioneiros, quando descoberto, era severamente punido; devendo, apenas como amostra, ser citado o caso, acontecido em Buchenwald, em 1944, quando as autoridades nazistas descobriram abusos praticados naquele campo, e o Juiz das SS Morgen processou

imediatamente o Comandante Koch, que foi FUZILADO, NA PRESENÇA DE TODOS OS PRISIONEIROS DO CAMPO, convocados para o ato, enquanto que outros funcionários foram presos!

Em Dachau o Dr. Med. Siegmund Rascher, realizou algumas experiências com prisioneiros condenado à morte, o que lhe valeu após julgamento, ser FUZILADO, em Innsbruck.

TODOS OS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO UTILIZADOS PELOS ALEMÃES, FORAM TRANSFORMADOS APÓS A GUERRA EM MONUMENTOS EM MEMÓRIA À TIRANIA DE HITLER! São visitados por milhões e milhões de pessoas. Na Alemanha, as escolas obrigam os professores a levarem os alunos, periodicamente, aos "monumentos", para conhecerem as "maldades praticadas pelos seus pais, avós e bisavós", que tiveram a petulância de lutar para recuperar, apenas um pouco, daquelas enormes e vastas terras que tiveram que entregar, por decisão do Tratado Versalhes...

MONUMENTOS...

Depois que os Campos de Concentração foram transformados em Monumentos em memória a crueldades não comprovadas em genocídio, não é de se ficar admirado quando surge OUTRO MONUMENTO.

Refiro-me a um Monumento gigantesco inaugurado no dia 1.º de setembro de 1985, com 19,83 metros de altura, na cidade de Wakkanai, no extremo Norte do Japão.

Estavam presentes, além das autoridades e convidados, todos os parentes das 269 vítimas... do "inocente" Jumbo da Boeing, pertencente às Linhas Aéreas Coreanas, "covardemente" abatido pelos aviões da Força Aérea Soviética, que sabiam que se tratava de um avião de passageiros, que por um "engano", se desviou totalmente de sua rota...

Isto aconteceu, como todos sabem, no dia 1.º de setembro de 1983. O fato foi considerado, nos Estados Unidos, O MAIOR ACONTECIMENTO DO ANO, e teve uma repercussão mundial, para mostrar como agem os comunistas com relação aos inocentes, pois havia várias crianças também no avião. Foi motivo de primeira página durante alguns dias. Ronald Reagan, perdendo outra grande oportunidade de ficar quieto, abriu a boca e falou besteiras.

Aos poucos iam aparecendo algumas notícias a respeito, tudo notícias sem nenhum destaque, de técnicos que achavam impossível tal engano de rota, acrescido do fato do piloto não ter

obedecido todos os tipos de sinais convencionais emitidos pelos caças soviéticos, antes de abater o avião.

Nesta altura, fomos assistentes de um concurso de pesca, entre os EUA e a URSS, para ver quem pescava o peixe, conhecido como "Caixa preta", que revelaria a operação planejada. Venceu a equipe dos EUA, e o segredo ficou em casa.

Em 19.6.84, os jornais publicaram, ainda com pequeno destaque, que de acordo com a revista Defense Attaché, o avião civil sobrevoou o espaço aéreo soviético como parte de uma missão de coleta de informações envolvendo o ônibus espacial Challenger, um satélite espião dos Estados Unidos e um avião de pesquisa eletrônica da Força Aérea Norte-americana. O jato da KAL teria sido usado como ISCA para fazer com que os soviéticos acionassem seu sistema de defesa aérea, de forma a que ele pudesse ser acompanhado e analisado pelos EUA. A revista ainda destaca que os planejadores da operação admitiram que os soviéticos não disparariam sobre um avião civil, a menos que tivessem certeza das suas atividades de espionagem.

Apesar de todos estes esclarecimentos, que não são considerados, levanta-se um Monumento em memória, vai ser notícia todos os dias 1.º de setembro, durante anos e anos, vai ter discursos, parentes chorando e naturalmente acreditando na história do monumento erguido para lembrar o sangrento fato!...

"PROVAS FOTOGRÁFICAS" ou ASSIM SE ENGANA A HUMANIDADE

Acredito que já foram apresentados depoimentos suficientes, de testemunhas oculares ou não, que descreveram os horrores nazistas... As bibliotecas da maior parte do mundo estão entupidas de livros com os mais diversos casos, contados por exprisioneiros, geralmente.

A pesquisa não seria completa se não apresentasse "provas fotográficas do holocausto". As que serão apresentadas a seguir, apareceram alguns anos **após** o fim da guerra 1945, e figuram em importantes e divulgadíssimos livros de estudos históricos, como "fotos originais", e também como "documentos fotográficos originais", ou coisas parecidas. As fotos foram copiadas do livro de Udo Walendy, "Bild Dokumente für die Geschichts-Schreibung", onde comprova as falsificações, e outras selecionadas por mim:

Foto N.º 1

"Mulheres com crianças indefesas diante da Execução".

O texto acima, para a foto 1, consta do livro "Faschismus, Getto, Massenmord", do Instituto Histórico Judáico de Varsóvia, editado por Roedersberg-Verlag, em 1960, de Frankfurt/M, pg. 334.

Conforme Walendy, pg. 14, trata-se da fotografia de um desenho. Toda a situação inclusive a parte dos fundos é irreal. O braço esquerdo do guarda, de chapéu e de rosto preto, a luminosidade do quadro totalmente exagerada, bem como os contornos anatômicos das mulheres na frente e atrás, mostram Êrros Primários. A proposital falta de clareza dos rostos, tornam desnecessária qualquer análise maior.

Foto N.º 2

"O fotógrafo, de mulheres, em Treblinka, que com suas crianças nos braços vão para as câmaras de gás, não é conhecido".

Com este texto foi publicado a foto acima, no livro de Ger-

hard Schoenberger — "Der gelbe Stern" — A estrela amarela — A perseguição Judaica na Europa de 1933 a 1945, de Rütten und Loening Verlag, de Hamburgo 1960, pg. 163.

Também foi publicado da mesma forma, em "The Pictoral History of the Third Reich" — A Shattering Photographic Record of the Nazi Tyrany and Terror-, de Robert Neumann e Helga Koppel, Batam Books, New York, 1962, pg. 191.

Trata-se da segunda versão do mesmo desenho fotografado, agora porém com algumas alterações, senão vejamos, da esquerda para a direita:

A quarta figura em pé, uma menina, está toda deformada da cintura para baixo: bem acima desta menina aparece misteriosamente um homem de boné: a quinta pessoa da fila, uma senhora gorda, segura um filho no colo: o braço do menininho dobrou de espessura em relação à foto 1; em sexto lugar, aparentemente olhando para o guarda, aparece uma senhora, com as pernas pintadas de preto, igual à foto n.º 1, Porém com cabelo comprido, ao invés de curto como na foto n.º 1; na sua frente, mais para os fundos, aparece agora nitidamente outra perna de mulher, também com as mesmas pintadas de preto; o guarda logo acima, trocou o chapéu por um quépi e trocou de casaco; abaixo do guarda aparece a mulher segurando, com seus braços deformados, outra criancinha, não aparecendo praticamente as pernas desta senhora; Como nona pessoa da fila, ainda aparece aquela senhora gorda; Nos fundos à direita uma mancha preta com partes brancas, simulando roupas?

Foto N.º 3

As mulheres que eram reunidas de toda a Europa, tinham que desnudar-se, assim como também às criancinhas, antes de serem conduzidas para as câmaras de gás".

Sob este título foi publicada esta foto, no livro: "Eichmann - Chefe dos guarda-livros da morte", Roederberg Verlag, Frankfurt, 1961, pg. 202. Também apresentada na documentação fotográfica, de Erwin Leisers "Mein Kampf" — da Fischer Bücherei Frankfurt e Hamburgo, 1962, à pg. 166.

Vamos examinar em conjunto, este novo desenho, totalmente retocado, da foto n.º 1, e que assim como as anteriores é uma "fotografia original"... Da esquerda para a direita:

A primeira mulher, está menos inclinada e está segurando alguma coisa diferente, com as mãos, em relação às 2 fotos anteriores, seus contornos estão melhor desenhados; a segunda parece ter os cabelos um pouco mais compridos, sua forma também está bem melhor: a terceira mulher da fila, de um lado teve sorte, porque o desenhista tirou toda sua barrigona deixando-a elegante, mas de outro lado a deixou aleijada, pois cortou fora sua mão esquerda — deixando apenas um toquinho, impedindo-a de continuar segurando os quadris de sua companheira da frente, conforme mostram as "fotos" 1 e 2; a quarta figura, a menina, ficou totalmente restaurada e ganhou contornos de adolescente; o homem do boné que apareceu na foto N.º 2, acima da menina, sumiu novamente; O menininho no colo da quinta mulher, ganhou finalmente uma linda perninha, a mãe do menino também perdeu a enorme barriga que tinha; a sexta mulher, aquela que olha para o guarda, que trocou novamente o quépi pelo chapéu e pela terceira vez trocou de casaco, não está mais com as pernas pretas e nem tão grossas; aquela perna que tinha aparecida na sua frente na foto N.º 2 sumiu totalmente — reparem também em todas as 3 fotos: a moça parece aleijada do braço esquerdo, pois somente aparece um pedaço do braço; a sétima figura, com o menininho no colo, agora aparece com seu corpo bem formado, mas... roubaram a perninha esquerda do seu nenê, pois nas fotos 1 e 2 sempre apareceu com duas perninhas...; a nona figura era a mais gorda de todas, agora está elegante; atrás dela, não se sabe de onde, surgiu uma nova mulher, que aparece como se estivesse numa sombra que não existia...

Fotos n.º 4 e N.º 5

São uma ampliação das fotos dos desenhos, para que os leitores possam fazer uma melhor apreciação das diferenças nos braços, pernas, cabelos, rosto e corpos. Vale a pena acompanhar a descrição das diferenças com um vidro de aumento!

Foto N.º 6

"Mulheres russas precisam desnudar-se antes de serem conduzidas para as câmaras de gás".

Com este título foi apresentada a "fotografia original" acima no "Macht ohne Moral" — Poder sem Moral —, de R. Schnabel, lançado em 1957, Frankfurt, pg. 480.

Trata-se de um desenho. Os reflexos de luz totalmente sem valor, excetuando a calça da senhora de costas. Os uniformes, os rostos, a roupa espalhada e braçadeiras são irreais.

Foto N.º 7

"Residentes poloneses diante do fuzilamento pelos SS assassinos".

Com este texto foi apresentada a "foto original" acima, no

livro "SS im Einsatz — Eine Dokumentation über die Verbrechen der SS", de Berlim Oriental, 1957, pg. 536.

Nesta "foto original" houve, além do "título", também várias alterações nos desenhos, que se aumentados, não se sobrepõe.

Foto N.º 8

A Gestapo trouxe Mulheres e Crianças para o Fuzilamento".

Sob este texto esta foto foi apresentada no livro "História Ilustrada da Segunda Guerra Mundial", tido como de "extraordinário valor, por sua ampla e rica apresentação de fotos claras e documentos, sobre acontecimentos, de todas as frentes, de inestimável valor histórico, pois nada é falsificado, nada é embelezado e nada é escondido"..., de K. Zentner, aparecido em 1963, em Munich, pg. 490, da editora Südwest Verlag Neumann KG.

"Execução em massa de mulheres em Lijepaja, na Letônia".

Sob este texto, esta mesma foto também apareceu em "Das Dritte Reich - Seine Geschichte in Texten, Bildern und Dokumenten", de H. Huber, A. Müller, assistidos pelo Prof. W. Besson, Editora Kurt Desch, Munich, Viena e Basel, editado em 1964, pg. 523.

Foi apresentado também, da mesma forma, pelo livro "Der gelbe Stern", antes já citado.

"Judias tirando suas roupas"...

Foi publicada sob este títulu na revista de circulação mundial "Der Spiegel" N.º 53/1966, à página 48.

As mulheres, sempre as mesmas, uma vez foram russas para a câmara de gás; outra vez foram polonesas, para fuzilamento pelos assasinos SS; depois as mulheres foram vítimas da Gestapo, a Polícia Secreta alemã; depois foram transferidas para as execuções em massa de mulheres, que não poderiam perder, na Letônia, para finalmente após a criação do Estado de Israel, em 1966, quando haviam adquirido a nacionalidade israelita, serem novamente executadas, desta vez pela Revista alemã "Der Spiegel"...

A foto N.º 8 é uma foto-montagem, envolvendo a foto N.º 6. Uma foto que mostra tão detalhadamente as dobras da calça da senhora, devia permitir a identificação dos objetos pelo menos próximos a ela... À esquerda da cabeça da senhora em pé, aparece desta vez uma forma diferente de um dos guardas, desta vez armado de fuzil, que não consta das outras! Se alguém se der ao trabalho, que teve o pesquisador Udo Walendy, deverá verificar que se as 3 fotos forem reduzidas ou ampliadas para um mesmo tamanho, não empatarão nunca...

Foto N.º 9

"Cadáveres no Campo de Concentração de Buchenwald"

Com este texto R. Schnabel, em "Macht ohne Moral", pg. 348, apresenta esta foto, que não passa de um total desenho. À primeira vista se leva um choque, porém examinados com vidro de aumento veremos que nada combina, inclusive a exagerada pintura das sobrancelhas das pretensas vítimas...

Foto N.º 9-A

A foto acima, tomada pelo exército norte-americano, no Campo de Dachau, após a libertação do mesmo, mostra o corpo de aproximadamente 60 pessoas, que foram expostas propositadamente no chão, para servirem de propaganda anti-nazista, para justificar ou tentar justificar um pouco o que tinham feito contra a Alemanha, deixando suas cidades em ruínas, como poderão ver no capítulo seguinte.

Quem são as pessoas que os americanos mandaram espalhar pelo chão? No começo diziam que era gente que tinha passado pelas câmaras de gás. Porém já há bastante tempo se sabe que morriam centenas de doentes neste campo DIARIAMENTE, após a "libertação"; pois presos haviam tocado fogo em todos os arquivos, visando, com este ato, esconder seu passado criminal, e impedindo desta forma que os médicos americanos pudessem dar os medicamentos adequados aos enfermos.

Geralmente insinuava-se que se tratavam de judeus mortos em câmaras de gás... O Cardeal Faulhaber, da Alemanha, afirmou que em alguns casos foram usados cadáveres de alemães, que haviam sido retirados dos escombros dos bombardeios, e enviados ao campo para serem cremados, para servirem aos interesses publicitários anti-nazistas. Atrás da carreta aparecem os capacetes de alguns soldados norte-americanos.

Fotos N.º 9-B e N.º 9-C

As fotos acima, que constam do Catálogo Oficial do Campo de Concentração de Dachau, editado pelo Comité Internacional

de Dachau, com Sede em Bruxelas (!), foram tiradas no dia da libertação pelos norte-americanos. Eu as apresento com a única finalidade do leitor poder diferenciar entre pessoas sadias e cadáveres de doentes. É interessante examinar, com um vidro de aumento, o rosto, e também o porte, dos prisioneiros, surpreendentemente sadios, em relação à expressão e magresa esquelética dos infelizes cadáveres de pessoas doentes, expostos, de forma nojenta, para propaganda anti-nazista, e desta forma, impressionar todo o planeta com as mais incríveis citações de extermínio em massa de judeus.

Eu não tenho a menor dúvida de que se um fotógrafo se desse ao trabalho de fotografar todos os cadáveres de Porto Alegre, que saem da Santa Casa e dos hospitais ou que estão no Instituto Médico Legal, durante apenas um mês, e se a estas fotos fossem acrescentados textos para impressionar os leitores, o efeito não deveria ser menor!

Foto N.º 9-D

"Bergen-Belsen"

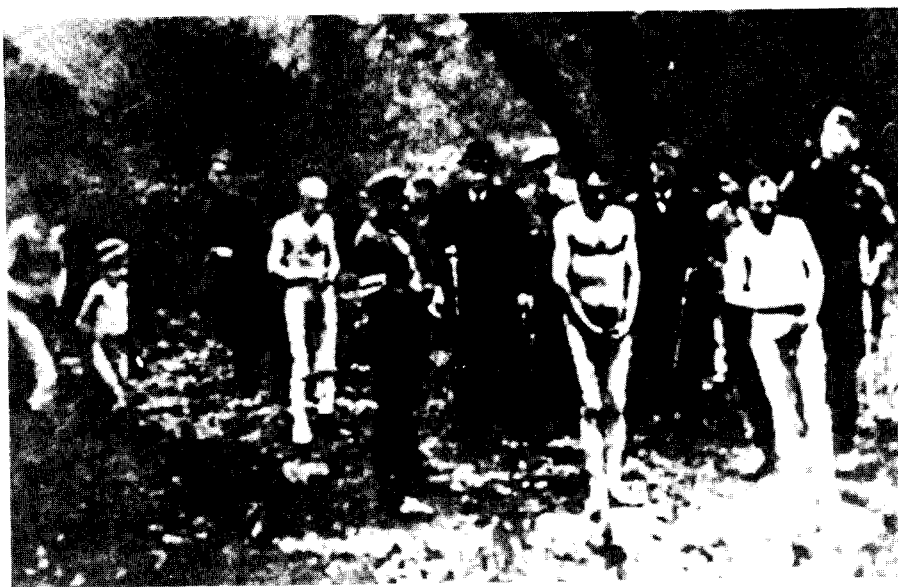
Sob este título do Catálogo oficial do Campo de Dachau, aparece a foto acima, sem dúvida a mais escabrosa mostrada ao

mundo, mostrando no campo de Bergen-Belsen, ocupado pelos ingleses, uma vala comum de aproximadamente 10x20 metros, contendo os cadáveres esqueléticos, iguais aos da foto N.º 9-A, com a diferença de que não estão enfileirados, mas colocados indiscriminadamente, fato que causa ainda mais pavor. Nesta vala devem ter em torno de 200 cadáveres de DOENTES. É fato comprovado que houve no fim da guerra epidemias de cólera e tifo neste campo, vitimando muitas pessoas.

"Vala comum, cavada pelas próprias vítimas, em Bergen Belsen, Homens e mulheres fuzilados. Câmaras de gás. O nazismo exterminou cerca de seis milhões de judeus."

Sob este mentiroso título, esta foto foi apresentada no livrc "Fato e Homens da Segunda Guerra", entre as páginas 80/81, editado pela Bloch Editores S.A., do Rio de Janeiro. Mistura-se descaradamente epidemias e doenças com extermínio provocado e planejado.

Esta Editora que possui também ampla rede de televisão — A Manchete, tem na sua Diretoria importantes confessos Sionistas, explora a pornografia no Brasil, pois edita revistas pornográficas.

Foto N.º 9-E

A foto acima foi publicada, sem texto, no livro "Der gelbe Stern", pg. 91, de Schoenberger.

Também sem texto aparece no livro "1939-1945 Cierpie-

nie i walka narodu polskiego", de Stanislaw Wrzos-Glinka, editado em Varsóvia em 1959, pg. 41.

"Cena de campo na Polônia ocupada: judeus nús, depois de cavarem sua vala comum, esperam o tiro na nuca." — Com este texto foi publicada uma cópia invertida desta foto, à pg. 196, do livro "O inimigo eleito", de Júlio José Chiavenato, de Porto Alegre.

Trata-se da fotografia de um desenho. A falta de nitidez, a incorreta iluminação e sombreamento já falam por sí. A figura nua à direita está fora de proporções anatômicas — largura dos ombros e comprimento das pernas, em relação ao tamanho da cabeça, além de estar numa inclinação também incorreta. O soldado bem à direita é alto demais em relação ao tamanho de sua cabeça e em relação às demais figuras desenhadas. O último civil à esquerda, de luva branca? está inclinado exageradamente.

Foto N.º 10

"Cadáveres de prisioneiros gaseados, na saída do porão de gás, antes da cremação".

Com este texto, o livro "SS-Henker und ihre Opfer", Viena, 1965, da Federação Internacional de Contra-combatentes, apresenta a foto acima.

Foto N.º 11

"Esta foto de David Szmulewski, pertencente à ilegal Organização de Resistência, foi tirada secretamente e contrabandeada para fora do Campo".

Com este texto, já retocada, apareceu em "Der gelbe Stern", famosa publicação já antes citada, pg. 162.

Em 1948, no livro "Zsidosors Europaban pg. 280, de Levai Jeno, de Budapest, é citado que o fotógrafo foi David Grek...

Esta cena que percorreu e ainda percorre o mundo, é segundo a "História" grande prova das câmaras de gás de Auschwitz. Na realidade, porém, não passa de um desenho. Examinem a figura em pé no canto esquerdo, que está diferente de uma para outra. O sol que ilumina os cadáveres não é o mesmo sol que iluumina os trabalhadores à direita. Compare-se, com vidro de aumento, as diferenças dos cadáveres. Da "foto original", de um David, de N.º 10, quando ampliada, apareceu nos pés do trabalhador de braços abertos, a "estranha figura" constante da foto n.º 12.

Como se não bastassem os desenhos, mal feitos, mas que conseguem enganar a qualquer pessoa que normalmente não vê e nem pensa em semelhantes imposturas, vamos examinar a cena descrita:

"Estamos vendo prisioneiros mortos por gás, na saída do porão onde foram gaseados, antes da cremação"... Ainda está saindo gás do porão... Mas esta turma do "Sonderkommando", que deve ser uma turma de veteranos, não dá a mínima para o gás, nem para o manuseio dos cadáveres, não usando máscaras e nem luvas... arrazando desta forma a tese, totalmente burra do

Dr. William Lindsey, qualificado como Expert em Química que, classificou como suicídio, o manuseio de cadáveres executados por gás Ziklon B, mesmo com máscaras e luvas...

Foto N.º 12

Foto N.º 13

"Cadáveres de prisioneiros, num vagão de carga, do transporte do campo de Sachsenhausen para o de Dachau".

Com este texto aparece à pg. 345 do Livro Macht ohne Moral, de R. Schnabel.

Trata-se de outro desenho. Vejam uma ampliação na

Foto N.º 14

Foto N.º 15

"Empilhados como madeira" (Dachau).

com este texto, apresenta L. Poliakow (o mesmo do caso Gerstein!) e Wulf, no livro "Das Dritte Reich und die Juden", pg. 209, a presente "Foto-Montagem".

Foto N.º 16

"Milhares de sapatos de prisioneiros assassinados em Auschwitz".

Este é o texto desta foto em "Macht ohne Moral", pg. 244.

Foto N.º 17

Esta foto foi copiada do livro sobre o campo de concentração de Lublin, "The Lublin Extermination Camp", Moscou, de 1944 (?) pg. 12.

Tratam-se dos mesmos sapatos, "fotografados" pela mesma pessoa, mas que não consegue dar nitidez aos sapatos um pouco mais afastados; também não foi esclarecido porque foram transferidos de Lublin para Auschwitz... Tratam-se de dois desenhos, um copiando do outro, pois apesar de parecidos, não existem sapatos totalmente iguais, num exame mais profundo...

Foto N.º 18

"Mauthausen"

Este é o título escolhido por R. Schnabel, em "Macht ohne Moral" página 341, se referindo àquele Campo de Concentração, para esta "foto". Com este texto também foi apresentado em Nürnberg, constando do volume pg. 421, das atas do Tribunal Militar Internacional, constando igualmente em "KZ Staat", Berlim-Ost 1960, pg. 81; Mauthausen, de Vavlav Berdych, Praga 1959, "Hitler — Aufstieg u. Untergang des Dritten Reiches".

Foto N.º 19

"Appel" (Chamada)

A "foto-original" N.º 19 é uma foto montagem, bem visível quando ampliada. O homem preto, no meio, contraria a tonalidade dos outros. O 3.º homem da primeira fila, da direita para esquerda recebe o sol de frente, enquanto o homem da extrema direita, da segunda fila só recebe o sol por trás. Apesar de toda luminosidade, não aparecem sombras das pessoas. A parede de tábuas está mal desenhada, pois as tábuas deviam correr em sentido cônico.

Na "foto-original" N.º 18, o homem preto ficou branco, a parede de táboas de madeira, atrás dos homens formados, "sumiu"... O sol começou a iluminá-los mais de frente; receberam de presente um monte de cadáveres, que colocaram na sua frente, para o qual porém não dão a mínima confiança... Lembrem-se que estamos examinando "fotos-originais" de atrocidades nazistas!!!...

Foto N.º 20

"O terror, nos países ocupados, tinha como primeiro objetivo: O extermínio da população judaica e o aprisionamento de todos os habitantes que não se submetiam ao regime. A Gestapo trouxe mulheres e crianças para fuzilamento".

Com este texto, apresentaram a foto acima no livro "Illustrirte Geschichte des Zweiten Weltkrieges", pg. 490.

A mesma "foto" N.º 20, após receber alguns melhoramentos, por retoques, foi publicada também no "Der gelbe Stern" pg. 96.

Foto N.º 21

"Um grupo de mulheres antes do fuzilamento. A esquerda aparece Purve Rosa, operária da Fábrica "Kursa", ao lado sua

mãe. Foto do Chefe da Gestapo, divisão de Lijepaja, Hauptscharführer Karl Schrot, de 15 de dezembro de 1941".

Esta foto foi apresentada, com este amplo texto, no livro "Verbrecherische Ziele — Verbrecherische Mittel, pg. 132.

A revista "Stern", de 22.10.67, apresenta esta foto como sendo da Ruthênia Branca, definindo-a como "Ação 1005".

Vamos comparar as duas fotos: O decote das blusas e vestidos na Foto 20 é em "V", enquanto na N.º 21 é quadrado. A senhora mais idosa, na primeira foto aparece com uma espécie de calças para montaria, enquanto que na 21, aparece com finíssima mini-saia. A operária da fábrica, Purve Rosa... **(Temos que admitir que imaginação não falta...)**, na foto 21, levanta a saia, possivelmente para agradar o Chefe da Gestapo, e mostrar suas lindas pernas. Trata-se de outra lamentável falsificação, desta vez até citando nome das vítimas e do fotógrafo, Chefe da Gestapo. Porém cairam em outro terrível erro, pois foi pesquisado que no dia da "foto-original", dia 15 de dezembro de 1941, fez 40 graus negativos na Letônia, impossível portanto de alguém ficar descalço, em trajes de verão e ainda fazer pose...

Foto N.º 22

Para a execução"..

A foto é apresentada com este título no livro "Eichmann-Chef-buchalter des Todes", de S. Einstein, Roederberg Verlag, Frankfurt, 1961, pg. 200."

Outro desenho fotografado, que nem chega a ser bom. Reflexos de luz, iluminação dos bastidores, a mulher bem nos fundos à direita, que parece flutuar, rostos, iluminação dos cabelos, sombras etc., além de tratar-se de uma situação totalmente irreal.

Foto N.º 23

"Judias no caminho da execução".

Este é o texto para a fotografia, apresentado na revista "Der Spiegel" N.º 53, de 1966, pg. 48.

"Execução em massa em Lijepaja, Letônia".

Com este texto a foto é publicada no "Der gelbe Stern" de Gerhard Schoenberger — A perseguição judáica na Europa de 1933 a 1945", com prefácio do famoso escritor Thomas Mann, à pg. 97...

É um desenho melhorado. Vejam as aberturas das pernas das duas senhoras à esquerda, que não combinam com a foto N.º 22. Deixando as duas "fotos-originais" do mesmo tamanho, não se sobrepõe!

O escritor Udo Walendy, no seu livro ainda apresenta uma infinidade de comprovações de falsificações e foto-montagens, que julgo desnecessário continuar apresentando.

Antes de encerrar esta série de comprovações fotográficas do holocausto, quero apresentar a

Foto N.º 24

"Hitler tira a máscara".

É este o título, que é dado para esta Foto-montagem. Encontra-se entre as páginas 192 e 193, do livro do qual extraí uma série de histórias, antes citadas, "Los asesinos entre Nosotros" — Memórias de nada mais nada menos que do nosso conhecido SIMON WIESENTHAL, foto-montagem realizada, pelo próprio, no ano de 1945, veja-se sua assinatura e o ano 45, em baixo no canto esquerdo deste seu trabalho.

Será que o Sr. Wiesenthal, ficou somente neste um trabalho?... Que foi praticamente um pioneiro neste tipo de trabalho não há dúvida nenhuma, pois ele próprio deu o ano: 1945, isto é quando terminou a guerra.

Foto N.º 25

"Hitler e Göring regozijam-se com a fácil queda da França". Sob este título aparece a foto à pg. 85, do livro "Hitler", de Alan Wykes, da Editora Renes. Trata-se de uma fotografia publicada no N.º 49, do jornal ilustrado alemão da cidade de Colônia, "Kölnische Illustrierte Zeitung", em alemão e francês.

Foto N.º 26

Vamos examinar agora o que os DEFORMADORES DA HISTÓRIA fizeram com a fotografia autêntica de N.º 25:

Deixaram a figura de Hitler, deram sumiço no risonho Marechal Göring da Luftwaffe, mas em compensação rodearam o Führer, até onde os olhos alcançam, com um mar de cadáveres desenhados... Esta Foto-Montagem consta à pg. 74, do livro "Segunda Guerra Mundial" — História fotográfica do grande conflito — de Charles Herridge, editado pelo Círculo do Livro e distribuído pela Abril S. A., com o seguinte texto:

"Uma foto em tamanho natural de propaganda oficial alemã.

Hitler esfregando as mãos alegremente, ao inspecionar um campo coberto de soldados russos mortos".

Esta falsificação, descoberta por mim, durante a pesquisa, deixa bem claro o intuito dos autores de mostrar a selvageria do Führer!...

OS DIÁRIOS DE ADOLF HITLER

O Governo alemão, que permite a livre circulação de literatura que ofende o seu povo, com fotos do quilate antes apresentado, que deformam a imagem do povo germânico, em todo o mundo, é rigorosíssimo contra qualquer literatura, mesmo tratando-se de profundas pesquisas, que tentam demonstrar o contrário. Assim, ao que tudo indica, não são raras as proibições de livros, de autores alemães, que tentam, de alguma forma, desmascarar o LÔGRO, do qual é vítima a Alemanha.

Me disseram, na Alemanha, que até o nome de Hitler foi proibido de ser pronunciado, em público, sob pena de ser denunciado e ter que dar explicações. Deve ser mais ou menos assim, pois no ano passado em Oberammergau, durante um almoço, em companhia de um casal de alemães, ao citar o nome de Hitler, fui advertido, pelo alemão preocupado, para citar apenas o nome "Adolf" quando me referisse a Hitler, pois poderíamos ser denunciados... É uma situação inconcebível. O Governo alemão não age, em muitos casos, como Nação livre, mas igual ou pior que as, antigamente, chamadas Repúblicas de Bananas... das Américas!

Graças ao bastante alto padrão de vida que conseguiram atingir novamente, após a guerra, grande parte dos alemães está mais preocupada em gastar o que ganha, em lugar de pensar no futuro, principalmente dos jovens.

Num ambiente desta ordem, apenas seria surpresa, se o Governo alemão NÃO declarasse como falsos os Diários de Hitler, que vamos analisar em conjunto, para tirar as conclusões.

Antes de entrar no mérito dos Diários, vamos ver o que o Jornalista brasileiro Paulo Francis, de Nova York, escreveu para a "Folha de São Paulo", em 1983 — tenho o recorte mas não tenho a data:

"Um leitor me pergunta por que não escreví sobre os falsos diários de Hitler, a que dei credibilidade. Não dei credibilidade. Disse que deveriam ser examinados para ver se eram reais, em vez de SEREM DECLARADOS FALSOS, por gente que tirou "Patente" sobre o assunto, sem falar dos habituais interesses israelenses em manter Hitler demoníaco, o que é feito toda semana em livros, filmes, TV, etc. É claro, dei algum crédito a Hugh Trevor-Roper, que AUTENTICOU os diários no "London Times". Trevor-Roper foi agente do MI-6, serviço secreto, na Segunda Guerra, e encarregado por Churchill de verificar a morte de Hitler. Produziu o melodramático mas impecável documentado "Os úl-

timos dias de Hitler". O artigo dele dava uma página de jornal (Referindo-se aos diários), Dias depois começou a RECUAR. O resto é história."

A Revista "Veja" N.º 765, de 4/5/83, pg. 37, publicou a seguinte "Carta ao leitor".

"Os 60 volumes de documentos manuscritos que começaram a ser divulgados na semana passada pela revista alemã "Stern" como os Diários Secretos de Adolf Hitler levantaram, em todo o mundo, uma empolgante polêmica histórica. **(Eu diria: Um verdadeiro PAVOR, em determinados círculos)**. Se autêntico, como indica o conjunto de evidências reunidos pelos Editores, com base no trabalho de ESPECIALISTAS, tais papéis podem ser um importante ponto de partida para se REVER A HISTÓRIA de um dos períodos cruciais deste Século — a ascenção do nazismo na Alemanha e a II Guerra Mundial."

"As primeiras revelações a emergir dos documentos mostram, por exemplo, que pode ter ocorrido um envolvimento pessoal de Hitler muito maior do que até agora se supunha nas obscuras manobras para obter uma paz em separado com a Inglaterra. Joga-se nova luz, também, sôbre as relações entre Hitler e seus principais colaboradores — marcadas, segundo os diários, por largas doses de desconfiança e rancor. Chama a atenção, ainda, a REPROVAÇÃO de Hitler AOS PRIMEIROS ATOS DE VANDALISMOS ANTI-SEMITAS na Alemanha. O episódio da publicação dos diários, e a análise dos primeiros trechos a vir a público, são o tema da reportagem de capa desta edição, a partir da pg. 52."

Vamos examinar uma parte das declarações do historiador Hugh Trevor-Roper, antes citado por Paulo Francis, e que foi uma das muitas pessoas convidadas pela Revista Stern, como especialista em assuntos de Adolf Hitler, para examinar e opinar sobre a autenticidade dos diários, e que por motivos "NÃO ESCLARECIDOS" teve que fugir da raia, desmentindo tudo o que afirmara...

De acordo com a Revista "Manchete" N.º 1620, de 7/5/83, pg. 26, Trevor-Roper informa que:

"Um oficial da Wehrmacht recolheu o material que se salvou do acidente e o escondeu num celeiro durante quase 35 anos. Há três anos, o ex-oficial, então com 80 anos, e vivendo na Suíça, passou os documentos para o Sr. Gerd Heidemann **(Chefe de reportagem da revista "Stern", de Hamburgo, a quem infrutiferamente procurei entrevistar em agosto do ano passado, em Hamburgo)**, jornalista de Hamburgo e colecionador de me-

morabilia do nazismo. Heidemann teve sucesso em sua busca ao oficial da Wehrmacht, após seguir uma longa trilha de pistas que levaram de Börnersdorf até a América do Sul, passando por toda a Europa Ocidental. Os documentos, escreveu Trevor-Roper no Times de Londres de sábado passado, foram então, ao que tudo indica, contrabandeados da Alemanha Oriental e guardados NO COFRE DE UM BANCO SUÍÇO. Não ficou claro como a revista "Stern" tomou posse deles. Mas a revista, uma vez adquiridos os diários, deu início a uma extensa investigação por todo o mundo, para verificar sua autenticidade. O Stern diz que membros de sua equipe conseguiram entrevistar aldeões que foram testemunhas oculares do acidente. De acordo com o Times de Londes, FORAM FEITAS ANÁLISES QUÍMICAS DO PAPEL E DA TINTA. Trevor-Roper editor e autor de diversos livros sobre Hitler escreveu: "Quando entrei na sala dos fundos daquele Banco suíço, e comecei a virar as páginas daqueles volumes, minhas dúvidas gradualmente se dissiparam. Estou agora convencido de que são autênticos." Trevor-Roper diz que BILHETES COLADOS NAS CAPAS DE VÁRIOS DOS DIÁRIOS ESPECIFICAVAM QUE ERAM PROPRIEDADE DO FÜHRER e que no caso de sua morte, deveriam ser dados a Julius Schaub, durante muito tempo seu ajudante e amigo, para que, através deste, chegassem às mãos da irmã de Hitler, Paula(?).

Trevor-Roper explica que deu particular importância a uma observação que Hitler fez a Hans Baur, seu piloto pessoal, o qual descreveu que Hitler ficou abatido quando soube da queda do avião: "Naquele avião estavam todos os meus arquivos pessoais, que eu pretendia fossem um testemunho para a posteridade! Hitler dizia: É uma catástrofe!" De acordo com Trevor-Roper, quase metade das pinturas e desenhos de Hitler foram destruídos. Entre os 400 que estavam a bordo do malfadado avião da Luftwaffe, havia vários desenhos de Eva Braun, incluindo alguns nús. **(O leitor deve lembrar-se dos quadros de pinturas, citadas no seu testamento, e que deveriam ir para um museu de arte de Linz, sua cidade favorita).**

As outras descobertas, diz Trevor-Roper, ESPANTARÃO OS HISTORIADORES e os padrões de pensamento sobre os hábitos de escrever e a personalidade de Hitler, e até mesmo sobre alguns acontecimentos públicos, terão que ser revisados. Elas incluem VOLUMES INTEIROS escritos por Hitler sobre Jesus Cristo, Frederico o Grande, ele próprio, assim como um terceiro volume do "Mein Kampf". Trevor-Roper escreve: "São os outros documentos que me convenceram da autenticidade dos diá-

rios, porque todos pertencem ao MESMO ARQUIVO. Enquanto assinaturas, documentos isolados, ou até mesmo grupos de documentos podem ser habilmente forjados, arquivos completos e COERENTES, atravessando 35 anos, são infinitamente mais difíceis de fabricar."

Às dúvidas e desconfianças despertadas mundo afora sobre a autenticidade do material, opunha-se uma consideração fundamental. Para QUALQUER FALSIFICADOR DE BOM SENSO, seria um disparate FORJAR tal volume de material, pois os riscos de descoberta da fraude ficariam grandes demais. Trata-se, afinal, de 60 volumes **(apenas os diários — fora o material restante)**, anotados a mão, com 5.000 páginas aproximadamente, sendo que cada uma das páginas foi rubricada pelo próprio Hitler, por Hess ou pelo lugar-tenente do Führer, Martin Bormann.

Com referência à noite de cristal, quando foram praticados vários atos de vandalismos contra as propriedades judaicas, Hitler escreve: "Não é admissível, com todo este vidro quebrado, que nossa economia, por causa de alguns cabeças quentes, perca milhões e milhões. Estes homens ficaram loucos? O que vão pensar no Exterior?"

Em outro trecho Hitler mostra admiração por Stalin, que quase derrotado, conseguiu reagrupar suas forças.

Não existe uma citação sobre campos de concentração e muito menos sobre "extermínio em massa", mas pelo contrário aparecendo preocupação de como retirar da Europa as populações de origem judaica, em seguida cita, "mas ninguém vai recebê-los. Comenta a hipótese de arranjar um território na Hungria, ou algum lugar no Leste Europeu, onde os judeus pudessem alimentar-se sozinhos, sem depender de ninguém."

Tendo em vista que a publicação destes diários, desmoronaria os acontecimentos apresentados até hoje de forma totalmente facciosa, o negócio era declarar a falsidade dos 60 volumes, o que não levou duas semanas.

Era uma opção relativamente fácil, para os donos do poder, que preferiram sacrificar 60 volumes, para não terem que reescrever toda a História e sacrificar os milhões de livros, filmes e revistas espalhadas pelo mundo, nos quais a maior parte da humanidade acreditava.

O Arquivo Federal, o Departamento Criminal Federal e o Instituto Federal de Exames de Materiais, após um pequeno e simples exame deram o veredito: — Na cola das etiquetas e na cartonagem dos volumes, a análise química detectou fibras de po-

liester, material que ainda não existia nos tempos de Hitler. A imprensa aos poucos está modificando a cola e a cartonagem, e já se escreve francamente que era o papel. Acharam até o falsificador do diário, o Sr. Konrad Kujau, que juntamente com Gerd Heidemann, o repórter, foram condenados a 4 anos e 8 meses de prisão, sendo porém imediatamente colocados em liberdade, após a sentença, apesar de terem dado um "prejuízo" à revista "Stern" ao redor de 10 milhões de marcos alemães (aprox. 180 milhões de cruzados, ou 10 loterias esportivas inteirinhas...). Nota-se perfeitamente que foi armada uma farsa para NÃO COMPLICAR O QUE JÁ ESTAVA FEITO.

Vamos pensar um pouco. Alguém acredita que uma empresa vá empregar tal soma, sem ter a mais absoluta certeza da autenticidade? É claro que não. Além do exame do papel e tinta, já anteriormente feito, conforme o próprio Hugh Trevor-Roper, foram contratados os maiores grafólogos conhecidos no mundo inteiro.

Assim o grafólogo americano Ordway Hilton, que examinou uma famosa autobiografia do milionário Howard Hughes, confirma textualmente a autenticidade dos diários, fazendo inclusive comentários técnicos sobre alguma variação encontrada, nas assinaturas de Hitler, principalmente em 1944, após a explosão de poderosa bomba, no interior de uma sala, quanto atentaram contra a vida do Führer, e sobre o qual deve ter alguma referência nos Diários.

Em outros pareceres, deve ser destacado o do Professor da Universidade da Carolina, USA, ex-refugiado do nazismo, o historiador e grafólogo judeu Gerhard Weinberg, que autenticou anteriormente um testamento de Hitler, e que também concordou com a autenticidade dos Diários de Hitler, honrando desta forma a sua profissão.

Trevor-Roper no seu depoimento citou que alguns volumes tinham bilhetes colados nas capas. É até possível que tenham sido examinados estes bilhetes e a cola que os fixou nas capas, pelo Inst.º Federal de Exames de Materiais, e não o mais importante que eram o papel e a tinta empregada, bem como o natural exame da letra, assunto sobre o qual não ví nenhuma notícia por parte do Governo alemão. É também mais que provável que alguns volumes tenham sofrido avarias, pois cairam juntos com o avião, de não sei que altura; neste caso podem ter passado por uma pequena restauração, onde pode ter sido empregada algu-

ma cola que não existia no tempo de Hitler, bem como algum pedaço de cartolina ou papel, que serviu para o pretexto desta fantástica declaração de falsidade.

A revista "Stern", que naturalmente foi obrigada a dar uma explicação ao mundo pela "falsificação" descoberta pelo Governo alemão, saiu-se com estas duas jóias de subserviência:

"1. A declaração do historiador britânico Hugh Trevor-Roper de que os "Diário de Hitler" reescreviam a maior parte da história do III Reich é irresponsável.

2. MESMO QUE OS DIÁRIOS TIVESSEM SIDO GENUÍNOS, a forma escolhida para sua publicação DEVIA TER SIDO PROIBIDA, em consideração para com as vítimas do poder nazista. A Stern não é a publicação na qual a justificação nazista poderia ter lugar."

Esta segunda parte pode também ser interpretada como:

É PROIBIDO PUBLICAR FATOS HISTÓRICOS VERDADEIROS!!!

(Sem comentário).

Depois de termos visto diversas fotos de desenhos, arranjos e foto-montagens sobre o holocausto judeu, de acordo com as diversas origens, vou apresentar aos leitores, com FOTOS REAIS, o que considero o

HOLOCAUSTO ALEMÃO

O número de vítimas inglesas, por bombardeios de qualquer forma, por bombas atiradas de aviões ou provocadas pelas Bombas Voadoras V-1 e V-2 **(os primeiros mísseis fabricados no mundo)**, durante os quase cinco anos de conflitos, NÃO PASSAM DE 60.000 pessoas, apesar de todas as propagandas feitas em torno do assunto.

Êste número, para surpresa de muitos, é inferior aos FRANCESES MORTOS POR BOMBARDEIOS ALIADOS, na França, que atinge a 65.000 PESSOAS. Este fato também é escondido ao máximo possível, ou melhor é citado o mínimo possível.

Até o dia 10 de maio de 1940, a Inglaterra vinha mantendo, com todo rigor, a regra de não serem atacadas, com bombas, as cidades abertas e nem a população civil.

Neste mesmo dia 10, data em que um dos principais responsáveis pela deterioração do Império Britânico, Winston Churchill, assumiu o posto de 1.º Ministro, naquela mesma noite, esta regra — pela primeira vez na História, foi quebrada, com um ataque contra a população civil.

Segundo Erich Kern, à pg. 136, do livro "Verbrechen am deutschen Volk" — Crimes contra o Povo Alemão: "A humanidade deve a perfeição do assassinato através do espaço, ao Professor judeu Frederick Alexander Lindeman, especialista em todos os assuntos de Condução de Guerra Aérea, e Conselheiro direto de Churchill. Contrariando totalmente o pensamento de outros Especialistas no mesmo assunto, Lindeman sustentou a sua Tese de que a Guerra de Bombas, contra a população civil alemã, traria a vitória das forças Aliadas.(!)

No começo de 1942, Lindeman, que neste meio tempo já havia sido nomeado Lord Cherwell, exigiu do Gabinete Britânico, num memorandum, para que fossem aumentados os bombardeios contra a Alemanha, pelos seguintes argumentos:

1. Os ataques a bombas devem ser dirigidas contra as regiões de casas de operários. As casas pertencentes a pessoas da classe média, pela sua forma de construção, apenas levam a um desperdício de bombas ***(Devia referir-se ao fato dos operários residirem em blocos de edifícios baixos, de apartamentos, enquanto a classe média e rica geralmente residia em casas mais isoladas, nas quais as bombas não podiam fazer tão grandes estragos...).***

2. Se a ofensiva aérea se dirigir, em geral, contra a população civil, será possível destruir a metade de todas as casas de todas as cidades com mais de 50.000 habitantes. Fábricas e instalações militares são difíceis demais para serem atingidas.

Apesar das opiniões contrárias, o Governo Britânico, sob Churchill, aprovou a intensificação do Terror Aéreo, no dia 14/2/1942.

Como primeira medida para atingir este objetivo, Churchill trocou o Comando dos Esquadrões de bombardeiros britânicos, que ficaram sob o comando do Marechal Arthur Harris, com a seguinte ordem secreta do Comando Aéreo:

"Foi acertado, que seu principal objetivo de ataque, a partir de agora, será abater a moral da população civil inimiga, principalmente do operariado."

A primeira vítima desta intensificação de bombardeios, foi a cidade de Lübeck, que na noite de 28/3/42, vide foto, recebeu 234 bombardeiros, cujo resultado apresentou 1.044 casas destruídas.

Rostock foi atacada no dia 24/4/42: 1.765 casas destruídas, 60% da cidade antiga arrazada. Assim começou a Dança da

Morte das cidades e da população civil, pois os ataques anteriores comparados com os atuais não passavam de brinquedos de crianças.

Na noite de 30 para 31 de maio de 1942, 900 bombardeiros voaram contra Colônia. Antes que estes aviões decolarem, o Marechal Charles Portal enviou uma nota em forma de Ata, ao Marechal Harris: "Eu espero, que esteja claro, que os pontos de ataque são as áreas residenciais, e não por exemplo as docas ou fábricas, apesar destes objetivos terem sido especialmente citados no começo da Ordem. Isto tem que ser bem esclarecido, caso alguém ainda não tenha entendido isto." **(Tudo indica que o Marechal Portal tinha recebido uma Ordem de execução por escrito, falando dos objetivos militares, porém a ordem verbal foi para a população civil. Com a nota em forma de Ata, ele apenas estava livrando sua responsabilidade).**

Em Colônia foram destruídas naquela noite 19.370 residências.

Segundo o Major-General J.F.C. Fulles, inglês, no dia 31 de maio de 1943, o Marechal Arthur Harris, friamente, assegurou:

"O que a Alemanha poude sentir no passado, é apenas comida de galinha, em comparação com o que vai passar a receber."

"O Comodoro do Ar, inglês, L. McLean, em "La ofensiva de la aviación de bombardeo", diz que foram ABANDONADAS AS NORMAS MAIS ELEMENTARES DE HUMANITARISMO, mas naturalmente a propaganda israelita se encarregou de que este fato NÃO CHEGASSE AO DOMÍNIO DO MUNDO. O cidadão médio — diz McLean — desconhece a verdade da ofensiva de bombardeio aéreo. Os promotores do poder aéreo, com seus meios de publicidade, radiolocuções e filmes, se ocupam para que nunca se conheça..."

"McLean cita que foram realizadas 1.440.000 missões de bombardeios, com um custo combinado, entre a Inglaterra e os Estados Unidos de 84 bilhões de dólares **(Na época)**. Por último McLean se surpreende que os promotores ingleses do terrorismo aéreo ocupem posições dominantes no governo. **(Do livro "Derrota Mundial", pg. 466, de Salvador Borrego).**

Especificar as cidades que foram bombardeadas é perder tempo, pois APENAS UMA CIDADE NÃO SOFREU BOMBARDEIOS: Heidelberg, onde se encontra uma parte das "tropas de ocupação aliadas".

No ano passado, passei alguns dias de férias em Cochem, uma pequeníssima mas linda cidadezinha às margens do rio Mo-

sela. Achando que lá não podiam ter acontecidos atos de guerra, falei com um dos moradores, que explicou que foram bombardeados não apenas uma, mas várias vezes... Esta cidade não deve ter mais de 5.000 habitantes!

Erich Kern, em "Crimes contra o Povo alemão", pg. 147, cita que no fim da guerra, nos dias 25 e 28 de março de 1945, Hannover foi novamente atacada, ficando aproximadamente 7.000 pessoas soterradas pelos escombros. Citando ainda que dos 472.000 habitantes que Hannover tinha antes da guerra, sobraram apenas 217.000; faltando portanto 255.200 habitantes!

Hamburgo, sofreu entre os dias 27 de julho e 3 de agosto de 1943, ataques devastadores, que causaram a destruição total de 250.000 moradias, do total de 556.000 que existiam. Compare-se Porto Alegre, que tem aproximadamente o mesmo número de habitações que havia em Hamburgo... O que adiantava entrar em abrigos anti-aéreos? Com ataques desta intensidade, os próprios abrigos ficavam soterrados, sufocando seus ocupantes. Lá fora as temperaturas oscilavam entre 600 a 1000 graus Celsius, ocasionados pelas bombas incendiárias comuns, de fósforo e também de inflamáveis líquidos, hoje chamadas de napalm, que eram arremessadas logo após às bombas e minas de destruição.

Para descrever os detalhes e resultados de cada ataque criminoso, efetuado pela aviação inglesa e norte-americana, contra a população civil da Alemanha e que muitas vezes atingiram também prisioneiros das mais diferentes nacionalidades, seriam necessários imprimir milhares e milhares de livros.

O mais devastador ataque aéreo da história da II Guerra Mundial não foi o de Hiroshima e nem o de Nagasaki.

Muito pior que os DOIS ATAQUES ACIMA JUNTOS, foi o ataque de TERROR desfechado contra uma Cidade Aberta, uma cidade sem defesa anti-aérea, uma cidade sem objetivos militares, uma cidade de normalmente 650.000 habitantes, mas que nos últimos dias havia sido invadida por aproximadamente 400.000 refugiados do Leste Europeu, em face do avanço soviético, perfazendo uma população amontoada superior a 1.000.000 de pessoas, no dia 13 de Fevereiro de 1945; refiro-me à Cidade de

DRESDEN

onde foi executado mais um planejado ataque de EXTERMÍNIO

CONTRA O POVO ALEMÃO, DESTA VEZ PORÉM UMA CIDADE ENTUPIDA DE REFUGIADOS!!!

Trata-se, sem a menor dúvida, DO MAIOR ASSASSINATO DE CIVÍS QUE A HUMANIDADE JÁ ASSISTIU EM TODOS OS TEMPOS — E isso aconteceu num espaço inferior a 48 horas.

Na Alemanha Oriental, a data de 13 de fevereiro é reverenciada com o toque dos sinos, durante aproximadamente 20 minutos.

A "Imprensa Internacional Aliada", procura de todas formas ignorar ou minimizar o acontecimento de Dresden, dando destaque apenas ao caso de Hiroshima, raramente citando Nagasaki, cidades que sofreram os impactos dos únicos artefatos atômicos empregados até hoje, mas cujo número de vítimas, em conjunto, não passou de 100.000 mortos. Acredito que somente reverenciam Hiroshima, porque a destruição de Dresden apenas era a continuação do PLANEJADO GENOCÍDIO ALEMÃO, EM ANDAMENTO HÁ VÁRIOS ANOS!!! Porque lembrar a morte de "Nazistas", "Arianos", "Racistas", "Matadores de judeus" e "Gente que queria dominar o Mundo"?... que eram as denominações mais usuais para o Povo Alemão...

Os dados e informações que serão transmitidas a seguir, foram extraídos do livro "A Destruição de Dresden", do escritor inglês David Irving, editado pela Editora Nova Fronteira, do Rio de Janeiro, que apresenta minuciosa descrição do que aconteceu nos dias 13, 14 e 15/2/1945.

Vamos examinar a Ordem do Dia N.º 47, emitida em 22/3/45, isto é mais de 1 mês após os ataques, do Comandante da Polícia Civil de Dresden para o Chefe de SS e Comandante da Polícia:

"Ataque aéreo a Dresden: No propósito de desmentir fortes rumores, segue-se um breve resumo das conclusivas declarações do Chefe de Polícia de Dresden sobre os quatro ataques de 13, 14 e 15 de fevereiro àquela cidade.

1.º ataque, em 13/2/45, de 22h09m a 22h35m; cerca de 3.000 bombas de altos explosivos e 400.000 incendiárias;

2.º ataque, em 14/2/45, de 1h22m a 1h54m: cerca de 4.500 bombas de altos explosivos e 170.000 incendiárias;

3.º ataque, em 14/2/45, de 12h15m a 12h25m: cerca de 1.500 bombas de altos explosivos e 50.000 incendiárias;

4.º ataque, em 15/2/45, de 12h10min a 12h50m: cerca de 900 bombas de altos explosivos e 50.000 incendiárias.

Relaciona, entre outras, "a destruição de 30 edifícios de Bancos, 36 de seguradoras, 31 lojas de apartamentos, 32 gran-

des hotéis, 25 grandes restaurantes, 75 edifícios municipais, 6 teatros, 18 cinemas, 647 locais de negócios, 2 museus, 19 igrejas, 6 capelas, 22 hospitais, 72 escolas e 5 Consulados, incluindo o da Espanha e da Suíça."

"No começo da tarde de 20 de março de 1945, foram recuperados 202.040 CORPOS, primitivamente de mulheres e crianças. Deve ser dito que o total de mortos deve subir a 250.000. Somente 30% DOS MORTOS FORAM IDENTIFICADOS. A Polícia Civil de Dresden teve 75 baixas e 276 desaparecidos e devem ser, na maior parte, considerados mortos. Como a remoção dos cadáveres não podia ser feita de modo suficientemente rápida, 68.650 foram incinerados e as suas cinzas enterradas num cemitério. Como os boatos excedem de muito a realidade, os mínimos dados podem ser usados livremente. As baixas e os danos foram bastante graves.. "O ataque foi particularmente danoso porque, sendo de grandes proporções, foi desferido no espaço de muito poucas horas."

ass. Grosse
Coronel da Polícia Civil

"No total houve 11.116 EDIFÍCIOS RESIDENCIAIS TOTALMENTE DESTRUÍDOS, 2.002 seriamente avariados, 1.510 moderadamente avariados e 13.211 ligeiramente avariados.

75.358 CASAS FORAM DESTRUÍDAS TOTALMENTE, 11.500 seriamente avariadas, 7.106 moderadamente avariadas e 80.936 ligeiramente avariadas.

"Para dar uma idéia aos leitores sobre a destruição da parte central de Dresden, local de grande concentração de habitantes e refugiados, de um total de 3.420 Edifícios Residenciais, que existiam, 3.308 foram totalmente destruídos, 16 seriamente avariados, 28 moderadamente avariados e 68 ligeiramente avariados; do total originalmente de 28.410 moradias, 24.866 foram totalmente destruídas, 242 seriamente avariadas, 428 moderadamente avariadas e 420 ligeiramente avariadas."

Quase 2.000 bombardeiros anglo-americanos participaram do planejado massacre, cujo primeiro ataque iniciou, dia 13/2/45 às 22:09 horas. Caíam bombas de até 4.000 quilos. "Este é um belo bombardeio, "comentou o Chefe dos bombardeiros... Como se tratava de uma cidade sem defesa, apenas houve a perda de 1 bombardeiro, por acidente... Às 22:30 toda a força do primeiro ataque a Dresden estava rumando de volta à Inglaterra. Em Dresden a situação era de pavor. Era noite, o sis-

tema de iluminação também havia sido atingido, e as mortes espalhadas pelos escombros... Foram mobilizadas forças auxiliares de toda a região próxima a Dresden, para tratar do atendimento de feridos e soterrados, nas áreas onde podiam se aproximar, afastados dos terríveis incêndios causados por cerca de 400.000 bombas incendiárias.

Enquanto os sobreviventes corriam, desesperados, pelas ruas, à procura de parentes e amigos, a força aérea do 1.º ataque se cruzou, nos ares, com a Segunda Força de bombardeios destinada também a Dresden, e integrada de nada mais nada menos que 529 "Lancasters", para os quais havia sido dada a Ordem de Ataque para 1:30 horas da madrugada, da mesma noite de 13 para 14/2/45.

A combinação dos horários entre o 1.º e o 2.º ataque não deixa a mínima sombra de dúvidas: VISAVA UNICAMENTE MATAR A POPULAÇÃO CIVIL!!!

Conforme relatado, posteriormente, por tripulantes desta missão, lhes foi dito na Inglaterra: (Atenção leitores) —

"IAM ATACAR O QUARTEL GENERAL DO EXÉRCITO ALEMÃO EM DRESDEN". Alguns tripulantes do Esquadrão 75 relembram mesmo a descrição de Dresden, pelos seus superiores, como a de uma cidade fortaleza. Foram instruídos para atacarem Dresden, com a finalidade de "destruir as armas e os armazéns de abastecimento da Alemanha". Foi-lhes dado a entender que era um dos principais centros de abastecimento da frente Oriental. Para o Grupo N.º 1, a ênfase foi dada à importância de Dresden como setor ferroviário e este seria o seu alvo. A informação preparada para o Grupo Canadense, descrevia "Dresden como uma importante área industrial, produzindo motores elétricos, instrumentos de precisão, produtos químicos e de munições". Os Oficiais de Instrução se excederam na imaginação: num dos quartéis foi dito aos tripulantes que iriam atacar o Quartel-General da Gestapo, no centro da cidade; noutro, uma fábrica vital de munições; num terceiro, ainda, um grande conjunto de gás venenoso... Em poucos esquadrões foram os aviadores prevenidos da presença de centenas de milhares de refugiados na cidade, ou da presença de Campos de Concentração abrigando 26.620 prisioneiros nos subúrbios."

Os 529 bombardeiros do 2.º ataque levavam, os primeiros, bombas "Arraza-Quarteirão", altamente explosivas, de 2.000 quilos e os demais vinham com os mais diferentes tipos de bombas de destruição, contendo ainda nada menos que 650.000

bombas incendiárias, nas quais estavam incluídas bombas de termite, hexagonais de 21 polegadas de comprimento e pesando apenas 2 quilos.

O Comandante de Ala Le Good, um australiano, anotou antes do início do bombardeio: Dresden. Limpo sobre o objetivo (sem nuvens), praticamente toda a cidade em chamas. NENHUMA DEFESA ANTI-AÉREA.

Dresden estava indefesa e isso permitiu aos pilotos a descerem da altitude operacional de 6.000 metros para apenas 2.000 m.

Um navegador declarou, posteriormente, que ao baixar para 2.000 metros olhou para Dresden, que ia ser novamente atacada, totalmente iluminada pelas violentas chamas e fumaça; declarou que nunca havia visto tamanha destruição. Podia-se observar as estradas e auto-estradas, que levavam a Dresden, cheias de movimento. Longas carroças com abastecimentos e as brigadas de bombeiros chegando das outras cidades, para auxílio ao 1.º ataque. Evidentemente, continua David Irving à pg. 167, o 2.º tempo da estratégia de DUPLO GOLPE estava para ser efetivado: o aniquilamento, não apenas das defesas passivas de Dresden, mas também do grande número de forças auxiliares que vinham das outras cidades.

"Foi a primeira vez que lamentei os alemães — contou o bombardeador de um Lancaster pertencente ao Esquadrão 635. Mas o meu pesar durou apenas alguns segundos; a tarefa era ferir o inimigo e feri-lo muito duramente."

Em seguida começou o 2.º bombardeio. À 1:24h Dresden era, de ponta a ponta um mar de fogo. "A cidade estava tão iluminada" — escreveu depois um aviador no seu diário — "que víamos tudo em volta do nosso avião e também os nossos próprios rastros de vapor". Outro cita que "pela primeira vez em muitas operações tive pena da população em terra." O navegador de outro avião do mesmo Grupo, escreveu: "Era hábito meu nunca deixar o meu assento, mas o meu comandante chamoume para que viesse dar uma olhada. O aspecto era realmente fantástico. Dresden era uma cidade com cada rua explodindo em fogo."

"O Chefe de Bombardeio voava muito abaixo de onde estávamos lembra um piloto do Grupo N.º 3 — Ele dirigia cada onda de ataque separadamente e estava muito ancioso para que não desperdiçássemos as nossas bombas em distritos já muito incendiados(!)."

"Estávamos tão aterrorizados com as assustadoras cha-

mas, que embora sozinhos sobre a cidade, sobrevoamos guardando distância por muitos minutos, antes de empreender o caminho de regresso, completamente subjugados pelo que imaginávamos quanto ao HORROR QUE DEVIA ESTAR ACONTECENDO EMBAIXO. Trinta minutos depois de partir, ainda podíamos ver as chamas do fogaréu."

O 2.º ataque havia terminado à 1:54 horas da madrugada do dia 14/2/45. Duas horas e 46 minutos depois deste 2.º ataque, precisamente às 4:40 horas, na Inglaterra, foi iniciada a Instrução Final para... O 3.º ataque de extermínio, a ser efetuado, por 450 Fortalezas Voadoras, contra a indefesa cidade de DRESDEN. Mais uma vez os bombardeiros mais pesados, com capacidade máxima de transporte de bombas, foram dirigidos para lá! (O leitor não deve imaginar que somente Dresden sofria bombardeios naqueles dias; os mesmos eram diários contra as mais diversas cidades. Somente nesta madrugada, outras 900 Fortalezas Voadoras estavam sendo preparadas para atacar as cidades de Magdeburg, Wesel e Chemnitz).

Os demais bombardeios não foram diferentes dos dois primeiros; o livro "A Destruição de Dresden", dá ampla descrição sobre algumas das cenas encontradas. O resumo do ASSASSINATO é mais ou menos o seguinte: Não havia sobrado gente suficiente em Dresden, para enterrar os mortos em valas comuns. Os mortos foram sendo retirados, durante vários meses, debaixo dos escombros. Incinerava-se restos humanos em fogueiras. Corpos de milhares de pessoas desapareceram nas verdadeiras tempestades de fogo que se formavam em função das explosões. Havia falta de abrigos anti-aéreos em Dresden. O número exato de mortos em Dresden é desconhecido. Em março de 1945, somente em valas comuns, haviam sido enterradas mais de 300.000 pessoas, Prisioneiros de guerra sobreviventes, pois também foram bombardeados os campos de concentração dos mesmos, franceses, ingleses e russos muito ajudaram no serviço de remoção de escombros.

O 4.º bombardeio às 12:10h do dia 15/2, foi efetuado por 1.100 aviões...

Algumas fotos do massacre de Dresden foram usadas como sendo de atrocidades praticadas pelos Nazistas em Campos de Concentração...

O número de mortos é desconhecido; Os números oscilam até 500.000. Nunca vi um número referir-e a feridos...

Teve uma época em que a Igreja Anglicana interpelou o Governo Inglês, na figura do 1.º Ministro Churchill, o que estava

pretendendo com o extermínio, por meio das bombas, do povo alemão; Se estavam procurando o ódio de todo o mundo contra este acontecimento... A igreja imaginava que todo mundo estava sabendo o que estava sendo feito com o povo alemão! A Igreja Anglicana, pelo menos naquele momento, tinha esquecido que existia uma Imprensa Internacional muito atenciosa a tudo, e que trataria de só noticiar o que fosse conveniente.

Observe o leitor apenas os seguintes dados:
DRESDEN, no dia 12/2/45, um dia antes do 1.º ataque, tinha uma população de .... 650.000 hab.
Refugiados .... 400.000 hab.
DRESDEN, em 1986, tem uma população de ... 510.000 hab.
Passados 41 anos do terrível acontecimento, tem 140.000 hab. menos, desconsiderando totalmente os refugiados!!!

O Holocausto Abafado

Quando acontece um incêndio, uma inundação, um terremoto, ou qualquer ato de calamidade pública, a primeira coisa que se procura identificar é o número de mortos e feridos.

Na Alemanha onde teve lugar a maior devastação de guerra de todos os tempos, ESTE ATO DE IDENTIFICAÇÃO NUMÉRICA NÃO DEVIA SER EFETUADO, pois sua revelação provocaria uma indignação Mundial.

Além de não ter sido feito, pois sua revelação apresentaria o Povo Alemão como vítima da tirania Aliada, os Vencedores aproveitaram o fato de terem encontrado, em Dachau, os corpos nús e esquelético de mortos por doença e por bombardeios que iam ser cremados, transformando-os, com todo o peso de uma imprensa, em terrível acusação como ATROCIDADES CONTRA a HUMANIDADE, que tão nefastamente pesa sobre a cabeça dos alemães remanescentes.

Como não podia deixar de ser, prevaleceu a Verdade do Vencedor, abafando desta forma o HOLOCAUSTO ALEMÃO. Eu gostaria que alguém me esclarecesse o que aconteceu com os

82.000.000 DE ALEMÃES,

que existiam no III Reich, no dia 31 de agosto de 1939. Neste total estão excluídas as minorias alemãs da Polônia e espalhadas pelo resto do mundo. É natural que eu não aceitaria dados que fossem fornecidos pelo Governo Alemão, "amarrado" de alguma forma em tratados ou compromsisos firmados com os Alia-

dos ocidentais, principalmente com os Estados Unidos da América, compromissos que tornam a Alemanha completamente submissa.

A submissão de governantes alemães chega às raias de uma autêntica traição contra o Povo Alemão; No livro "A Alemanha de hoje", da Bertelsmann Lexicon Verlag, Edição Especialmente feita para o Departamento de Imprensa e Informação do Governo Federal, além de distorcerem dados históricos, ajudam a abafar as perdas alemãs, para 4.000.000 de soldados e 500.000 civís... Enquanto isso calculam em 6.000.000 os judeus assassinados em campos de concentração. (Conf. pg. 42 e 43).

A operação de "abafamento" é tão grande que é mais fácil obter dados de pesquisadores e historiadores aliados... ex-inimigos!

Vamos tentar nos aproximar de um número mínimo de alemães, que foram vítimas do HOLOCAUSTO OU GENOCÍDIO PLANEJADO E EXECUTADO CONTRA A ALEMANHA.

Alemanha do III Reich, incluída Áustria, Sudetos e Memel, em 1939 .... 82.000.000 hab.
República Federal da Alemanha, excluídos trabalhadores estrangeiros em 1986 .... 58.000.000 hab.
República Democrática Alemã, em 1986 ... 17.000.000 hab.
Áustria, em 1986 .... 8.000.000 hab.
Total da população alemã .... 83.000.000 hab.

Deve ser observado que após a guerra, todos os alemães das regiões da Polônia, Tchecoslováquia e Hungria foram expulsos, perdendo tudo que possuíam!

Temos, portanto, um aumento populacional de 1.000.000 de habitantes num período de 47 anos, quase meio século!

Vamos examinar algumas cidades alemãs individualmente:

Cidade	**1939**	**1986**	**Diferença**
Berlim			
(Set. Ocidental)	4.500.000	2.000.000	
(Set. Oriental)	—	1.100.000	
		3.100.000	— 1.400.000
Viena	1.920.390	1.700.000	— 220.000
Hamburgo	1.682.220	1.700.000	+ 17.780
Colônia	768.426	990.000	+ 221.574
Leipzig	701.606	590.000	— 111.606

Essen	659.871	680.000 +	20.129
Frankfurt no Meno	546.649	631.000 +	84.351
Dortmund	537.000	620.000 +	83.000
Hannover	472.527	562.000 +	89.472
Dresden	650.000	510.000 —	140.000.

Assim, identificamos um aumento de população alemã, em 47 anos, de apenas .... 1,25%.

Vamos examinar agora o crescimento verificado em algumas das capitais de países que estiveram na Segunda Guerra Mundial e também Madrid, por ter sofrido os horrores da guerra civil:

Cidade	**1939**	**1986**	**Aumento**
Londres	4.550.000	7.000.000	53,85%
Moscou	3.500.000	10.000.000	185,71%
Tóquio	3.500.000	10.000.000	185,71%
Madrid	1.200.000	4.000.000	233,33%
Roma	1.300.000	3.500.000	169,23%

Se nos basearmos num crescimento mínimo, em relação às outras capitais, como o verificado para Londres, que dá na média apenas 1,15% de crescimento anual, chegaremos à FANTÁSTICA CIFRA DE 28.000.000 DE VÍTIMAS, OU SEJAM 34 MORTOS PARA CADA GRUPO DE 100 ALEMÃES!!!

FOTOS DAS DESTRUIÇÕES E EXTERMÍNIO:

(Aqui não se tratam de foto-montagens e nem de desenhos...).

As fotografias que serão apresentadas a seguir, referem-se a apenas algumas cidades. Conforme já foi citado anteriormente, das milhares de cidades alemãs, só escapou Heidelberg.

Examinando-se detalhadamente estas fotografias, na situação que as Potências Vencedoras as encontraram, entende-se porque ERA NECESSÁRIO INVENTAR ALGO QUE DESVIASSE A ATENÇÃO DO MUNDO!!

As primeiras atrocidades da guerra foram cometidas pelos poloneses, contra a minoria alemã que lá residia. Entre civís mortos, por massacre, e desaparecidos completamente, o número atingiu a 58.000.

O Governo Alemão imediatamente convocou a imprensa es-

trangeira para acompanhar e comprovar estes terríveis acontecimentos. Após a exumação dos cadáveres, de assassinados há mais dias, bem como os exames das vítimas mais recentes, por médicos especialistas, foram tomados os depoimentos de todas as testemunhas; tiraram-se inúmeras fotografias comprovando as crueldades. No Brasil, editado pelas Oficinas Gráficas Alba, do Rio de Janeiro, surgiu em 1940, o raríssimo "Atrocidades Polonesas Contra os Grupos Étnicos Alemães na Polônia", aparecendo numa das fotos toda a equipe de correspondentes estrangeiros.

Outra vez que o Governo Alemão requisitou os Correspondentes Estrangeiros, foi em 1941, quando após o avanço alemão sobre as áreas da Polônia que haviam sido ocupadas pelas forças russas anteriormente, os alemães descobriram uma vala comum contendo os corpos de mais de 1.000 oficiais poloneses, em Katyn, e que haviam sido executados já há bastante tempo pelos russos.

Não seria pois a ALEMANHA, já habituada a denunciar ao mundo atrocidades cometidas pelos seus inimigos, que cairia na besteira de cometer ela própria algo, mesmo parecido do que está sendo acusada.

As forças soviéticas, que ocuparam todos os campos de concentração alemães, que haviam na Polônia e no Leste alemão, caso tivessem encontrado o mínimo vestígio de crueldades praticadas pelos alemães, NUNCA teriam deixado de convocar os Correspondentes estrangeiros, no mesmo instante, NUNCA teriam deixado escapar esta grande oportunidade de se revanchar da descoberta de Katyn!!!

Aliás me parece que o exame procedido pela Cruz Vermelha Internacional em Auschwitz e Birkenau em 1944 liquida o assunto. O resto é conversa de vencedor querendo esconder os SEUS PRÓPRIOS E TERRÍVEIS CRIMES!

FOTOS DOS ASSASSINATOS AÉREOS

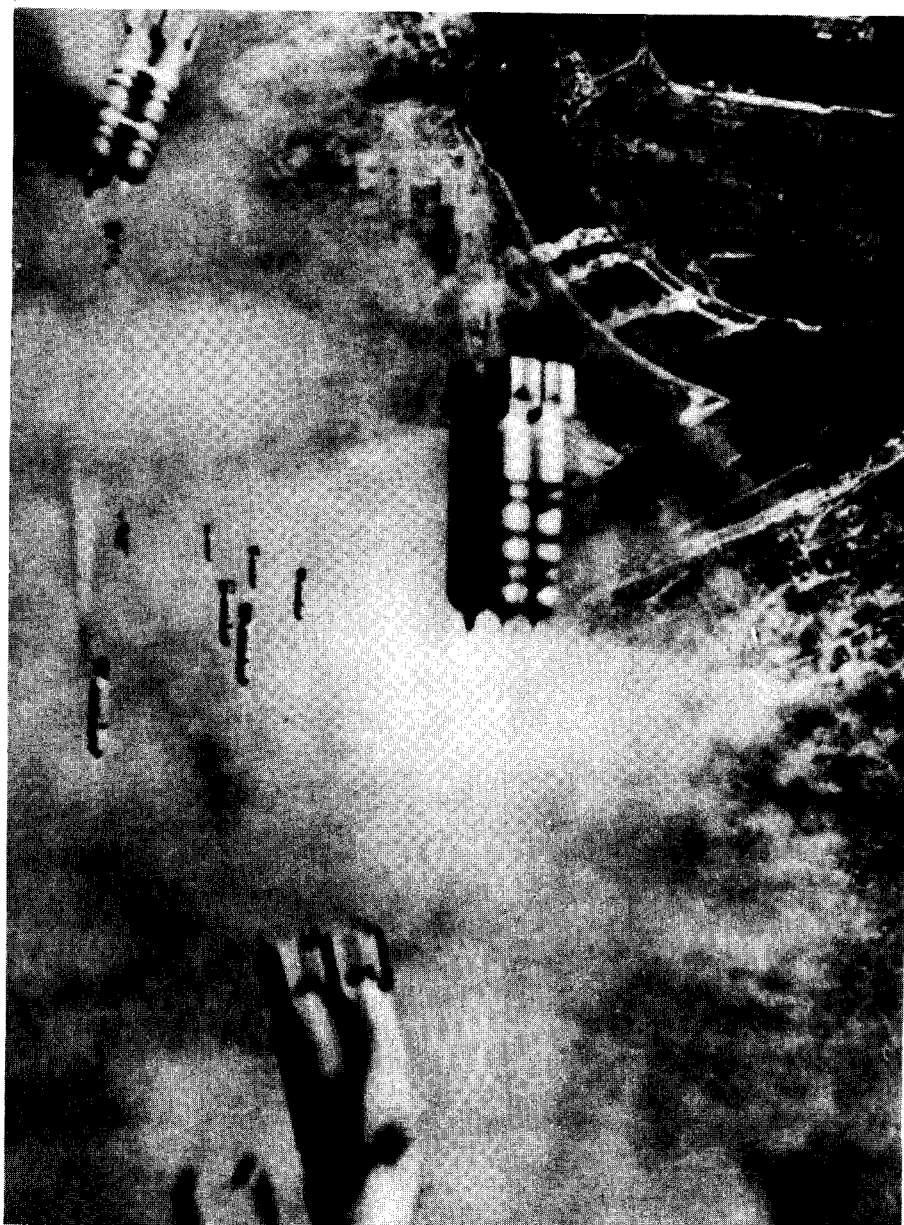
FOTO N.º 1:

"A morte vem do Céu" — Bombas soltas e amarradas.

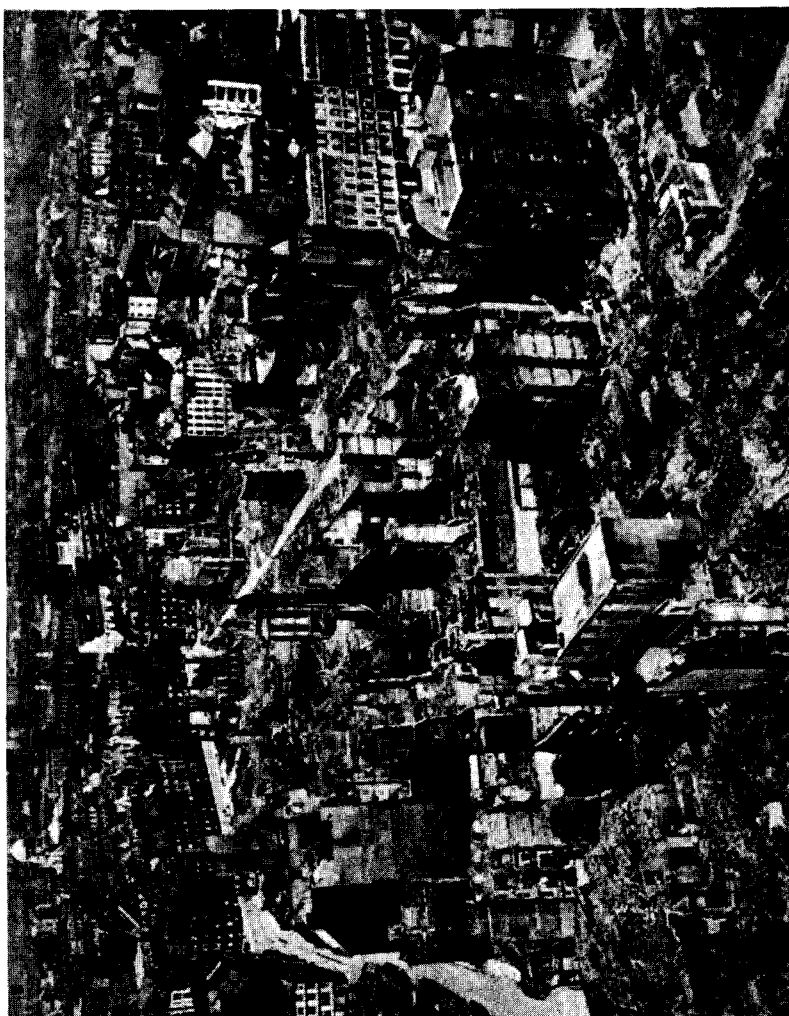
FOTO N.º 2:

Hamburgo em 1943, após apenas 1 ataque aéreo. Observe-se os escombros de quadras de edifícios pulverizados.

FOTO N.º 3:

Cidade de Mainz, na manhã seguinte ao 1.º ataque aéreo sofrido.

FOTO Nº 4:.

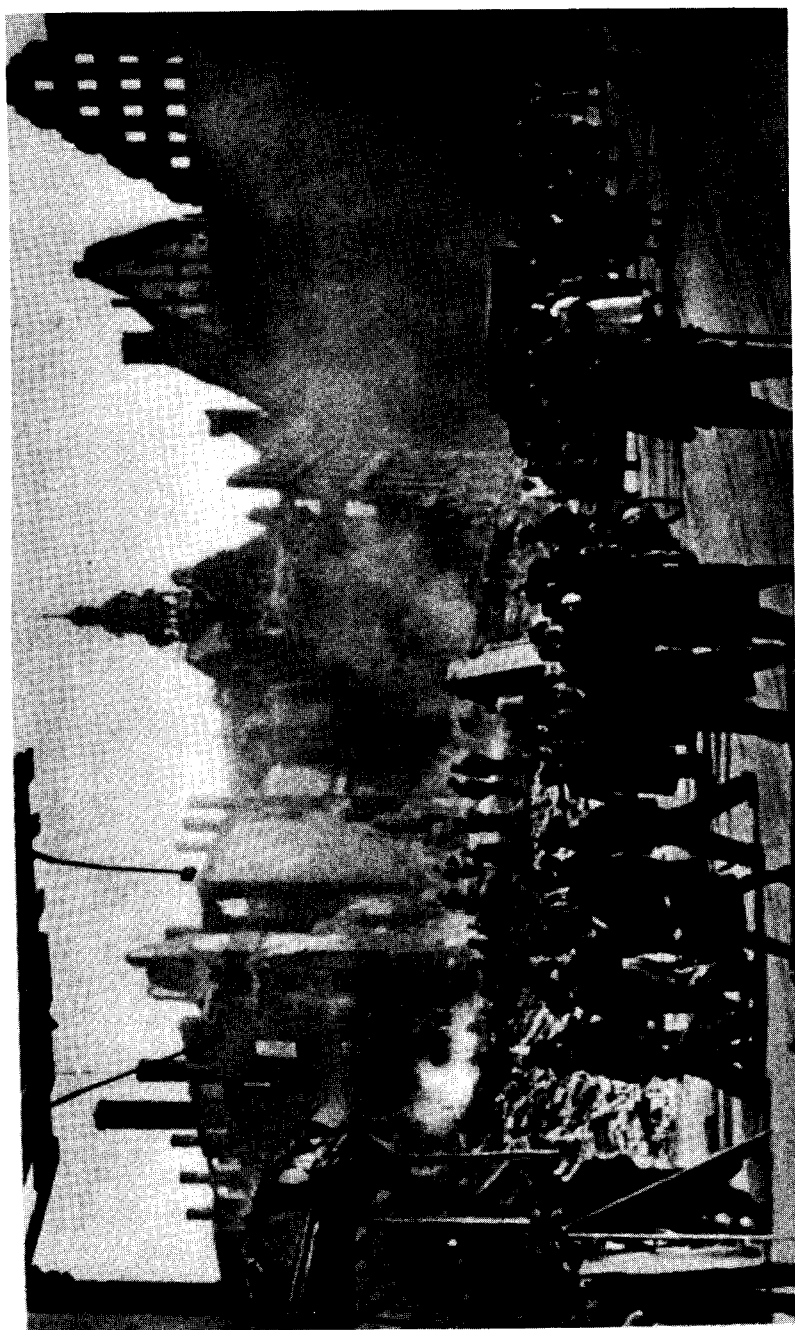



Foto tomada em seguida a um bombardeio da cidade de Dortmund, que acabou tambem completamente arrazada por ataques sistemáticos.

FOTO N.º 5:

Esta foto foi tomada após o último bombardeio efetuado contra a cidade de Colônia, antes do fim da guerra. Até hoje estão sendo restauradas partes danificadas na sua secular Igreja.

FOTO Nº 6:

Hannover, com seus edifícios residenciais destruídos.

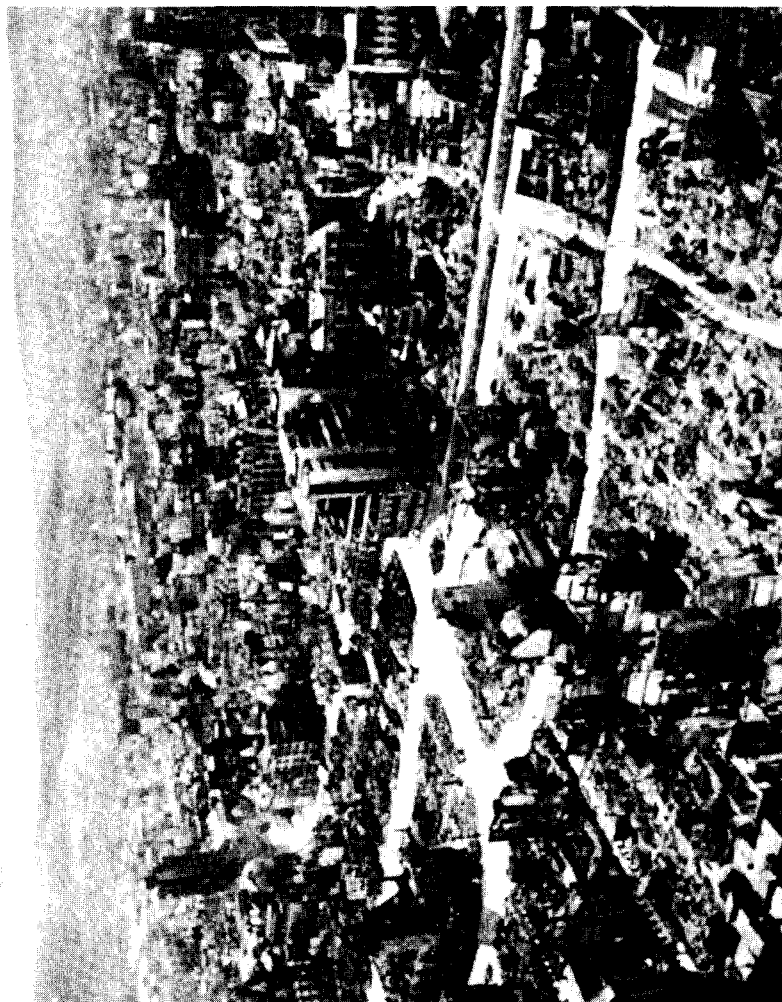
FOTO N.º 6A:

Stuttgart, quadras inteiras reduzidas a escombros. Observem também a parte dos fundos, com vidro de aumento.

FOTO N.º 7:

Dresden. Mortos por toda parte. Duas carroças descarregam cadáveres que são empilhados ao lado do poste.

FOTO N.º 8:

Dresden. Mortos espalhados pelas ruas de uma cidade fantasma. Pessoas no trabalho de identificação, enquanto a carroça se aproxima de pilhas de cadáveres que estão sendo incinerados, para evitar epidemias.

FOTO Nº 9:

Dresden, pilhas de cadáveres aguardando incineração.

FOTO N.º 10:

Dresden, mais mortes e destruição. Nos fundos mais incinerações.

FOTO N.º 11:

Dresden. Entre os mortos e nova pilha de cadáveres sendo incinerados, aparece um pequeno monte, possivelmente as cinzas de civís já queimados.

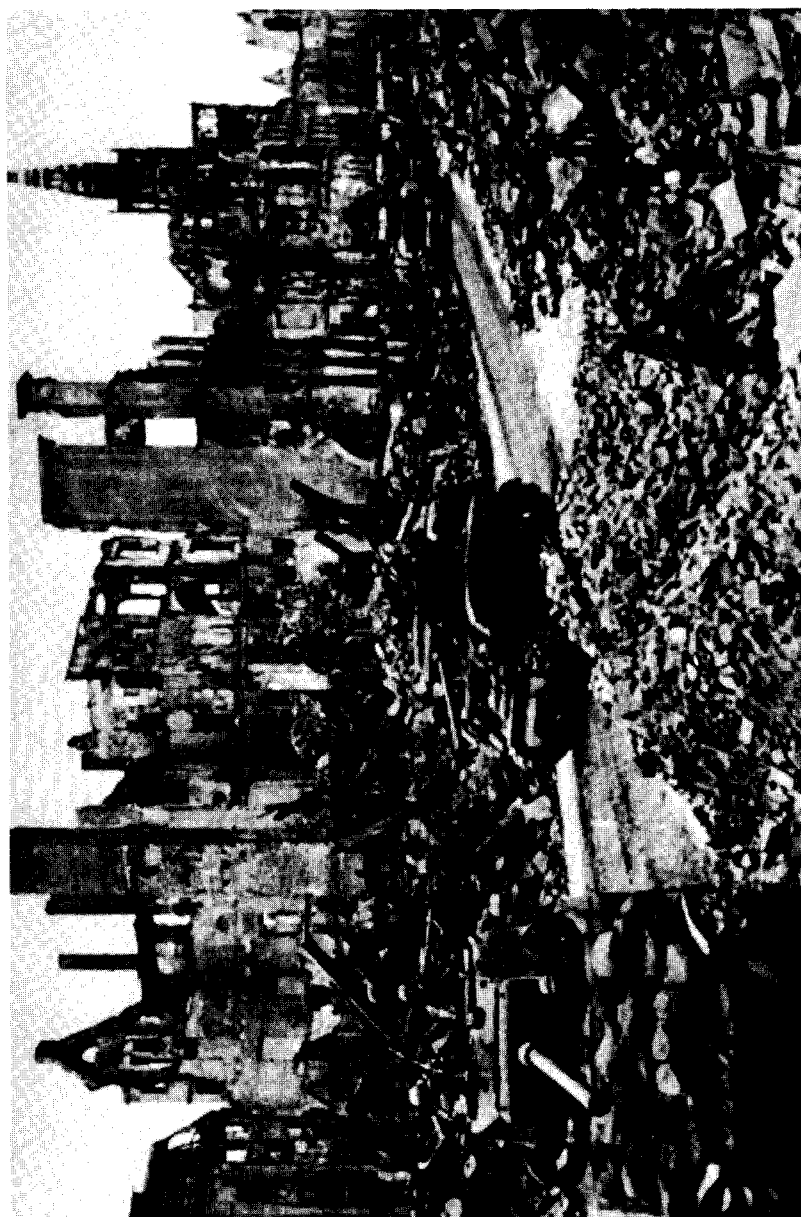
FOTO N.º 12:

As ruínas da cidade de Münster saúdam a passagem dos tanques norte-americanos.

FOTO N.º 13

Lübeck em chamas, ao sofrer o 1.º bombardeamento Terrorista na noite de 28/3/1942.

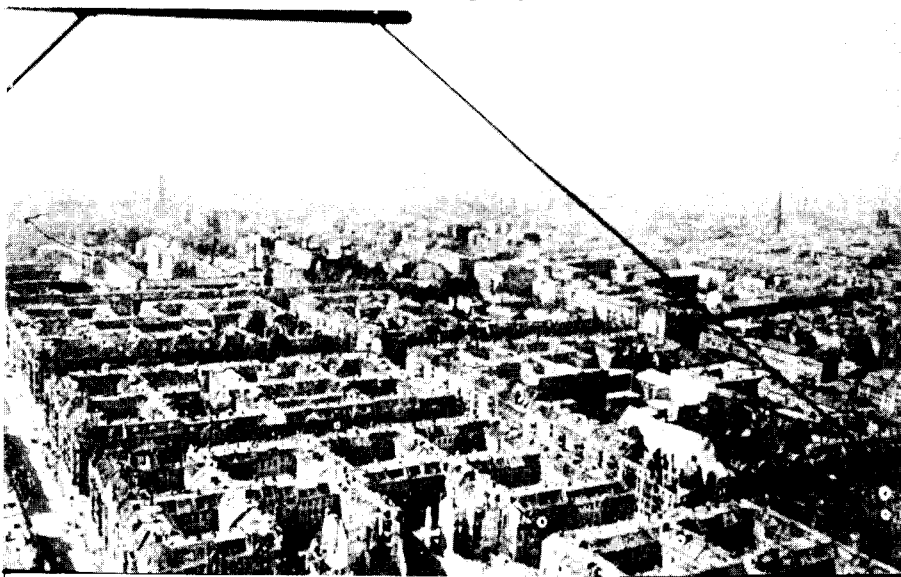
FOTO N.º 14:

Berlim — Vista aérea de uma cidade destruída.

FOTO N.º 15:

Berlim, Civís mortos numa rua, aguardando identificação.

FOTO N.º 16:

Berlim. A procura de cadáveres no meio dos escombros.

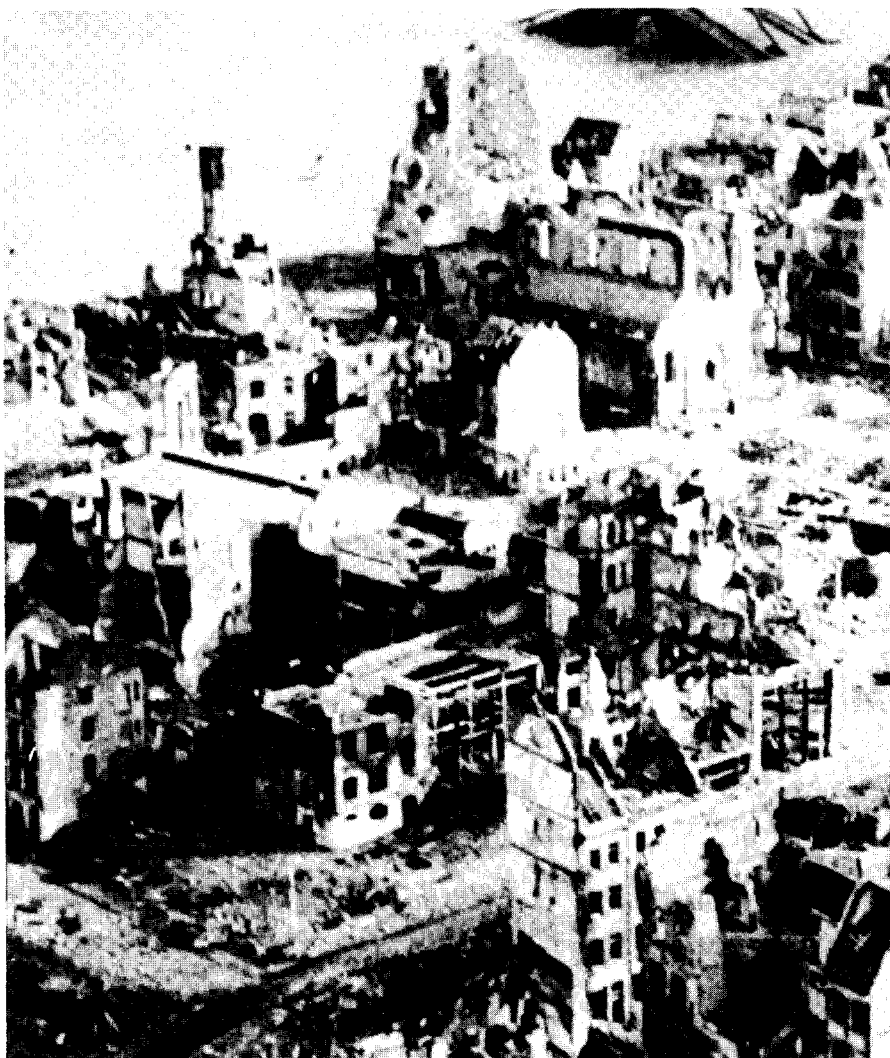
FOTO N.º 17:

Cidade não identificada às margens de um rio.

FOTO N.º 18:

Duren, após um bombardeio. Com um vidro de aumento se observa perfeitamente uma cratera de bomba ao lado de outra.

FOTO N.º 20:

Essen. Caminhão com soldados norte-americanos tenta passar entre os escombros.

FOTO Nº 21:

Remscheid. Dois norte-americanos passam de jeep numa rua limpa de escombros, apreciando a paisagem.

FOTO Nº 22:

Gelsenkirchen contempla um grupo de soldados norte-americanos. Onde estariam os habitantes?

FOTO Nº 23:

Soldados norte-americanos no meio dos escombros de Dortmund.

FOTO N.º 24:

Montanha de escombros de uma cidade não identificada. Quantas pessoas devem estar debaixo dos mesmos?

FOTO Nº 25:

Outra cidade fantasma sem identificação.

FOTO N.º 26:

Enquanto as bombas caíam sobre as cidades, em determinados abrigos anti-aéreos se desenrolavam cenas como esta, onde aparece uma enfermeira alemã cuidando de algumas criancinhas. Note-se que as camas são do mesmo tipo empregado em todos os campos de concentração. Seguidamente os abrigos anti-aéreos ficaram soterrados.

FOTO N.º 27:

Bombas de fósforo devorando tudo.

FOTO N.º 28:

Uma senhora alemã, com tudo que sobrou do bombardeio.

FOTO N.º 29:

Dresden. Pela sombra deviam ser 10:00 ou 14:00 horas, quando foi tirada esta foto aérea. Se ainda vivem onde se enfiaram? Não existe um sinal de vida.

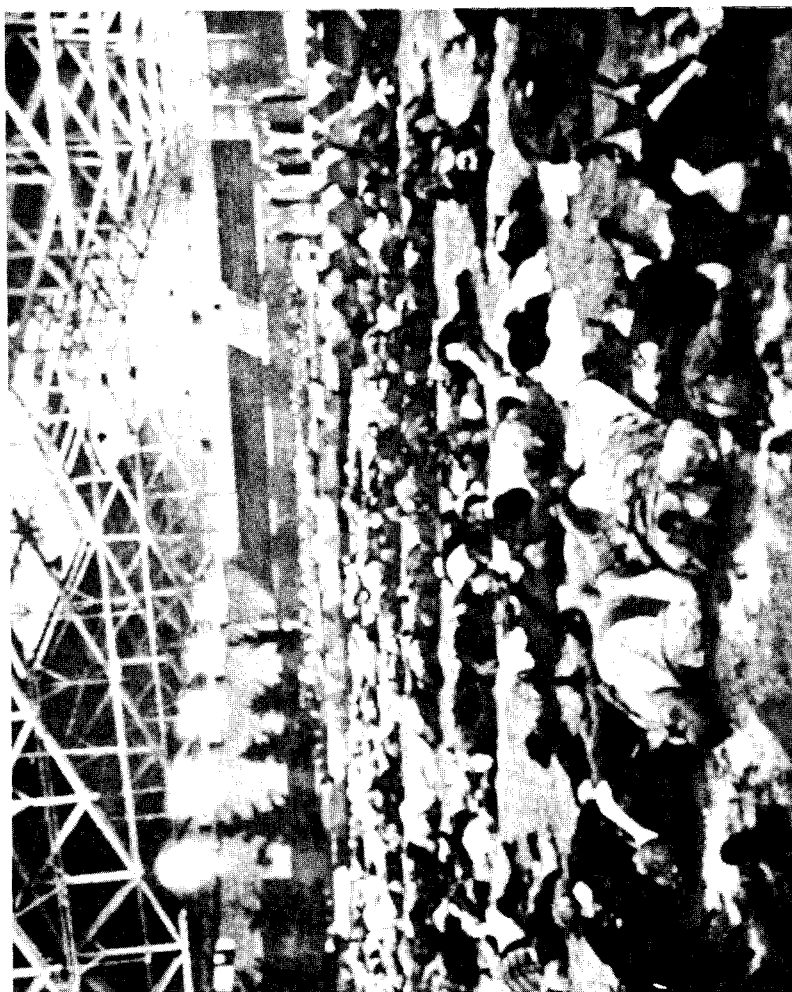
FOTO N.º 30:

Os mortos, após os bombardeios, eram reunidos nos locais públicos de cada bairro, para identificação e posterior enterro, conforme foto acima, aparecendo nos fundos enorme quantidade de caixões. Com a intensificação dos bombardeios ainda em 1942, este trabalho se tornou praticamente impossível.

FOTO N.º 31:

Mortos em bombardeio, encontrados em apenas um local, aparecendo algumas com as roupas rasgadas ou queimadas.

FOTO N.º 32:

Colônia. Os impunes exterminadores obtiveram grandes vitórias no meio da população civil; várias vitórias diariamente. Aqui aparecem algumas das muitas pequenas vítimas após um bombardeio de grande sucesso contra Colônia... Veja-se a expressão do menininho, à direita da foto, já devidamente identificado.

FOTO N.º 33:

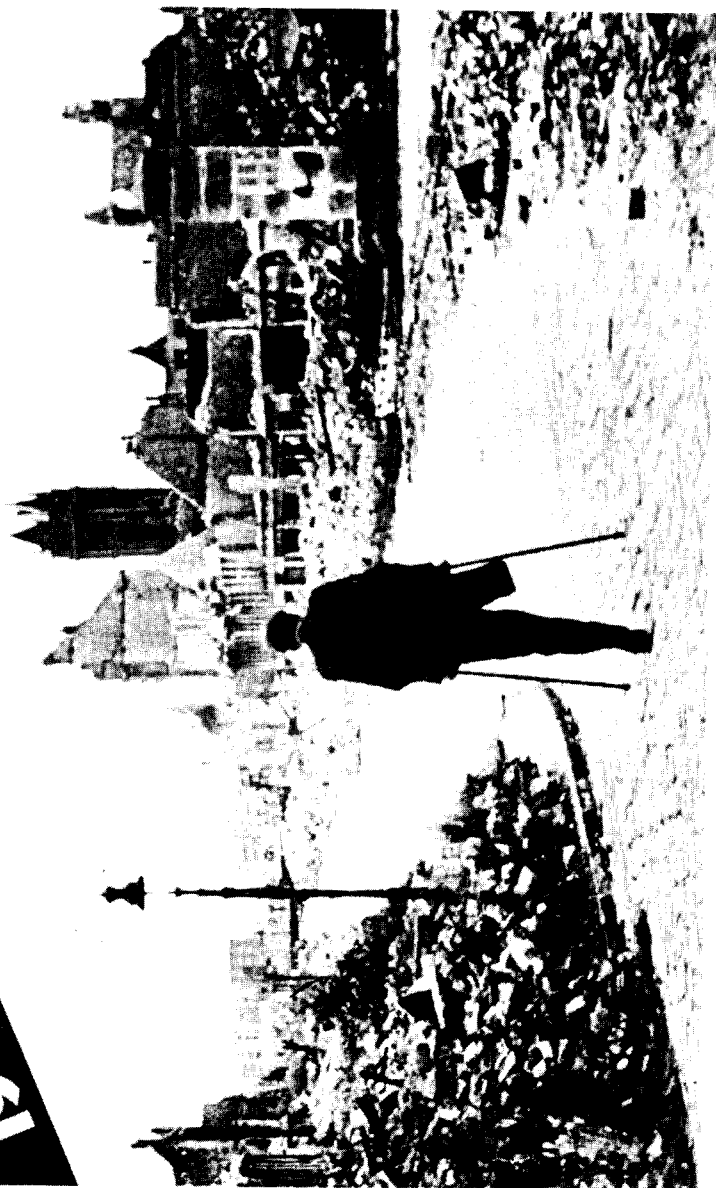
1945

Esta foto foi publicada pela Revista "Veja", sem texto. Deixo a cargo do leitor para escolher o melhor texto para esta significativa imagem. O que a mim preocupa é saber onde estão as pessoas, onde se meteram. É feriado?... Na foto seguinte aparece uma pequena parte dessas pessoas:

FOTO N.º 34:

CIVÍS ALEMÃES FAMINTOS PILHANDO UM TREM DE CARGA EM FRANKFURT, À PROCURA DE COMIDA E ROUPA.

— Foi nesta época que faleceu, DE FOME, a mãe de um amigo meu.

MAPAS

EUROPA N.º 1: O mapa acima indica, entre as linhas em negrito, uma área de 2.915.068 Km^2, que corresponde, em quilômetros quadrados, às terras que a Alemanha possuía antes da Primeira Guerra Mundial, principalmente na África.

Estas áreas foram encaixadas nos Países Europeus, com a finalidade exclusiva para o leitor poder visualizar e entender, em poucos minutos, a extensão das terras saqueadas da Alemanha, pelo Tratado de Versalhes.

Com traços está assinalada a República Federal da Alemanha, hoje com apenas 248.619 km^2, e com pontos redondos está assinalada República Democrática Alemã, com apenas 108.178 km^2.

Após a Segunda Guerra Mundial, portanto, as Duas Alemanhas, juntas, perfazem um total de apenas 12,24% da área que possuíam em 1914!

EUROPA
FISICO E POLITICO
FINLANDIA
ISLANDIA
IRLANDA
REINO UNIDO
DA GRA BRETANHA
BARCELONA
MAR NEGRO

EUROPA N.º 2: Em 1914, os países, assinalados com forte negrito, ainda não existiam como Nações Independentes; As divisas assinaladas não existiam. Tudo pertencia ao Império Russo, que fazia divisa com a Noruega e com a Suécia, com o Mar Báltico, com o Império Alemão — assinalado com linhas oblíquas, com o Império Austro-Húngaro — assinalado com linhas horizontais, e com o Mar Negro.

Em 1917, as forças alemãs, auxiliadas pelas forças austro-húngaras, derrotam as forças russas, que assinam o Armistício.

No dia 3 de março de 1918 é assinado o Tratado de Paz entre a Alemanha e a Rússia, em Brest-Litovsk, pelo qual a Alemanha recebe as áreas assinaladas em negrito forte.

Em seguida a Alemanha organiza as maiorias étnicas que habitam as terras recebidas, que representavam uma área duas vezes maior que todo o Império Alemão. Com o apadrinhamento e ajuda da Alemanha formam-se 5 Novas Nações Independentes, na Europa: a Finlândia, a Estônia, a Letônia, a Lituânia, e a Polônia. Na Ucrânia não teve sucesso a Independência, pois foi envolvida na Guerra entre a Polônia e União Soviética, em 1920. Esta guerra, de muita violência, é muito pouco citada pelos historiadores.

Interessante é observar o contraste de atitudes entre as Nações: enquanto a Alemanha não ficava com as terras conquistadas na Rússia, pelo contrário entregando-as às maiorias étnicas das diversas Regiões, os aliados, principalmente os ingleses que haviam tomado ricas e indefesas colônias na África, as tomaram para si, pelo Tratado de Versalhes, em franco contraste com os resultados dos campos de batalha da Europa, onde geralmente eram derrotados, nas inúmeras batalhas localizadas que existiram.

Me parece que falta aos alemães uma dose daquilo que poderia se denominar de "Malandragem Política Internacional", pois é trabalhador, é sério e honrado, é inteligente, é organizado e disciplinado, é um bom soldado; na hora "H" porém, sempre cai no conto do pacote, aplicado pelos espertinhos... Não é por menos que estão com apenas 356.797 km^2 e ainda separados em dois blocos.

KURT WALDHEIM — "O Panfletário"

À medida que ia escrevendo o livro fui encaixando as notícias que apareciam nos jornais sobre Kurt Waldheim, eleito Presidente da Áustria, apesar de toda a pressão exercida pelo Sionismo para que isso não acontecesse.

Depois do ex-Presidente da Organização das Nações Unidas ter sido acusado pela morte de centenas de milhares de judeus, agora é acusado de panfletário... O ''Correio do Povo'', do dia 25/9/86, publicou o seguinte ''Desmentido'':

''O presidente Kurt Waldheim desmentiu afirmações feitas pelo Congresso Mundial Judaico, que funciona nos EUA, de que estivesse ocupado em distribuir panfletos de propaganda anti-semítica durante a Segunda Guerra Mundial. No citado Congresso, alguns participantes disseram ter encontrado panfletos de propaganda nazista nos arquivos dos Estados Unidos, com frases como **''Basta com a Guerra Judaica''**. A organização alega que os panfletos em questão saíram, em 1944, de um setor, no qual Waldheim era tenente.''.

A perseguição que continuará a ser feito contra Waldheim, pela imprensa ainda irá longe.

O PRÊMIO NOBEL DA PAZ DE 1986

''O ''Correio do Povo'' do dia 15/10/86, deu a seguinte notícia: ''SOBREVIVENTE DOS CAMPOS DE HITLER GANHA O NOBEL DA PAZ — Oslo — Elie Wiesel, um sobrevivente dos campos de concentração, que escolheu o termo ''holocausto'' para definir e descrever o massacre dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial, conquistou o Prêmio Nobel da Paz de 1986.

O escolhido pelo Comitê tem 58 anos, nasceu na Romênia, mas naturalizou-se norte-americano em 1963.

''Elie Wiesel destacou-se como um dos dirigentes espirituais mais importantes e trabalha numa era onde a violência, a repressão e o racismo continuam caracterizando o mundo'', declarou a comissão do Nobel. ''É um dia muito especial para mim. Estou invadido de recordações'', falou Wiesel, de sua residência em Nova York.

''Wiesel é um mensageiro para a humanidade. Sua mensagem é de paz, arrependimento e dignidade humana. Sua fé é de que as forças que combatem o mal no mundo podem triunfar. Sua mensagem está baseada na sua experiência pessoal de total humilhação e total desprezo, mostrado nos campos de concentração de Hitler. Sua mensagem tem a forma de testemunho, repetido e profundo nos trabalhos de um grande ator. O compromisso de Wiesel, iniciado no sofrimento do povo judeu, foi ampliado, para abranger a todos os povos reprimidos e raças'', segundo a declaração da comissão.

Este escritor judeu, que nasceu em Sighet, Transilvânia, ho-

je território da Romênia, foi deportado em 1944, juntamente com sua família e outros 15 mil judeus, sendo todos enviados para o campo de concentração de Auschwitz na Polônia, onde morreram sua mãe e sua irmã menor. Ali ele foi separado de seus irmãos maiores e não se sabe se sobreviveram. Elie e seu pai foram enviados em 1945 para o campo de concentração de Buchenwald, na Alemanha, onde faleceu seu pai.

Quando foi libertado de Buchenwald, em 11 de abril de 1945, Wiesel negou-se a ser repatriado para o Leste da Europa e se fixou na França. Estudou na Sorbonne e em 1948 viajou para Israel como jornalista, para cobrir a fundação do Estado judeu para o jornal francês "L'Arche".

Passou a ser correspondente em Paris do jornal "Yedioth Ahronot" de Tel Aviv. Em 1956 publicou o seu primeiro livro em Yiddish em Buenos Aires, intitulado "E o mundo tem permanecido calado" obra publicada mais tarde, de forma reduzida na França, com o título "A noite" e nos Estados Unidos "Noite" — Esta é a notícia integral do Correio do Povo.

Vamos examinar um pouco mais de perto, mas rapidamente, o feliz ganhador do Prêmio, que várias vezes foi negado ao nosso querido e também querido em várias partes do mundo: o brasileiro Dom Helder Câmara.

Conforme o "National-Zeitung", de Munich, de 31/1/86, o Sr. Elie Wiesel é o Chefe da Comissão encarregada da construção do gigantesco "Museu do Holocausto", que deverá estar concluído até o ano de 1989, na cidade de Washington.

Em janeiro deste ano reuniu-se na Alemanha a Comissão chamada "Comitê Germano-americano do Holocausto", destinada a manter viva a lembrança da perseguição aos judeus, e naturalmente para conseguir a participação monetária da Alemanha para construir esta gigantesca obra, que será o Museu do Holocausto — (mais um monumento) — Nesta oportunidade Elie Wiesel perguntou ao político do CDU Karl Arnold, se a Alemanha alguma vez pediu perdão aos judeus...

Neste Comitê fazem parte vários deputados e importantes figuras ligadas diretamente ao Governo Alemão, como Klaus Schütz, ex-embaixador em Israel e atualmente o Superintendente da Rádio Alemã, Deutsche Welle; Wolfgang Bergesdorf, da Imprensa e do Departamento de Informações do Governo Alemão; o deputado Peter Petersen, do CDU, e um dos fundadores do "Comitê".

Quem encaminhou o pedido Oficial para que o Prêmio Nobel da Paz fosse concedido à Elie Wiesel, foram 3 deputados ale-

mães, portanto 3 representantes do povo alemão... Seus nomes: Heinz Westphal, há vários anos o Presidente da Sociedade Germano-israelense; Peter Petersen, já anteriormente citado e Burkhard Hirsch, deputado pelo FDP.

Wiesel esteve com 16 anos de idade, durante menos de um ano nos campos de concentração de Auschwitz e de Buchenwald; no primeiro recebeu a tatuagem n.º A-7713. Foi libertado no dia 11 de abril de 1945. Somente 11 anos após, em 1956, publicou seu primeiro e mais famoso livro, intitulado "Die Nacht zu begraben, Elischa", que trata do destino de um judeu que sobreviveu a Auschwitz e Buchenwald; libertado tornou-se ativista sionista, entrando em luta contra os palestinos; finalmente termina sendo jornalista em Nova York. Deve ser uma espécie de auto-biografia.

No dia 18/3/85, o novo Prêmio Nobel da Paz 1986 foi entrevistado pelo "Times". Entre muitas perguntas, veio a seguinte: "De que forma o Sr. conseguiu sobreviver dois dos mais terríveis campos da morte de todo o século?"

Observem a resposta do mais novo Prêmio Nobel da Paz, que já escreveu um total de 26 livros, traduzidos em vários idiomas, todos possivelmente detalhando, em minúcias, as crueldades cometidas pelos alemães nos campos de concentração, já que ele é considerado um escritor "especialista em holocausto":

"Eu nunca vou saber... Eu sempre estava fraco... Eu nunca comia... O mais fraco vento podia me derrubar... Em Buchenwald se mandava diariamente dezenas de milhares de pessoas para a morte... Eu estava todas as vezes entre os últimos cem diante do portão..."

Baseado nesta entrevista, pode-se afirmar que se trata de mais um mentiroso, com cobertura Internacional.

O mesmo "National Zeitung", de 31/1/86, cita que o campo de concentração de Buchenwald realmente foi um dos que apresentaram um exagerado número de mortes durante o tempo em que foram administrados pelos alemães e posteriormente pelas forças de ocupação, apresentando em todas as épocas um total de 20.671 vítimas, de doenças normais, bombardeios aliados e principalmente por epidemias que se alastravam no final da guerra e continuaram com as forças aliadas, durante muito tempo, por falta de comida e remédios adequados.

Portanto, quando o Sr. Wiesel cita que diariamente eram enviados para a morte dezenas de milhares de pessoas, ele se refere às câmaras de gás que eram citadas, pelos vencedores logo após a guerra, esquecendo totalmente que os próprios submis-

sos governos alemães, tiveram que reconhecer que na realidade nunca houve câmara de gás em territórios da Alemanha. Sem comentários também sobre a sorte do homem em sempre estar entre os últimos 100... Ele deve achar que as pessoas são patetas ou idiotas...

Eu vou procurar comprar um dos seus 26 livros, para ver se descubro o motivo da sua sobrevivência em Auschwitz e Buchenwald, se realmente esteve lá, ou porque não soube dar uma melhor resposta ao "Times"...

Epílogo

Como o leitor deve ter notado, a grande maioria dos fatos apresentados têm origem de autores de países que lutaram contra a Alemanha, na última guerra. Os alemães continuam praticamente proibidos de contestar as histórias conhecidas dos vencedores.

Muitas das referências indicadas neste livro são contra o Sionismo, que, conforme o próprio Ministro Chamberlain, foi o responsável pela Segunda Guerra Mundial, através da Imprensa Internacional e também por pressões exercidas sobre elementos ligados ao Governo Britânico.

O Sionismo, por ser racista, é condenado praticamente por todos os países do mundo. Sobre os sionistas convém lembrar as palavras do judeu berlinense, Joseph Mendel, em plena guerra, para o repórter brasileiro Alexandre Konder, há 46 anos atrás:

"Por causa desta elite verdadeiramente nociva, que também nos explorava, pagamos todos nós. Várias vezes os nossos bons elementos chamaram a atenção dessa gente, que agora flana longe daqui, em outras terras (USA), semeando talvez futuras reações anti-semíticas. É melhor que nos deixem em paz!"

Este livro nada tem a ver com os brasileiros natos ou naturalizados que professam a religião judaica, que trabalham e lutam conosco por um Brasil mais unido e forte, que se destacam nos mais variados serviços, profissões e funções, mas que infelizmente às vezes são vistos com desconfianças, pelas tropelias e confusões que os sionistas armam pelo mundo afora, e que só trazem para os pacatos praticantes judeus, apreensões e mal-estar.

O que não é aceitável á uma dupla nacionalidade.

Uma boa forma de combater o Sionismo: — Nunca discriminar o brasileiro nato ou naturalizado que professa a Religião Judaica!

O presente livro não foi escrito no intuito de polemizar o assunto. Se o leitor achar, após ler e reler os acontecimentos, que não está de acordo, só tem 2 caminhos a tomar: — Fazer sua própria pesquisa, procurando fontes mais honestas — ou continuar acreditando na mentira do século.

Eu me reservo o direito de acreditar em quase nada daquilo que vem sendo apregoado diariamente, por um simples motivo: Mente-se, Mente-se demais! Os caminhos dos campos de concentração estão infestados de escritores mentirosos. E quando se trata com mentirosos é difícil de saber quando estão falando a verdade.

Este livro é resultado da minha pesquisa, representa pois A MINHA VERDADE!

FOTO Nº 1:

Alemães avançando na Polônia atravessam uma ponte semi-destruída.

FOTO N.º 2:

Voluntários Holandeses seguindo para a Alemanha, para lutarem ao lado dos alemães.

FOTO N.º 3:

Uma coluna de retaguarda alemã, no melhor estilo da época napoleônica, atravessa um pontilhão armado sobre um rio, em direção ao Mar Báltico, no avanço contra a União Soviética.

FOTO Nº 4:

Em Madrid, o povo espanhol saúda um vagão lotado de enfermeiras espanholas voluntárias, que se incorporarão à Divisão Azul Espanhola, que combate ao lado dos alemães.

FOTO Nº 5:

Infantaria alemã, com mulas e cavalos, avançando através de uma floresta da URSS.

FOTO Nº 6:

Uma raríssima visão de um esquadrão italiano de cavalaria em atividade nas estepes do Sul da União Soviética. As divisões italianas lutaram nos arredores de Charkow e mais para o Sul.

FOTO Nº 7:

Para quem está habituado a somente ver alemães em cima de tanques, ou motorizados, ou em uniformes impecáveis cometendo toda sorte de tropelias, pois é isso que nos metem na cabeça, a cena acima é simplesmente surpreendente: Por dificuldades nas estradas entre Rostow e Bataisk, na URSS, os alemães, com os mais graduados na frente, puxam uma carreta com algum tipo de abastecimento.

FOTO N.º 8:

A foto é de prisioneiros do Campo de Concetração de Birkenau, que os alemães haviam deixado, sob cuidados médicos, por não estarem em condições de grandes caminhadas. Esta foto foi tirada no dia que os soviéticos ocuparam o Campo. Note-se a extensão dos pavilhões nos dois lados da cerca.

FOTO N.º 9: Mais uma parte dos mais de 4.000 prisioneiros que os alemães deixaram em Auschwitz e Birkenau, por incapacidade de enfrentarem longas marchas. Aparece uma maioria de senhoras já mais idosas; algumas parecem divertir-se com o fotógrafo, no dia da tomada do campo pelos soviéticos.

Em três dos antigos pavilhões de Birkenau, o autor encontrou vários dísticos em alemão, em destaque, e que se destinavam para observação dos prisioneiros:

"Eine Laus dein Tod" — Um piolho pode ser tua morte, referindo-se a transmissão de epidemias.

"Sauberkeit ist deine Phlicht" — A limpeza é tua obrigação.

"Verhaelte Dich Ruhig" — Conserve-se quieto.

"Reden ist Silber, Schweigen ist Gold" — Falar é Prata, Silenciar é Ouro.

"Ehrlich währt am Längsten" — Honra é a coisa que permanece por mais tempo (!!!)

FOTO N.º 10: AUSCHWITZ, entrada do campo de Concentração, com o tradicional "Arbeit macht Frei" — O trabalho liberta — Foto tirada pelo autor. Observe-se o estilo arquitetônico da construção, de 45 anos.

FOTO N.º 11: AUSCHWITZ. O campo é composto de 31 pavilhões iguais aos da foto, tirada pelo autor, cada um com 15x50 metros, separados por gramados e árvores.

FOTO N.º 12: Prisão de Spandau, em Berlim. Foto tirada de dentro de um táxi, pelo autor, pois é proibido parar e tirar fotos. Neste prédio só existe **um** prisioneiro. Está lá dentro há 40 anos, é guarnecido alternadamente por forças, americanas, inglesas, soviéticas e francesas, um mês para cada Potência. Está isolado; não sabe o que se passa no mundo normal, pois só recebe jornais com notícias científicas; está com mais de 90 anos de idade; mas resiste; parece que às vezes ainda canta, sozinho, canções de tempos antigos; está condenado à prisão perpétua; é a última vítima do Linchamento de Nürnberg; seu CRIME: Em 1941 ter voado à Inglaterra, para tentar acabar com a guerra entre a Grã-Bretanha e Alemanha, propondo a Paz. O nome do prisioneiro: RUDOLF HESS.

Digno de registro são as palavras que Rudolf Hess proferiu, ante o ''Tribunal'' de Nürnberg, no dia 31 de agosto de 1946:

''Não me defendo contra os acusadores, aos quais nego o direito de acusarem a mim e aos meus compatriotas. Não me defendo contra as acusações que competem aos assuntos internos da Alemanha, que nada importam aos estrangeiros.

Não protesto contra as declarações que afetam a minha honra e a honra de todo o povo alemão. Durante longos anos da

minha vida me foi concedido viver ao lado do homem mais poderoso produzido por meu povo em sua história milenar. Inclusive se pudesse, não desejaria apagar este tempo da minha existência.

Me sinto feliz de haver cumprido com o meu dever como alemão, como nacional-socialista e como fiel do Führer. Não me arrependo de nada. Se tivesse que começar tudo de novo, trabalharia da mesma forma, inclusive se soubesse que me aguardaria, no final, uma fogueira para a minha morte. Pouco importa o que podem fazer os homens.

Comparecerei diante do Todo-Poderoso. A Ele prestarei minhas contas e sei que me absolverá!"

"Você pode enganar um indivíduo a vida inteira; pode enganar todos uma vez, mas não pode enganar todos a vida inteira."

(Abraão Lincoln)

TAPETE DE BOMBAS

A pulverizada cidade alemã de Wesel, vista pela máquina fotográfica de um aviador norte-americano, logo após o crime. O que parece crateras da lua são simplesmente crateras de bombas, uma ao lado da outra, para não deixar dúvidas...

FONTES CITADAS/CONSULTADAS:

Correio do Povo, de Porto Alegre
Rede Manchete de TV, do Rio de Janeiro
Zero Hora, de Porto Alegre
Um Repórter Brasileiro na Guerra Européia, de Alexandre Konder
Carta de Londres, de Eça de Queiroz
O Judeu Internacional, de Henry Ford
Derrota Mundial, de Salvador Borrego
A Última Guerra Européia, de John Lukacs
Jornal Tatscha Retsch
Jornal American Hebrew
Jornal The Youngstown Jewish Times
A Guerra dia a dia, de Cunha Leal
Jornal o "Século", de Lisboa
Agência Havas, de Paris
Times, de Londres
Daily Express, de Londres
Agência DNB, alemã
Israel — Do sonho à Realidade, de Chaim Weizmann
Revista "Veja"
Revelaciones, de Paul Reynaud
Exército en cadenas, de Siegfried Westphal
Informe Secreto desde atrás de la cortina de A. Hitler, de Paul Schmidt
Hitler no se equivocó, de F. H. Hinsley
A tragédia do comunismo judeu, de Isaias Golgher
Jornal "Freiheit"
A Guerra Secreta de Stalin, de Nicolai Tolstoi
Rockfeller Internacionalista, de Emmanuel M. Josephson
El mito de Roosevelt, de John T. Flinn
American Mercury
The high costo of vengeance, de Freda Utley
Revista Defense de L'Ocident
El drama de los judios europeos, de Paul Rassinier
La terre Retrouvée, de Paris
Le Figaro, de Paris
Teufel und Verdammte, de Benedict Kautsky
Auschwitz — Depoimentos e Informações, de Adler, Langbein, Lingen e Reiner
Inferno em Sobibor, de Stanislaw Szmajzner
Los Asesinos entre nosotros, Memorias de Simon Wiesenthal
Die Welt ohne Erbahmen, de Karl Bartel
Todeslager, de Irene Gucher
Der Weg der wir gingen, de Bernhard Klinger
I am alive!, de Kitty Hart
Revista Les temps modernes
The destruction of the european Jews, Raul Hilberg
Jornal Kitchener Waterloo Record
Testemunha Ocular — Auschwitz — 3 anos numa câmara de gás, de Philip Müller

Ich kann nicht vergeben, Rudolf Vrba
A Atividade da Cruz Vermelha Internacional nos Campos de Concentração alemães ref. a pessoas civis 1939-1945, editado pela própria
Jornal Toronto Sun
Revista Storia Ilustrata
Diário de Anne Frank
Harlan Fiske Stone — Pilar of the law, de Thomas Mason
Verbrechen am deutschen Volk, de Erich Kern
La ofensiva de la aviación de bombardeo, de L. Mc Lean
A destruição de Dresden, de David Irving
A Alemanha de Hoje, de Gov. Federal
Atrocidades polonesas contra os grupos Étnicos Alemães na Polônia, da Editora Alba
Auschwitz Betrug, de Thies Christophersen
Quem ajudou a Hitler, de Ivan Maiski
Mein Kampf, de Adolf Hitler
A Europa Política depois da Grande Guerra 1914-18, Tipografia Salesiana
O Livro Branco do Governo Alemão de 10/08 a 03/09/1939
Bild Dokumente für dir Geschicht Schreibung, de Udo Walendy
Faschismus, Ghetto, Massenmord, do Inst° Histórico Judaico de Varsóvia
The pictoral History of the Third Reich, de Robert Neumann e Helga Kappel
Eichmann-Chefe dos Guarda Livros da Morte, da Rodersberg Verlag
Macht und Moral, R. Schnabel
El Breviário del Odio, de L. Poliakow
Documentación sobre el Extermínio por medio de los gases, de H. Krausnik
El processo de Nürnberg, de J.J. Heydecker
Der gelbe Stern, de Gerhardt Schoenberger
El processo de Jerusalem, de L. Poliakow
Vierterjahreshefte für Zeitgeschichte, Revista
El Tercer Reich y los judios, de L. Poliakow
Der Auschwitz-Mythos, do Dr. Wilhelm Stäglich
O logro do Século, do Dr. Arthur Butz
SS im Einsatz — Eine Dokumentation über die Verbrechen der SS
História Ilustrada da Segunda Guerra Mundial, de K. Zentner
Das Dritte Reich, de H. Huber
Revista Der Spiegel
Catálogo Oficial de Auschwitz
Catálogo Oficial de Dachau
SS Henker und ihre Opfer, de Viena
Isidosors Europaban, de Levai Jeno
Fatos e Homens da Segunda Guerra, da Bloch Editora
The Lublin Extermination Camp, Moscou 1944
KZ Staat, Berlin-Ost 1960
Mauthausen, de Vavlav Berdych
Verbrecherische Ziele — Verbrecherische Mittel
Revista Stern
O Serviço Secreto, de Reinhard Gehlen
Porque perdi la guerra, de Saint Paulien
Jornal a Folha de São Paulo
Olimpíada — 1936, glória do Reich de Hitler, de Judith Holmes
Assim competiu e venceu a Juventude do Mundo — XI Olympiade

Berlin 1936, de Franz Miller, P.V. le Fort e H. Harster
O Comandante de Auschwitz fala, atribuído a Rudolf Hoess
A guerra entre os generais, de Da ·id Irving
O inimigo eleito — Júlio José Chiavenato
Der zweite Weltkrieg im Bild, de Franz Burda

OBSERVAÇÕES/ESCLARECIMENTOS NÃO CONSTANTES DA 1.ª EDIÇÃO

Com referência ao tópico "OS ÚNICOS CUMPRIMENTOS DE HITLER", à pag. 11, vários leitores perguntaram porque Membros do C.O.I. Comité Olímpico Internacional solicitaram a Hitler para que não mais cumprimentasse publicamente vencedores de qualquer competição.

O motivo é simples:

O aparecimento de Hitler na pista simplesmente interrompia a maioria das provas que estavam se realizando, pois tanto os juízes, técnicos e repórteres, como também os próprios atletas aproveitavam a oportunidade para ver de perto o Führer, fato que congestionava a área e prejudicava ou atrasava o andamento das competições.

OBSERVAÇÕES/ESCLARECIMENTOS NÃO CONSTANTES ATÉ A 9.ª EDIÇÃO:

Em complemento à foto N.º 9-D, de Bergen Belsen, à pg.232 e texto à pg.233, devo esclarecer que quando este Campo de Concentração foi entregue pelos alemães às forças inglesas, não havia nenhuma epidemia grassando no mesmo.

Sob ADMINISTRAÇÃO INGLESA, posteriormente, irrompeu uma epidemia de tifo, que causou inúmeras vítimas, parte das quais aparecem na Foto N.º 9-D. Recordo ter visto uma cena de filme, onde aparecia uma espécie de retroescavadeira ou trator ajudando a amontoar os mortos esqueléticos.

Em Bergen-Belsen, na ocasião, aconteceram fatos que foram, propositadamente, escondidos ao conhecimento público:

a) Nenhum médico das forças aliadas se ofereceu como voluntário para debelar a epidemia, cada vez pior.

b) Foi necessário requisitar médicos alemães, que haviam prestado serviços em campos de concentração e que estavam presos em diversos locais, para que fosse possível, após várias semanas, acabar com a epidemia.

c) Tratava-se de tifo exantemático, doença infecciosa que pode ser transmitida por percevejos e similares. Fala-se em vários milhares de vítimas.

d) Foi a maior e mais grave epidemia acontecida em campos de concentração. Como em outros locais, aconteceu sob a administração dos vencedores. Conforme já havia citado no presente livro, houve também epidemias, sob administração alemã, em

outros campos.

e) Os aliados, mesmo sabendo que foram os médicos alemães que conseguiram acabar com a terrível doença, trataram de ocultar o fato, pois "Guerra é guerra" e transformaram o lamentável acontecimento em propaganda anti-alemã. Os mortos eram fotografados e filmados em todas as posições. Os convalescentes esqueléticos, semimortos, mal podendo mover seus membros, também eram filmados e fotografados de todas as formas imagináveis, com ou sem roupa. TANTO OS MORTOS COMO OS SOBREVIVENTES FORAM TRANSFORMADOS EM JUDEUS, VÍTIMAS DE CÂMARAS DE GÁS, FUZILAMENTOS E MAUS TRATOS POR PARTE DOS ALEMÃES. Até hoje tem gente que se lembra dessas cenas mostradas em filmes e livros... acreditando que realmente se trataram de atrocidades alemãs.

No presente livro às pgs.301/304, escrevo sobre Elie Wiesel, o Prêmio Nobel da Paz de 1986. Enquanto o presente livro era impresso até a 9ª Edição, adquiri o livro "Judeu Hoje", de autoria de Wiesel, onde à pg.133, apesar de referir-se apenas a judeus, faz a seguinte citação sobre o campo de concentração em questão:

"Você sabia que quando uma epidemia mortífera atacou o campo de Bergen Belsen, a administração judaica teve que recorrer aos médicos alemães, dos quais alguns ainda usavam o uniforme odioso? Nenhum médico judeu de Nova Iorque, Zurique, Estocolmo ou Tel-Aviv sentiu-se no dever de sair do seu consultório para vir tratar de seus irmãos agonizantes. Durante muitas semanas, os doentes só viram médicos que, na véspera, lhes inspiravam terror (?). A guerra tinha terminado para todos, exceto para eles."

Consta que em princípios de março de 1945, faleceu a tornada célebre Anne Frank, vítima desta epidemia em Bergen-Belsen.

Observação / Esclar., não constante da 1ª a 9ª edição:

JESSE OWENS, no Hospital de câncer, antes de falacer deu as seguintes informações ao "Tampa Tribune", do dia 01/04/80, pgs. 1, e 3-6:

Que Hitler não cumprimentou mais nenhum atleta, após a solicitação do Presidente do C.O.I.. Que chegando de volta aos EE.UU., como grande campeão olímpico, não recebeu nenhum aperto de mão do seu Presidente Roosevelt. Ao contrário da Alemanha, na sua própria Pátria não lhe permitiam sequer sentar nos bancos da frente dos veículos coletivos, tinha que ficar na parte trazeira destinada aos negros. Nas repartições Públicas tinha que usar a entrada dos fundos e não podia morar onde gostaria. Joe

Louis e ele, foram os primeiros atletas negros de fama mundial. Eles não podiam fazer propaganda de artigos esportivos nos EE.UU., pois os Estados sulinos boicotariam esses produtos. "Nós vivíamos na América sob esta descriminação".

NÚMERO DE JUDEUS MORTOS:

A título de curiosidade, por tratar-se de Documento Oficial, é interessante o Informe de Richard Koherr, o estatístico alemão, pertencente às forças de defesa SS, que dá o número de judeus que morreram em todos os campos de concentração administrados por alemães, durante todo o período da II Guerra Mundial: 27.347!!!

Soldado norte-americano, no dia da tomada do Campo de Concentração de Dachau, distribui cigarros a prisioneiros. Note-se o surpreendente bom aspecto dos prisioneiros, quando é sabido que no mesmo momento da foto, haviam alemães que morreram de fome!

Daily Express

ONE PENNY

JUDEA DECLARES WAR ON GERMANY

JEWS OF ALL THE WORLD UNITE

BOYCOTT OF GERMAN GOODS

MASS DEMONSTRATIONS

Mr. Churchill's Withering Attack On Premier

Officer Describes The Girl

DAYS OF LOVE IN BERLIN

'BROUGHT US NEARER TO WAR'

FOUR YEARS WORK WITHOUT ANY SUCCESS

Mrs. George Lansbury Dead

THE SOVIET AMBASSADOR ENTERTAINS

AN ALL-RED TALKIE FOR ALL WHITE DIPLOMATS

Canon Shot At Prayer

SISTER FINDS HIM KNEELING AT HIS BEDSIDE

STOP PRESS

Como contribuição à VERDADE HISTÓRICA, um leitor enviou-me uma fotocópia da primeira página do jornal inglês "Daily Express", do dia 24/03/1933, cujos títulos e sub-títulos são os seguintes:

"Mundo judaico declara guerra à Alemanha", "Judeus de todo o mundo unidos", "Boicote às mercadorias alemãs", e "Demonstrações de massa".

Vejam os leitores que a guerra econômica contra a Alemanha começou exatamente 6 anos, 5 meses e 8 dias antes de começar a guerra convencional, que de acordo com o próprio 1º Ministro da Grã-Bretanha, Chamberlain, foi motivada e forçada pelos mesmos Sionistas!!!